



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**VOZES FEIRENSES: A AVALIAÇÃO SOCIAL DA VARIANTE *TU* EM FEIRA DE
SANTANA-BA**

Feira de Santana-BA
2025

JANIVAM DA SILVA ASSUNÇÃO

**VOZES FEIRENSES: A AVALIAÇÃO SOCIAL DA VARIANTE *TU* EM FEIRA DE
SANTANA-BA**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida

Ficha Catalográfica – Bibliotecária: Gerusa Maria Teles de Oliveira
CRB5/867

Assunção, Janivam da Silva
A873v Vozes feirenses: a avaliação social da
variante tu em Feira de Santana - Ba. / Janivam da Silva
Assunção. – Feira de Santana, 2025.
305f.; il.

Orientadora: Norma Lúcia Fernandes de
Almeida

Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) –
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos,
Universidade Estadual de Feira de Santana, 2025.

1. Avaliação social subjetiva. 2. Valorização.
3. Pronome tu. 4. Feira de Santana. I. Almeida, Norma
Lúcia Fernandes de. II. Universidade Estadual de Feira
de Santana. III. Título.

CDU: 811.134.3(814.22)

TERMO DE APROVAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

VOZES FEIRENSES: A AVALIAÇÃO SOCIAL DA VARIANTE TU EM FEIRA DE SANTANA-BA

JANIVAM DA SILVA ASSUNÇÃO

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, área de concentração Linguagem e Sociedade, Linha de pesquisa Variação e Mudança Linguística no Português, como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 27 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Norma Lúcia F. de Almeida

Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida
Universidade Estadual de Feira de Santana
Orientadora

Silvana Silva de F. Araújo

Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araujo
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinador Interno

Mariana F. de Oliveira

Profa. Dra. Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinador Interno

Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre
Universidade de Brasília/CNPq
Examinador Externo

Cliver Gonçalves Dias

Prof. Dr. Cliver Gonçalves Dias
Universidade Federal de Minas Gerais
Examinador Externo

Aos (às) feirenses
À minha mãe (*In memoriam*)
A Rose Mary Dantas Dias
Às minhas filhas Nanda e Carol
A Arthur, fruto do meu fruto.

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta tese foi uma jornada simbólica de autoconhecimento e realização pessoal, uma verdadeira travessia que exigiu coragem, persistência e fé. Embora esta caminhada muitas vezes parecesse solitária, muitos colaboraram para este feito. É tempo de prestar tributo a essas pessoas, pois esta conquista é também delas. Com profunda reverência, dedico minhas primeiras palavras à Professora Doutora Norma Lúcia Fernandes de Almeida, minha orientadora. Durante estes 19 anos de orientações acadêmicas, a professora Norma conduziu-me com firmeza, sensibilidade e uma calma imperturbável pelos labirintos do conhecimento. Sua excelência como pesquisadora, sua meticulosa orientação e sua constante crença em meu potencial foram alicerces indispesáveis. Devo a ela a confiança que me permitiu ousar e questionar. Professora Norma, muito obrigada por, mais uma vez, ter aceitado me orientar! Agradeço, também, aos professores e demais pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL). Aos membros titulares da banca de defesa, Profa. Dra. Marta Scherre, Prof. Dr. Cliver Dias, Profa. Dra. Mariana Fagundes Oliveira Lacerda, Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araujo, por terem aceitado o convite para integrar a banca examinadora. Expresso minha sincera gratidão aos membros da banca de qualificação por suas valiosas contribuições, sugestões, críticas e generosidade intelectual durante a avaliação deste trabalho. As observações feitas foram fundamentais para o aprimoramento da pesquisa e trouxeram novos caminhos e perspectivas que enriqueceram significativamente este estudo. Gratidão! À minha mestra Telma Garrido, e também amiga, expresso aqui minha estima sincera e meu respeito por sua competência profissional e por todo apoio a mim dispensado. Agradeço à bibliotecária Gerusa Teles pela amizade, presteza de sempre e pelo auxílio técnico prestado. Meus agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pela concessão de uma bolsa parcial. Agradeço também àqueles cujo auxílio se deu noutras dimensões, situadas fora da esfera acadêmica. Meus agradecimentos se estende a Érico e a Elisângela Assunção, uma sobrinha amada, uma terceira filha. Juntos, sempre presentes nas boas e más horas da vida doméstica-familiar, integraram uma rede de apoio sem a qual a conclusão da presente pesquisa talvez não tivesse chegado a bom êxito; Amo vocês!

“Para além das estruturas e das regras, a língua se constrói na voz do falante, carregando consigo os valores e percepções que moldam sua existência social” (Labov, 2008[1972], p. 209).

RESUMO

Esta pesquisa envolve a avaliação social subjetiva consciente e inconsciente dos falantes feirenses frente ao uso do *pronomé tu com morfologia verbal de terceira pessoa do singular*, na cidade de Feira de Santana, e tem como objetivo geral uma proposta inovadora – um estudo da variação e mudança sob uma abordagem qualitativa para medir os correlatos subjetivos (ou latentes), com ênfase para o problema da avaliação, numa perspectiva teórico-metodológica interdisciplinar (numa interface entre os estudos da Sociolinguística Laboviana e a teoria Linguística Sistêmica-Funcional) com orientação tanto para a função interpessoal da linguagem e para o sistema de Valoração (Martin; White, 2005) quanto para os pressupostos teóricos e metodológicos propostos pela Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]). O *corpus* desta pesquisa se caracteriza em oito depoimentos, inéditos, de falantes feirenses dos quais foram analisados quatro – dois homens e duas mulheres, no contexto das três faixas-etárias –, reunidos por meio de entrevista semiestruturada do tipo documentador e informante (DID), contendo seis questões de natureza sociocultural, e duração média de 30min. Excluem-se desta pesquisa os docentes e discentes do curso de Letras, em razão da proximidade com o tema em estudo. Os dados recebem tratamento qualitativo e, nessa perspectiva, a atenção se dá para a avaliação social subjetiva, para a consciência linguística e sociolinguística, para o prestígio encoberto (*covert prestige*) e o prestígio explícito (*overt prestige*) (Labov, 1982[1966]; Labov, 2008[1972]) com base na análise da Valoração, que envolve a identificação e classificação dos recursos de expressão de sentimentos e valores negativos e positivos – Atitude; dos recursos de posicionamento do (a) falante – Comprometimento; e dos recursos ampliação/atenuação da atitude e do comprometimento do (a) falante – Gradação (Martin; White, 2005). A proposta metodológica (sistema de Valoração) se mostrou produtiva para a identificação dos correlatos subjetivos, envolvidos na avaliação social da variante *tu*, expressos tanto explicitamente quanto implicitamente pelos feirenses, que, sob alto nível de consciência linguística e sociolinguística, confirmam o uso desta variante, sob julgamentos ancorados em princípios éticos e morais compartilhados socialmente, com os quais avaliaram comportamentos e formas de interação considerados apropriados ou não no contexto feirense. A partir do elevado grau de consciência linguística e social destes feirenses, foi possível alcançar os prestígios explícitos e os prestígios implícitos, encobertos, direcionados à variante *tu*. A consciência que os falantes demonstram sobre suas práticas e pertencimentos reforça a centralidade da linguagem como instrumento de representação simbólica da vida social, e não apenas como reflexo dela. A análise das percepções e atitudes dos falantes feirenses evidencia a existência de normas linguísticas implícitas e mostra como a escolha pronominal funciona como marcador de distinções sociais e identitárias na comunidade. Embora a variante *tu* apresente traços de estigmatização em contextos mais formais, o fenômeno não se configura como homogêneo; trata-se antes de um marcador social ativo, mobilizado pelos informantes na negociação de sentidos e pertencimentos. Os resultados reforçam a necessidade de compreender a linguagem como prática social, indissociável dos valores culturais e identitários que a estruturam. Os achados revelam forte potencial de aplicação no campo da Sociolinguística Educacional ao evidenciar como variações linguísticas e fatores sociais e culturais impactam o contexto escolar. A didatização do conhecimento sociolinguístico mostra-se fundamental para que práticas pedagógicas valorizem a diversidade, combatam o preconceito linguístico e promovam uma educação linguística crítica. Assim, esta pesquisa contribui para aprofundar a relação entre variação linguística e ambiente escolar, orientar docentes no diálogo entre norma padrão e variedades populares e fortalecer iniciativas voltadas para uma educação mais inclusiva e socialmente justa.

Palavras-chave: Avaliação social subjetiva; Valoração; Pronome tu; Feira de Santana.

ABSTRACT

This study deals with conscious and unconscious social subjective evaluation by speakers born in Feira de Santana regarding the use of the pronoun *tu* with third-person singular verbal morphology. It proposes an innovative qualitative approach to the study of variation and change to measure subjective (or latent) correlates, focused on the problem of evaluation, through an interdisciplinary framework (the interface between labovian sociolinguistic studies and systemic functional linguistics), focused on the interpersonal metafunction and the Appraisal Systems (Martin; White, 2005), as well as on the theoretical and methodological assumptions from Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008[1972]). The study corpus compiles eight unpublished interviews with viewpoints of speakers born in Feira de Santana, from which four were analyzed – two by male speakers and two by female speakers from the three age groups; their viewpoints were obtained through a DID semi-structured interview with six sociocultural questions and with an average of 30 minutes long each. Professors and students from the Letters Program were not included in this study due to their familiarity with the topic under investigation. With a qualitative approach to the data, it focuses on social subjective evaluation, on linguistic and sociolinguistic awareness, as well as on covert prestige and overt prestige (Labov, 1982[1966]; Labov, 2008[1972]) based on appraisal analysis, which deals with the identification and classification of resources for the expression of positive and negative sentiments – Attitude; resources for discursive positioning – Engagement; and resources for amplification/attenuation of Attitude and Engagement – Graduation (Martin; White, 2005). The methodological framework (Appraisal Systems) proved to be productive for the identification of the subjective correlates embedded in the social evaluation of the variant *tu*, expressed both explicitly and implicitly by the informants; under a high level of linguistic and sociolinguistic awareness, they confirm the use of the variant and mobilize judgments anchored in shared ethical and moral principles to evaluate behaviors and forms of interaction regarded as adequate or not in the context of Feira de Santana. The high level of linguistic and sociolinguistic awareness shown by the informants enabled the discovery of the covert prestige and overt prestige linked to the variant *tu*. Speakers' awareness about their practices and belonging reinforces the centrality of language as an instrument of symbolic representation of social life, not a mere reflection of it. The analysis of the speakers' perceptions and attitudes evinces the existence of implicit linguistic norms and shows how the selection of the pronoun works as marker of social and identity distinction in that community. In formal contexts, some stigmatization is directed at the variant *tu*, but the phenomenon is far from being homogenous; the variant is primarily an active social marker, mobilized by the informants in the negotiation of meaning and belonging. The results reinforce the need for understanding language as social practice, indissociable from the cultural and identity values that structure them. The findings have a strong potential for application in the field of Educational Sociolinguistics for disclosing how linguistic variations and social and cultural factors impact the educational context. The teaching of sociolinguistic knowledge is fundamental for educational practices to value diversity, to fight linguistic prejudice, and to promote critical language education. Thus, this study serves to deepen the relation between linguistic variation and the educational context, to guide teachers in the discussion on standard norm and popular varieties, and to strengthen initiatives aimed at a more inclusive and socially just education.

Keywords: Subjective social evaluation; Appraisal; Pronoun *tu*; Feira de Santana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Realização dos estratos do sistema da linguagem	50
Figura 02 -	Organização das metafunções, dos estratos e das variáveis do contexto	51
Figura 03 -	Localização de Feira de Santana, Bahia, Brasil	69
Figura 04 -	Feira de Santana: anel de contorno	70
Figura 05 -	Região de influência geográfica, interna e externa, da cidade de Feira de Santana	71
Figura 06 -	Feira de Santana: expansão urbana, entre 1959 e 2018	73
Figura 07 -	Evolução da mancha urbana da cidade de Feira de Santana, em biênios (2013-2023)	75
Figura 08 -	Localização da mancha urbana de Feira de Santana-Ba para o ano de 2023	75
Figura 09 -	Mercado na Feira St. Anna	77
Figura 10 -	Antiga feira livre no centro da cidade, junto ao Mercado de Arte Municipal	78
Figura 11 -	“FEIRA 191 ANOS: Mercado de Arte Popular, onde o passado e o presente se encontram”	79
Figura 12 -	“Feira 190 anos: uma cidade cercada de feiras livres por todos os lados”	80
Figura 13 -	Mapa pronominal de segunda pessoa do singular <i>você</i> e <i>tu</i> no Português Brasileiro: distribuição geográfica geral	91
Figura 14 -	“Mapa dos subsistemas dos pronomes de segunda pessoa do singular do português brasileiro no final do século XX e início do século XXI, o Brasil de 1709 e o Brasil do século XXI”	93
Figura 15 -	“Construção de pronomes de segunda pessoa do singular no português brasileiro com base em pesquisas de 1996 a 2019: macro VOCÊ (<i>você</i> ~ <i>ocê</i> ~ <i>cê</i>), <i>tu</i> sem concordância e <i>tu</i> com concordância”	96
Figura 16 -	“Mapa dos percentuais de cinco construções com pronomes pessoais de segunda pessoa do singular (<i>você</i> , <i>cê</i> , <i>ocê</i> , <i>tu</i> sem concordância, <i>tu</i> com concordância) nas nove capitais da região Nordeste”	97
Figura 17 -	Captura de tela da planilha da Valoração	140
Figura 18 -	Captura de parte da planilha de Valoração: perguntas, falas/respostas, segmentação dos excertos e suas sentenças, Informante A	141
Figura 19 -	Captura de parte da planilha de Valoração: Comprometimento, Informante C	143
Figura 20 -	Captura de parte da tela da planilha da Valoração: tipos Atitude, Informante D	145
Figura 21 -	Captura de partes da planilha da Valoração: Gradação, Informante E	147
Figura 22 -	Modelo completo da planilha com registro da análise sob o sistema Valoração, Informante A	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Sistema de Valoração	53
Quadro 02 -	Sistema de Atitude	55
Quadro 03 -	Atitude: tipos de afeto e respectivos exemplos	56
Quadro 04 -	Atitude: tipos de julgamento e exemplos	57
Quadro 05 -	Atitude: tipos de apreciação e exemplos	58
Quadro 06 -	Sistema de Comprometimento	59
Quadro 07 -	Tipos e exemplos de Comprometimento	63
Quadro 08 -	Sistema de Gradação	64
Quadro 09 -	Recursos de Força e de Foco e respectivos exemplos	64
Quadro 10 -	O pronome <i>tu</i> com morfologia verbal de terceira pessoa do singular na fala de uma soteropolitana	99
Quadro 11 -	Caracterização geral do <i>corpus</i> representativo para Feira de Santana	104
Quadro 12 -	Pesquisas que envolveram o sistema pronominal de segunda pessoa do singular com foco nos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> em Feira de Santana	104
Quadro 13 -	Trabalhos que envolveram o pronome <i>tu</i> em Feira de Santana	105
Quadro 14 -	Ocorrência do pronome <i>tu</i> em conversas espontâneas (Nogueira 2013)	106
Quadro 15 -	Sistematização dos contextos de interação dos feirenses com uso do pronome <i>tu</i>	125
Quadro 16 -	Roteiro de entrevista de natureza sociocultural	128
Quadro 17 -	Delimitação das características sociais dos (as) informantes	131
Quadro 18 -	Distribuição dos (as) informantes em relação às características sociais	131
Quadro 19 -	Amostra dos participantes utilizada na análise do Sistema de Valoração	132
Quadro 20 -	Chave de codificação de transcrição	134
Quadro 21 -	Tipos de Comprometimento e respectivas abreviaturas	142
Quadro 22 -	Instâncias de Atitude e abreviaturas	144
Quadro 23 -	Sistema de Gradação e suas abreviações	146
Quadro 24 -	1 ^a questão: Instâncias valorativas	150
Quadro 25 -	1 ^a questão: Tipo Comprometimento - monoglossia	151
Quadro 26 -	1 ^a questão: Recursos de Atitude: apreciação e afeto identificados na monoglossia	152
Quadro 27 -	1 ^a questão: Recursos de Gradação identificados na monoglossia	154
Quadro 28 -	1 ^a questão: Comprometimento, heteroglossia – contrair e expandir	155
Quadro 29 -	1 ^a questão: Comprometimento, heteroglossia – contrair	158
Quadro 30 -	2 ^a questão – Instâncias valorativas: Atitude	160
Quadro 31 -	2 ^a questão: Comprometimento, tipos de heteroglossia	162

Quadro 32 -	2 ^a questão: Atitude, instâncias valorativas – afeto e apreciação	164
Quadro 33 -	2 ^a questão: Recursos de Gradação	166
Quadro 34 -	3 ^a questão: Instâncias valorativas – Atitude	167
Quadro 35 -	3 ^º questão: Comprometimento: heteroglossia	168
Quadro 36 -	4 ^a questão: Instâncias valorativas – Atitude	171
Quadro 37 -	4 ^a questão: Comprometimento – recursos monoglóssicos	172
Quadro 38 -	5 ^a questão: Instâncias valorativas – Atitude	176
Quadro 39 -	5 ^a questão: Tipo Comprometimento: Heteroglossia	177
Quadro 40 -	A variante <i>tu</i> em contextos formais	184
Quadro 41 -	6 ^a questão: Instâncias Valorativas-Atitude	186
Quadro 42 -	6 ^a questão: Comprometimentos heteroglóssicos	188
Quadro 43 -	Feirense A: uso da variante <i>tu</i> em contexto de maior relaxamento	190
Quadro 44 -	Uso da variante <i>tu</i> pelo informante C	201
Quadro 45 -	6 ^a questão: Recursos de Gradação	207

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 -	Percentuais de cinco construções com pronomes pessoais de segunda pessoa do singular (você, cê, ocê, tu, sem concordância e tu com concordância para a capital Salvador-Ba-Nordeste	98
Tabela 02 -	Distribuição de pronomes explícitos na segunda pessoa do singular em amostras de fala da cidade de Feira de Santana-Bahia	102
Tabela 03 -	Sexo: uso do <i>tu</i> e <i>você</i> em Feira de Santana	115
Tabela 04 -	Escolaridade: uso do <i>tu</i> e <i>você</i> em Feira de Santana	116
Tabela 05 -	Faixa etária: uso do <i>tu</i> e <i>você</i> em Feira de Santana	117

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

[neg.] -	Negação de uma carga
ABRALIN	Associação Brasileira de Linguística
af.	Afeto
Alv./Gat.	Alvo/gatilho
ap.	Apreciação
At.	Atitude
Av./Em.	Avaliador/emotivo
comp.	Composição
Comp	Comprometimento
desc.	Descer na escala
exp.	Expectativa
foc.	Foco
forç.	Força
Grad.	Gradação
GU	Gramática universal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
inc.	Inclinação
Inst.	Instância
julg.	Julgamento
neg.	Carga negativa
NELP	Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa
PB	Português brasileiro
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
pos.	Carga positiva
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
prop.	Propriedade
rea.	Reação
sat.	Satisfação
seg.	Segurança
sub.	Subir na escala
SV	Sistema da Valoração

t.	<i>Token</i>
TSF	Teoria Sistêmico-Funcional
ten.	Tenacidade
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
val.	Valorização

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2.1	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	24
2.1.1	O problema da avaliação: possibilidade de compreensão da mudança linguística e da intrínseca relação entre língua e a sociedade que a usa	32
2.1.1.1	Avaliação social: normas e prestígio encobertos	39
2.2	LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: O AR CABOUÇO DO SISTEMA DE VALORAÇÃO	48
2.2.1	O Sistema da Valoração	52
2.2.1.1	Atitude	53
2.2.1.2	Comprometimento	58
2.2.1.3	Gradação	63
3	FEIRA DE SANTANA: A COMUNIDADE DE FALA E O FENÔMENO EM ESTUDO	68
3.1	CARACTERÍSTICAS SÓCIO-HISTÓRICA, CULTURAL E GEOGRÁFICA DA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA	68
3.2	“TU TÁ EM FEIRA DE SANTANA?”	89
3.2.1	O pronome <i>tu</i> no território brasileiro	89
3.2.1.1	Tu tá em Feira de Santana	101
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	127
4.1	DO <i>CORPUS</i> : UMA INTRODUÇÃO	127
4.1.1	Constituição do <i>corpus</i>	127
4.1.1.1	Os participantes	130
4.1.1.2	Tratamento do <i>corpus</i>	132
4.2	AMOSTRAS SUPLEMENTARES	134
4.3	SISTEMA DE VALORAÇÃO: PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	138
4.3.1	Identificação e classificação dos recursos da Valoração	139
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	149

5.1	REAÇÕES SUBJETIVAS CONSCIENTE E INCONSCIENTE DOS FEIRENSES FRENTE AOS VALORES DA VARIANTE TU COM MORFOLOGIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR	149
6	CONCLUSÃO	211
6.1	OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS ALCANÇADOS	211
6.2	LIMITAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES	216
	REFERÊNCIAS	219
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	232
	APÊNDICE B – ANÁLISE VALORATIVA DA INFORMANTE A	234
	APÊNDICE C – ANÁLISE VALORATIVA DO INFORMANTE C	258
	APÊNDICE D – ANÁLISE VALORATIVA DO INFORMANTE D	270
	APÊNDICE E – ANÁLISE VALORATIVA DA INFORMANTE E	287

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de doutorado está ancorada na Teoria da Variação e Mudança¹ e abarca especificamente *o problema da avaliação social subjetiva*, na perspectiva da análise das reações subjetivas inconscientes e conscientes que envolvem o uso da variante *tu* em concorrência com a variante *você* na comunidade de fala de Feira de Santana. Em termos institucionais, este estudo insere-se na área de concentração *Linguagem e Sociedade* do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL)² da Universidade Estadual de Feira de Santana, filia-se à linha de pesquisa *Variação e Mudança Linguística no Português* e vincula-se ao Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP)³, da referida instituição.

Comemoram-se, neste ano de 2025, cinquenta e oito anos de estudos sociolinguísticos em terras brasileiras. Esses estudos não apenas se apresentam abundantes quantitativamente como também qualitativamente em razão de se mostrarem bastante produtivos no que diz respeito ao conhecimento dos diversos aspectos do português brasileiro (PB) (cf. Oliveira, 2016; Paiva; Duarte, 2006; Paiva; Scherre, 1999; Salomão, 2011; Votre; Roncarati, 2008). Pesquisadores e pesquisadoras aqui citados (as) apresentam as contribuições da Sociolinguística retratadas em trabalhos já realizados⁴.

Paiva e Scherre (1999) – linguistas pioneiras, na oportunidade dos 30 anos da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) – apresentam uma retrospectiva da Sociolinguística com recorte para as contribuições do grupo de pesquisa *Programa de estudo sobre o uso da língua* (PEUL)⁵ para o desenvolvimento da Sociolinguística no Brasil, que completava aproximadamente trinta e três anos na ocasião.

¹ Durante o trabalho, pode-se encontrar termos como Sociolinguística Laboviana ou Sociolinguística Quantitativa.

² Sobre esse programa, acesse: <http://www.mel.ufes.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=5>

³ Sobre o NELP/UEFS, acesse: <https://nelp.ufes.br/>

⁴ Essa lista não é exaustiva, defende-se que seria impossível apresentá-la, pois muito já foi feito. Consultar diversos grupos de pesquisas pertencentes a Universidades Federais, Estaduais, e Municipais; Programas de Pós-graduação *stricto sensu* e *lato sensu* e nos Lattes dos respectivos pesquisadores, e os diversos repositórios de pesquisas existentes; base de dados do CNPq; inúmeros artigos, capítulos de livros e livros com análises sociolinguísticas sobre os vários temas. Cf. Projeto Atlas linguístico do Brasil, avaliações e Perspectivas, organizado por MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Macela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa, 2015, disponível em: <https://alib.ufba.br/>.

⁵ “[...] primeiros projetos e grupos de pesquisa brasileiros, com o objetivo de constituir bancos de dados para posterior análise sociolinguística: NURC – Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta do Brasil (1969), Competências Básicas do Português (1977), PEUL – Programa de Estudos dos Usos da Língua (1980), Confluência Dialetal na Nova Capital Brasileira (1984), VARSUL – Variação Linguística Urbana da Região Sul (1989), VALPB – Variação Linguística na Paraíba (1994), Dialetos Sociais Cearenses (1996), LUAL – A Língua Usada em Alagoas (1997). E citam-se aqui apenas os pioneiros, pois muitos outros projetos começaram a ser desenvolvidos em todo o País[...].” (Oliveira, 2016, p.483). Dar-se também ênfase ao banco de Documentos Históricos do Sertão (DOHS), que começa a constituir-se em 1996, com o projeto *A Língua Portuguesa no*

No curto espaço de tempo em que a Lingüística se academicizou no Brasil, ressaltam questões ligadas aos estereótipos homogeneizantes nacionais, às especificidades do português brasileiro em relação à mãe européia, à diversidade e ao contato entre línguas no espaço geográfico brasileiro, à contribuição dos elementos indígenas e africanos na configuração da nossa variabilidade, aos reflexos de uma marcada estratificação social na heterogeneidade dialetal [...]. Os diversos grupos de pesquisa variaçãostica e não variaçãostica que despontaram e cresceram nos últimos anos enriqueceram inegavelmente nossa compreensão acerca dos condicionamentos lingüísticos e sociais da modalidade culta e não culta do português do Brasil (Paiva; Scherre, 1999, p. n.p.).

No posfácio constante nos *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*⁶ (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]), com o intuito de difundir esses fundamentos, Paiva e Duarte particularizaram o desenvolvimento da Sociolinguística e apresentam *A herança de um programa na sociolinguística brasileira* e afirmando que

[quarenta anos depois], a acumulação de estudos sobre o português brasileiro (PB) tem permitido desvendar diversos aspectos da nossa língua. Ao lado da fotografia sociolinguística que os pesquisadores brasileiros têm desenhado – permitindo-nos conhecer as semelhanças e diferenças nos padrões da variação, de norte a sul, de leste a oeste –, sua análise tem contribuído para reflexões teóricas mais gerais (Paiva; Duarte, 2006, p. 132).

O desenvolvimento da Sociolinguística no Brasil se ampliou notavelmente nos últimos 50 anos. Isso se reflete no fato de que a maioria dos 59 programas de pós-graduação stricto sensu em Linguística do país oferece linhas de pesquisa na área, resultando na produção anual de mais de cem dissertações e teses (Oliveira, 2016, p. 484). Esse quantitativo só cresce.

Mais uma evidência da fertilidade dessa área no Brasil é o Grupo de Trabalho (GT) de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), que conta hoje com cerca de oitenta associados e que se subdivide em quatro eixos: 1. Descrição e Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro; 2. Contato, Variação e Identidade; 3. Sociolinguística e Ensino; e 4. Interfaces Teórico-Metodológicas. O GT, que se reúne anualmente, segue uma agenda de trabalho e discute resultados de pesquisas na área, além de organizar também publicações (Oliveira, 2016, p.485).

Semiárido Baiano, hoje, Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão do Núcleo de estudos de Língua Portuguesa (banco CE-DOHS, do NELP) criado em 1997

⁶ Fundamentos apresentados em abril de 1966 na Universidade do Texas em Simpósio que teve como interesse fomentar os estudos na área da linguística histórica cujo espaço tinha sido ocupado pelos estudos sincrônicos projetados pelas tendências estruturais.

É fato o desenvolvimento da Sociolinguística nas comunidades de fala brasileiras, no entanto pode-se constatar, em plataformas e repositórios de pesquisas acadêmicas⁷, que a grande maioria dos trabalhos realizados particulariza o estudo sistemático dos padrões de variação. Assim, correlacionam a variável dependente (o fenômeno linguístico) com grupos de fatores linguísticos de naturezas fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivo e lexicais, e os de natureza social como naturalidade, sexo, nível de escolaridade, faixa etária, profissão, grau de formalidade, entre outros (variáveis independentes), no direcionamento de compreender como as variantes se distribuem tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social.

Embora a Sociolinguística se apresente produtiva aqui no Brasil, é preciso avançar com novas propostas de trabalho. Oliveira (2016) sublinha a necessidade de estudos comparativos das variedades já descritas. Além disso, ela apresenta uma agenda de trabalhos, já em andamento:

a conjugação de estudos macrossociolinguísticos, que consideram categorias linguísticas e sociais mais amplas, e microssociolinguísticos, que se debruçam sobre variáveis mais específicas, como, por exemplo as interacionais (BORTONI-RICARDO 2014:37-47); a conjunção de estudos sincrônicos (que predominam na sociolinguística brasileira) com estudos diacrônicos (estes em menor número); **a realização de mais trabalhos sobre percepção, atitudes e crenças em relação à variação e à mudança linguísticas**; a descrição de línguas minoritárias, que sobrevivem historicamente no Brasil; a investigação de comunidades de práticas, com ênfase na análise dos estilos (trabalhos mais conhecidos como de *terceira onda*); **[acrescenta-se investigações com ênfase no ativismo sociolinguístico: quarta onda]**⁸; a consideração da dimensão diatópica ao lado da social, tendo em vista que muitas variáveis sociais atuam diferentemente no imenso espaço geográfico brasileiro; a realização de estudos de comparação de línguas; o diálogo com outras áreas/ ciências, tais como o Texto, o Discurso, a Pragmática, o Funcionalismo, a Cognição, a Aquisição da Linguagem, o Gerativismo, o Contato Linguístico, a Dialetologia, a Política Linguística, os Estudos Culturais, os Estudos sobre Gênero, o Ensino de L1 e de L2, o Bilinguismo e o Multilinguismo, a Linguística Aplicada, a Psicologia, a Sociologia, a História, a Linguística de *Corpus*, a Computação, a Estatística; a revisão dos procedimentos e métodos de coleta de dados, com ênfase no tratamento da variação estilística (GÖRSKI; COELHO; SOUZA 2014); o investimento em novas ferramentas de suporte estatístico para a análise de variáveis contínuas, do léxico, da interação (RBrul, R) e da variação eneária; entre outros (Oliveira, 2019, p. 491-492, grifo nosso).

Em uma breve leitura nessa agenda de trabalho, fica evidente que há escassez de estudos que tratam do comportamento subjetivo dos falantes frente a variáveis linguísticas quando é

⁷<https://www.periodicos.capes.gov.br/>; <https://sucupira.capes.gov.br/>; <https://www.gov.br/pt-br/servicos/submeter-na-plataforma-brasil-de-projetos-de-pesquisa-envolvendo-seres-humanos-para-avaliacao-ética>; <https://www.scielo.br/>; <https://lattes.cnpq.br/web/dgp>, entre outros.

⁸ Cf. Raquel Meister Ko. Freitag. *A quarta onda: ativismo sociolinguístico no Brasil*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/92913/54464>. Acesso em: dez., 2024.

apontada por Oliveira (2006, p. 491) a necessidade de “[...] realização de mais trabalhos sobre percepção, atitudes e crenças em relação à variação e à mudança linguísticas [...].” Alguns passos já foram dados e é mais que justificável segui-los. Nesse direcionamento, sem pretensão de esgotar essa lista, tem-se pesquisas realizadas por Alves (1979), Cardoso (2015[1989]), Freire (2016), Freitag (2012, 2013, 2014, 2016), Oushiro (2015, 2019, 2021), entre outros. Corrobora a necessidade de expansão de novas pesquisas com base nessa perspectiva Oushiro (2021) ao afirmar que tais pesquisas são imprescindíveis às intervenções para o combate ao preconceito linguístico.

O levantamento prévio de bibliografias referentes a estudos no contexto da comunidade de fala feirense – comunidade aqui estudada – evidenciou a ausência de produções científicas que priorizassem estudos sobre percepção, atitudes e crenças em relação à variação e à mudança linguísticas independentemente do fenômeno e da variante. Os trabalhos realizados, sob os pressupostos da Sociolinguística, contemplaram essencialmente uma dimensão estrutural (interno e social), atendendo a questões descritivas e de ordem sintática, particularizando a abordagem quantitativa. Para ilustrar, considerando a gama de trabalhos que envolvem o pronome *tu* por todo o território brasileiro⁹, restringe-se a lista a trabalhos que foram direcionados para a investigação do uso dessa variante em Feira de Santana e realizados nas duas primeiras décadas do século XXI.

No contexto de produções científicas, esta pesquisa também se apresenta inovadora por propor um estudo da variação e mudança adotando uma abordagem qualitativa para medir os correlatos subjetivos (ou latentes) – o problema da avaliação numa perspectiva teórico-metodológica interdisciplinar (numa interface entre os estudos da Sociolinguística Laboviana e a teoria Linguística Sistêmica-Funcional) com recorte para o sistema semântico-discursivo da função interpessoal da linguagem, especificamente para os pressupostos do Sistema da Valoração (SV) apresentado por Martin e White (2005)¹⁰. Considera-se que a referida proposta tem grande potencial para correlacionar as atitudes e aspirações gerais dos informantes com o seu comportamento linguístico “[...] e medir as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da própria variável linguística [...]” (Labov, 2008 [1972], p. 193).

Trata-se de um arcabouço semântico-discursivo com critérios linguísticos e metodologia robustos capazes de propiciar uma análise das operações e implicações da expressão/construção textual dos referidos correlatos. De outra maneira, trata-se de direcionamentos de descrição e

⁹ Cf. Scherre, Andrade e Catão (2020, 2021).

¹⁰ Nesta tese, são utilizados os termos técnicos traduzidos de acordo com Magalhães (2021) e Dias (2022).

análise dos recursos linguísticos para expressar valores e sentimentos individuais e institucionalizados nas falas. Acredita-se que tal proposta é profícua para medir/ analisar as reações subjetivas inconscientes dos falantes feirenses aos valores da variante *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular* no contexto da comunidade de fala de Feira de Santana.

Esta proposta de investigação mostra-se pertinente, pois o estudo do comportamento subjetivo dos sujeitos frente a variáveis linguísticas possibilita resultados mais categóricos da mudança em progresso, dados da mudança linguística muitas vezes não constatados nos estudos da variação e mudança numa correlação com as variáveis sociais mais gerais como faixa-etária, sexo, escolaridade, naturalidade, estratificação social etc. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1966]). Reações essas que podem recepcionar o preconceito voltado à língua, o qual, como bem sublinha Labov (2008[1972]), não é linguístico, é social, provém do social, e funciona como via de exclusão e produtor de alienação nos seus mais diversos níveis, intensificando ainda mais a polarização linguística e social aqui existentes. Assim como tantas outras formas de preconceito, esta deve ser combatida, pois ela reforça a prática da exclusão social e se constitui como o maior dos preconceitos por estar enraizado culturalmente (Bortoni-Ricardo, 2004). Acrescenta-se que pode ser verificado o quanto de preconceito (estereótipo) pode ser direcionado ao uso de uma variável linguística – preconceito esse que se intensifica na avaliação do valor de uma variante utilizada por grupos socialmente vulneráveis; o nível de consciência social do falante e o quanto nós interferimos no processo da mudança linguística.

Os resultados obtidos com uma análise com base no sistema de Valoração – estudo sociossemiótico da linguagem, ou seja, estudo da construção social dos significados – encontram na Sociolinguística Educacional seu principal instrumento de intervenção. Essa interface é crucial para o fortalecimento da proposta de didatização da linguística, que se apresenta como um dos grandes desafios da Linguística no século XXI (Bagno 2007, 2011, 2022; Bortoni-Ricardo, 2004, 2014; Faraco 2005, 2008; Irandé 2003, 2007; Neves 2003, 2011; Travaglia, 2003, 2009). Com o estudo de crenças e atitudes linguísticas (o comportamento subjetivo), a Sociolinguística Educacional capacita professores a identificar e trabalhar as avaliações subjetivas dos alunos (e da própria sociedade) em relação às variedades de prestígio e não-prestígio. Esse trabalho de reflexão crítica é o que, de fato, promove a desmistificação de que existe um “falar certo” e um “falar errado”. Ao legitimar a diversidade dos falares, a Sociolinguística Educacional não apenas transforma as práticas de ensino em mais inclusivas e democráticas, mas também contribuiativamente para a formação de cidadãos que respeitam a identidade e a subjetividade do outro, mitigando a discriminação e celebrando a pluralidade linguística nacional.

Nesse sentido, os resultados desta pesquisa podem direcionar a sociedade feirense e a sociedade como um todo a uma consciência linguística que poderá convergir na amenização desse preconceito e no entendimento de que “[...] numa língua que serve a uma comunidade complexa, a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional (Weinreich, Labov; Herzog, 2006[1968], p. 100-101). Tem também o potencial de proporcionar a compreensão do processo da dinâmica da língua na descrição do perfil sociolinguístico de Feira de Santana e, de maneira geral, contribuindo para a construção do perfil sociolinguístico do Português Brasileiro.

Neste estudo, a hipótese inicialmente formulada é a de que a variante *tu* em Feira de Santana sofre avaliação social negativa por parte dos feirenses, mesmo em contexto de interação simétrica. Numa perspectiva teórico-metodológica interdisciplinar, tem-se como objetivo geral investigar os correlatos subjetivos/crenças e valores dos informantes feirenses aos valores da variante *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular* sob uma proposta de análise qualitativa das tendências de recursos valorativos no enfoque semântico-discursivo da função interpessoal da linguagem-sistema de Valoração.

Com o fito de atingir a meta acima apresentada, formulam-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Atestar a frequência de uso da variante *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular* nessa comunidade de fala.
- b) Identificar as reações subjetivas deliberadas ou não (as avaliações explícitas e implícitas, respectivamente) dos falantes feirenses frente ao uso do pronome *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular*.
- c) Atestar o nível de consciência linguística e sociolinguística dos feirenses a partir da identificação das referências socioideológicas que podem estar relacionadas ao item avaliativo e ao seu posicionamento em relação a elas.
- d) Identificar prestígio encoberto (*covert prestige*) e prestígio explícito (*overt prestige*) impressos na variante *tu*.
- e) Verificar em quais dessas categorias (indicador, marcador estereótipo) a variante *tu* foi classificada.

Com base nos objetivos acima apresentados, formula-se a seguinte pergunta de pesquisa: como se dá a avaliação social subjetiva do uso do pronome *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular*, em Feira de Santana, pelos falantes feirenses? Com base nessa problemática, formulam-se duas questões:

- a. Quais crenças e valores estão envolvidos no uso da variante *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular*, por parte dos falantes feirenses, frente a pressões e atitudes sociais?

b. De que forma os correlatos subjetivos apresentados pelos informantes estabelecem uma relação de correspondência com a variante *tu*?

Estas questões direcionam a conhecer:

- Os fatores externos à língua que condicionam a escolha do uso ou não uso da variante *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular* pelos falantes feirenses.
- Os contextos de interação social nos quais os feirenses fazem uso da variante *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular*.
- A forma como os falantes feirenses avaliam a variante *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular* no contexto da variedade linguística de Feira de Santana e como os feirenses recepcionam os possíveis comportamentos.
- A importância que a variante *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular*, no contexto de interação sociocultural, tem para os feirenses.

Esta tese está organizada em **seis seções** – além desta introdução, dos elementos pré-textuais e dos pós-textuais. Na **segunda seção**, *Fundamentação teórica*, apresentam-se os fundamentos teóricos que sustentam a análise desenvolvida na tese, articulando a Sociolinguística Variacionista e a Linguística Sistêmico-Funcional, com foco no Sistema de Valoração. A subseção 2.1 trata da Sociolinguística Variacionista: Weinreich; Labov; Herzog (2006[1968]) e Labov (2008[1972]), com ênfase na relação entre variação linguística e fatores sociais, abordando ainda o papel da avaliação social e suas implicações para a mudança linguística (2.1.1 e 2.1.1.1). Na subseção 2.2, discute-se a Linguística Sistêmico-Funcional, especialmente o Sistema de Valoração, proposto por Martin e White (2005) (2.2.1), o qual comprehende os sistemas de Atitude (2.2.1.1), Comprometimento (2.2.1.2) e Gradação (2.2.1.3), os quais se constituem enquanto ferramentas analíticas para examinar os sentidos valorativos construídos no discurso. Na **terceira seção**: *Feira de Santana: a comunidade de fala e o fenômeno em estudo*, situa-se o contexto empírico da pesquisa, apresentando a cidade de Feira de Santana como a comunidade de fala em foco, e delineia-se o fenômeno linguístico investigado. Para isso, a seção está organizada em duas partes principais. Na primeira parte (3.1), são apresentadas as características sócio-históricas, culturais e geográficas de Feira de Santana, com o intuito de oferecer um panorama que permita compreender a complexidade e a diversidade sociolinguística local. Na subseção (3.2), intitulada *Tu tá em Feira de Santana?*, o foco recai sobre o fenômeno linguístico em estudo. Esse recorte busca ilustrar aspectos relevantes da variação linguística presentes na fala cotidiana dos habitantes da cidade, para o uso da variante *tu*, servindo de ponto de partida para as análises desenvolvidas nos capítulos seguintes. Nesta subseção, discute-se a real expansão do pronome *tu* no território brasileiro

(3.2.1) e apresentam-se dados empíricos que atestam sua presença e expansão em contextos de fala na cidade de Feira de Santana (3.2.1.1).

Os Procedimentos Metodológicos ocupam a **quarta seção** desta investigação. Nesta seção, detalham-se os procedimentos metodológicos adotados para a condução desta pesquisa, a constituição do *corpus* base e do *corpus* suplementar, inéditos, constituídos pela autora desta tese, os critérios de seleção e tratamento dos dados, bem como os instrumentos analíticos utilizados na abordagem do fenômeno linguístico estudado. Na seção 4.1, apresenta-se uma introdução ao *corpus* base desta pesquisa, e sua constituição (4.1.1), que explicita os critérios de escolha dos dados e sua organização, seguida da apresentação dos participantes da pesquisa (4.1.1.1) e dos procedimentos adotados para o tratamento do *corpus* base (4.1.1.2). A seção 4.2 trata das amostras suplementares, utilizadas como suporte ou contraste analítico em relação ao *corpus* base, contribuindo para ampliar e aprofundar a compreensão do fenômeno linguístico observado. Por fim, na seção 4.3, apresenta-se o Sistema de Valoração (Martin; White, 2005) como ferramenta teórico-metodológica central para a análise dos dados. A subseção 4.3.1 descreve os procedimentos de identificação e classificação dos recursos linguísticos de valoração encontrados no *corpus* base, de acordo com os princípios da Linguística Sistêmico-Funcional. Na **quinta seção**, encontram-se análise e discussão dos resultados. Concentra-se na análise das reações subjetivas — conscientes e inconscientes dos falantes feirenses diante do uso da variante *tu com morfologia verbal de terceira pessoa do singular* (5.1). De maneira mais específica, apresentam-se os efeitos de sentido gerados por essas avaliações, articulando os dados empíricos ao Sistema de Valoração, especialmente no que se refere aos sistemas de Atitude, Comprometimento e Gradação (Martin; White, 2005). Na **sexta** e última seção, tem-se a *Conclusão*, apresentam-se os resultados esperados e os resultados efetivamente encontrados, com base na análise realizada (6.1). São discutidas, na subseção 6.2, as limitações da pesquisa, reconhecendo os aspectos que restrinham seu alcance, bem como as contribuições oferecidas ao campo dos estudos linguísticos, especialmente no que se refere à compreensão das práticas de valoração linguística, tanto para os estudos da variação e mudança quanto para a didatização da Linguística, ou seja, para a mediação do ensino-aprendizagem da língua focando o eixo das variedades linguísticas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, encontram-se os princípios gerais propostos por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) – a língua como um sistema diferenciado: a variação, a sistematicidade e os fatores intra e extralingüísticos que organizam esse sistema – bem como os direcionamentos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]) com ênfase para o problema da avaliação social e os conceitos envolvidos, considerando que a atenção aqui está para o estudo da avaliação social do pronome *tu com a morfologia de 3º pessoa do singular* pelos falantes feirenses. Encontra-se também a base conceitual do modelo de análise proposto por Martin e White (2005), especificamente para o Sistema de Valoração, no tratamento da expressão/construção textual dos correlatos subjetivos envolvidos na referida avaliação e que estão para os recursos de Comprometimento, de Atitude e de Gradação.

Abordam-se, também, os principais paradigmas dos pressupostos teóricos e metodológicos acima citados, os quais servem como ponto de partida para o alcance do objetivo final. Tais paradigmas vinculam-se à área da Linguística Geral – considerando que a atenção aqui está para o estudo da estrutura interna e social da língua na perspectiva de entender como essa linguagem se apresenta a partir da organização da realidade da comunidade de fala que a usa.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística toma fôlego na década de 60 a partir das pesquisas realizadas por Weinreich, Labov e Herzog, nas quais encontram-se novos paradigmas teóricos e metodológicos para o estudo da mudança linguística, que até então estava preso aos paradigmas propostos pelos estruturalistas do século XX. Daí surgem os *fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, abalizados nos resultados empiricamente observados a partir das pesquisas *Languages in contact*¹¹ (Weinreich, 1953); *The Social Motivation of a Sound Change* (1963); *The Yiddish Language in Northern Poland*¹² (Herzog, 1965) e *The Social Stratification of English in New York City* (Labov, 1966). Nas palavras desses pesquisadores, esses

¹¹ Esta obra é fruto da tese de doutorado na qual Weinreich tratou do bilinguismo na Suíça, em 1951 e, hoje, continua sendo “[...] referência indispensável nos estudos de contato linguístico”. Defensor da importância do contato linguístico no processo da mudança linguística, Weinreich mostrou a influência de migrantes no Nordeste da Europa numa antiga pronúncia do iídiche. (Cf: Weinreich, U. *Languages in contact*. New York, Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1953. Estimulou estudos dialetológicos e históricos do iídiche.

¹² Em sua tese, Herzog realizou um estudo dialetológico intensivo e, mais importante, ele esclareceu aspectos que direcionam, até hoje, estudos da dinâmica dialetal em área de contato.

fundamentos “[...] são alguns achados empíricos que têm importância para a teoria da mudança linguística [...]” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1966], p. 34)¹³. Achados estes inseridos no universo dos estudos mais criativos sobre a mudança linguística em contexto de grande complexidade social (Faraco, 2006).

De acordo com Mattos e Silva (2004), o fundamental dessa nova proposta está no entendimento novo da estrutura linguística. Ela acrescenta que, para os chamados sociolinguistas americanos, a estrutura linguística é intrinsecamente heterogênea, e heterogeneidade e estrutura não são incompatíveis, ao contrário, são necessárias para o funcionamento real de qualquer língua. A comprovação disso está na capacidade de o indivíduo codificar e decodificar essa heterogeneidade. Fundamenta as propostas a evidência empírica da harmonia entre a heterogeneidade e estruturalidade (heterogeneidade ordenada) *versus* estruturalidade e homogeneidade (variação livre), cujos argumentos e seus paradoxos limitaram o avanço dos estudos da mudança linguística. Conscientes dessa barreira, Weinreich, Labov e Herzog (2006[1966], p. 36) argumentam que a solução se encontra no rompimento dessa identificação na defesa de que: “[...] A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade [...]” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1966], p. 36).

Esta proposta se baseia em uma questão que fundamenta os paradoxos da defesa da intrínseca relação entre estruturalidade e homogeneidade como processo de sistematização da língua: continua-se a falar eficientemente no momento em que a língua passa por menor sistematicidade, ou seja, no processo da mudança. Na proposta, a intenção foi a de apresentar um sistema linguístico que acomodasse os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos, na convicção de que este modelo “[...] não só leva a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também suscita naturalmente uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os estéreis paradoxos contra os quais a linguística histórica [vinha] lutando há mais de meio século” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1966], p. 34). Isso porque explicar a mudança linguística pede uma observação conjunta de todos os processos envolvidos. Comprovam esta assertiva os já citados estudos da mudança em progresso sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de *Martha's Vineyard* (1963) e sobre a realização do /r/ em posição pós-vocálica, na cidade de Nova York (1966), realizados por Labov. Tais estudos proporcionaram o desenvolvimento da teoria e a metodologia da Sociolinguística Variacionista Quantitativa, que, como já sublinhado, correlaciona aspectos linguísticos e sociais à língua em

¹³ As propostas colocadas por Weinreich, Labov e Herzog foram apresentadas no Simpósio *Directions for Historical Linguistics*, realizado na Universidade do Texas em abril de 1966.

uso no seio da comunidade de fala, mostrando que, para a obtenção de resultados consistentes, faz-se necessário entender a comunidade de fala no seu contexto social no alcance da dimensão ideológica.

A partir de uma visão de língua como um sistema heterogêneo, dinâmico e estruturado, Labov atenta para o fato de que, para haver mudança na língua, tem que haver variação – formas linguísticas alternativas que os falantes usam para “dizer a mesma coisa”, ou seja, essas formas têm o mesmo valor de verdade. A variação é um fenômeno universal e ocorre em todos os níveis da língua. Essas diferentes formas de uso são condicionadas por fatores estruturais (internos à língua) e sociais (externos à língua). Nesse dinamismo, encontra-se a idade do falante e é nesse contexto que Labov apresenta a possibilidade de realizar simultaneamente estudos diacrônicos e sincrônicos para a mudança linguística, a partir da escala de tempo aparente – graduação etária – constituída nas diferentes idades, correspondendo a uma escala de mudança em tempo real. Isso colocou em xeque a dicotomia saussuriana entre sincronia e diacronia. Assim, duas questões merecem destaque.

A primeira é que um dos princípios gerais da mudança é o de que nem toda variação e heterogeneidade na estrutura linguística levam à mudança, mas toda mudança pressupõe variação. Para a Sociolinguística Variacionista, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas – observáveis nas comunidades em geral – são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico.

A segunda questão diz respeito à análise em tempo aparente: ainda que sustentável, pode ou não evidenciar a ocorrência de um fenômeno de mudança. Sendo assim, é preciso se concentrar nos resultados e verificar se eles representam verdadeiramente casos de mudança em progresso ou simplesmente uma graduação etária – mudança de comportamento linguístico que se repete a cada geração. Naro (2003) apresenta uma possível solução para essa questão: extensas pesquisas empíricas sobre o comportamento do indivíduo e da sociedade durante várias gerações, ou seja, estudo em tempo real. Sobre essa questão, Paiva e Duarte (2004, p.182) saíram na defesa de que o estudo da mudança em tempo real é fundamental “[...] para identificar o momento de aparecimento ou morte de uma determinada variante lingüística como também verificar a regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem à implementação da mudança.”

De volta à discussão sobre as barreiras que impediam a evolução da linguística, estudar empiricamente a mudança parecia algo impossível de ser concebido, isto porque a variabilidade da língua não era levada em consideração. A defesa de que a variação livre não podia, em

princípio, ser condicionada se configurou como mais um impedimento de um estudo sistematizado da estrutura interna da variação, vista por Labov como, provavelmente, a mais importante. As restrições aos fatores externos à língua para o estudo da variação e mudança não se limitavam apenas aos fatores sociais mais concretos relacionados ao falante, a exemplo de sexo, naturalidade, profissão, faixa etária etc., envolviam também os sentimentos conscientes ou inconscientes dos falantes (atitudes, crenças e aspirações gerais) direcionados à língua, entendendo-os como não passíveis de serem estudados e não pertencentes às investigações linguísticas (Bloch; Trager, 1942 *apud* Labov 2008[1972], p. 14). Apesar de se opor aos princípios teóricos da mudança em voga, Labov (2008[1972]) reconhece alguns teóricos como precursores do seu pensamento, a exemplo de Gauchat (1905), Martinet (1955) e Meillet (1906). Recebe destaque Gauchat (1905) pela sua investigação na comunidade francófona suíça de Charmey, realizando o primeiro estudo que tomou como objeto a mudança linguística em progresso. No entanto, era preciso derrubar outras barreiras que impediam a comprovação da relação entre variação e mudança para o estudo do processo de mudança linguística – a exemplo da ideia de que a variação era, em larga medida, livre e não condicionada, postulado básico da linguística bloomfieldiana. Era preciso apresentar uma sistematicidade da variação. Assim, os estudos em *Martha's Vineyard* (1963) e em Nova York (1966) serviram de laboratório para que Labov confirmasse as suas hipóteses: “[...] encontramos relações regulares onde estudos anteriores mostravam oscilação caótica ou intensa variação livre [...]” (Labov, 2008[1972], p. 191).

Ao derrubar as barreiras que impediam o estudo da mudança linguística, Labov (2008[1972]) parte do pressuposto de que disfuncional seria a ausência de heterogeneidade estruturada. A língua é um sistema heterogêneo pois que é regulada por um conjunto de regras variáveis que atendem às necessidades da dinâmica social e que, por sua vez, dependem, sistematicamente, de variáveis tanto linguísticas quanto sociais – o processo da variação não é aleatório. Para a Sociolinguística Variacionista, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico.

Assim, a Teoria da Variação Linguística procura identificar e medir o efeito de cada um desses fatores. Para tanto, estuda a língua falada e escrita em uma comunidade real de fala, aqui entendida como um grupo de pessoas que interagem e compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Para esta proposta de estudo, a comunidade de fala – fala aqui entendida como “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este

veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos" (Labov, 2008[1972], p. 13) – é a cidade de Feira de Santana. A variável linguística, por sua vez," constitui um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra" (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968], p. 105). A variação linguística, como já mencionado, implica a existência de formas linguísticas alternativas que os falantes usam para dizer a mesma coisa, ou seja, essas formas têm o mesmo valor de verdade; é um fenômeno universal e ocorre em todos os níveis da língua. Às formas linguísticas alternativas, dá-se o nome de variantes. Neste estudo, prioriza-se a variante *tu com a morfologia de 3º pessoa do singular* representando um fenômeno variável, que teoricamente é denominado de variável dependente – a colocação pronominal.

Ainda sobre a variável dependente, deve-se levar em consideração que, como bem ressaltam Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), as mudanças linguísticas sob investigação devem ser vistas como encaixadas no sistema linguístico como um todo. Assim, uma variável é denominada dependente pelo fato de o processo da variação não ser aleatório e, sim, sistemático, como já apresentado acima, ou seja, depende de fatores tanto externos (sociais) quanto internos (linguístico) à língua – variáveis independentes. Os fatores linguísticos se caracterizam em fonológicos, sintáticos, semânticos, lexicais e discursivos. Já os fatores sociais são os de natureza caracterizadora do indivíduo, como faixa etária, sexo, escolaridade, profissão, naturalidade, nacionalidade. Encontram-se também nesse grupo os fatores de natureza contextual, como grau de formalidade e tensão discursiva. Somam-se às variáveis não linguísticas os sentimentos acerca da língua.

A partir da consideração dos fatores sociais nos estudos linguísticos, surge a possibilidade de postular uma série de princípios sociolinguísticos acerca das relações de variação estilística, estratificação social e avaliação subjetiva, contribuindo, assim, para uma nova teoria da mudança. Labov (2008[1972]) propõe que as variáveis contextuais, estilísticas, etárias e sociais se insiram nas regras de competência, e não sejam consideradas como fenômenos de desempenho. Essa proposta já apresentada por Weinreich, Labov e Herzog em 1968, defende (Lucchesi, 2015), se caracteriza em um impasse teórico na Sociolinguística, por nela permear uma certa fragilidade teórica, pois entende-se que nessa perspectiva estão envolvidas duas abordagens: a sócio-histórica e a dimensão psíquico-biológica. Arrisca-se, aqui, sair na defesa desses sociolinguistas quando da inserção das citadas variáveis independentes na competência linguística. Entende-se que, para esses pesquisadores, qualquer pessoa que opte por estudar a língua deve levar em consideração a identificação de estruturalidade com heterogeneidade: pois “[...] numa língua que serve a uma comunidade

complexa [...], a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968], p. 36, grifo dos autores). A perspectiva de escolha de abstração de língua de natureza psicológica e/ou sociológica não é a questão, a questão fundamental é a não consideração do comportamento da fala dos indivíduos, testado empiricamente e condicionado pela dinâmica social. Weinreich, Labov e Herzog defendem que ver a língua como heterogênea é um terreno mais fértil para o entendimento da competência linguística.

Na visão de língua proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), é considerado que a sistematicidade ordenada da língua não envolve apenas elementos gramaticais e que, por envolver também fatores sociais, ela é funcional, o que nos torna falantes competentes. Arrisca-se a dizer que Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 36) não se aprofundaram no entendimento do que seria para eles a competência por entenderem que o conceito de língua como um sistema heterogêneo já seria o bastante, no entendimento de que esta visão levaria ao “[...] rompimento da identificação de estruturalidade [...] com homogeneidade”, já que, sob esta perspectiva, a língua é vista como um sistema fechado e regular, não há variação. Para entender essa questão, porém, longe de solucioná-la, é fundamental explorar o ponto-chave que sustenta o posicionamento desses autores – língua como um sistema heterogêneo em contraponto à língua como um sistema homogêneo.

Saussure (2012[1916], p. 39), ao apresentar a definição de língua como objeto da linguística, sublinha que “[...] bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto [...].” Esse assertiva reflete a escolha de Chomsky ao adotar a língua como um sistema homogêneo na defesa da existência da faculdade inata da linguagem, traduzida na competência inata que o indivíduo tem de elaborar, reconhecer e compreender todas as infinitas frases de sua língua – intrinsecamente ligada a princípios universais constitutivos do órgão da linguagem, a gramática universal (GU). A tarefa do linguista, para Chomsky (1978), é compreender essa competência em um falante ouvinte ideal em uma comunidade de fala ideal, considerando que os princípios universais não são condicionados por fatores externos à estrutura gramatical da língua. Interessa, nesse contexto, o funcionamento das estruturas internas da língua na mente do falante; os fatores externos, vistos por este gerativista como não constitutivo da GU estão para o desempenho e servem como *input* para o desenvolvimento ou saber adquirido dessa competência. Esse enfoque se baseia na premissa de que a homogeneidade é sinônimo de estruturalidade ordenada.

A assertiva apresentada por Saussure não reflete no pensamento de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 103, grifo nosso) quando da proposta, destes pesquisadores, de língua como um sistema diferenciado – um sistema heterogêneo com a comprovação empírica do

caráter da variabilidade dentro do próprio sistema linguístico monolíngue: “o caráter heterogêneo dos sistemas linguísticos [...] é o **produto de combinações, alternâncias ou mosaicos de subsistemas distintos**, conjuntamente disponíveis”. Essa variação ordenada e sistematizada é interna ao sistema e foi comprovada empiricamente nas pesquisas que proporcionaram os fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística e ainda continua sendo constatada no mundo e com mais força no território brasileiro.

Na perspectiva de língua como um sistema heterogêneo, o objeto da linguística é a comunidade de fala em seu contexto real de fala. Contrapondo-se a descrições idealizadas, a fala está para “[...] a língua falada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos” (Labov (2008[1972], p. 13). Longe de querer dar conta do impasse apresentado, sublinha-se que o que foi explanado é apenas um ponto de vista, considerando que Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 37, grifo dos autores) deixaram a questão em aberto¹⁴, conscientes de que não estavam apresentando “[...] uma teoria da mudança linguística plenamente elaborada [...]. Mas, como sugere o nosso título¹⁵, nós nos sentimos em condições de fazer propostas concretas acerca dos *fundamentos empíricos* para uma teoria da mudança.”

O entendimento de língua como um sistema heterogêneo também abre espaço para o entendimento da mudança linguística. Para tanto, Labov (2008[1972]) apresenta cinco problemas a serem resolvidos: o problema das restrições, o problema da transição, o problema do encaixamento, o problema da implementação e o problema da avaliação, dentre os quais, este pesquisador credita os direcionamentos constantes na transição, no encaixamento e na avaliação como estratégias para dar conta das questões que envolvem a mudança e a mudança em andamento. Acrescenta-se, aqui, que as respostas a todos os problemas citados direcionam-nos a um melhor entendimento da relação entre língua e sociedade.

O problema das restrições remete à questão de definir quais as condições que favorecem ou restringem a variação e a mudança – lembrando de que nem toda variação acaba em mudança – e, por conseguinte, qual o conjunto das mudanças linguísticas possíveis. As condições estão para os fatores linguísticos, sociais e estilísticos. O próprio Labov reconhece que as respostas a essas questões conduzem a uma tipologia da mudança associada a uma relação de tendências

¹⁴ Hymes (1995) amplia o conceito de competência e a ver como a capacidade que alguém tem de utilizar a língua-alvo de acordo com os diversos contextos que envolvem a comunicação humana. Na competência, estão intrinsecamente envolvidos os valores socioculturais. Hymes se aproxima da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Cf. HYMES, D. Acerca de la Competencia Comunicativa. In: LLOBERA, M. et al. *Competencia comunicativa. Documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras*. Madrid: Edelsa, 1995.

¹⁵ *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*.

gerais ou mesmo universais observadas no processo de mudança. Nesse contexto, observa-se que a variação é inerente à língua, pois a sua existência apresenta-se como condição *sine qua non* para que a mudança aconteça. Observa-se também a competência dos falantes na sua interação com as regras variáveis.

O problema da transição está em definir e analisar o percurso realizado pela mudança até a sua concretude, descrevendo os estágios intermediários – períodos em que as variantes coexistem e concorrem. O indicativo é selecionar variáveis marcadas pelo traço conservador/inovador para observar a mudança em curso, cujo percurso responde como a língua passa de um estágio a outro sem que isso interfira na nossa interação sociocomunicativa, além de facilitar a compreensão sobre o processo através do qual a mudança linguística acontece.

O problema do encaixamento é central e centralizante, pois as questões que o envolvem dão notícias sobre as ações dos condicionadores internos e externos à língua (o que envolve o problema das restrições) no sistema como um todo e na estrutura social. De outra maneira, o direcionamento constante no encaixamento está em descrever e analisar como fatores linguísticos e sociais se correlacionam tanto linguisticamente quanto socialmente, verificando como eles refletem entre si. Esses registros guiam-nos para um melhor entendimento da mudança real – a implementação –, pois o encaixamento atua fortemente no alcance do objetivo desse problema. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), o processo global da mudança linguística pode envolver estímulos e restrições que partem tanto da sociedade quanto da estrutura da língua. Em suma, o direcionamento constante no problema do encaixamento está em entender como fatores linguísticos e sociais se correlacionam, não basta apenas encontrar esses fatores, é preciso analisar os comportamentos de ambos os sistemas e verificar quais desses comportamentos direcionam a mudança. Em outras palavras, é entender a relação entre língua e sociedade.

A questão da implementação é o ponto-chave para entender a mudança linguística. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p.124), “o processo global da mudança linguística pode envolver estímulos e restrições [que partem] tanto da sociedade quanto da estrutura da língua”. A resposta a esse problema busca explicar o porquê de uma mudança ocorrer em um momento e um lugar determinado e não em outro momento e/ou outro lugar. A questão da implementação está no estudo da constância dos condicionadores cujos condicionamentos agem sobre a mudança, situando-os nas variáveis independentes tempo e espaço. Considerando que os fatores são muitos e diversificados e que mudança no sistema linguístico é mudança no sistema social, que está em constante mudança, explicar a implementação requer tempo de observação, pois “[...] uma proposta deste tipo para os modos

como os fatores sociais incidem sobre os traços linguísticos num mecanismo cíclico se baseia em padrões repetidos observados nuns poucos casos bem estudados" (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968], p. 124).

Por fim, tem-se o problema da avaliação, que estabelece empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea; é neste problema que esta proposta de pesquisa se concentra. Em razão dessa centralidade, discute-se a questão da avaliação na subseção seguinte.

2.1.1 O problema da avaliação: possibilidade de compreensão da mudança linguística e da intrínseca relação entre língua e a sociedade que a usa

Em seu estudo da variação linguística em *Martha's Vineyard*, em 1963, Labov não só prova a regularidade da mudança linguística a partir de uma visão de língua heterogênea e variável, estabelecendo os fundamentos empíricos da mudança linguística, como também apresenta um arcabouço metodológico para o estudo da variação linguística e sua correlação com os fatores sociais, além dos fatores linguísticos, como forças motivadoras para a implementação da mudança. Neste direcionamento, Labov (2008[1972], p. 21) sai em defesa "[...] de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre [...]".

No referido estudo, que se constitui em uma dissertação de mestrado, Labov pesquisou uma mudança sonora, especificamente a alteração/saliência na posição fonética da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/. Convencido da importância dos fatores sociais para a implementação da mudança linguística, a questão era entender de que modo as pressões sociais e as atitudes sociais incidem sobre as estruturas linguísticas? (Labov, 2008[1972], p. 21). Os resultados confirmaram que fatores sociais incidem no processo de variação e mudança linguística e mostraram alto grau de centralização no primeiro elemento das variáveis (ay) e (aw). Contexto diferenciado para o apresentado em estudos realizados em 1961 em *Martha's Vineyard* – no qual a variável (aw) apresentou baixo índice do grau de centralização, uma frequência 06, que, na escala apresentada por Labov, equivale a zero –, mostrando alta frequência na centralização de (aw) – se caracterizando um fenômeno completamente novo no inglês de *Martha's Vineyard*.

Os resultados também mostraram que houve uma alteração na posição fonética do primeiro elemento da variável (ay), que no inglês do século XVI ao XIX se apresentava como uma vogal média-central. A tendência da centralização da primeira vogal destas variáveis

mostrou uma diferença no comportamento linguístico dos falantes da Nova Inglaterra (região Nordeste dos Estados Unidos, onde se localiza o estado de Massachusetts). Para Labov (2008[1972], p. 28), essa tendência “[...] caminha em direção contrária ao movimento constante desses ditongos nos últimos 200 anos [...]”.

Também foi observado que os falantes nativos em *Martha's Vineyard* se diferenciavam, entre si, no grau de centralização, mostrando variação linguística na pronúncia de (ay) e (aw) e comportamentos distintos, em termos mais gerais, frente às variáveis. Ao observar a frequência e distribuição destas variáveis em correlação com fatores sociais, os resultados mostraram que a centralização desses ditongos era perceptível para um linguista, mas não para os nativos da ilha, pois eles não davam conta deste uso e nem conseguiam controlá-lo conscientemente.

No entanto, analisando apenas a correlação de fatores linguísticos a fatores sociais, avaliando o *quantum* que cada variável social contribui para a realização das variáveis, não foi o suficiente para explicar os resultados obtidos, ou seja, como os elementos estáveis da estrutura entram nessas correlações. Assim, Labov, considerando os resultados encontrados a partir do estudo descritivo, procurou entender a questão da variação e mudança linguística na citada Ilha direcionando a análise dos fatores sociais para uma abordagem sócio-histórica, priorizando as reações subjetivas inconscientes dos nativos da ilha aos valores da própria variável linguística, considerando um contexto mais amplo das disposições sociais e ideológicas – trata-se aqui do problema da avaliação; Labov (2008[1972], p. 45) saiu em defesa de que, correlacionando o contexto da centralização das variáveis (ay) e (aw) com as “[...] forças sociais que afetam mais profundamente a vida da ilha”, ele encontraria uma resposta que traduzisse a mudança sonora na referida comunidade de fala, e assim o fez.

Priorizando e analisando o contexto socioeconômico de *Martha's Vineyard*, na citada sincronia, Labov percebeu a interferência incisiva das forças sociais na dinâmica da ilha, refletindo no perfil socioeconômico e no comportamento linguístico dos nativos, que até o início do século XX viviam isolados e tinham como atividades laborais a pesca e caça de baleias. Este cenário sofreu modificações a partir do envolvimento dos homens da ilha em eventos como as duas guerras mundiais (1917-1918 e 1941-1945), que os levaram da ilha para lutarem pelos Estados Unidos. Conforme esperado, os homens que retornaram não encontraram o mesmo cenário que foi deixado para trás e eles já não eram os mesmos. Muitos jovens saíram por um período da ilha com o interesse de experimentar outras dinâmicas de vida, estudar e trabalhar em outras profissões. Também contribuiu para essa migração o declínio da economia da ilha. A vila de pescadores foi transformada em um balneário, atraindo muitos turistas e afetando a tranquilidade e a subsistência dos nativos; foi, justamente, neste evento que Labov encontrou

uma resposta para o comportamento linguístico dos moradores da ilha – o fator socioeconômico condicionou o processo de variação e mudança em curso.

Uma vez entendido este cenário em *Martha's Vineyard*, na conjuntura descrita, Labov (2008[1972], p. 48) analisou como as pressões sociais advindas deste contexto socioeconômico refletiram na atitude dos falantes frente às variantes em estudo. Este pesquisador observou que “[...] a alta centralização de (ay) e (aw) [estava] intimamente correlacionada a expressões de grande resistência às incursões dos veranistas” e que estas variantes se apresentaram como marcadores de identidade: centralizavam menos os que eram favoráveis a essa nova dinâmica; os nativos que resistiam ao novo cenário econômico preservavam mais a centralização. Labov, (2008[1972], p. 57-60) em suas considerações, vê este resultado como uma atitude positiva destes nativos que reivindicavam a sua identidade vineyardense. Tem-se aí a importância de correlações de fatores sociais mais amplos a fim de entendermos, de maneira mais aprofundada, como estes fatores refletem na atitude do falante frente a sua própria variante.

Assim como o esclarecimento das questões que envolvem o problema dos fatores condicionantes, da transição, do encaixamento linguístico e social dá notícias das histórias das línguas – de como a mudança foi implementada –, o estudo da avaliação contribui para esses registros, pois, na avaliação encontram-se os correlatos subjetivos que traduzem como os falantes avaliam/valoram uma variante linguística. As respostas da avaliação demonstram que fatores sociais mais amplos, como afeto, julgamento e ideologias, são variáveis independentes que influenciam a mudança linguística. Essas variáveis, por fazerem parte da dinâmica social, são passíveis de estudo e representam um avanço nos estudos da linguagem. Isso refuta a antiga premissa, como a de Bloch e Trager (1942 *apud* Labov, 2008[1972], p. 14), de que “os sentimentos acerca da língua eram inacessíveis e estavam fora do escopo do linguista.

O estudo da avaliação também contribui para o esclarecimento das questões envolvidas tanto no encaixamento quanto no problema da implementação, visto que pode-se verificar como as variáveis linguísticas e sociais (sociodemográficas e atitudes conscientes e inconscientes) estão encaixadas nas estruturas linguística e social e refletem na implementação da mudança, na observação dos “seus efeitos sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa (tal como relacionada, por exemplo, com a carga funcional), e sobre o amplo espectro de fatores não representacionais envolvidos no falar” (Weinreich; Labov; Herzog, (2006[1968], p. 36).

A questão fundamental que envolve o problema da avaliação “é encontrar os correlatos subjetivos (ou latentes) das mudanças objetivas (ou manifestas) que foram observadas [...]” (Labov, 2008[1972], p. 193). Duas abordagens são propostas para o problema da avaliação: a abordagem indireta e a abordagem mais direta. Na abordagem indireta, o foco está para as

aspirações e atitudes gerais do informante numa correlação com o seu comportamento linguístico – os indicadores de estratificação social e sentimentos. Envolve de maneira mais latente a correlação dos fatores estruturais linguísticos e sociais com foco no comportamento linguístico, atuando na estrutura da língua. Dito de outra maneira, pode-se entender como as variáveis, tais como grupos de fatores sociais e linguísticos, interferem na escolha das variantes linguísticas; a grande maioria dos estudos sociolinguísticos está sob esse direcionamento, o que pode ser verificado nos bancos de dados¹⁶ de pesquisas já realizadas. Sublinha-se que, dentre os fatores sociais, o padrão socioeconômico, a identidade de gênero¹⁷ e os fatores que representam sentimentos são variáveis ainda muito pouco testadas. Na abordagem mais direta, a atenção deve ser direcionada para as reações subjetivas inconscientes apresentadas pelo falante numa valoração da própria variante linguística. Trata-se dos valores e crenças que são constituídos nas relações sociais e que estão impressos nas aspirações e atitudes gerais dos (das) informantes numa correlação com o seu comportamento linguístico.

No interesse de apresentar uma descrição da linguagem sob o reconhecimento de elementos sociais e emocionais nos componentes centrais da estrutura linguística, Labov (1984, p. 43, tradução nossa), em seu artigo intitulado *Intensity*, sai na defesa de que, no comportamento linguístico dos (as) informantes, encontram-se as expressões sociais e emocionais que valoram a variável linguística. Ele enfatiza que: “se as descrições gramaticais não levarem em conta a expressão social e emocional, bem como seu efeito sobre o sistema subjacente, elas serão incompletas e até enganosas para os aprendizes da língua”¹⁸. A questão é: como medir as reações subjetivas inconscientes e seus efeitos na comunidade de fala? Labov (1984) aponta um caminho: adotar como via de análise a característica linguística da intensidade que está no cerne da expressão social e emocional. A intensidade é definida por este sociolinguista como

[...] a expressão emocional da orientação social em relação à proposição linguística: o comprometimento do falante com a proposição. O falante relaciona suas futuras avaliações de honestidade, inteligência e confiabilidade à veracidade da proposição (Labov, 1984, p. 43-44, tradução nossa)¹⁹.

¹⁶ Ver <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/>; <https://sucupira.capes.gov.br/>; <https://www.scielo.br/>; <https://bdtd.ibict.br/vufind/>, portal de periódicos das universidades dentre outros.

¹⁷ Trata-se de como a pessoa se reconhece: cisgênero, identifica-se com o gênero em que nasceu; transgênero, não se identifica com o gênero em que nasceu; não binário, não se reconhece em nenhum dos gêneros ou transita entre eles. As pesquisas sociolinguísticas priorizam o sexo biológico.

¹⁸ If grammatical descriptions don't take social and emotional expression into account, and their effect on the underlying system, they will be incomplete and even misleading for language learners.

¹⁹ “Intensity” is defined here as the emotional expression of social orientation toward the linguistic proposition: the commitment of the self to the proposition. The speaker relates future estimates of his or her honesty, intelligence, and dependability to the truth of the proposition” (Labov, 1984, p. 43-44, grifo do autor).

Labov (1972, 1982, 1984, 1997) defende que tanto os sistemas periféricos – a prosódia, o qualificativo vocal e o gesto – quanto o aparato gramatical central, completamente verbalizados em forma proposicional, as expressões gramaticais, a exemplo de marcadores que envolvem desde a prosódia até as categorias centrais da gramática, são transmissores de informações sociais e emocionais. Nas variadas e infinitas possibilidades, Labov (1984, p. 45) apresenta os advérbios²⁰ *really* (*realmente*), *so* (*então*) *very* (*muito*), *just* (*apenas*); os quantificadores *never* (*nunca*), *ever* (*sempre*), *all* (*todos*); *any* (*qualquer*), *every* (*cada*); as metáforas *bleeding like a pig*/ sangrando como um porco, *darker than pitch or pitch dark*/ mais escuro que breu ou escuro como breu; as formas superlativas *I told the biggest lie!* / Eu contei a maior mentira!, entre outros. Por serem subjetivas, essas possibilidades não são levadas ao pé da letra por nós falantes.

Alcançar a subjetividade humana não é uma tarefa fácil e nela está contida a intensidade, que “por sua própria natureza, não é precisa: primeiro, porque é um traço gradual, e segundo, porque geralmente depende de outras estruturas linguísticas”²¹ (Labov, 1984, p. 43, tradução nossa). Apesar disso, é possível, tranquiliza Labov, pois a presença de zeros cognitivos ou de contradições cognitivas podem fornecer indícios indiretos de sua existência. Assim, tem-se

o advérbio *really* [*realmente*] [*como*] um dos marcadores de intensidade mais frequentes na fala coloquial e é provável de aparecer, em grande escala, em qualquer primeira abordagem à intensidade na comunicação cotidiana. Ele contribui pouco para o significado cognitivo ou representacional, a menos que esteja em contraste direto com o irreal ou com o inverídico. De fato, *really* pode ser descrito como um zero cognitivo: ele teria zero conteúdo representacional em um processamento de informação sem contexto (Labov, 1984, p. 44, grifos do autor)²².

²⁰ Texto original: “The most thoroughgoing study of intensification is Thibault's (1977) analysis of Montreal French. She draws on the Montreal corpus to illustrate a wide range of intensifying adverbs, adjectives, interjections, and verbal forms, including the highly developed Quebecois pattern of swearing with forms of religious origin” (Labov, 1984, p. 45).

“O estudo mais completo de intensificação é a análise de Thibault (1977) do francês de Montreal. Ela se baseia no corpus de Montreal para ilustrar uma ampla gama de advérbios intensificadores, adjetivos, interjeições e formas verbais, incluindo o padrão quebequense altamente desenvolvido de xingamentos com formas de origem religiosa” (Labov, 1984, p. 45, tradução nossa).

²¹ [...] It is a difficult feature to describe precisely. Intensity by its very nature is not precise: first, because it is a gradient feature, and second, because it is most often dependent on other linguistic structures.

²² “Really is one of the most frequent markers of intensity in colloquial conversation, and must figure large in any first approach to intensity in everyday communication. It makes little contribution to cognitive or representational meaning, unless it is directly opposed to the unreal or the insincere. In fact, *really* can be described as a 'cognitive zero1: it would have zero representational content in context-free information processing” (Labov, 1984, p. 44, grifos do autor).

Apesar de toda dificuldade em realizar um estudo que envolve a subjetividade, Labov (Labov, 1984, p. 43) chama a atenção para a importância de pesquisas que levam em consideração a abordagem mais direta, tendo em vista que, a partir dessa abordagem, captam-se com mais profundidade os valores e crenças que estão envolvidos no uso da língua, reações que podem ser amenizadas ou até acobertadas quando da análise apenas da frequência e da distribuição de uma variante no limite da correlação entre os fatores linguísticos e as características sociais de uma comunidade de fala. É nessa avaliação que a estratificação social se mostra mais latente, pois para alguns contextos, mesmo para o Brasil, que apresenta desigualdades sociais muito fortes – e nesse universo, uma polarização linguística bem marcada –, para algumas variáveis em contexto mais específico, a avaliação social negativa e positiva é encoberta. Freitag (2016) sublinha que, nas pesquisas de variação linguística, nem sempre a correlação entre os fatores linguísticos e sociais refletem os estímulos direcionados a algumas variantes, a exemplo do que ocorre com a variação entre nós e a gente em correlação com a variável sociodemográfica escolarização.

[...] Em estudos sociolinguísticos de natureza descritiva têm evidenciado a não relevância do efeito da escolarização na variação entre nós e a gente na expressão da primeira pessoa do plural no português do Brasil, sugerindo que não há estigma no uso das formas. No entanto, o comportamento linguístico não corresponde às crenças e atitudes linguísticas dos informantes, o que sugere que, do ponto de vista da avaliação social, a variação na primeira pessoa do plural é um fenômeno do tipo marcador, razoavelmente sensível à avaliação social, o que impõe matizes de estratificação social e estilística. **Para desvelar esses matizes, considerar apenas os resultados da distribuição sociodemográfica das variáveis não é suficiente; é preciso triangular o máximo de evidências, advindas de diferentes fontes perceptuais** (Freitag, 2016, p. 890, grifo nosso).

Nesse direcionamento, outras perspectivas de análises fazem-se necessárias para o alcance da subjetividade consciente e inconsciente do falante para com a sua língua, pois “o prestígio ou estigma de um traço linguístico depende da maior ou menor consciência do falante sobre a avaliação social da regra” (Freitag, 2016, p. 890). Assim, é possível conhecer e combater a estigmatização social direcionada às pessoas que não utilizam as normas linguísticas vistas como de prestígio. Este preconceito se dá a partir de alguns mitos, denominados por Bagno (2002) de *círculo vicioso do preconceito linguístico*, que vem sendo alimentado diariamente pela intolerância, ignorância e/ou pela manipulação ideológica. O combate a este preconceito é de suma importância, pois é uma violência: exclui, desagrega, nega, distancia, induz o sujeito a negar a si próprio e o outro, rouba e apropria-se do direito à cidadania, interfere de forma

negativa na autoestima, deflagrando uma infinita lista de catastróficas consequências. Sublinha-se que esta lista é infinita.

Fala-se, hoje, mais enfaticamente de responsabilidade social como um compromisso com o bem-estar das comunidades. Labov, consciente do seu papel como pesquisador, concebe a responsabilidade social como justiça social. Em comunicação, ABRALIN²³ ao Vivo (2020, online), Labov falou sobre a intrínseca relação entre os seus pressupostos (teóricos e metodológicos) e a justiça social, apresentando empiricamente a Justiça como questão linguística / *Justice as a Linguistic Matter*. Este linguista chamou atenção para o fato de que não é óbvia na análise da variação linguística a influência na justiça social. Talvez aqui no Brasil, o impacto social na análise linguística seja mais evidente, visto que vivemos em uma sociedade extremamente desigual, o que está refletido na língua, pois o preconceito linguístico é estrutural na nossa sociedade e precisa ser combatido mais fortemente; a justiça social, portanto, pode ser requerida por nós que fazemos sociolinguística, pois o trabalho sobre a avaliação linguística nos leva a uma análise da justiça social e o estudo quantitativo da variação linguística tem de estar envolvido nestas questões [...]” (Labov, 2020, informação verbal, online)²⁴. Atendendo ao apelo de Labov, dentre outros exemplos, observa-se, no campo do debate sobre o preconceito linguístico, o surgimento de um movimento em direção ao chamado respeito linguístico. Essa perspectiva é concretizada por Scherre (2020) em sua obra *Respeito linguístico: contribuições da sociolinguística variacionista*, na qual a autora promove uma reflexão crítica sobre a valorização das diferentes formas de expressão presentes na língua. Scherre chama à conscientização para o fato de que as variedades linguísticas não devem ser hierarquizadas, pois cada uma delas cumpre funções comunicativas legítimas e reflete a diversidade sociocultural dos falantes, devendo, portanto, ser reconhecidas e respeitadas em sua integridade. Assim, Scherre chama à conscientização para o fato de que

é com relação às diferenças sociais que o respeito linguístico precisa ser mais claramente fomentado, porque (1) as características linguísticas que são índices de pertencimento a classes sociais menos favorecidas são naturalizadas como erradas em todas as línguas do mundo e (2) o acesso amplo às variedades de prestígio é extremamente desigual (Scherre, 2020, informação verbal online, grifo nosso).

²³Associação Brasileira de Linguística.

²⁴Todas as citações de autoria de Labov (2020) foram transcritas pelas autoras deste artigo com base na tradução simultânea feita ao vivo pela ABRALIN ao Vivo, em conferência intitulada “*Justice as a Linguistic Matter*”. *Conferência apresentada por William Labov*. [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 06min 33s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística <https://www.youtube.com/watch?v=hqrsHmhcrSQ.2020>.

O chamado a esta conscientização mostra a importância e a responsabilidade direcionadas a nós pesquisadores no contexto social. Os resultados aqui encontrados ratificam a nossa responsabilidade para com a sociedade. Scherre concebe o respeito linguístico²⁵ da seguinte forma:

O Respeito Linguístico é a convivência harmoniosa entre as diferentes formas de falar, seja no plano das diferenças entre as línguas, seja nos planos das diferenças entre as variedades no interior de uma mesma língua. As diferenças linguísticas, em qualquer plano, incluindo o social, caracterizam grupos de falantes e são mecanismos identitários. Então, o **Respeito Linguístico** implica a capacidade de ouvir o outro com seus traços característicos, sem emissão de julgamento de valor, sem brincadeiras de mau gosto, sem o imperioso desejo de mudar a fala do outro, sem silenciamento da voz do outro, sem preconceito, sem intolerância, sem *bullying* [...] (Scherre, 2021, p.117, grifo da autora).

Dando continuidade às discussões teóricas, destaca-se aqui a apropriação da noção de *covert norms* (normas encobertas); referem-se a normas sociais e linguísticas que não são explicitamente reconhecidas ou discutidas, mas que influenciam o comportamento linguístico dentro de uma comunidade. Elas podem ser contrastadas com *overt norms* (normas explícitas), que são claramente reconhecidas e discutidas dentro de um grupo social. Os conceitos que envolvem a noção de normas encobertas estão explanados no item abaixo.

2.1.1.1 Avaliação social: normas e prestígio encobertos

No já destacado estudo intitulado *A estratificação social no inglês da cidade de New York*, estudo este que consolidou a Sociolinguística variacionista, até os dias de hoje, é leitura basilar para a realização de estudos da variação e mudança linguística, Labov (2008[1966]) aborda mais diretamente o problema da avaliação e mostra uma homogeneidade na heterogeneidade quando da constatação da uniformidade de uso de normas encobertas (*covert norms*) com valores de prestígio direcionados a formas linguísticas que sofrem maior pressão social, mostrando que nem sempre a mudança acontece por pressão de cima para baixo (*pressure from above*) e que pode ocorrer também de pressões advindas de baixo para cima (*pressure from below*).

A partir de estudos linguísticos na perspectiva da avaliação social, pode-se perceber mais claramente o quanto uma variante é estigmatizada e/ou prestigiada – defende-se que uma variante pode ser avaliada negativamente e positivamente numa mesma comunidade de fala e

²⁵ Publicado em forma de verbete por Scherre em 2021.

não apenas em comunidades de fala diferentes –, pois esses reflexos sobre a língua devem ser analisados na subjetividade que é encontrada no comportamento inconsciente dos falantes frente a sua própria língua e à língua do outro. De acordo com Roncarati (2008, p. 48), “a maior parte dos estudos [de variação e mudança] trata de reações manifestas diante de mudanças que alcançam um certo nível de atenção consciente. E tais reações tendem a ser universalmente negativas [quando alcançadas]”. Sob a perspectiva de estudos da avaliação social subjetiva, abordada mais diretamente, levam-se em consideração as vozes dos atores envolvidos, numa escuta sensível, com o fito de observar o quanto há de oposição entre valores sociais a variantes, no alcance, inclusive, do quanto de prestígio encoberto é atribuído a formas marginalizadas – até mesmo pela própria comunidade que a usa e a estigmatiza – contrapondo-se aos sistemas de valores de grupos dominantes ou direcionados a normas linguísticas que tendem a ser mais rígidas ou prescritivas. Trata-se aqui das normas encobertas, “valores, num nível mais profundo de consciência, que reforçam as formas vernaculares” (Labov, 2008[1972], p. 209).

Tais formas são entendidas por fala que envolve o mínimo de atenção ao monitoramento, por não apresentar tensões envolvidas nos dialetos de prestígio (Labov, 2006[1966]). Isto pode explicar o verdadeiro significado social (traço indenitário) das variantes para a comunidade de fala; a amplificação de características não-padrão (avaliação por homens e mulheres) e a diferenciação por sexo e gênero das variantes linguísticas – Trudgill (1972), por exemplo, observou – em sua pesquisa sobre dialetos urbanos, realizada em Norwich (Inglaterra) – que, nos falantes masculinos, a fala não padrão da classe trabalhadora é altamente valorizada e prestigiosa –; pode também explicar o porquê da variação linguística, ou seja, da frequência de formas linguísticas em competição numa perspectiva menos estruturalista e mais social; o porquê da frequência de uso de variantes sem prestígio social por comunidades linguísticas que a avaliam negativamente e/ou negam que a usam, e para evitar a polaridade prestígio e não prestígio, como acontece na Sociolinguística descritiva.

Pesquisas que consideram os valores encobertos (*covert values*) em suas análises sociolinguísticas têm a oportunidade de mostrar um cenário em que a mudança pode estar vindo de baixo – no inglês de Norwich, variantes não padronizadas (e) apresentaram aumento significativo (Trudgill, 1972) –, o contrário do que acontece nas análises que levam em consideração apenas as normas explícitas, principalmente de comportamento prestigioso ou adequado, pois estas facilitam verificar, mais facilmente, se a variação é estável ou se mudança está sendo liderada por classe de prestígio, ou seja, mudança de cima para baixo. Para Labov

(2001, p. 196), “nestes testes de reação subjetiva, algum progresso parece ter sido feito na obtenção de avaliações sociais que correspondem à estratificação social da fala²⁶”.

Os valores encobertos, associados a falas não padrão, “[...] são valores que geralmente não são expressos abertamente. Não são valores que os falantes admitem facilmente possuir, e por essa razão, são difíceis de estudar. [É preciso] remover a camada externa de valores abertamente expressos e penetrar nos valores encobertos” (Trudgill, 1972, p. 183-184)²⁷.

A noção de normas encobertas foi testada por Labov (2006[1966])²⁸ quando da sua pesquisa em New York, intitulada *The social stratification of English in New York City*, ao analisar, de maneira mais direta e sistemática, o problema da avaliação, determinado as reações subjetivas dos informantes para explicar a manutenção de formas não padrão por longos período de tempo.

Dado um sistema estável de estratificação sociolinguística, parece razoável propor que essas normas explícitas sejam equilibradas por um conjunto de normas ocultas, que conferem valor positivo às formas não padrão que as pessoas usam no cotidiano (Labov, 2001, p. 196, tradução nossa)²⁹.

O conjunto de normas ocultas com valores positivos, acima citado, trata-se de prestígio encoberto direcionado a formas não padrão:

pode-se apresentar um princípio de que toda característica explicitamente estigmatizada possui prestígio nos contextos sociais onde é normalmente usada, e que toda característica prestigiosa será associada a um estigma igual e oposto nesses contextos opostos” (Labov 2001, p. 196).³⁰

Como já sublinhado, muitas questões podem ser esclarecidas ao adotar a noção de normas encobertas ou valores encobertos, e é pertinente destacar mais uma vez que uma dessas

²⁶ “In these subjective reaction tests, some progress seems to have been made in eliciting the social evaluations that correspond to the social stratification of speech” Labov (2001, p. 196).

²⁷ “[...] are values which are not usually overtly expressed. They are not values which speakers readily admit to having, and for that reason they are difficult to study [...] remove the outer layer of overtly expressed values and penetrate to the hidden values beneath [...]” (Trudgill, 1972, p. 184).

²⁸ “Na primeira edição do livro *The social stratification of English in New York City*, o conceito “prestígio encoberto” não aparece. Na edição de 2006, no entanto, o conceito é incorporado e, já no prefácio, Labov justifica que o prestígio encoberto faz parte de um conjunto de conceitos que, com o avanço das pesquisas, se mostraram relevantes para os estudos que têm como escopo a variação e a mudança linguística” (Souza, 2023, p. 44).

²⁹ “Given a stable system of sociolinguistic stratification, it seems reasonable to propose that these overt norms are balanced by a set of covert norms, which give positive value to the nonstandard forms that people use in everyday life” (Labov 2001, p.196).

³⁰ “[...] a principle that every overtly stigmatized feature has prestige in the social contexts where it is normally used, and that every prestige feature will be awarded an equal and opposite stigma in those opposing contexts [...]” (Labov 2001, p.196).

respostas está para o porquê da manutenção do uso de formas linguísticas estigmatizadas ou consideradas menos prestigiadas por segmentos mais amplos da sociedade no entendimento de que “o que as pessoas dizem [...], o que elas acham que deveriam dizer são respostas secundárias à língua” (Labov, 2008[1972], p. 286). Os valores encobertos ou implícitos retratam a estratificação social, que também é parte constitutiva de uma comunidade de fala e “é o produto da diferenciação social e da avaliação social³¹” (Barber, 1957, p. 1-3 *apud* Labov, 2008[1972], p. 64). A diferenciação sistemática entre variantes linguísticas baseia-se na avaliação que os falantes – usuários ou não dessas formas – atribuem a elas, sendo tal julgamento condicionado pelo nível de consciência social desses indivíduos. É com base nesses níveis de consciência que Labov reúne os comportamentos avaliativos envolvidos nessa avaliação, os quais caracterizam as falas linguísticas em indicadores (*indicators*), marcadores (*markers*) e estereótipos (*stereotypes*), estágios cambiantes, a partir dos quais é apresentado o mecanismo da mudança linguística.

Os estudos conduzidos por Labov em Martha’s Vineyard e na cidade de New York oferecem importantes contribuições para a compreensão dos mecanismos da mudança linguística e do papel da variação social nesse processo. A partir da análise dos estágios cronológicos – ou da história de vida de uma mudança linguística –, é possível observar diferentes níveis de consciência social em cada fase, bem como as posições dos falantes na hierarquia socioeconômica, distinguindo-se, assim, as chamadas mudanças vindas de cima e mudanças vindas de baixo.

As mudanças vindas de cima são introduzidas pela classe social dominante, muitas vezes com plena consciência pública. [...] aparecem principalmente na fala cuidadosa, refletindo um dialeto superposto, aprendido após a aquisição do vernáculo[...].

As mudanças vindas de baixo são alterações sistemáticas que surgem primeiro no vernáculo e resultam da atuação de fatores linguísticos internos. No início e ao longo da maior parte de seu desenvolvimento, essas mudanças **ocorrem completamente abaixo do nível de consciência social [...].** As mudanças vindas de baixo podem ser introduzidas por qualquer classe social, **embora não haja registros de casos em que o grupo social de status mais alto tenha atuado como grupo inovador.** [...] (Labov, 1994, p. 78, tradução e grifo nosso)³².

³¹ Esta definição foi adotada por Labov em 1966 em seus estudos sobre a The Social Stratification of English in New York City (*A estratificação social no inglês da cidade de Nova York*). Labov (2008 [1972], p. 64) sublinha que “o uso deste termo não implica qualquer tipo específico de classe ou casta, mas simplesmente que os mecanismos usuais da sociedade produzem diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas, e que essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em *status* ou prestígio por acordo geral”

³² “[...] *Changes from above* are introduced by the dominant social class, often with full public awareness.[...] appear primarily in careful speech, reflecting a superposed dialect learned after the vernacular is acquired. [...].*Changes from below* are systematic changes that appear first in the vernacular, and represent the operation of

As mudanças, sejam elas em qualquer esfera, não são processadas com passividade, tanto no aspecto individual quanto coletivo. Partindo da premissa de que os valores direcionados às formas linguísticas são reflexos do nível de consciência social da sociedade que as avalia, nenhum vernáculo surge por si só com valores avaliativos imbricados; os traços que constituem os indicadores, marcadores e estereótipos dizem respeito à profundidade do envolvimento dos fatores sociais que permeiam a variação social, entendida como “traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea” (Labov, 2008[1972], p. 313).

Nos direcionamentos postos, os traços que caracterizam uma variável linguística em indicadores são “traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não *exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa*” (Labov, 2008[1972], p. 360, grifo nosso). Como esses traços não definem o grupo de falante, não há variação estilística, ou seja, não há exigência do uso de uma forma ou de outra ao contexto imediato da fala, apesar de poder apresentar um distanciamento social em relação ao grupo de origem. Os indicadores são caracterizados como uma mudança vinda de baixo. Tem-se como exemplo de indicadores o apagamento do /R/ implosivo em posição final.

O apagamento do R final tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite. Hoje, pode-se considerar uma variação estável, sem marca de classe social. A avaliação da situação geral, com base nos estudos em tempo aparente e em tempo real, indica antes um equilíbrio que há previsão de um completo apagamento (Lopes; Callou, 2004, p. 7).

Confirmam estes resultados Santos e Oliveira (2016) ao estudar o *apagamento do /R/ implosivo em Feira de Santana* (comunidade de fala aqui em estudo), em posição de coda medial (*universo/unive[Ø]so, cerveja/ce[Ø]veja*) e final (*amor/amo[Ø], estudar/estuda[Ø]*), numa abordagem descritiva. Para este fenômeno fonológico em coda final, foram descartadas todas as variáveis sociais consideradas pelas autoras – sexo/gênero, faixa etária, e nível de escolaridade, inclusive –, tanto para a fala popular quanto para a fala culta, “o que indica que o apagamento do /R/ já se expandiu por toda a comunidade e que não tem estigma” (Santos; Oliveira, 2016, p. 342). O /R/ em coda final parece estar abaixo da consciência social dos feirenses.

internal, linguistic factors. At the outset, and through most of their development, they are completely below the level of social awareness. [...]. Changes from below may be introduced by any social class, although no cases have been recorded in which the highest-status social group acts as the innovating group (Labov, 1994, p.78, grifo do autor).

Os marcadores se igualam aos indicadores no que diz respeito à característica da mudança, abalizando uma mudança vinda de baixo; diferem, no entanto, na atenção que a eles é dada, pois o nível de consciência dos falantes alcança os traços relacionados à comunidade de fala, fazendo com que os marcadores não estejam encaixados na estrutura social considerando que “à medida que a mudança original adquire maior complexidade, escopo e extensão, ela também adquire mais valor social sistemático e é refreada ou corrigida na fala formal” (Labov, 2008[1972], p. 367). Nos marcadores, observa-se que são impressos, uniformemente, no julgamento consciente ou inconsciente do falante, traços de variação social e estilístico, o nível de apreciação social não é tão baixo quanto o apresentado nos indicadores nem tão elevado quanto o apresentado pelos estereótipos. No entanto,

[eles existem], geralmente, na forma de estigma social, que se reflete em uma acentuada estratificação social da produção da fala, uma inclinação acentuada de mudança de estilo e respostas negativas em testes de reação subjetiva. Em última análise, eles podem se tornar estereótipos, objeto de comentários abertos, com uma etiqueta descritiva que pode ser distinta o suficiente da produção real para que os falantes não percebam que eles próprios usam a forma (Labov, 2001, p. 196-197)³³.

A exemplo de marcadores, há registros da alternância dos pronomes *tu* e *você* em diversas regiões brasileiras. Na comunidade em estudo, por exemplo, estes pronomes – no que diz respeito a dados de uso na oralidade, em estudos descritivos – apresentam traços de marcadores, tanto de estratificação social quanto estilístico: Assunção (2008, p. 3) mostra que “os fatores sociais gênero e faixa etária, juntamente com o fator discursivo relação entre documentador/informante, influenciam na escolha do pronome *tu* em relação a *você* em referência à segunda pessoa do discurso na fala de feirenses das classes populares.” Santana (2008, p. 13, grifo do autor) ratifica estes resultados quando da verificação de que “os condicionadores para a variação no uso dos pronomes *tu* e *você* por falantes feirenses de nível superior são, em ordem de relevância, Gênero, Relação documentador/informante e Faixa Etária. Além disso, este pesquisador verificou que “o pronome *tu* tende a aparecer predominantemente em conversas informais e em relacionamentos íntimos”. O uso destes pronomes, na comunidade de fala feirense, não apresenta estigma, tendo como base resultados que mostram a não relevância da variável escolaridade.

³³ “[...] usually in the form of social stigma, which is reflected in sharp social stratification of speech production, a steep slope of style shifting, and negative responses on subjective reaction tests. Ultimately, they may become stereotypes, the subject of overt comment, with a descriptive tag that may be distinct enough from actual production that speakers do not realize that they use the form themselves” (Labov, 2001, p. 196-197).

Os marcadores sociolinguísticos estão vulneráveis a estigma tendo em vista que os estereótipos também são formados a partir de uma estigmatização desses marcadores. De acordo com Labov (2008[1972]), a estigmatização de uma forma linguística diz respeito à recepção negativa a ela direcionada; no contexto mais específico, àquelas formas que não são recepcionadas por grupos de maior *status*, que legitimam a forma de prestígio. Assim, neste cenário de restrição do direito de ir e vir, os falantes que não usam as formas legitimadas por esses grupos sofrem cada vez mais preconceito, violência esta que inibe o uso dessas formas oriundas de mudanças vindas de baixo e que competem, no contexto de maior monitoramento, com as formas de prestígio até que estas se sobreponham àquelas, e lideram uma mudança vinda de cima; por conseguinte, “[...] sob extrema estigmatização, uma forma se torna assunto de comentário social explícito e pode acabar por desaparecer. Trata-se então de um *estereótipo*, que pode ficar cada vez mais divorciado de formas que são realmente usadas na fala” (Labov, 2008[1972], p. 212), grifo do autor).

Os estereótipos são traços socialmente marcados conscientemente, reforçados na prática das várias esferas da sociedade: ambiente familiar, nos grupos de amigos, nos contextos de educação escolar, nos diversos meios de comunicação, entre outros. No já citado estudo realizado por Santos e Oliveira (2016, p. 354) sobre o comportamento do *apagamento do /R/ implosivo em Feira de Santana*, estas pesquisadoras observaram que para este fenômeno fonológico em coda medial – com destaque para o processo de posteriorização, na citada comunidade de fala –, o nível de escolaridade foi relevante e mostrou resultados bastante significativos para a fala de pessoas de nível fundamental I (1º ano ao 6º ano/ período que abrange a alfabetização e o curso primário), apresentando peso relativo de .62 em contraste com .40 computado na fala de falantes de nível superior.

Araujo (2014, p. 301-302), em sua tese intitulada *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*, estudou a variação na concordância verbal de número referente à terceira pessoa do plural (P6) e constatou empiricamente que esta variável é marcada por uma “bipolarização de normas no português falado em Feira de Santana [...] interpretada como um reflexo da polarização sociolinguística que ainda caracteriza a sociedade brasileira na atualidade”, marcando a estratificação social entre falantes de normas padrão e não padrão.

Todos os exemplos apresentados para os indicadores, marcadores e estereótipos foram retirados de pesquisas realizadas com base em estudos descritivos com foco na frequência de uso dos referidos fenômenos com obtenção de valores apenas explícitos refletidos na correlação entre os fenômenos e fatores linguístico e social. É evidente a necessidade de realização de

pesquisas que correlacionem os fatores estruturais linguístico e social com foco no comportamento linguístico de uma variante; entretanto, de pleno acordo com o que defendem Freitag (2016) e Labov (2008[1972]), paralelamente, precisa-se levar em conta as práticas sociais da comunidade de fala, as pressões sociais envolvidas (históricas, socioeconômicas e político-ideológicas) e a avaliação que os falantes fazem das formas linguísticas, que incidem diretamente no uso da língua. Acredita-se que um estudo mais detalhado, em função das forças sociais que afetam os falantes, pode trazer resultados mais aprofundados dos que hoje se alcança nas pesquisas variacionistas descritivas. Esse entendimento se justifica por ser na avaliação social que se concentram os maiores condicionantes para que uma variante linguística se sobreponha à outra, e é nesta avaliação que a carga social ocorre de forma contundente.

O estudo da avaliação social advinda dos próprios falantes frente a sua variante linguística – escutar estes falantes e analisar as suas reações – possibilita transitar por um horizonte da funcionalidade da língua de maneira mais consciente, tanto no entendimento da variação e mudança quanto no entendimento da homogeneidade na heterogeneidade, e assim compreender a variante na comunidade de fala, aqui entendida “[...] como um grupo de falantes que compartilham um conjunto de atitudes sociais frente à língua”, conceito este que está sob o princípio de que “as atitudes sociais para com a língua são extremamente uniformes dentro de uma comunidade de fala” (Labov, 2008[1972], p. 287). Como já apontado, no estudo da avaliação subjetiva mais direta, captam-se com mais profundidade as ideologias, os valores históricos, culturais, políticos e sociais que estão envolvidos no uso da língua. Também capta-se o nível de consciência social, propriedade importante da mudança linguística, que tem que ser determinada diretamente. Lucchesi (2004) afirma que o problema da avaliação levanta uma importante discussão acerca do papel do indivíduo frente à mudança e frente à própria língua, no momento em que nega o princípio saussuriano de que o indivíduo aceita o processo de estruturação da língua passivamente.

Os contextos acima descritos mostram como se apresenta indispensável a junção entre a análise indireta (encontrar os correlatos subjetivos ou latentes) e mais direta (análise desses correlatos no nível mais aprofundado de consciência do falante) para os estudos variacionistas e é isso, pois, a proposta aqui lançada, na crença de que, a partir dessa abordagem, entende-se melhor, por exemplo, a dinâmica do uso do pronome *tu* com *morfologia de 3^a pessoa do singular* na comunidade feirense, desvelando o universo de subjetividades que pode avaliar de forma estigmatizada ou não esta variante. Trata-se da metodologia empregada para as análises dos dados e também da metodologia para a obtenção desses dados, considerando que tais informações não ocorrem em contexto particulares como os de entrevistas com foco em análise

mais quantitativa, limitando a análise dos comportamentos encaixados no universo avaliativo subjetivo inconsciente e consciente do falante.

Assim, a análise subjetiva mais direta, além de dar informações sobre o processo de variação e da possível mudança, mostra as tendências de uso condicionadas pelos fatores linguísticos e sociais mais amplos. É neste cenário que se faz necessária a referida análise, ou seja, faz-se necessário aproximar-se dos falantes das variantes estudadas, o que implica em olhar o sujeito, escutá-lo para, daí, perceber quais subjetividades constituem esses sujeitos e como elas refletem na língua. Aqui, o que importa é o nível de consciência que o falante apresenta quanto aos elementos variantes da língua de cuja avaliação social eles dependem, pois Labov (2008[1972], p. 248) acredita que os falantes têm um certo grau de consciência da variação e da mudança linguística e são capazes de avaliá-la. Os testes de reação subjetiva, credita este pesquisador, “[...] nos permitem separar as variáveis linguísticas dos fatores pessoais [...]”, havendo um distanciamento entre quem fala e o que é falado, fazendo com que o avaliador concentre a sua análise na língua, e “[...] inconscientemente traduzam suas atitudes sociais frente à língua em diferentes julgamentos [...]”.

A proximidade com a subjetividade do falante se dá também por meio de teste de autoavaliação, ocasião em que ele deixa fluir as suas atitudes frente às variantes estudadas e as suas escolhas vão no direcionamento das mais prestigiadas (*overt prestige*) ou das que ele mais se identifica (*covert prestige*) ou, ainda, considera a mais correta. Em comunhão com Labov, neste estudo, prioriza-se a intensidade: parte-se do estrato léxico-gramatical em direção aos estratos semântico-discursivo e contextual que estão em correlação com os valores e crenças dos falantes feirenses frente à variante *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular* (Martin, 1992; Martin; Rose, 2007[2003]; Martin; White, 2005), a partir dos recursos de Comprometimento, Atitude e Gradação – sistema de Valoração (Martin; White, 2005).

A teoria da variação e mudança (Labov, 2008[1972]) tem lugar de destaque no que diz respeito às pesquisas que tratam da heterogeneidade linguística existente na comunidade linguística brasileira. Esta receptividade é retratada nos inúmeros trabalhos realizados e que trazem notícias do quanto o PB é variável, contribuindo para a história da formação dessa língua e para o entendimento de como se dá o seu funcionamento. No entanto, como já apontado, entender o estado da avaliação com base apenas na correlação dos fatores linguísticos e sociais não possibilita compreender a subjetividade do falante frente a variantes estudadas, ou seja, não possibilita a dar voz aos falantes, e muito menos a escutá-la, muito menos ainda a compreender melhor a dinâmica da variante estudada no contexto de uso, a qual é melhor observada nos comportamentos inconscientes dos falantes frente a sua própria língua e à língua do outro,

comportamentos que desvelam o quanto de prestígio ou desprestígio está envolvido no uso de uma variante linguística, já que, a partir de sua análise, encontram-se as normas encobertas de prestígio ou não, considerando que “[...] tem muito mais coisa na avaliação social do que as reações explícitas que os falantes nativos fazem emergir”(Labov, 2008[1972], p. 355).

No Brasil, a teoria laboviana completa meio século de presença e influência nos estudos linguísticos; faz-se necessário conhecer as outras versões do pesquisador Labov e explorar mais a fundo o que tem-se em mãos. O que se propõe é uma certa exploração da teoria da variação e mudança e o acompanhamento das possibilidades de estudos semelhantes aos que já se mostraram possíveis, a exemplo dos realizados por Cardoso (2015), Freitag (2016), Freitag, Severo, Rost-Snichelotto e Tavares (2015), Scherre (2013), Scherre (2020), Scherre (2021)³⁴, entre outros. Acredita-se que, com a junção da abordagem analítica indireta e mais direta, a estigmatização e os estereótipos podem ser desvelados e/ ou confirmados e, assim, pode-se cada vez mais ratificar que o preconceito não é linguístico, o preconceito é social, o que potencializará os resultados das pesquisas em favor da sociedade no direcionamento de criar de condições favoráveis à amenização do preconceito linguístico no entendimento de que a justiça social é uma questão também linguística.

Uma vez apresentados os pressupostos teóricos da Sociolinguística Laboviana, passa-se a apresentar os pressupostos envolvidos no Sistema de Valoração.

2.2 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: O AR CABOUCÔ DO SISTEMA DE VALORAÇÃO

Com o objetivo de dar conta do problema da avaliação – encontrar empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea e medir como esses correlatos refletem na valoração do uso da variante *tu* na comunidade de fala feirense–, adota-se, aqui, uma abordagem da linguagem em contexto social; abordagem esta desenvolvida no âmbito da Teoria Sistêmico-Funcional (TSF), mais especificamente o estrato semântico-discursivo da função interpessoal da linguagem com ênfase para o sistema de Valoração,

³⁴ Cardoso (2015) estudou as atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros; Freitag et al. (2015) agregaram à pesquisa descritiva as atitudes e os julgamentos linguísticos que afetam o processo de constituição da identidade por meio da linguagem e do discurso; Freitag (2016) estudou sobre o uso, a crença e as atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro; Scherre (2013) tratou do respeito à fala do outro e Scherre (2020) trouxe notícias das contribuições da Sociolinguística Variacionista para uma consciência social ao respeito linguístico. Scherre (2021, p.117) publica o verbete Respeito Linguístico. In. *Dicionário: rumo à civilização da religação e ao bem viver*, 2021, p. 117-120. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/815330970/Marta-Scherre-2021-Respeito-Linguistico-p-117-120>.

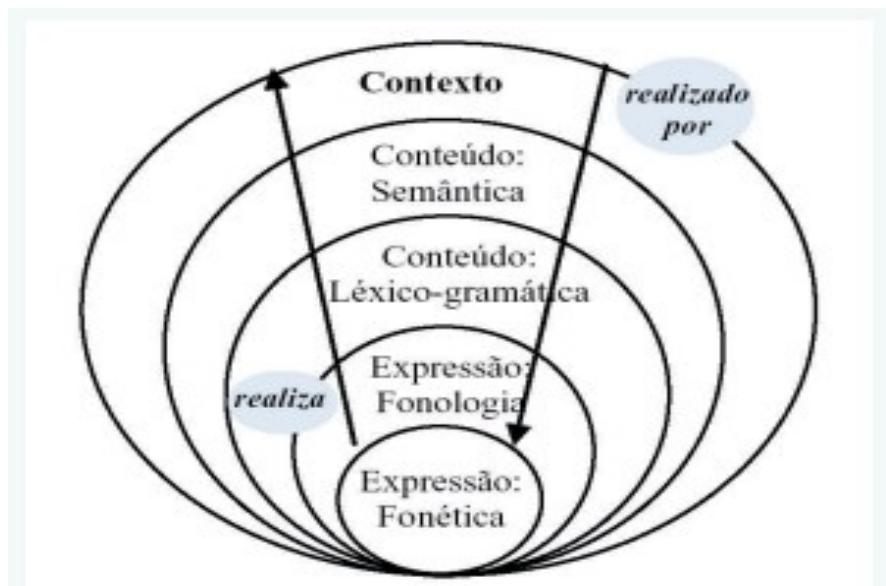
pensado por Martin e White (2005). Tal qual a Sociolinguística Laboviana, que não concebe um estudo da linguagem que não seja social, os referidos pesquisadores, sob o arcabouço da semântica do discurso, adotam uma abordagem da linguagem em contexto social (Magalhães, 2021), numa compreensão de linguagem como um sistema de signos (recursos) que possibilitam construir e representar a nossa visão de mundo exterior e interior (Halliday; Matthiessen, 2004).

Ultrapassando os limites da análise da dinâmica social quanto à avaliação da linguagem a partir de fatores sociais mais imediatos (sexo, faixa-etária, escolaridade, profissão, dentre outros), a abordagem aqui proposta alcança os correlatos subjetivos conscientes e inconscientes dos falantes e como tais correlatos, apresentados na interação comunicativa, refletem a valoração da própria variante linguística. Para dar conta dessa subjetividade com um olhar mais apurado, descrevendo a construção e representação dos significados para além da oração, a semântica do discurso se apropria dos conceitos imbricados em duas dimensões da linguagem em uso: a estratificação e as metafunções (Halliday; Hasan, 1976; Martin, 1992).

A TSF comprehende a linguagem como um sistema de representações; por este ângulo, não há nada de concreto na linguagem. Essa construção se organiza em estratos que são as configurações das unidades de significados, os quais trazem consigo, de maneira individual mas não isolada, funções. Os estratos estão diretamente relacionados com os níveis de abstração da linguagem. Este movimento do mais facilmente “capturável” (menos abstrato) e o que é menos “capturável” (mais abstrato) marca também uma organização hierárquica dos significados. No conjunto desses estratos, têm-se, do menos ao mais abstrato, a fonética, fonologia, léxico-gramática, semântica e o contexto (Halliday; Matthiessen, 2014). Assim, observadas as modalidades fala e escrita, tem-se para a fala a fonologia como o estrato menos abstrato (sílabas e entonação), enquanto que a grafologia é o estrato menos abstrato na escrita. O estrato mais abstrato da linguagem, de acordo com a TSF, é a semântica.

Sendo a língua um sistema hierarquicamente estratificado – o que não diminui a importância de cada um dos seus estratos e, sim, possibilita que a gramática apresente modelos de realidade –, todo o processo de construção dessa realidade apresenta “um ciclo que se estende à relação entre linguagem e seu contexto de operações” (Halliday, 2009, p. 62), denominado de realização. Tal ciclo está apresentado na Figura 01:

Figura 01 - Realização dos estratos do sistema da linguagem



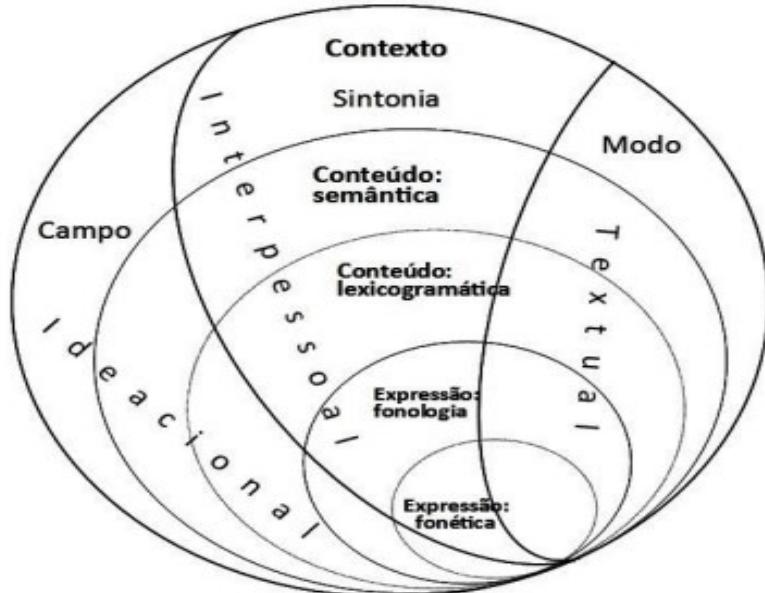
Fonte: Fuzer, 2018, p. 274, adaptado de Halliday; Matthiessen, 2014, p. 24.

Na Figura 01, os estratos do sistema linguístico estão, de baixo para cima, hierarquicamente apresentados, do menos abstrato ao mais abstrato, respectivamente. Seguindo a seta à esquerda, vê-se que “a fonética realiza a fonologia, pela qual se expressa o conteúdo da linguagem. O conteúdo, por sua vez, são dois estratos: a léxico-gramática realiza a semântica. [Já] a seta à direita [parte do] estrato mais abstrato do sistema – o contexto – em direção à expressão” (Fuzer, 2018, p. 274). Igualmente a Martin (1992), Martin e Rose (2007[2003]) e Martin e White (2005), enfoca-se, neste estudo, o estrato ainda mais abstrato – o semântico-discursivo – com ênfase na organização do discurso. De outra forma, interessa-se pela construção mais abstrata dos significados: parte-se do estrato léxico-gramatical em direção aos estratos semântico-discursivo e contextual. Figueiredo (2011) sublinha que a língua cria significados e variáveis contextuais importantes para a sua interpretação; assim, complementam o estrato semântico-discursivo o gênero e o registro, estratos do contexto sociocultural.

Para Martin e Rose (2007[2003]), o gênero é um processo social que nos direciona a uma funcionalidade, se desenvolve em estágios e é compartilhado justamente por ser social. O registro está para a organização das variáveis do contexto presentes no texto: a experiência de mundo – campo (*field*); o estabelecimento e a manutenção de relações sociais – sintonia (*tenor*); e os recursos textuais para a organização do texto, modo (*mode*). As três variáveis apresentadas estão sob três noções ou tipos de significados do estrato da semântica do discurso: *ideacional*, *interpessoal* e *textual* (Magalhães, 2021), cada uma destas metafunções está apresentada logo abaixo.

As metafunções implicam os tipos de significados, que estão nos planos *ideacional*, *interpessoal* e *textual*, e que têm a linguagem como espaço que os recepciona em todo e qualquer ato comunicativo. Os referidos espectros se organizam da seguinte forma: a metafunção *interpessoal* diz respeito ao estabelecimento e à manutenção das relações sociais; de outra forma, trata das ações, atitudes intersubjetivas e dos posicionamentos dos falantes por meio da comunicação e está para a variável do contexto sintonia. A metafunção *ideacional* trata da construção e da representação da nossa experiência de mundo físico e psíquico por meio da linguagem, como os significados são construídos, e está para a variável do contexto campo; a metafunção *textual* relaciona-se à organização dos significados ideacionais e interpessoais enquanto discurso/mensagem por meio do texto e está para a variável do contexto modo. Cada um desses sistema compõe o *estrato da semântica do discurso* – conjuntos de significados que operam no escopo das metafunções (Martin, 1992; Martin; Rose, 2007[2003]; Martin; White, 2005). Sublinha-se que as metafunções perpassam todos os estratos; são a própria constituição da linguagem enquanto recurso semiótico. Ressalta-se também que as três metafunções são complementares entre si na construção de cada significado. Tem- se, em conjunto, na Figura 02, a organização das metafunções, dos estratos e das variáveis do contexto apresentada por Dias (2022).

Figura 02 - Organização das metafunções, dos estratos e das variáveis do contexto



Fonte: Dias, 2022, p. 30, com base em Halliday e Matthiessen, 2014, p. 26 e 31.

A metafunção interpessoal é particularizada neste estudo por possibilitar o alcance dos aspectos intersubjetivos e dos posicionamentos de valor na interação comunicativa. Mais

especificamente, particulariza-se um sistema do estrato semântico discursivo – o Sistema da Valoração, proposto por Martin e White (2005).

2.2.1 O Sistema da Valoração

No século XX, especificamente em 1992, Martin estabelece a sua proposta de descrever a construção dos significados para além da oração e analisar os textos numa perspectiva semântico-discursiva. Ele utiliza como base teórica os Sistemas de Coesão de Halliday e Hasan (1976), coesão esta posta como um recurso do estrato semântico, que se baseia nas relações de sentido entre os elementos de um texto independente da estrutura. No desenvolvimento da proposta, é apresentado o Sistema de Valoração, pensado por Martin e White (2005). Seguros da relação entre língua e sociedade, na defesa de que os textos estão permeados de significados sociais e que estes estão registrados nos enunciados, eles propõem sistemas da semântica do discurso para cada uma das metafunções *ideacional*, *interpessoal* e *textual*. Estas metafunções fornecem as variáveis que ajudam a interpretar os recursos valorativos, traduzidos, para a questão aqui de interesse, como correlatos subjetivos (ou latentes) conscientes e inconscientes (Labov, 2008[1972]). A metafunção interpessoal, aqui particularizada, recepciona o sistema da Valoração, que enfoca a análise de recursos valorativos a partir dos quais formamos comunidades de valores e crenças compartilhados e apresenta as bases de análise dos recursos linguísticos utilizados para expressar Atitude nas falas: área de significados responsável pela expressão linguística positiva ou negativa de emoções e sentimentos explícitos e implícitos, no alcance de prestígio explícito (*overt prestige*) e de normas encobertas (*covert norms*), que, por sua vez, revelam o prestígio encoberto (*covert prestige*), noções apresentadas por Labov (2006[1966], 2008[1972], 1994, 2001). Dentre os conjuntos de significados da Valoração, encontra-se também o Comprometimento: área de significados responsável pelo modo como os valores são atribuídos a outras vozes do texto e/ou do discurso e pelo modo como os falantes são posicionados frente a esses valores – *Monoglossia* e *Heteroglossia*. A Gradação, por sua vez, completa os conjuntos de significados da Valoração e se responsabiliza pelo grau de intensidade dos sentimentos envolvidos – apresentando níveis *alto* e *baixo* (Martin; White, 2005). No Quadro 01, encontra-se uma síntese do sistema de Valoração.

Quadro 01 – Sistema de Valoração

Sistema	Tipos de valoração	Fenômenos
Valoração	Atitude	Expressão de sentimentos
	Comprometimento	Posicionamento discursivo
	Gradação	Amplificação/atenuação dos sentimentos e dos posicionamentos

Fonte: Da autora, com base em Martin e White, 2005.

Os grupos de recursos constantes no Quadro 01 são apresentados mais detalhadamente nas três subseções que seguem.

2.2.1.1 Atitude

A Atitude é um sistema de significados que abarca as emoções e os sentimentos. Esse sistema envolve três regiões semânticas que cobrem o que é tradicionalmente chamado de emoção [afeto], ética [julgamento] e estética [apreciação] (Martin; White, 2005) e estão relacionadas a pessoas e coisas. Os sentimentos se apresentam das seguintes formas: individualizados, relacionados aos afetos particulares dos falantes; e institucionalizados, que se referem aos sentimentos coletivos e estão relacionados ao julgamento e à apreciação. A partir do julgamento, analisam-se os sentimentos associados a comportamentos – deve-se refletir sobre como se deve ou não comportar. A apreciação analisa os sentimentos como resultados de valores estéticos sobre as coisas (e pessoas também), baseados em critérios e avaliações existentes no coletivo. Observa-se que os sentimentos individualizados, aqui caracterizados como os de emoção – afeto –, apresentam direcionamentos diferentes dos apresentados pelo julgamento e pela apreciação. Nas palavras de Dias (2022),

[...] o afeto difere do julgamento e da apreciação no que tange a sua configuração. No julgamento e na apreciação, os sentimentos estão associados a um avaliador e a um alvo da avaliação. No afeto, por sua vez, os sentimentos estão relacionados a um emotivo (aquele que sente) e a um gatilho (aquito/aquele que catalisa a emoção) (Dias, 2022, p. 44).

Em contrapartida, o afeto, o julgamento e a apreciação (tipos de Atitudes) se conciliam no que tange ao modo de ativação e à carga valorativa dos sentimentos. O modo de ativação, portanto, implica entender como esses sentimentos se manifestam: se de forma explícita/direta (inscrita (termo técnico)): “it was our **ignorance** and our **prejudice**” / “foi nossa **ignorância** e

nosso **preconceito**” (Martin; White (2005, p. 67, tradução nossa, grifo dos autores)³⁵; ou implícita (evocado (termo técnico)). Os autores reúnem as formas de evocação da Atitude da seguinte forma: o **provocar** relaciona-se ao uso de metáforas lexicais como apresentado neste excerto: “we fenced them in like **sheep**”/ “nós os cercamos como **ovelhas**” (Martin; White, 2005, p. 67, tradução nossa, grifo dos autores). O **sinalizar** está para as escolhas lexicais que acoplam alguma circunstância de maneira ou algum grau de intensidade: “We took the traditional lands and **smashed** the traditional way of life”/ “Tomamos as terras tradicionais e **esmagamos** o modo de vida tradicional”/ (Martin; White, 2005, p. 67, tradução grifo dos autores) e também para a ocorrência de recursos isolados de gradação (intensificadores, como ocorre em “arrancado **à força**”, que instancia um item isolado de gradação (Dias, 2022, p. 198). O **propiciar** diz respeito a descrições ideacionais que, por sua relação com instâncias atitudinais explícitas, naquele cotexto e contexto de situação, convidam interpretações valorativas: “**we brought the diseases**” / “**trouxemos as doenças**” (Martin; White, 2005, tradução nossa, grifo dos autores) – situação de colonização e dizimação dos povos indígenas na Austrália. É importante sublinhar que o provocar, o sinalizar e o propiciar são categorias limítrofes e isso deixa margem para interpretações duplas, pois elas se organizam, respectivamente, em um contínuo entre mais e menos convidativo a interpretações atitudinais. No que tange à carga valorativa dos tipos de Atitudes: afeto, julgamento e apreciação, os sentimentos podem ser negativos ou positivos, o que vai depender do contexto, já que está tratando de subjetividade a partir de um enfoque semântico-discursivo. É necessário levar em consideração o contexto situacional em razão da carga valorativa também depender da forma como os significados estão construídos na fala/texto. Diante disso,

[...] em um texto [ou em uma fala], determinado **item atitudinal** pode ter sido construído como um valor positivo e, em outro, o mesmo item pode ter valor negativo. Em relação ao **modo de ativação**, há a possibilidade de um item atitudinal inscrito também funcionar como avaliação evocada de um outro tipo de valor atitudinal (um item de afeto que também evoca uma avaliação de apreciação, por exemplo) (Dias, 2022, p. 45, grifo nosso).

Têm-se o afeto, o julgamento e a apreciação como tipos/ regiões semânticas de Atitude. O Quadro 02 reúne o conjunto de significados para o sistema de Atitude, os quais podem ser medidos em graus baixo, médio e alto, medidas estas que formam o sistema de Gradação, apresentado no Quadro 08 (p.64).

³⁵ Os exemplos originais em língua estrangeira, os quais apresentam maior extensão, serão apresentados em nota de rodapé.

Quadro 02 – Sistema de Atitude

Sistema	Tipos de Atitude	Tipos de afeto
Atitude	Afeto	(In) Felicidade (In) Satisfação (In) Segurança (Des) Inclinação
	Julgamento	Tipos de julgamento Normalidade Tenacidade Capacidade Veracidade Propriedade
	Apreciação	Tipos de apreciação Reação Composição Valorização

Fonte: Da autora, 2025.

No que tange os significados da Atitude para o afeto (Quadro 02), pode-se encontrar reações de sentimentos distribuídas em quatro conjuntos principais. As variáveis (In) felicidade envolvem as reações que apresentam contentamento e descontentamento, mas especificamente envolvem os estados de espírito feliz ou triste, a exemplo do apresentado no excerto abaixo:

“[...] Então, isso significava que o **luto** ocorreu novamente. A **dor** veio para minha irmã mais nova e dois irmãos que pensei que nunca mais veria. O dia em que saí do Orfanato foi um dia **muito triste** para mim. Eu estava **muito infeliz**, e as memórias voltaram. Não havia para onde ir. Você estava por conta própria. Eu estava novamente em um ambiente diferente... não tive escolha a não ser aguentar firme. Com as dificuldades em curso e pensando em minha irmã e meus irmãos que deixei no Orfanato. **Meu coração cheio de tristeza** por eles. [Trazendo eles para casa 1997: 12]”³⁶ (Martin; White, 2005, p. 42, tradução nossa, grifo dos autores).

Percebe-se, no exemplo acima, que os sentimentos/significados da Atitude para o afeto é de infelicidade e eles são manifestados de modo inscrito. Tais sentimentos são externados por uma mulher (membro da “Geração Roubada” da Austrália³⁷) que relata sua experiência de ser separada de seus irmãos.

36 [2.1] So this meant the **grieving** took place again. The **grief** came for my younger sister and two brothers whom I thought I would never see again. The day I left the Orphanage – that was a **very sad** day for me. I was **very unhappy**, and the memories came back. There was nowhere to turn. You was on your own. I was again in a different environment ... I had no choice but to stick it out. With the hardships going and thinking of my sister and Brothers which I left at the Orphanage. **My heart full of sorrows** for them. [Bringing Them Home 1997: 12].

37 O termo “geração roubada” se refere a milhares de crianças aborígenes que foram separadas à força de seus parentes, de 1910 até a década de 1970, e levadas para instituições ou famílias brancas com fins de assimilação.

As variáveis (In) Satisfação estão para as emoções que se relacionam ao contexto de busca de objetivos. Diz respeito aos “[...] nossos sentimentos de realização e frustração em relação às atividades nas quais estamos envolvidos, incluindo nossas funções como participantes e espectadores [...]”³⁸ (Martin; White, 2005, p. 50, tradução nossa).

O conjunto de variáveis (In) Segurança abrange as emoções relacionadas com o bem-estar ecossocial (estabilidade/ instabilidade, ansiedade, paz interior), incluindo, claro, as pessoas que as partilham conosco. No exemplo, logo abaixo, é registrado sentimento de choque em relação ao evento de 11 de setembro. Assim, tem-se:

“The terrible events of the past week have left us with feelings –in order of occurrence – of **horror, worry, anger**, and now, just a **general gloom**”

“Os terríveis acontecimentos da semana passada nos deixaram com sentimentos [...] de **horror, preocupação, raiva** e agora, apenas um **desamparo geral**” (Mourning, 2001, *apud* Martin; White, 2005, p. 35, tradução nossa, grifo dos autores).

As variáveis (Des) Inclinação reúnem as expressões de desejo, intenção ou receio a coisas e situações. No Quadro 03, têm-se os tipos de afeto e respectivos exemplos.

Quadro 03 – Atitude: tipos de afeto e respectivos exemplos

Sistema	Tipo de Atitude	Tipo de afeto	Exemplos ³⁹
Atitude	Afeto	(In)Felicidade	exultante, animado, triste, abatido, amoroso, melancólico
		(In)Satisfação	absorto, impressionado, entediado, furioso, interessado, desinteressado, curioso, prazeroso, satisfeito
		(In)Segurança	confiante, seguro, ansioso, amedrontado, desesperado, surpreso, inquieto
		(Des)Inclinação	Temeroso, desejoso

Fonte: Da autora, 2025.

Como já apontado, o julgamento está no domínio dos significados cujas Atitudes devem ser interpretadas com relação ao comportamento humano numa direção de estima social ou sanção social. A estima social reúne julgamentos de pessoas emitidos pela comunidade da qual o sujeito é parte integrante. Tais julgamentos se fundamentam nos princípios da concessão de

Muitas vítimas nunca voltaram a encontrar os pais ou irmão (Isto é, 2021). Disponível em: <https://istoe.com.br/centenas-de-aborigenes-da-geracao-roubada-processam-o-governo-australiano/>. Acesso em: julho de 2024.

38 “[...] our feelings of achievement and frustration in relation to the activities in which we are engaged, including our roles as both participants and spectators [...]” (Martin; White, 2005, p. 50).

³⁹ Todos os exemplos apresentados nos Quadros de 03-09 foram traduzidos de Martin e White (2005).

valores simbólicos (elevação ou rebaixamento; ou prestígio e desprestígio), não tendo qualquer valor de sanção legal, ou função de sanção legal.

A sanção social envolve julgamento de aprovação/desaprovação do comportamento humano por referência, aceitabilidade/normas sociais. Estão em questão aqui cumprimento ou desvio do que é socialmente, culturalmente, ideologicamente ou religiosamente regulamentado. Trata-se de regras morais, legais ou religiosas. No Quadro 04, estão reunidos os tipos de julgamento seguidos de exemplos.

Quadro 04 – Atitude: tipos de julgamento e exemplos

Sistema	Tipo de Atitude		Tipo de Julgamento	Exemplos
Atitude	Julgamento	Estima social	Normalidade	Sortudo, normal, excêntrico, retrógrado
			Tenacidade	Cuidadoso, adaptável, covarde, teimoso
			Capacidade	Experiente, competente, inocente, imaturo
	Sanção social		Veracidade	Sincero, franco, mentiroso, enganador
			Propriedade	Ético, justo, corrupto, des cortês

Fonte: Da autora, 2025.

Como já dito, a apreciação envolve avaliações estéticas de fenômenos semióticos e naturais, de acordo com a forma como são valorizados ou não em um determinado campo, ou seja, uma determinada experiência de mundo. Os tipos de apreciação são três: reação, composição e valorização. A reação pode ser de impacto – quanto de atenção atrai o item avaliado – e de qualidade – de que maneira o item avaliado impacta. A composição diz respeito à proporção – percepção do avaliador acerca do equilíbrio do item avaliado – e à complexidade, que está para a percepção do avaliador acerca dos detalhes do item avaliado. Por fim, tem-se a valorização, que expressa a importância social atribuída pelo avaliador ao item avaliado, reinterpreta sentimentos mais voltados para o valor das coisas – o que elas valem ou não. É importante sublinhar que pessoas também são passíveis a esse tipo de atitude; a valoração da aparência, por exemplo, está para a estética. Julgamento e apreciação são sentimentos institucionalizados, que transportam do mundo cotidiano de senso comum para os mundos de senso não comum dos valores compartilhados pela comunidade (Martin; White, 2005). No Quadro 05, estão reunidos os tipos de apreciação seguidos de exemplos.

Quadro 05 – Atitude: tipos de apreciação e exemplos

Sistema	Tipo de Atitude	Tipo de Apreciação	Exemplos
Atitude	Apreciação	Reação	Cativante, esplêndido, opaco, grotesco
		Composição	Simétrico, simples, desnivelado, desorganizado
		Valorização	Inovador, autêntico, prosaico, inútil

Fonte: Da autora, 2025.

Ainda sobre o sistema de Atitude, Martin e White (2005, p. 60) chamam a atenção para o fato de que determinados recursos atitudinais podem apresentar um potencial maior de instância, podendo ser interpretados como instância inscrita de um tipo e instância evocada de um outro tipo. Assim, tem-se a palavra “guilty” (culpado) que, ao mesmo tempo, transita por afeto negativo de insegurança e um julgamento negativo de improriedade.

O Comprometimento é o próximo grupo de recursos que compõem o sistema de Valoração. Passa-se a apresentá-lo.

2.2.1.2 Comprometimento

Seguindo apresentando os modos de expressão das avaliações que compõem o sistema da Valoração, tem-se o sistema de Comprometimento, que reúne os recursos que são usados pelos falantes para apresentar a sua postura avaliativa quanto aos valores disseminados por outras vozes discursivas (Martin; White, 2005). A partir dos recursos linguísticos que compõem o sistema de Comprometimento, pode-se analisar:

- I. A inclusão ou exclusão de vozes discursivas alternativas no processo de construção discursiva por parte do falante.
- II. A existência ou não de compartilhamento do posicionamento do falante às vozes discursivas alternativas incluídas no discurso.
- III. O nível de investimento autoral do falante no que se refere a valores e crenças registrados no texto.

No Quadro 06, está representado o sistema de Comprometimento.

Quadro 06 – Sistema de Comprometimento

Comprometimento	Tipos de Comprometimento	Compartilhamento do posicionamento	
Exclusão de vozes alternativas	Monoglossia	—	
Inclusão de vozes alternativas	Heteroglossia	Contrair	Negar Contrapor Concordar Pronunciar Endossar
		Expandir	Considerar Atribuir

Fonte: Da autora, 2025.

Em complementação ao que foi dito anteriormente, deve-se acrescentar que, de acordo com Martin e White (2005), há uma associação direta entre a utilização de recursos de Comprometimento e as estratégias retóricas persuasivas utilizadas pelo falante para obter o alinhamento dos ouvintes a seus valores e crenças.

A exclusão e a inclusão de vozes alternativas dentro do discurso são denominadas de Monoglossia e de Heteroglossia, respectivamente. Interpreta-se a Monoglossia como as afirmações que não sugerem relação com outros pontos de vista, não há vozes alternativas; ou seja, os valores são vistos pelos falantes como verdades absolutas. Dessa maneira, as afirmativas categóricas simples e o imperativo afirmativo são explorados com frequência. Segue exemplo de proposição em que o contexto comunicativo é interpretado como categórico (Martin; White, 2005, p. 99).

“Two years on, the British government has betrayed the most fundamental responsibility that any government assumes – the duty to protect the rule of law.”

“Dois anos depois, o governo britânico traiu a responsabilidade mais fundamental que qualquer governo assume – o dever de proteger o estado de direito.”

Na proposição acima, pode-se observar ponto de vista categórico em razão de não haver nenhum recurso que prevê vozes alternativas contrárias ao que foi afirmado. De outra maneira,

[...] o falante/escritor [falante/ ouvinte] apresenta a proposição em pauta como algo que não tem alternativas dialógicas que precisam ser reconhecidas, ou engajadas, no contexto comunicativo em questão – como dialogisticamente

inerte e, portanto, passível de ser declarado categoricamente [...] (Martin; White 2005, p. 99, tradução nossa)⁴⁰.

A Heteroglossia, diferentemente da Monoglossia, é vista como um espaço que apresenta uma certa flexibilização de ideias categóricas por haver uma coexistência de pontos de vista apresentados por diferentes vozes. Nos contextos abaixo apresentados, exemplos traduzidos de Martin e White (2005, p. 100), são invocadas ou permitidas alternativas dialógicas, cujos recursos estão sublinhados.

“There is the argument though that the banks have been greedy.”
 “Há o argumento de que os bancos têm sido gananciosos.”

“In my view the banks have been greedy.”
 “Na minha opinião, os bancos têm sido gananciosos.”

“Callers to talkback radio see the banks as being greedy.”
 “Quem liga para a rádio vê os bancos como sendo gananciosos.”

“The chairman of the consumers association has stated that the banks are being greedy.”
 “O presidente da associação dos consumidores afirmou que os bancos estão sendo gananciosos.”

“There can be no denying the banks have been greedy.”
 “Não há como negar que os bancos têm sido gananciosos.”

“Everyone knows the banks are greedy.”
 “Todo mundo sabe que os bancos são gananciosos.”

“The banks haven't been greedy.”
 “Os bancos não têm sido gananciosos.”

Como já apontado anteriormente, a Heteroglossia apresenta diferentes posicionamentos apresentados por diferentes vozes, o que demanda uma hierarquia de ponto de vista no espaço dialógico; trata-se aqui do nível de investimento autoral. Tal hierarquia é sinônimo de diferentes graus de investimento – dialogicamente expansivos ou dialogicamente contrativos. Essas categorias dependem dos recursos mobilizados.

Em um contexto de espaço de diálogo restrito, o falante pode fazer uso de recursos que concedem sustentação a diversas estratégias de ordem retórica, como já demonstrado no Quadro 06: negar, contrapor, concordar, pronunciar ou endossar. No excerto seguinte, há uma contração

40 “[...] the speaker/writer presents the current proposition as one which has no dialogistic alternatives which need to be recognised, or engaged with, in the current communicative context – as dialogistically inert and hence capable of being declared categorically [...]” (Martin; White 2005, p. 99).

dialógica, com o uso do verbo de relato, na qual adota-se uma posição particular, entendendo-a como verdadeira, em relação à proposição atribuída.

Follain acaba com o mito romântico de que a máfia começou no estilo Robin Hood, grupos de homens protegendo os pobres. Ele mostra que a máfia começou no Século XIX como bandos armados protegendo os interesses dos proprietários ausentes que possuíam a maior parte da Sicília. Ele também demonstra como a máfia forjou ligações com o partido Democrata Cristão no poder na Itália desde a guerra ([Banco de inglês Cobuild], *apud* Martin; White, 2005, p. 102, grifo dos autores, tradução nossa)⁴¹.

Martin e White (2005) sublinham que os verbos mostrar e demonstrar apresentam um contexto dialogicamente contraído na medida em que endossa as informações de Follain sobre a Máfia como Robin Hood. Em contrapartida, neste próximo excerto, as formulações de distanciamento podem ser vistas como dialogicamente expansivas, pois abrem espaço dialógico para posições alternativas, distanciando-se da proposição enquadrada pela reivindicação, representando-a como, se não duvidosa, então ainda aberta a questionamentos.

Tickner disse que, independentemente do resultado, a comissão real foi um desperdício de dinheiro e que ele prosseguiria com uma investigação separada sobre a questão liderada pela Ministra Jane Matthews. Seu ataque ocorreu no momento em que as mulheres aborígenes envolvidas no caso exigiam que uma ministra examinasse as crenças religiosas que elas alegam serem inerentes à sua luta contra uma ponte para a ilha perto de Goolwa, no sul da Austrália. ([Banco de Inglês Cobuild], *apud* Martin; White, 2005, p. 102-103, grifo dos autores, tradução nossa)⁴².

Os autores ressaltam que as funções dos verbos vão depender das diferentes condições contextuais; para Martin e White (2005, p. 103), a preocupação não é, na verdade, especificamente [o verbo] **alegar** como lexema, mas como posicionamento dialógico. No excerto acima, a oposição dialógica apresenta distanciamento expansivo: ao dizer que os outros “**alegam**”, o autor do texto não se compromete com as ideias que estão postas. No entanto, ao

41 (*dialogic contraction*)

Follain punctures the romantic myth that the mafia started as Robin Hood-style groups of men protecting the poor. He shows that the mafia began in the 19th century as armed bands protecting the interests of the absentee landlords who owned most of Sicily. He also demonstrates how the mafia has forged links with Italy's ruling Christian Democrat party since the war. ([Cobuild Bank of English] *apud*, Martin; White, 2005, p. 102, grifos dos autores).

42 (*dialogic expansion*)

Tickner said regardless of the result, the royal commission was a waste of money and he would proceed with a separate inquiry into the issue headed by Justice Jane Matthews. His attack came as the Aboriginal women involved in the case demanded a female minister examine the religious beliefs they **claim** are inherent in their fight against a bridge to the island near Goolwa in South Australia. ([Cobuild Bank of English] *apud* Martin; White, 2005, p. 102-103, grifo dos autores).

fazer uso do recurso da negação e da contraposição, ele rechaça os valores de outras vozes e inclui a voz alternativa, com suas ideias, como estratégia para rechaçá-las.

No que se refere especificamente ao negar, a estratégia mais utilizada é a da negação expressa por duas vias: grammatical (com utilização de advérbio de negação “não”) e lexical (ninguém, pronome negativo). Aos recursos de contraposição, podem-se alinhar conjunções concessivas (“mas”, “embora”, “a menos que” etc), adjuntos de comentários (surpreendentemente) e adverbiais como “ainda”, “somente”, “mesmo” etc. Em se tratando de concordar, pronunciar e endossar, o falante estabelece uma identificação com o sistema de valores das vozes alternativas, ao tempo que amplia seu nível de investimento autoral. O contínuo de abertura do espaço a vozes alternativas é constituído por uma hierarquia que coloca no topo a estratégia endossar, seguido pelo pronunciar e, em última colocação, concordar, que se expressa por via de adjuntos de comentários, a exemplo de “é claro”, “naturalmente”. Pronunciar recorre a expressões como “a verdade é que”, “não há dúvida de que”, “de fato” etc. Endossar, por seu turno, faz uso de verbos de projeção verbal que evidenciam o alinhamento do falante ao conteúdo exposto, a exemplo de “provar”, “mostrar” etc. (Dias, 2022).

No que concerne à construção do espaço dialógico expansivo, também já apresentado no Quadro 06 (p.59), as estratégias utilizadas são as de considerar e atribuir. Ao fazer uso do considerar, o falante permite que vozes alternativas integrem o espaço dialógico, expressando seus posicionamentos. Essa estratégia comumente se vale de alguns recursos de modalidade, a exemplo de “possivelmente”, “provavelmente”, “certamente”, “acho que” etc., além de perguntas retóricas ou expositivas. Martin e White (2005), de acordo com Dias (2022), não definem claramente a diferença existente entre perguntas retóricas/expositivas e os recursos de modalidade como formas mais ou menos explícitas de considerar, mas que, apesar disso, pode-se levar em conta que os recursos de modalidades são mais explícitos do que as perguntas, visto que estas últimas se encontram na dependência de como o ouvinte as interpreta como perguntas que sugerem respostas e vozes alternativas. Ao fazer uso da estratégia atribuir, o falante menciona de forma explícita as vozes alternativas e projeta suas falas ou pensamentos fazendo uso de verbos que afastam sua própria voz das vozes alternativas. Nessa estratégia, existe a possibilidade de o falante/escritor diminuir seu grau de investimento autoral. Essa possibilidade, como já apontado, pode ocorrer com a utilização do verbo de projeção alegar. No Quadro 07, estão reunidas as estratégias, seguidas de exemplos, com destaque em negrito para os recursos Heteroglóssicos.

Quadro 07 – Tipos e exemplos de Comprometimento

Tipos de Comprometimento	Tipos de vozes		Exemplo traduzido de Martin e White (2005)
Monoglossia (exclusão de vozes alternativas)	Monoglossia		“Foi com fúria, então, que retornoi para casa no sábado [...].”
Heteroglossia (inclusão de vozes alternativas)	Heteroglossia		Exemplos traduzidos de Martin e White (2005)
Heteroglossia (inclusão de vozes alternativas)	Contrair	Negar	“ Não há nada de errado com a carne, o pão e as batatas.”
		Contrapor	“ Embora estejamos nos divorciando, Bruce e eu ainda somos melhores amigos.”
		Concordar	“ Naturalmente , nós entendemos o estado de raiva e frustração.”
		Pronunciar	“ Eu afirmo que Bush e o Rei Fahd têm, de fato, uma política que [...].”
		Endossar	“Mais especificamente, cinco estudos mostram que a dependência de investimento[...].”
	Expandir	Considerar	“[...] foi provavelmente o discurso mais imaturo, irresponsável, vergonhoso e enganador[...].”
		Atribuir	“ Diz-se que ele mentia sobre sua idade [...].”

Fonte: Da autora com base em Dias (2022, p. 48, destaque em negrito, do autor/ destaque em amarelo, nosso).

O destaque dado na palavra Monoglossia deu-se com o objetivo de chamar a atenção do leitor para a não existência de destaque em negrito no exemplo apresentado. Recorda-se que a ausência de vozes alternativas é característico desse tipo de Comprometimento, diferindo da Heteroglossia, que apresenta um contínuo de abertura do espaço dialógico às vozes alternativas, mostrando uma hierarquia no posicionamento discursivo do falante frente a outras vozes.

O próximo e último grupo de recursos que compõem o sistema de Valoração é a Gradação. Passa-se a apresentá-lo.

2.2.1.3 Gradação

A Gradação contempla os recursos usados pelo falante para atribuir maior ou menor grau aos significados dos seus sentimentos e dos seus posicionamentos. Para Martin e White (2005, p. 136, grifo dos autores, tradução nossa), os sentidos imbricados na Gradação são importantes para o entendimento dos sentidos que envolvem o sistema de Valoração, “[...] pode-se dizer que **atitude** e **comprometimento** são domínios de **gradação** que diferem de acordo

com a natureza dos significados que estão sendo ajustados”⁴³. A função primordial do sistema de Gradação é modular a intensidade e a clareza dos significados avaliativos de sentimento/valor ou posicionamento/crença, realizando-se em duas categorias principais: Força e Foco (cf. Quadro 8). A Atitude e o Comprometimento são alvos semânticos sobre os quais a Gradação opera.

Quadro 08 – Sistema de Gradação

Sistema	Tipos de gradação	Recursos de força
Gradação	Força	Aumentar
		Diminuir
	Foco	Recursos de foco
		Focar
		Desfocar

Fonte: Da autora, 2025.

A Força reúne recursos relacionados ao grau de intensificação (intensidade, volume, massa etc.) dos significados interpessoais, que podem ser aumentados ou reduzidos. Os valores são interpretados com maior ou menor grau. O Foco se diferencia da Força por reunir recursos que se relacionam com significados ideacionais não passíveis de intensificação. De acordo com Magalhães (2021, p. 68), o Foco “reúne recursos que vistos de uma perspectiva experiencial não poderiam ser graduáveis, mas as línguas criam recursos que propiciam esse objetivo[...]”. Assim, a sua amplificação (focar) ou atenuação (desfocar) ocorre dentro de uma escala entre mais prototípico e menos prototípico. No Quadro 09, encontram-se exemplos – com destaque em negrito – de recursos de Força e Foco.

Quadro 09 – Recursos de Força e de Foco e respectivos exemplos

Tipos de Gradação	Exemplos traduzidos de Martin e White (2005)
Força (intensidade, volume, massa etc.)	Um pouco triste Muito frequentemente O mais feliz Levemente de modo abrupto
Foco (prototipicidade)	Um amigo de verdade Uma espécie de desculpa

Fonte: Da autora, 2025, com base em Dias, 2022, p.49.

43 “[...] It might be said that **attitude** and **engagement** are domains of **graduation** which differ according to the nature of the meanings being scaled [...]” (Martin; White. 2005, p.136, grifo dos autores).

No que tange aos diferentes graus do posicionamento discursivo, Martin e White (2005) apresentam recursos modais – na estratégia considerar – e seus efeitos dialógicos associados ao aumento/redução dos significados, que se organizam em um contínuo entre baixo, médio e alto grau de investimento autoral. Os referidos autores destacam, dentre outros recursos modais, os de *probabilidade* (**provavelmente, possivelmente, certamente, definitivamente** etc.) e os de *usualidade* (**raramente, às vezes, sempre** etc.). Assim, para o recurso de *probabilidade*, tem-se **possivelmente** marcando um grau mais baixo do posicionamento discursivo. Marcando graus mais elevados, encontram-se os recursos **provavelmente, certamente e definitivamente** como médio e altos graus de posicionamento discursivos, respectivamente, como apresentado nos exemplos constantes em Martin e White (2005, p. 136).

“Probably she betrayed us”
“Provavelmente, ela nos traiu”

“Definitely she betrayed us”
“Definitivamente, ela nos traiu”

Para os contextos acima apresentados, tem-se o recurso **provavelmente** marcando um grau mais baixo em relação a **definitivamente**, dando espaço para dúvidas, diminuindo, assim, o investimento autoral. Apresentando uma semântica e grau diferenciados, na segunda oração, o recurso modal **definitivamente** marca grau muito elevado de investimento autoral.

Na Gradação, pode-se analisar os efeitos dialógicos associados à amplificação dos valores atitudinais a partir das formas como os recursos lexicogramaticais estão apresentados: tanto local/isolada quanto globalmente/cumulativamente. A forma local é representada pelo o uso de apenas um recurso, separado do item valorativo sobre o qual a amplificação/atenção incide, a exemplo de intensificadores como: “very sad; full of sorrows; so pleasant; finer; startlingly original; a little sad”/“**muito** triste; **cheio** de tristezas; **tão** agradável; **mais** refinado; **surpreendentemente** original”, **um pouco** triste” (Martin; White, 2005, p. 45, tradução nossa). Assim, observa-se em “**muito** triste” um caso de Gradação local/isolada, que apresenta certa intensificação do afeto negativo marcada pelo advérbio **muito**. Já a maneira globalizante não apresenta uma forma lexical separada construindo aumento ou redução de escala. Em vez disso, a escala é transmitida apenas pelo aspecto do significado de um único termo: (“**contente, feliz, alegre**”; “**morno, quente, escaldante**”). Na Gradação, fusionada é o termo técnico utilizado para essas formas lexicais de expressão. Trata-se do aumento ou redução da intensificação expresso pela escolha lexical que fusiona Atitude e Gradação em um só item. Vale sublinhar

que, nesta pesquisa, considera-se o contexto de amplificação local/ isolada dos valores como mais explícita do que na realização fusionada.

A Gradação também acontece de duas maneiras: repetição ou saturação. A intensificação por repetição pode ser marcada pela reiteração do mesmo item lexical. Nos exemplos apresentados por Martin e White (2005, p. 144, grifo e tradução nossos), em uma sequência oracional, tem-se:

“(she performed) competently, skilfully, brilliantly.”
“(ela atuou) com **competência, habilidade, brilho.**”

Essa oração é composta de três recursos valorativos que em si reiteram o aspecto do significado de qualidade (**competência, habilidade, brilho**).

Nas duas orações seguintes, os itens valorativos são reiterados, marcando possibilidades de apreciação de tempo ou desconforto, e felicidade, respectivamente,

“It’s hot hot hot”
“Está **quente, quente, quente.**”

“We laughed and laughed and laughed”
“Nós **rimos e rimos e rimos.**”

Em contextos em que a cumulação se dá por via da saturação, há presença de diferentes recursos sequenciados intimamente relacionados semanticamente, os quais reiteram a avaliação, como apresentado abaixo:

“In fact it was probably the most immature, irresponsible, disgraceful and misleading address ever given by a British Prime Minister”

“De fato, foi provavelmente o pronunciamento **mais imaturo, irresponsável, vergonhoso e enganoso** já proferido por um Primeiro-Ministro britânico.” (Martin; White, 2005, p. 144, grifos e tradução nossos)

Os itens **imaturo, irresponsável, vergonhoso e enganoso** reiteram globalmente um julgamento negativo do ponto de vista moral e ético. Ou seja, o comportamento do Primeiro Ministro é considerado inadequado de forma reiterada.

Diante do exposto sobre o sistema da Valoração, ressalta-se que, no contexto de análise, deve-se olhar atentamente para a forma como o falante constrói os valores atitudinais, como ele se posiciona frente a esses valores, e quais valores e/ou posicionamentos recebem maior ou menor investimento autoral. Neste direcionamento, faz-se necessário o entendimento de que

todo o processo de construção global dos significados valorativos está sob a relação que os recursos da Atitude, do Comprometimento e da Gradação mantêm entre si.

Uma vez apresentados os fundamentos teóricos da Sociolinguística Variacionista laboviana e o arcabouço teórico proposto por Martin e White (2005), com recorte para o *sistema semântico-discursivo da função interpessoal da linguagem*, particularizando o sistema de Valoração, passa-se a apresentar a comunidade de fala e a variante em estudo.

3 FEIRA DE SANTANA: A COMUNIDADE DE FALA E O FENÔMENO EM ESTUDO

Esta seção delimita o contexto empírico da pesquisa, tendo como foco a cidade de Feira de Santana enquanto comunidade de fala e apresentando o fenômeno linguístico investigado. Para tanto, organiza-se em duas partes principais. Na primeira (3.1), são descritas as características socio-históricas, culturais e geográficas de Feira de Santana, com o objetivo de fornecer um panorama que contribua para a compreensão da complexidade e da diversidade sociolinguística local. Na subseção seguinte (3.2), intitulada *Tu tá em Feira de Santana?*, o foco recai sobre o fenômeno linguístico em análise. Essa abordagem busca evidenciar aspectos significativos da variação linguística na fala cotidiana dos moradores da cidade, com ênfase no uso da variante *tu*, servindo como base para as análises desenvolvidas nos capítulos posteriores.

3.1 CARACTERÍSTICAS SÓCIO-HISTÓRICA, CULTURAL E GEOGRÁFICA DA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA

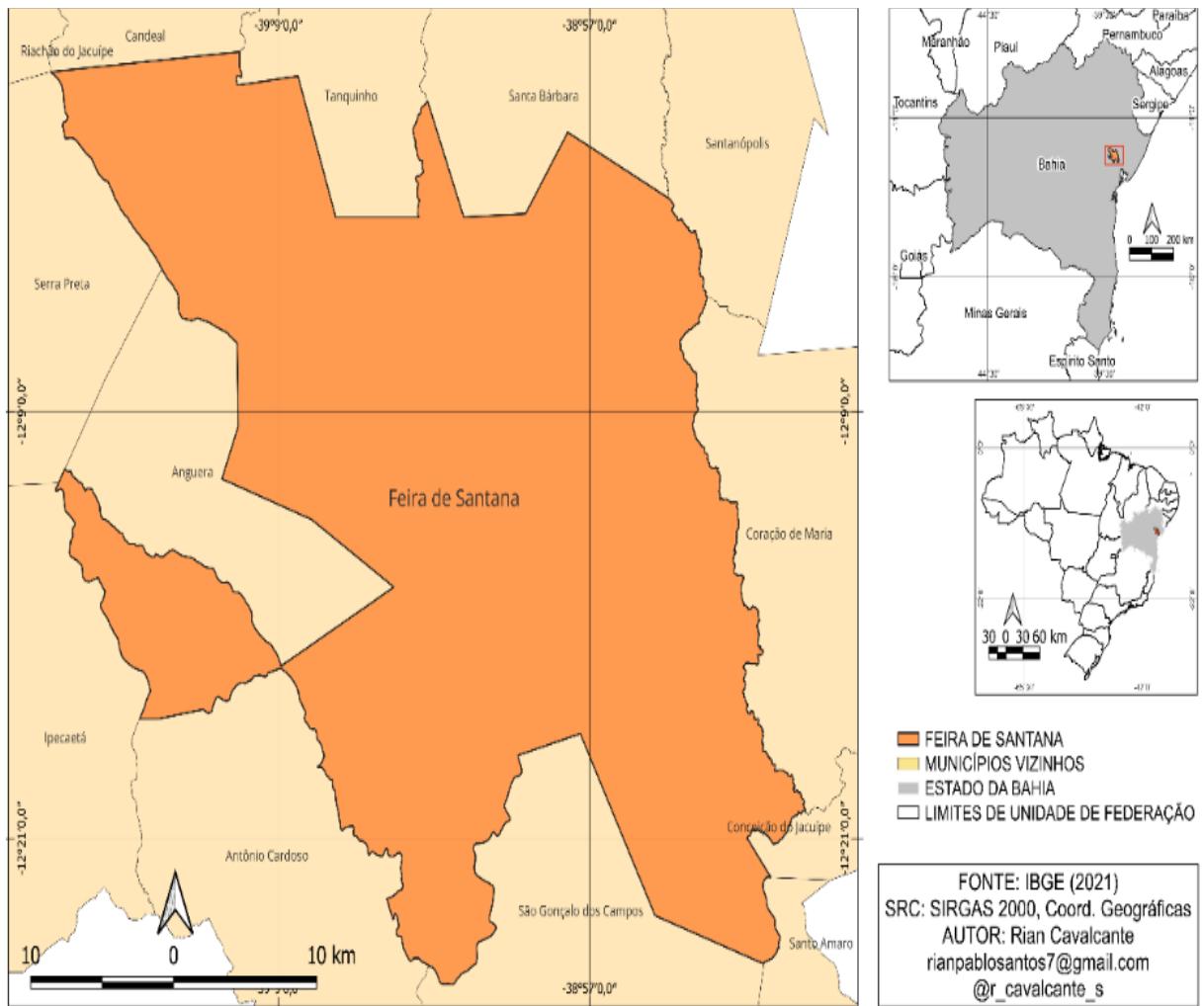
De acordo com Andrade (1990), Feira de Santana foi criada pela resolução provençal de 05 de maio de 1832, data que marca o desmembramento deste município do de Cachoeira. Feira passou por vários topônimos até chegar ao que hoje está registrado oficialmente: de Feira de Santana dos Olhos d’Agua (final do século XVIII)⁴⁴, passa a ser chamada, em 1833, de Villa do Arraial de Feira de Sant’Anna. Devido à Lei Provincial no 1.320, de 16 de junho de 1873, passa a Cidade Comercial de Feira de Santana. Os Decretos Estaduais 7.455 e 7.479, de 23 de junho e 8 de agosto de 1931 simplificam o nome para Feira. O Decreto Estadual N º 11.089, de 30 de novembro de 1938, oficializou a denominação do município como Feira de Santana. A cidade também é conhecida por epítetos: “Princesa do Sertão”, “Portal do Sertão”, “Paraíso com nome de Feira⁴⁵”.

⁴⁴ Nesse período, a cidade era conhecida como Fazenda Sant’Anna dos Olhos D’Água, Santana dos Olhos d’Agua ou Feira de Santana dos Olhos d’Agua. “[...]. Santana dos Olhos d’Agua é uma nomeação que decorre da existência de nascentes associado ao nome da padroeira da cidade (Nossa Senhora Sant’Anna), e a nomenclatura Cidade Comercial de Feira de Santana surge em virtude da sua origem como Feira-livre e centro de comercialização do gado (Brito; Santos; Freitas, 2021, *apud* Brito; Freitas, 2023, p.325).

⁴⁵ “Princesa do Sertão foi conferido por Rui Barbosa quando em campanha presidencial em 1919. [...] Portal do Sertão foi conferido pelo prefeito Jose Ronaldo de Carvalho na gestão municipal entre 2001 e 2004, durante a delimitação e idealização dos territórios de identidade (Brito; Santos; Freitas, 2021, *apud* Brito; Freitas, 2023, p.325). O epíteto “Paraíso com nome de Feira” foi atribuído por Georgina Erismann – feirense, professora, declamadora pianista, musicista, compositora –, autora da letra e música do Hino de Feira de Santana, obra na qual consta o citado epíteto (cf. Anexo A). Há também o primeiro hino à Feira de Santana, *Hymno Municipal*, composto pelo maestro Tranquilino Bastos, em 1899, e por muitos anos foi o hino oficial da cidade, mesmo não tendo letra, só melodia. Informações disponíveis em: [https://academiafeirense de letras.com.br/primeiro-hino-a-feira-de-santana-composto-ha-122-anos-pelo-maestro-tranquilino-bastos/](https://academiafeirensedeletras.com.br/primeiro-hino-a-feira-de-santana-composto-ha-122-anos-pelo-maestro-tranquilino-bastos/). Acesso em: agosto, 2025.

Feira de Santana é a segunda cidade mais importante da Bahia, perdendo em importância apenas para a capital, Salvador. Município que funciona como referência para toda uma microrregião que dele depende em termos de relações comerciais e de deslocamento. Este município encontra-se em uma zona de transição entre as terras do Recôncavo – ponto de partida do projeto colonial lusitano – e os tabuleiros⁴⁶ do semiárido do interior. Devido à sua posição fronteiriça entre duas áreas paisagísticas diferenciadas, sua importância como rota de ligação manifestou-se desde os alvares de seu surgimento. A Figura 03 localiza Feira de Santana no território brasileiro e mais especificamente no Estado da Bahia.

Figura 03 – Localização de Feira de Santana, Bahia, Brasil

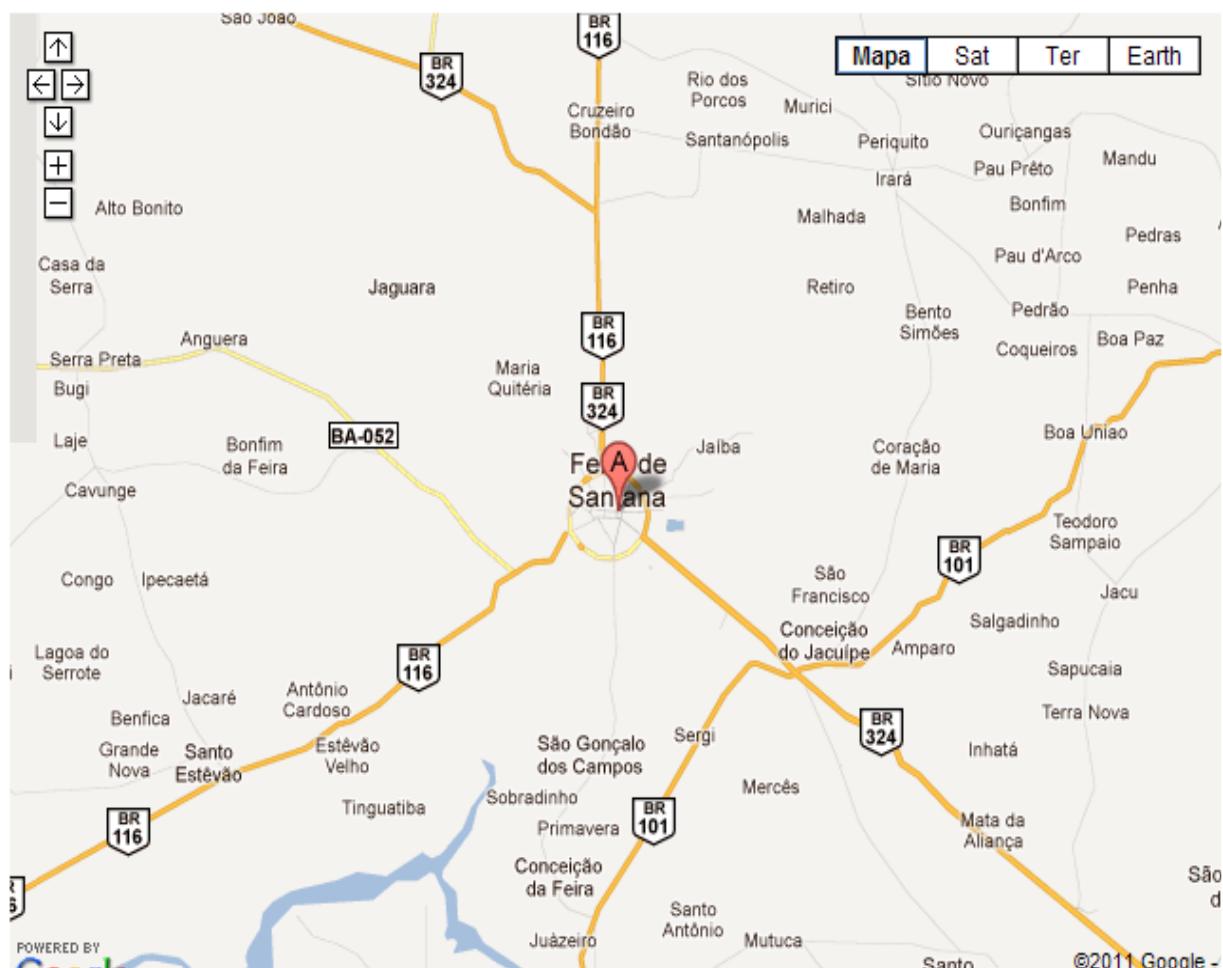


⁴⁶ De acordo com Cassetti (2008), tabuleiro é uma forma de relevo constituída por pequenos platôs, de altitude em geral modesta, entre vinte e cinquenta metros, limitados por escarpas abruptas, denominadas barreiras. Mais frequentes no Nordeste, os tabuleiros podem ser também encontrados no interior da Amazônia e no Espírito Santo. Geologicamente, os tabuleiros são formados de argilas coloridas e arenito da série Barreiras, provavelmente do plioceno, no período terciário, de fácie desértica, desprovida de fósseis.

O município localiza-se em um planalto; o clima é tropical, com temperatura média que gira em torno de 26°C a 37°C. É formada por duas bacias hidrográficas e uma sub-bacia⁴⁷, por rios intermitentes, dentre os quais se destacam o Jacuípe, o Subaé, o Salgado e o Rio do Peixe, e lagoas. Seus limites territoriais são: ao Norte, limita-se com Candeal, Santa Bárbara e Tanquinho, ao Sul, com Antônio Cardoso e São Gonçalo dos Campos, ao Leste, com Conceição do Jacuípe, Coração de Maria e Santanópolis, e ao Oeste, com Anguera, Ipecaetá e Serra Preta.

Pela importância de sua localização geoeconômica, Feira de Santana lidera a macrorregião, abrangendo 96 municípios, com população de, aproximadamente, três milhões de habitantes, sendo um dos maiores entroncamentos rodoviários do interior do país e o maior do Norte e Nordeste. Na Figura 04, encontra-se o mapeamento das rodovias que desenham o anel viário⁴⁸ que contorna toda a cidade.

Figura 04 – Feira de Santana: anel de contorno⁴⁹



Fonte: maps.google.com.

⁴⁷ A bacia do Rio Paraguaçu, com a sub-bacia do Rio Jacuípe, e a bacia do Recôncavo Norte.

⁴⁸ Disponível em: <http://maps.google.com/>. Acesso em: fev., 2025.

⁴⁹ O anel de contorno ou anel viário (ou Av. Eduardo Fróes da Mota) de Feira de Santana é um projeto de rodovia que visa contornar a cidade, desviando o tráfego de passagem e aliviando a pressão nas vias urbanas.

O entroncamento rodoviário de Feira de Santana é cortado por três rodovias federais: BR 101, 116 e 324, e quatro das 63 rodovias estaduais: BA 052, 502, 503 e 504, favorecendo uma corrente e concentração de fluxo de população, mercadorias e dinheiro, num entreposto que liga o Nordeste ao Centro Sul do Brasil, na fronteira da capital Salvador com o sertão, do Recôncavo aos tabuleiros do semiárido da Bahia.

Distante 115 km da capital baiana, pela BR 324, Feira de Santana representa a segunda economia regional da Bahia, com amplitude de vínculos econômicos e relações de transações comerciais de um complexo de regiões com sua economia diversificada, agropecuária, comércio, indústria e serviços de apoio urbano; o município ostenta posição de centro distribuidor da produção regional e polo de negócios e atividades dinâmicas. A Figura 05 mostra a região de influência geográfica interna e externa da cidade. Ou seja, mostra como esta cidade se organiza e interage geograficamente.

Figura 05 – Região de influência geográfica, interna e externa, da cidade de Feira de Santana (Continua)

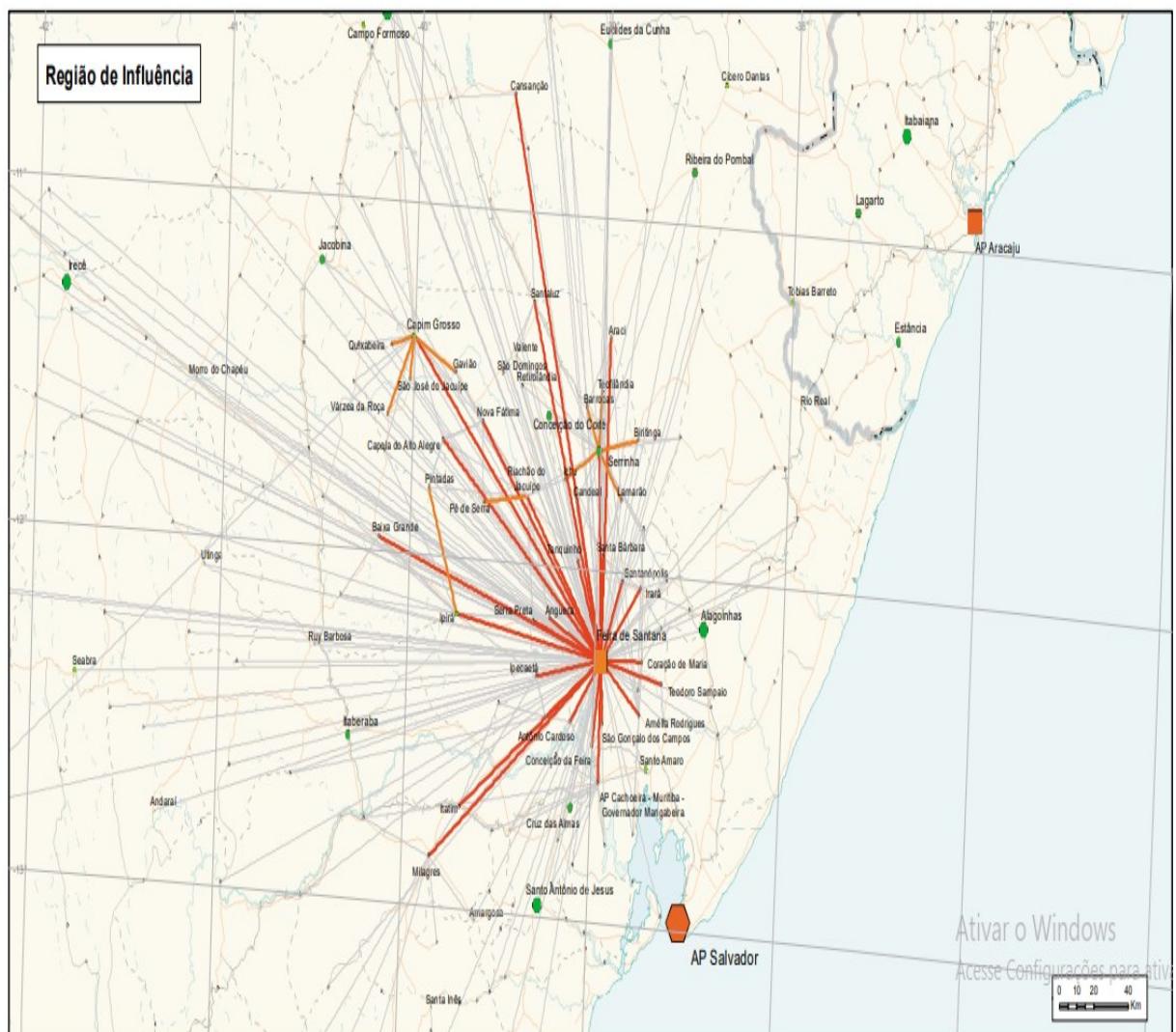


Figura 05 – Região de influência geográfica, interna e externa, da cidade de Feira de Santana (Conclusão)



Fonte: IBGE, Mapa 32 – Feira de Santana (BA) – Capital regional B (2B), 2018, p. 48.

Dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2022) mostram que Feira de Santana é composta de 616.272 mil habitantes – com estimativa, para o ano de 2024, de 657.948 pessoas, tendo uma área de 1.338Km², com densidade demográfica de 472,45 hab./km⁵⁰. Em agosto do corrente ano (2025), este Instituto apresenta uma estimativa de 660.806 habitantes⁵¹. O IBGE não registrou o quantitativo da população para a zona urbana e zona rural⁵². Para Brito, Santos Janio e Freitas (2021), o atual

⁵⁰ Informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>
Acesso em: jan de 2025.

⁵¹ Informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>
Acesso em: agosto de 2025.

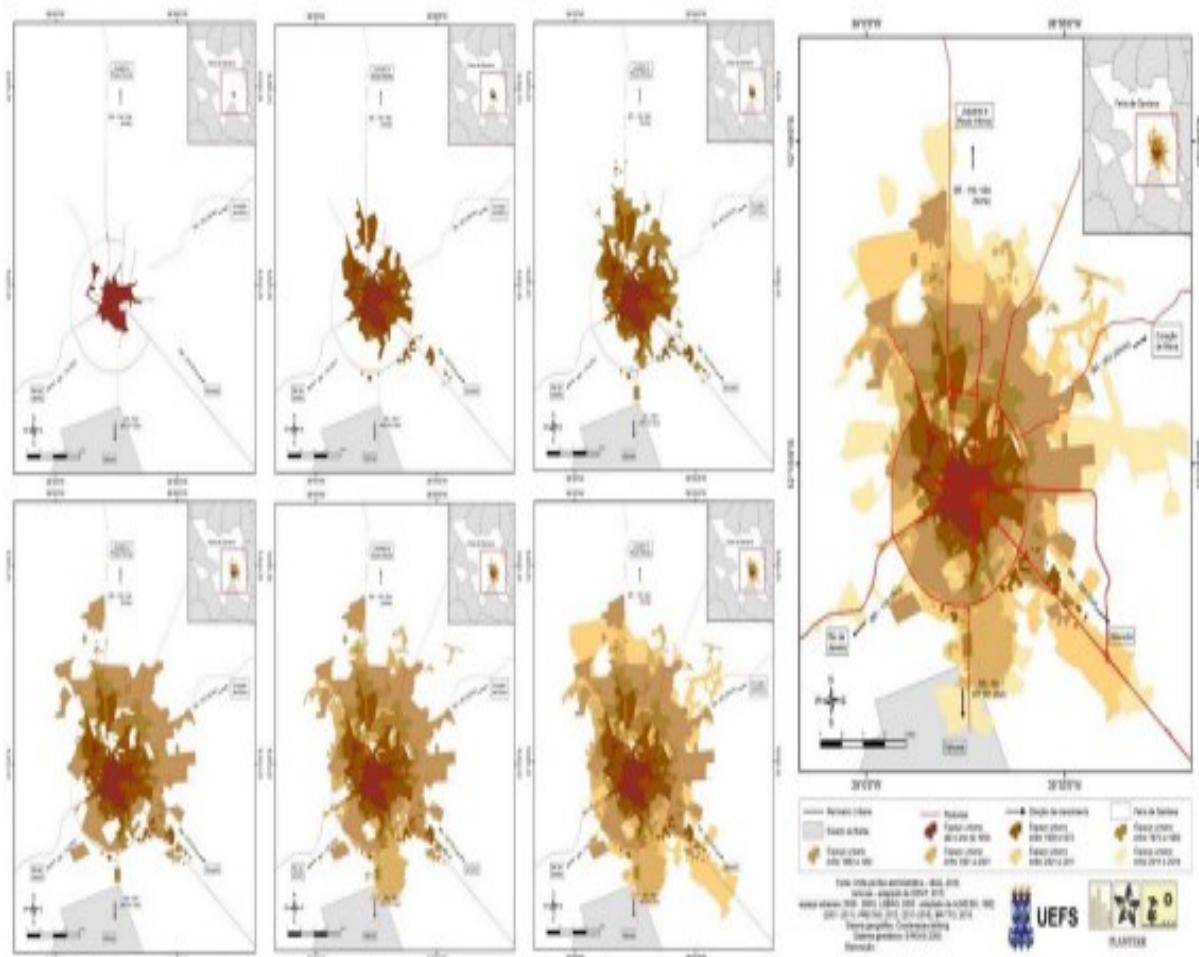
⁵² No último censo de 2022, o IBGE computou, para a população geral do Brasil, 203,1 milhões de habitantes. Destes, 177,5 milhões (87,4%) vivem em áreas urbanas e 25,6 milhões (12,6%) vivem em zona rural. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: Jan. de 2025.

cenário urbano de Feira é influenciado pela implantação dos empreendimentos imobiliários, pelas ações do Estado e pela acessibilidade proporcionada pelas principais vias de acesso, elemento que sempre esteve em evidência no desenvolvimento da cidade.

[...] pode-se afirmar que os principais vetores do crescimento da mancha urbana de Feira de Santana seguem a direção das rodovias, por exemplo: Eixo de crescimento sul – BA 502/BR 101; Eixo de crescimento sudeste – BR 324; Eixo de crescimento nordeste – BA 503; Eixo de crescimento norte – BR 116/324 (Brito; Santos Janio; Freitas, 2021, p. 263).

A Figura 06 apresenta a expansão urbana⁵³ do território feirense entre os anos de 1959 e 2018.

Figura 06 – Feira de Santana: expansão urbana, entre 1959 e 2018



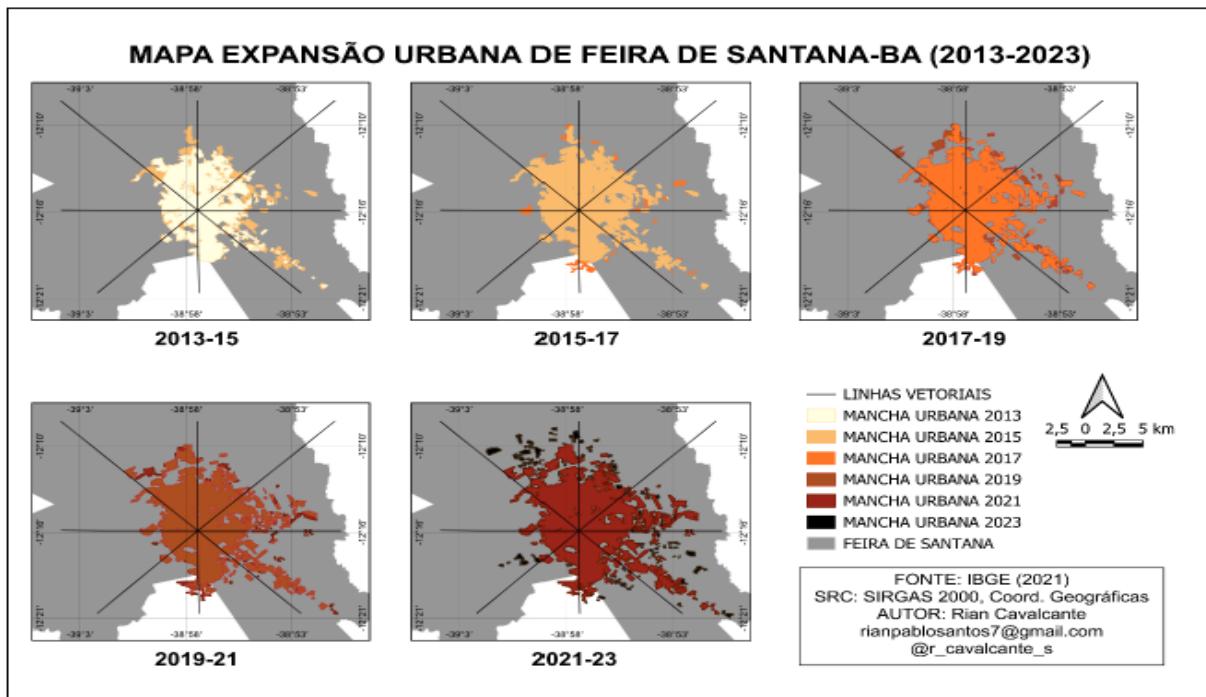
Fonte: Brito, Santos Janio e Freitas (2021, p. 263).

⁵³ No contexto da literatura que trata da expansão urbana de Feira de Santana, não foram encontradas pesquisas mais atualizadas. Ou seja, pesquisas que trazem dados dos últimos sete anos.

Em pesquisa intitulada *Urbanização, escolarização e variação linguística em Feira de Santana-Bahia (século XX)*, Almeida (2012) credita o processo acelerado de urbanização, nas primeiras décadas do século XX, a uma tentativa de democratização da escola na década de 30 e à migração interna entre os anos 40 e 50. A autora relata também que este movimento populacional envolveu moradores da zona rural que migravam para a zona urbana da cidade e pessoas de outros estados do Nordeste, pernambucanos, paraibanos, alagoanos e sergipanos (“nortistas”), que aqui chegavam em busca de melhorias em razão da escassez de água. A malha urbana foi ampliando-se, descreve Almeida (2012), quando da expansão industrial em 1960, intensifica-se, em 1970, com a criação do Centro das Indústrias de Feira de Santana (CIFS) e do Centro Industrial Subaé (CIS), o que fez com que pessoas de toda região viessem se instalar aqui em Feira, mesmo que algumas temporariamente. Almeida (2012, s. p.), com base em Silva (1989), traz dados significativos proporcionados, a longo prazo, pela instalação das indústrias: “[...] a cidade, que, até o ano de 1950, apresentava 68.03% de sua população residindo na zona rural [aumentou] em muito o seu contingente populacional, de modo que, em 1996, 87.45% da sua população residia na zona urbana.”

Santos Rian, Santos Bethsaide e Santos Rosangela (2024) analisaram a expansão da mancha urbana no período de 2013-2023 e observaram que, no primeiro biênio, houve considerável crescimento da mancha urbana da cidade de Feira de Santana em diversas direções, com aumento de 27,929%. Os citados autores creditam este resultado à promulgação da “Lei Complementar 75/2013, que criou novos bairros na cidade de Feira de Santana [...] [e da] Lei Complementar 86/2014, que reordenou o uso e a ocupação do solo da cidade.” Tal resultado se sobrepõe aos resultados para os biênios posteriores: 8,165%, para 2015-2017; 10,143%, para 2017-2019; 8,48% e 7,634% entre 2019-2021; e 11,345%, para 2021-2023. Para este biênio, os autores destacam que houve um crescimento urbano considerável de 49,324% no perímetro da área em relação aos outros biênios. Na Figura 07, encontra-se a evolução da mancha urbana feirense em biênios.

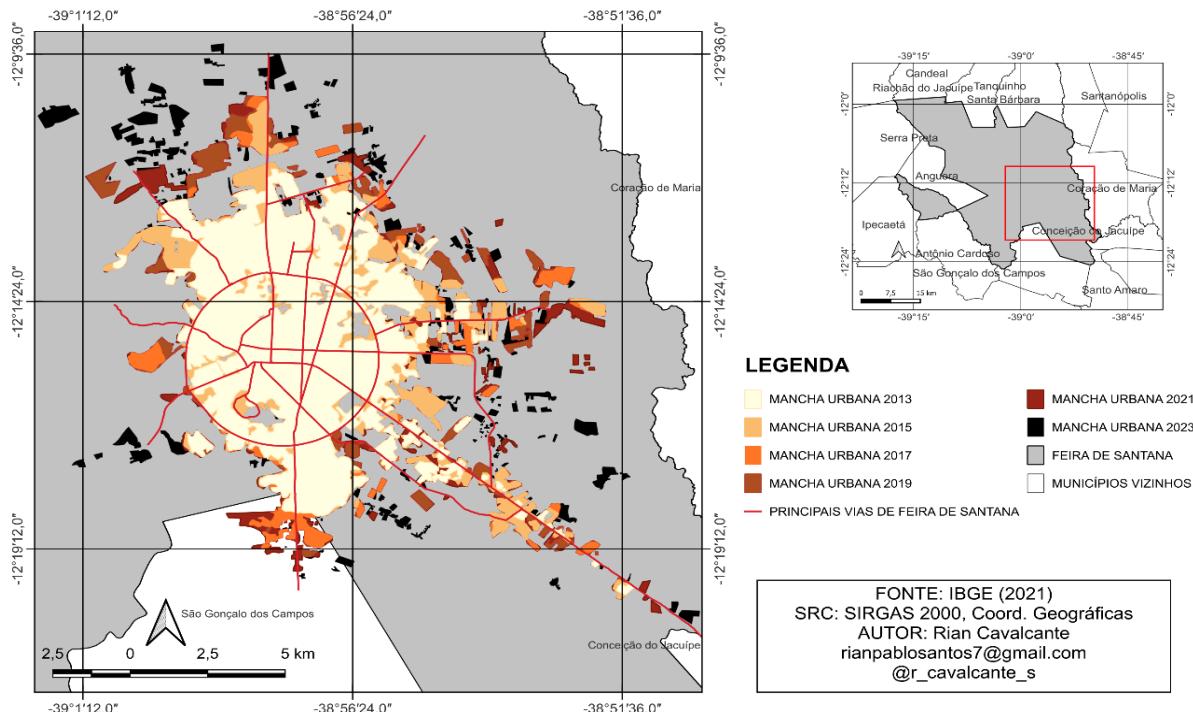
Figura 07 – Evolução da mancha urbana da cidade de Feira de Santana, em biênios (2013-2023)



Fonte: Santos, Rian; Santos, Bethsaide; Santos, Rosangela, 2024 s.p.

Santos Rian, Santos Bethsaide e Santos Rosangela (2024, s. p.) apresentam a expansão urbana da cidade feirense sobrepondo todo o período estudado, Figura 08.

Figura 08 – Localização da mancha urbana de Feira de Santana-Ba entre 2013-2023



Fonte: Santos, Rian; Santos, Bethsaide; Santos, Rosangela, 2024 s.p.

Conforme Mattos e Silva (2004), o conhecimento de aspectos sócio-históricos e demográficos é importante para uma melhor caracterização de uma língua, como o português brasileiro (PB), que é marcado por uma grande variação linguística, devendo-se considerar, por exemplo, as “muitas histórias” de contato linguístico e dialetal. Nesse sentido, de acordo com Araújo e Almeida (2010), Feira de Santana é rica para discussões sobre contatos dialetais, já que esta cidade é conhecida por ser um dos maiores entroncamentos rodoviários do norte-nordeste e, por isso, recebe pessoas de diversas regiões do país. Contexto este reforçado pela vasta região de influência geográfica, tanto interna quanto externa, apresentada por esta cidade, como registrado no mapa da Figura 05 (p. 71-72). É seguro que o estudo da formação sócio-histórica da variedade linguística falada em Feira de Santana contribui para a descrição da História Social do PB assim como para o entendimento da avaliação social subjetiva consciente e inconsciente dos (as) feirenses frente à variante *tu*.

O surgimento das cidades mostra-se, ao longo da História da humanidade, indissociável de uma relação com um ponto de atração ao redor do qual se congregam grupos humanos em processo de sedentarização. Para o urbanista Mumford (1999), os primeiros aglomerados urbanos – ainda sob forma de aldeamentos pré-históricos – teriam surgido a partir de um local tido como sagrado por suas características peculiares que os diferenciavam da realidade paisagística ao redor. Os homens iam e vinham para um ponto específico para nele realizarem ritos, mas também para formarem uma congregação temporária que posteriormente poderia evoluir para um local fixo de habitação. Uma outra possibilidade por ele aventada é a de que pontos temporários de reunião de grupos nômades em processo de deslocamento podem ter funcionado como polo de atração magnética que faziam convergir de pontos distantes grupos populacionais que se assentavam ao redor de uma feira, de área de trocas comerciais e de comercialização esporádica de produtos apreciados por seu valor diferenciado.

A cidade de Feira de Santana – *locus* do estudo que ora se realiza nesta pesquisa que o leitor tem em mãos – traz em seu nome inserido o elemento identitário e o arquétipo mais antigo associado ao universo urbanístico: as feiras e os pontos de passagem a interligar duas zonas opostas, unindo o liso e o estriado, ou o escasso ao abundante. A Figura 09, intitulada *Mercado na Feira St. Anna*, é do século XIX e marca o ano não especificado de [18--]. Ela é considerada como a foto mais antiga da cidade e registra o elemento identitário, apresentando uma cena da antiga feira livre.

Figura 09 – Mercado na Feira St. Anna



Fonte: site bndigital, [18--]⁵⁴.

Na Figura 09, na parte superior, está escrito “*Prov. Da Bahia*” e na parte inferior, tem-se “*Mercado na Feira St. Anna*”. No resumo do seu registro, encontra-se a descrição: “*Negros no mercado de Feira de Santana, na Bahia.*”

Arrisca-se inferir que a Figura 10⁵⁵ registra uma cena mais atualizada do lugar exposto na Figura 09, pois apresenta a antiga feira livre no centro da cidade, junto ao Mercado de Arte Municipal, construído em 1914 e localizado na Rua Sales Barbosa e Praça da Bandeira, local do registro da cena acima.

⁵⁴ Disponível em: <https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.html>. A foto é da coleção de Thereza Christina Maria e está sob custódia da Biblioteca Nacional (Brasil). O local apresentado da foto pode ser a atual Praça João Pedreira. A feira acontecia na Avenida Getúlio Vargas e se espalhou pela Sales Barbosa, Marechal Deodoro, e por várias transversais no século XX.

⁵⁵ Foto reproduzida por Assunção, em julho de 2024, quando da exposição intitulada *Feira de Santana uma viagem ao passado*, promovida pela Fundação Senhor dos Passos no Boulevard Shopping da citada cidade.

Figura 10 – Antiga feira livre no centro da cidade, junto ao Mercado de Arte Municipal



Fonte: Fundação Senhor dos Passos⁵⁶, 2025, s/d.

O tempo passou e esse espaço ganhou novas configurações com a evolução urbana da cidade. Na Figura 11, encontra-se o registro atualizado desse espaço. Registro feito em comemoração aos 191 anos⁵⁷ de emancipação política de Feira de Santana, comemorados no dia 18 de setembro de 2024. A transição para uma unidade administrativa autônoma, dotada de jurisdição própria e de instâncias locais de governo, representou não apenas a consolidação da estrutura político-administrativa de Feira de Santana, mas também o reconhecimento de sua relevância econômica e social no contexto regional baiano do século XIX. No século XXI, essa importância se ampliou significativamente, e o município passou a exercer influência sobre uma área territorial e socioeconômica muito mais extensa, consolidando-se como um dos principais polos urbanos e comerciais do interior da Bahia.

⁵⁶ <https://fundacaosrpassos.com.br/>

⁵⁷ No dia 18 de setembro de 2025, Feira de Santana completou 192 anos de emancipação política.

Figura 11 – “FEIRA 191 ANOS: Mercado de Arte Popular, onde o passado e o presente se encontram”⁵⁸



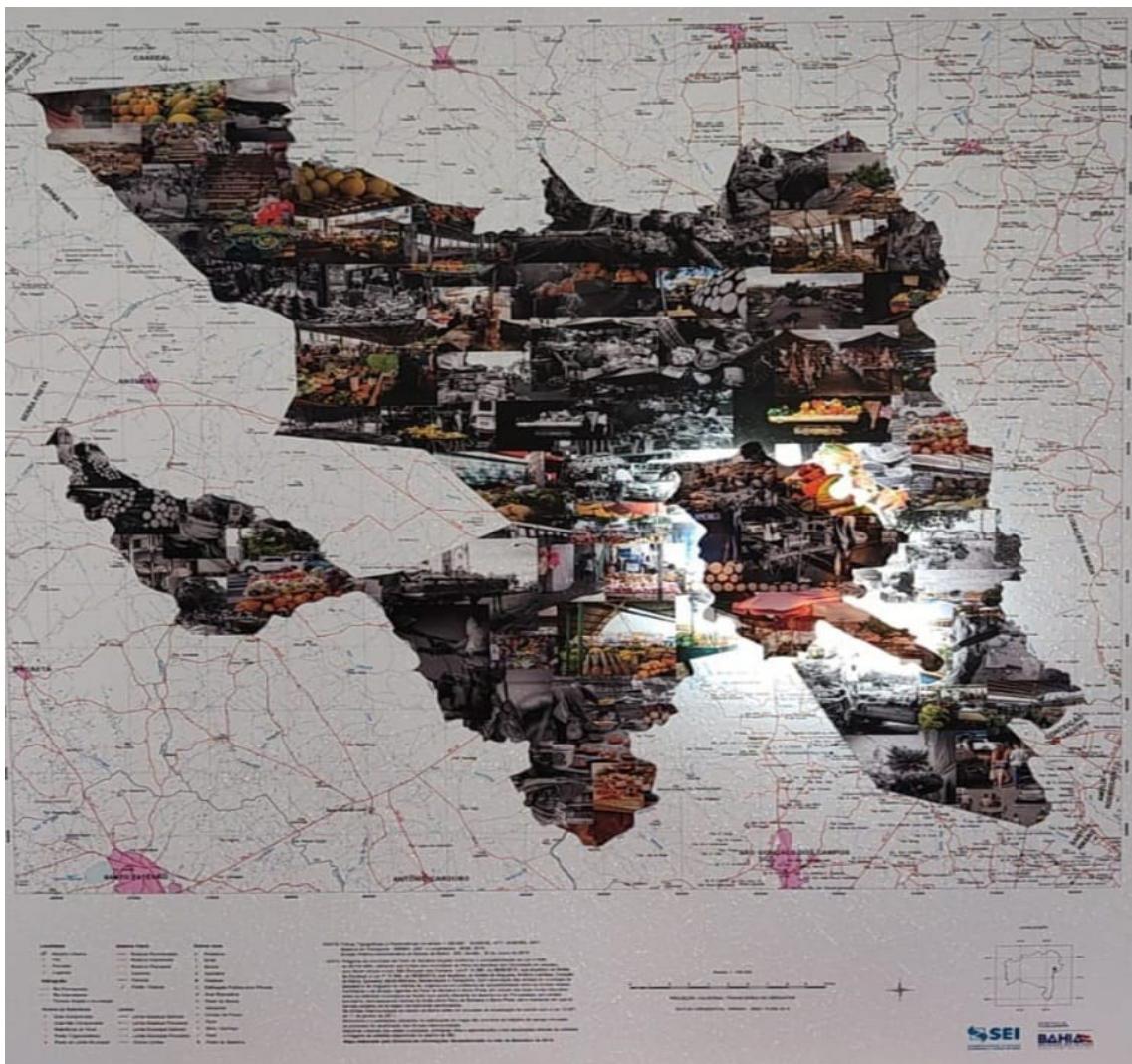
Fonte: ACM e Jorge Magalhães – Arquivo 10/9/2024, 8:19

Na comemoração dos 190 anos de Feira de Santana, em 2023, o economista Nei Rios registra, em tela, a memória da cidade, inserindo, em seu mapa, fotos atualizadas das feiras livres. Na tela, Figura 12, pode-se observar a manutenção das feiras, espalhadas pelos bairros⁵⁹ feirenses, como um dos elementos identitários do município.

⁵⁸ As aspas justificam a apropriação desse título que já acompanhava a imagem. Disponível em: https://www.feiradesantana.ba.gov.br/servicos.asp?titulo=FEIRA-191-ANOS:-Mercado-de-Arte_Popular,-onde-o-passado-e-o-presente-se-encontram.html&id=56&link=secom/noticias.asp&idn=37893

⁵⁹ “A ideia da tela surgiu da vontade de registrar essa memória da Feira do Semiárido. Medindo 1.5m x 1.72m, a belíssima tela deverá ter uma nova versão, dessa vez com todas as feiras da zona urbana mostradas exatamente em seus locais de realização” (Feira de Santana, Ba, 2023).

Figura 12 - “Feira 190 anos: uma cidade cercada de feiras livres por todos os lados⁶⁰”.



Fonte: Nei Rios/ Feira de Santana, 2023⁶¹.

O autor desta tela expressa o quanto as feiras livres são fontes significativas para a história e formação de Feira de Santana e para a construção da identidade do feirense.

“Cada uma no seu lugar”, reforça Nei Rios, para quem as feiras, por si só, contam a história da cidade. “É uma espécie de shopping no chão, onde se encontra tudo”, define, citando a praça Bernardino Bahia (ou do Lambe Lambe), “onde o velho e o novo, o rural e o urbano se encontram todos os dias” (Feira de Santana, Ba, 2023).

⁶⁰ As aspas justificam a apropriação desse título que já acompanhava a imagem. Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.leg.br/feira-190-anos-uma-cidade-cercada-de-feiras-livres-por-todos-os-lados>. Acesso em: fev., de 2025.

⁶¹ Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.leg.br/feira-190-anos-uma-cidade-cercada-de-feiras-livres-por-todos-os-lados>

Feira de Santana é um aglomerado urbano estrategicamente inserido num ponto privilegiado ou numa intersecção de caminhos que conduzem a zonas opostas: terras áridas e o litoral. Duas concentrações habitacionais onde vigoram conceitos civilizacionais resultantes de formações históricas diferenciadas.

O surgimento da cidade feirense se encontra atrelado ao processo de expansão da fronteira colonial. A marcha se dava dos modestos núcleos habitacionais urbanos estabelecidos junto às faixas litorâneas em direção ao interior. Esse movimento de povoamento inicialmente se fazia na esteira das ações predatórias contra grupos indígenas tidos como inimigos da presença lusitana. Num segundo momento – havendo sido alcançadas vitórias que fizeram recuar para pontos ainda mais interioranos os habitantes originais da terra –, o expansionismo geográfico se dá no rastro das tropas de boiada que marchavam guiadas por seus condutores, que buscavam áreas para estabelecerem fazendas. Carneiro (1980) diz que os primeiros bovinos vieram junto com a frota que trouxe o primeiro Governador-Geral, Thomé de Souza, em 1549. Quem os trouxe foi nada menos que Garcia d'Ávila, à época ainda um jovem tentando fazer fortuna e que, em pouco tempo, seria o homem mais rico da Bahia quinhentista. Boaventura (1989) observa que a este pecuarista cabe incontestavelmente o mérito de ter sido o primeiro a dar as costas ao litoral e se embrenhar pelo interior em demanda de apropriação territorial. As iniciativas exploratórias por ele organizadas, embora não tenham apresentado a extensão das Entradas organizadas por iniciativa do poder régio, espalharam inumeráveis currais e expandiram a fronteira até limites dos rios Real e São Francisco.

Se as levadas iniciais de exploradores não se fixavam em ponto algum, demandando incessantemente por miríficas paisagens onde encontrariam riquezas minerais abundantes e aldeias para serem esvaziadas de seus habitantes em condições de trabalho, o condutor que tangia seus rebanhos aspirava uma zona de pouso e fixação. Portanto, ainda que aparentados, no seu intento último, conseguir facilmente riquezas, o sertanista e o vaqueiro guardam suas distâncias e suas peculiaridades. A um, interessava o deslocamento incessante de nômade insatisfeito e jamais saciado, sempre pronto a ir ainda mais longe e a perseguir quimeras geográficas; ao outro, motivava a criação de uma célula de produção rural em pequena escala e baseada na criação de animais destinados a fornecer carnes para os colonos do litoral. Ao segundo, coube a iniciativa de erguer áreas de pouso e pontos de encontros que posteriormente funcionariam como polos de atração de viajantes.

Feira de Santana surge, dessa forma, desde seus primórdios em termos de registros históricos, associada à ideia de polo de atração de peregrinos em demanda de seus objetivos vários. Sua localização geográfica interposta entre estradas que se cruzam se situa numa zona

de convergência para a qual forçosamente há de se dirigir aquele que parte do litoral em busca do sertão. Sua vocação foi desde sempre a de abrigo temporário para viajantes e nômades. Uma imensa estalagem de beira de estrada que recepciona caminhantes que necessitam de abrigo temporário enquanto refazem as forças para prosseguir com seu deslocamento. Abrigo e também grande mercado no qual se podem realizar negócios variados e vantajosos. Portanto, ponto de convergência de interesses múltiplos, dentre os quais, os de ordem comercial exercem função preponderante.

A dicotomia sertão-litoral é presença assegurada nas discussões sobre expansão da fronteira da Bahia colonial. Os bandeirantes responsáveis pelas muitas Entradas rumo ao interior das terras, até então sob controle dos habitantes originais, representaram um forte impulso de conquista da terra e do massacre de seus moradores. Mesmo antes de existir enquanto cidade, vila ou mesmo como mera transição entre a maloca e aldeia, Feira de Santana já realizava uma síntese entre essas duas possibilidades, litoral-sertão. A sua condição favorecia isso por margear caminhos de tropas de boiadas e de percurso de sertanistas e suas expedições auríferas. Em certa medida, o vaqueiro é um nômade que se fixou em dado ponto e conserva ainda padrões de conduta que remetem a um ideário de errância. Portanto, a cidade em estudo funcionou, e ainda funciona, como uma antecâmara do sertão e também como área de pouso temporário para aqueles que desejam adentrar um território desconhecido, ainda que *locus* de habitação de uma alteridade fascinante.

Antes da chegada das primeiras levas de povoadores europeus que desbravaram a região que hoje corresponde a Feira de Santana em fins do século XVI, o território era ocupado por dois grupos indígenas, os Paiaiás e os Aimorés, ambos integrados a uma macro denominação – ainda que destituída de fundamentação científica – a dos tapuias, como registram documentos relativos ao período (Galvão, 1982). Na Bahia colonial, durante a fase inicial de colonização, grosso modo, duas grandes “nações” indígenas ocupavam o litoral e o interior. À primeira, cabia a designação de Tupis, aos interioranos, a de Tapuias. Significativas diferenças que se situavam muito além da denominação a eles atribuída pelo colonizador os particularizavam. A começar pelo fato de que essa classificação tipológica proposta era artificial e reunia de modo arbitrário etnias rivais entre si. Acerca da segunda etnia indígena que habitava a região que hoje corresponde a Feira de Santana, os Paiaiás, as informações disponíveis são igualmente escassas e pouco conclusivas. Quase tudo o que se sabe sobre o funcionamento dessas sociedades ameríndias, que desafortunadamente travaram contato com os lusitanos em seu processo de invasão de fronteiras, deriva de uma massa documental produzida por agentes coloniais diversos (soldados, colonos, cronistas, missionários, pecuaristas, sertanistas etc.). Ou seja, trata-

se de informações filtradas pela perspectiva desses sujeitos e devidamente contaminadas por suas estruturas mentais, preconceitos e visões etnocêntricas de realidade.

Os Paiaiás se espalhavam pelos vales dos rios Paraguaçu e Jacuípe. De acordo com o que se deduz de relatos de documentos associados à presença da família Viegas nas cercanias das Itapororocas, esses povos indígenas se concentravam na região em torno do núcleo de povoadores portugueses liderados pelo já citado Viegas. A contribuição dessas duas etnias (Paiaiás e os Aimorés) para a formação histórica de Feira de Santana se evidencia nos legados simbólicos por elas deixados. Isso se faz notar em vários campos, a começar pelos vestígios de suas culturas materiais que se incorporaram ao universo da cultura popular, notadamente no universo rural. A palavra roça e sua prática – ou seja, a de uma plantação erguida ao redor de uma zona de habitação – é de origem indígena, bem como os produtos comumente por ela produzidos: milho, feijão, amendoim, mandioca, abóbora. Toda uma estrutura lexical indígena se incorporou ao universo vocabular sertanejo, como demonstra Sampaio (1949). Não se podendo olvidar a herança imaterial que se manifesta sob forma de tradições, práticas cotidianas, universo vocabular, superstições e credices cujas raízes remontam a um imaginário ameríndio. Obviamente, a isso devem ser associadas também as contribuições trazidas pelos povoadores europeus, principalmente pelos tropeiros e condutores de rebanhos que cruzavam estradas de boiadas.

Historicamente, para a formação da cidade, também a fazenda foi um dos grandes instrumentos de penetração territorial da Bahia colonial. O curral funcionou como elemento de fixação do colono à terra e também fator de agregação social de núcleos dispersos de povoadores. A concessão de sesmarias a donatários proporcionou a divisão das terras baianas em posse de duas casas, a de Tatuapara, de Garcia d'Ávila, e Casa da Ponte, de Antônio Guedes de Brito. Esta última abrangia todo o sertão das Jacobinas e os vales do Paraguaçu e Jacuípe. Abreu (1976) afirma que, por volta do início da segunda metade dos seiscentos, a fronteira de gado já alcançava as margens do Rio São Francisco. Portanto, os rebanhos e seus respectivos condutores transitavam pelo sertão adjacente ao que hoje, grosso modo, corresponde ao território de Feira de Santana.

A sesmaria de Tocós, que pertencia a Antônio Guedes de Brito, foi desmembrada e parte dela vendida a João Lobo de Mesquita e, posteriormente, adquiridas por João Peixoto Viegas em 1655 (Andrade, 1990). O foral de doação régia menciona que este povoador já habitava esta região há pelo menos cinco anos antes e nelas havia estabelecido currais para gado, apesar dos assaltos conduzidos pelos indígenas locais que se recusavam a ceder passivamente aquilo que lhes pertencia:

[...] Faço saber aos que esta carta de sesmaria virem que João Viegas me enviou a representar a petição cujo teor é o seguinte. Diz João Viegas que de cinco anos a esta parte tem povoado com quantidade de gente, gado e escravos, as terras que chamam de Itapororocas e terra nova de Jacuípe nos limites de Cachoeira, termos desta cidade. As quais ele suplicante, houve por título de compra de João Lobo de Mesquita estando despovoadas e inabitadas faz vinte anos pelos assaltos e mortes que nelas haviam feito e faziam muitas vezes, o gentio bravo. E ele, João Batista Viegas as povouou de gados e escravos e moradores com armas e casas fortes de sobrado de pedra e cal, e uma igreja, no que tem feito muitas despesas de fazenda e dado muito crescimento. (Andrade, 1990, p. 157).

Do trecho citado acima, extrai-se a importante informação de que a presença colonizadora na região das Itapororocas (que hoje corresponde ao território do distrito de Maria Quitéria) remonta a tempos anteriores à cessão da sesmaria para Viegas e demais pioneiros que não são mencionados diretamente, mas cuja existência é facilmente deduzível. O texto também declara a existência de uma estrutura defensiva erguida pelos povoadores europeus: “casas fortes de sobrado de pedra e cal”. Um ponto fixo de defesa contra incursões ofensivas dos grupos indígenas locais, os Paiaiás e os Aimorés, ambos tidos pelos cronistas portugueses como bastante aguerridos e prontos para a luta. Por fim, o último elemento a ser destacado, a presença de gado e de fazendas preenchendo o vazio de uma extensa região pouco explorada. Portanto, o quadro era, nas décadas iniciais do século XVI, na região que hoje corresponde a Feira de Santana, de estabelecimento de um núcleo inicial de povoadores, cuja quantidade não é possível especificar, organizados em torno de currais de gado, que provavelmente seria comercializado nas as áreas urbanas do recôncavo baiano.

Desse modo, evidencia-se que o modesto embrião de um núcleo habitacional de colonos portugueses nas Itapororocas se inseria num circuito de trocas de maior amplitude e funcionava como um ponto de apoio de tropas de boiadas em trânsito para o início ou fim da trilha de pastoreio: o recôncavo ou o sertão. Também pela existência de um ecossistema formado por inúmeros mananciais de água potável⁶², a localidade mostrava-se bastante propícia a um processo de fixação ao solo por apresentar abundante presença de elementos vitais ao existir de sociedades humanas sedentárias. Isso, em grande parte, explica a razão de sua crescente importância ao longo dos séculos que se seguiriam. Os dois fatores conjugados – mananciais hídricos em abundância e o situar-se no meio de uma estrada que interligava duas zonas distintas

⁶² Mananciais não sendo tratados e preservados de maneira adequada. Feira de Santana possuía 120 lagoas registradas. Nos últimos 30 anos, restam apenas 60.

– concederam à cidade uma identidade que até hoje conserva: a de área de trânsito temporário e de pousada para viajantes vindos de alhures.

Galvão (1982), a partir de demorada análise de extensa massa documental por ele compilada, recua a data das primeiras presenças de colonizadores portugueses na região das Itapororocas para 1558, ou seja, apenas dez anos após a chegada do primeiro Governador-Geral Thomé de Souza. Essa presença – ainda sob orientação do mesmo historiador – não se constituía em ocupação urbanística ampla; antes, ao que tudo indica, se restringia a algo como um pequeno arraial em torno da propriedade rural de um português identificado como Miguel Ferreira Feio.

Uma ocupação mais efetiva e duradoura do solo da região que hoje corresponde a Feira de Santana encontra-se associada por uma certa matriz historiográfica a uma das muitas fazendas que surgiram após o desmembramento da sesmaria de João Viegas, a de Santana dos Olhos d’Agua, de propriedade de um casal de portugueses, Domingos Barbosa e Ana Brandão, no limiar do século XVIII. A versão mais aceita dessa narrativa diz que uma capela foi erguida nos limites da citada propriedade e funcionava como um polo de atração para peregrinos e viajantes que percorriam as estradas que ligavam o alto sertão às zonas úmidas do recôncavo baiano (Poppino, 1968).

Nas terras adjacentes à capela, assentamentos urbanos foram fixados, bem como uma feira de gado que atraía considerável número de interessados advindos de regiões das mais distantes. Este teria sido o núcleo inicial da futura cidade. O crescimento de sua mancha urbana bem como o incremento populacional daí decorrente se associam à sua posição geográfica situada na confluência de estradas de boiadas. Os maiores centros populacionais da Bahia de então se situavam nas cidades de Cachoeira e São Félix e na Capital, Salvador. Todos estes centros se encontravam interligados por laços econômicos ao assentamento erguido em torno da fazenda do casal de pioneiros portugueses.

Portanto, a futura cidade desponta desde seus primórdios economicamente vocacionada para o comércio. Sua posição geográfica permite rede de trocas de produtos, trânsito de manadas de gado sendo tocadas por boiadeiros que, nalguns casos, tinham como meta final outros Estados do Brasil colônia de então. Poppino (1968) diz que, no século XVIII, duas grandes estradas de importância econômica estratégica cortavam a região de Feira de Santana, a estrada Real, que interligava o povoado nascente ao recôncavo, onde ficava o porto fluvial nas margens do Paraguaçu; e a estrada das boiadas, que tinha como meta final a capital, Salvador. Por conta dessa importância, a localidade foi elevada à condição de povoado, em 1819. Na primeira metade do mesmo século, a pequena vila já era um centro econômico de grande relevância no cenário estadual, principalmente em decorrência da feira livre e do comércio de gado bovino.

No ano de 1873, foi finalmente elevada à condição de cidade por força de uma lei provincial promulgada em 16 de junho daquele ano, como já dito.

Urbanisticamente, as modernas cidades brasileiras se assemelham: gigantescos depósitos de gente que se amontoam por entre paredes de concreto. Desigualdades sociais que se expressam em aglomerados subnormais convivendo lado a lado com bairros de classe média alta. O espaço urbano transformado num bem de consumo destinado aos que podem pagar por ele. Aos demais, aos desfavorecidos, ficam destinadas as zonas periféricas ou o alto das encostas daquilo que outrora foram morros cobertos por espessa paisagem. Como resultado dessas condições insalubres de existência, explodem as formas mais duras de violência. A insegurança permeia junto de crises de valores associadas a desordens interiores. Cenário de crise aguda que se intensifica a partir do acúmulo de incertezas diárias. Os aglomerados urbanos de médio porte, para a grande maioria dos que neles habitam, remetem ao horror e à insatisfação perene. Caldeirão fervilhante que resulta do somatório amplo de inúmeros grupos humanos que nela convive com suas respectivas demandas, que não necessariamente se coadunam entre si, a cidade é a imagem invertida de uma paisagem edênica idealizada.

Ainda em termos urbanísticos, os centros urbanos de médio porte – entre os quais Feira de Santana se inclui – se equivalem; contudo, em termos humanos, ou sociais, diferenças se fazem notar. O homem é animal político, conforme ensina a lição de Aristóteles. Isto significa, dentre outras tantas coisas, que o instinto gregário o conduz a um convívio em sociedade e a uma interação com seus pares. Ainda que exista registro de sociedades constituídas por homens em perpétuo deslocamento geográfico – os nômades –, o mais usual é que haja uma busca por assentamentos urbanos como grande referência. As cidades funcionam como um gigantesco buraco negro que atrai, com seu poder gravitacional, multidões em demanda de melhores oportunidades de existência material, ainda que estas se revelem mero ouro de tolo. As rotas migratórias das áreas rurais forçosamente conduzem aos grandes centros. As oportunidades prometidas quase sempre se revelam ilusórias e os viajantes apenas engrossam as fileiras dos excluídos.

A posição geográfica privilegiada fez de Feira de Santana, de tal modo, uma cidade mercantil; Feira sempre foi zona de trânsito ou corredor de tráfego a interligar pontos distantes. Mais que simples ponto de interligação, a cidade facilitou, ao longo de sua formação histórica, o intercâmbio comercial ao funcionar como ponte para intermediar o escasso ao abundante. Por essa condição, muitos foram e são continuamente atraídos para um centro de pouso que acolhe viajantes.

Por todas essas condições, a comunidade de fala aqui em estudo atrai muitos, mas nem todos nela permanecem. Quase um grande dormitório urbano a abrigar levas migratórias ou grupos em deslocamento em demanda de melhores condições de existência. É uma cidade que comporta grande contingente populacional vindo de regiões circunvizinhas ou de outros estados. Dadas as incertezas da sorte, muitos daqueles que se aventuram numa travessia se perdem no meio da jornada e ficam para trás e acabam se fixando em um dos trechos do trajeto. Polo urbanístico que congrega influências culturais diversas, falares regionais e tradições próprias de suas respectivas regiões e que aqui encontram abrigo. Tal qual os antigos impérios multiétnicos – dos quais o Austro-húngaro foi o exemplo mais significativo – que abrigavam dentro de suas fronteiras variados grupos étnicos, Feira de Santana é uma cidade que congrega amplitude de imigrantes provindos de pontos distantes do Brasil.

A cidade, como já apontado, possui muitos epítetos – “Paraíso com nome de Feira”, “Princesa do Sertão” – dentre os quais, um deles parece retratar com maior fidelidade aquilo a que se propõe: “Portal do sertão”. Imenso pórtico geográfico que permite acesso a uma ampla área que, apesar de suas condições climáticas adversas é habitada por grande contingente populacional. Normal, portanto, que essa população, em deslocamento em direção ao litoral, ou fazendo caminho inverso, por aqui se estabeleça. Mas não apenas sertanejos que abeiram da cidade ou nela fixam moradia definitiva. Grupos outros percorrendo estradas federais que interligam Estados do extremo sul ao nordeste também devem ser incluídos neste número. Como consequência, Feira de Santana abriga muitos nordestinos que, por motivos variados, abdicaram de seus projetos migratórios para localidades mais longínquas e ergueram suas moradias nesta localidade. A abertura de estradas federais e estaduais, na década de 50, favoreceu um desenvolvimento demográfico e urbanístico de peso (Carmo, 2016).

A densidade demográfica, que na década de 60 era de 105,9 hab/Km², pulou para 457,4 hab/Km², segundo dados apresentados pelo IBGE, no censo de 2010 (Brasil, 2010). Um expressivo aumento que resultou na criação de um centro de bens e pessoas oriundas de muitas partes do país. Dois outros acontecimentos devem ser assinalados: a criação do Centro Industrial do Subaé (CIS) e a fundação da Faculdade de Educação, núcleo a partir do qual teria origem a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)⁶³, no fim da década de 60 e início da de 70, respectivamente.

Embora surgidos em períodos relativamente próximos, os dois empreendimentos – O CIS e a UEFS – tiveram destinos desencontrados. O Centro Industrial não cumpriu suas

⁶³ Criada pela Lei n.º 2.784, de 24 de janeiro de 1970.

promessas de desenvolvimento econômico da região e criação de cifras significativas de novos empregos. Grande foi a quantidade de imigrantes que aportaram na cidade na esperança de renda e inserção no mercado formal de trabalho e encontraram apenas desemprego. De acordo com Carmo (2016), esse contingente de trabalhadores advindos de outros municípios e mesmo de outros estados da Federação passaram a habitar em áreas periféricas da cidade sob condições habitacionais insalubres. A UEFS, por sua vez, atua como um centro de formação voltado a suprir a necessidade de profissionais especializados, aptos a responder às exigências de um mercado em constante transformação.

Por sua condição de polo de ensino, a referida instituição se tornou polo de desenvolvimento regional ao atrair um numeroso grupo populacional composto por professores, técnicos, pesquisadores e estudantes vindos de diversas áreas do país e mesmo do exterior. Sua área de abrangência abrange cerca de 150 municípios da Microrregião Centro-Norte Baiano. Encontra-se também em Feira, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e várias Faculdades particulares.

Do ponto de vista da densidade demográfica, no que diz respeito à educação básica, não se tem dados específicos. Sabe-se que, segundo dados registrados pelo IBGE (2022),

em 2010, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade era de 97,4%. Na comparação com outros municípios do estado, ficava na posição 199 de 417. Já na comparação com municípios de todo o país, ficava na posição 3079 de 5570. Em relação ao IDEB, no ano de 2023, o IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era 4,4 e para os anos finais, de 3,7. Na comparação com outros municípios do estado, ficava nas posições 316 e 236 de 417. Já na comparação com municípios de todo o país, ficava nas posições 5022 e 4893 de 5570 (BRASIL, 2022).

A pontuação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica varia de 0 a 10. O resultado de 4,4 pontos – para os anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) na rede pública de Feira de Santana, para o ano de 2023 – foi visto como razoável, considerando a meta nacional traçada e alcançada de 6,0 pontos, meta esta estabelecida para o período de 2007 a 2021. Para os anos finais (6º ao 9º ano), o resultado de 3,7 não foi positivo, apesar de se aproximar do resultado nacional, que foi de 4,7 para a meta de 5,5, em 2023, resultado muito abaixo do esperado. Para o ano de 2024, não há registro no IBGE para a cidade de Feira de Santana. O IDEB em todo território brasileiro ainda é muito baixo e o cenário do ensino médio não é diferente; os resultados apresentam-se negativos: a meta nacionalmente traçada, em 2024, foi de 5,2 enquanto o resultado foi de 4,3. Feira de Santana apresenta dados menos negativos ao apresentar um índice de 4,38 para este nível de escolaridade (Brasil, 2023).

Uma vez apresentadas as principais características sócio-histórica, cultural e geográfica da cidade de Feira de Santana, passa-se à contextualização do *uso do pronome tu com a morfologia de 3^a pessoa do singular* nesta comunidade de fala.

3.2 “TU TÁ EM FEIRA DE SANTANA?”

A oração interrogativa que dá título a esta seção – “Tu tá em Feira de Santana?” (DM II1)⁶⁴ – é mais do que uma pergunta. Ao mesmo tempo que questiona a presença do pronome *tu* nesta comunidade de fala, expressa o desejo de um feirense em saber se uma outra pessoa encontra-se na cidade e materializa um modo de interação verbal dos feirenses, respondendo positivamente à primeira questão, considerando que o falante fez uso da variante *tu* para interagir com o seu interlocutor. Com o intuito de dar notícias sobre este pronome, e já atendendo a um dos objetivos elencados neste estudo, atestar o uso do pronome *tu* na comunidade de fala feirense, este espaço está reservado a uma apresentação e discussão do cenário do *uso do pronome tu com morfologia de 3^a pessoa do singular* em Feira de Santana.

3.2.1 O pronome *tu* no território brasileiro

Faraco (2016, p. 136-137) defende que “o Brasil é, até agora, a única sociedade extraeuropeia em que a língua portuguesa se tornou a L1 da maioria absoluta da população”. No entanto, ele enfatiza que “essa hegemonia não significa, claro, homogeneidade. Há, no Brasil, grande variedade regional”, paralelamente à expressiva variação social. Nestes contextos, está o uso do pronome *tu*, com ou sem morfologia de 2^a pessoa do singular, concorrendo entre si, com o pronome *você* e variações e outras formas pronominais. A dimensão da existência dessa variação foi registrada por Scherre *et al.* (2015, p. 138-139) em *Variação dos pronomes “tu” e “você”*; neste estudo, é apresentado um mapeamento sociolinguístico do português brasileiro sob uma análise abrangente da distribuição geográfica e social dos pronomes de segunda pessoa no Brasil. Os autores sistematizam os subsistemas pronominais, considerando não apenas as formas *tu* e *você*, mas também suas variantes (*cê*, *ocê*) e a

⁶⁴Os excertos extraídos da fala descontraída de quatro informantes entrevistados e da fala de três destes informantes em conversas pelo aplicativo *WhatsApp* apresentam o seguinte padrão: letra como código de identificação dos (as) informantes; à primeira letra, seguem o indicativo do sexo (F para feminino e M para masculino), as faixas etárias (I - 25 a 35 anos; II- 45 a 55 anos; e III- acima de 65 anos), e os níveis de escolaridade: 1 – Menor escolaridade ou nenhuma escolaridade (Séries iniciais ou conhecimento mínimo de leitura e escrita); 2 – Média escolaridade (Ensino médio completo); e 3 – Maior escolaridade (Ensino superior incompleto ou completo. Na seção 4, *Procedimentos metodológicos*, p. 133-138, encontram-se os códigos de identificação das amostras.

concordância verbal associada, adotando esse sistema pronominal, conforme proposto por Alves (2015), “como um único fenômeno, com a possibilidade de cinco construções pronominais concorrendo entre si: você, cê, ocê, tu sem concordância e tu com concordância” (Scherre; Andrade; Catão, 2021, p. 168). Com a palavra, os pesquisadores:

A nossa proposta de síntese e de mapeamento é dinâmica e começou a se concretizar em trabalhos de Scherre *et al.* (2009), também com seis subsistemas, mas de forma um pouco diferente da que apresentamos agora. De lá pra cá, com base em leituras adicionais, remodelamos a proposta, que se apresenta por ora também com os seis subsistemas reorganizados (Scherre *et al.*, 2015, p. 138).

Assim, tem-se um mapeamento de seis subsistemas pronominais de segunda pessoa do singular, além das formas senhor/senhora e a forma nula. Uma taxonomia inovadora por integrar critérios geográficos, sociais e linguísticos; dados bastante relevantes para estudos que particularizam a sociolinguística, dialetologia e as teorias de variação de maneira geral.

1. O Subsistema **só você**: uso exclusivo das formas “*você/cê/ocê*”
2. Subsistema **mais tu com concordância baixa**: uso médio de “*tu*” acima de 60% com concordância abaixo de 10%;
3. Subsistema **mais tu com concordância alta**: uso médio de “*tu*” acima de 60% com concordância entre 40 e 60%;
4. Subsistema ***tu/você* com concordância baixa**: uso médio de “*tu*” abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%;
5. Subsistema ***tu/você* com concordância média**: uso médio de “*tu*” abaixo de 60% com concordância entre de 10% e 39%;
6. Subsistema ***você/tu***: “*tu*” de 1% a 90% sem concordância (Scherre *et al.*, 2015, p. 138-139).

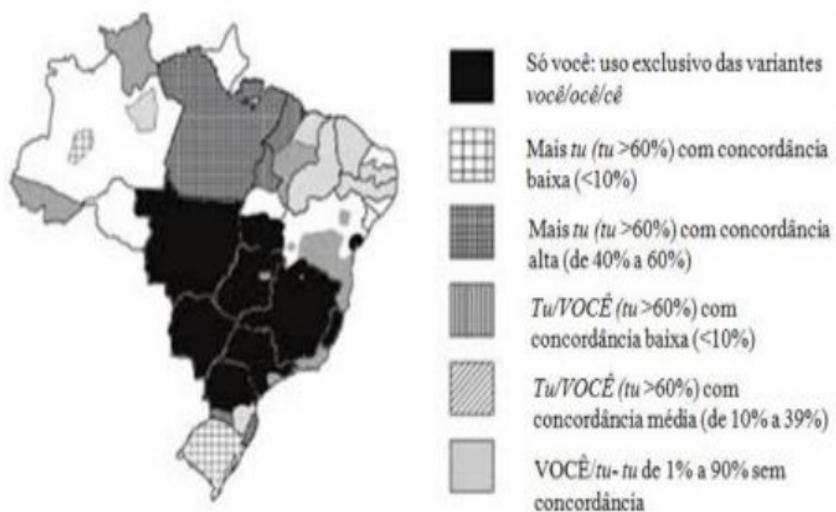
Como bem frisaram Scherre *et al.* (2015, p. 134), este mapeamento foi possível graças a pesquisas já realizadas⁶⁵ (no final do século XX e início do século XXI) sobre pronomes de segunda pessoa do singular sob os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]). Compõe o conjunto das produções consultadas e comparadas um número aproximado de 29 mil dados distribuídos em

⁶⁵ Scherre *et al.* (2015) apresentam os subsistemas e as devidas referências com resultados detalhados das pesquisas que subsidiaram esse estudo. Ou seja, estes autores apresentam uma vasta revisão bibliográfica (cf. SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C.; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes “*tu*” e “*você*”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2015. p. 133-172).

amostras diversificadas: entrevistas sociolinguísticas; conversas naturais estimuladas e não estimuladas, ocultas e não ocultas; entrevistas geolinguísticas; e conversa estimulada por gravuras.

Após reunirem os resultados de pesquisas e imprimirem neles um modelo analítico robusto, Scherre *et al.* (2015) apresentam dados comparativos valiosos. Estes pesquisadores noticiam o comportamento global brasileiro de cada um destes sistemas e as regiões que os recepcionam⁶⁶: de maneira geral, há concorrência, em maior ou menor grau, em todas as regiões do país, entre o pronome *você* e *tu* envolvendo cinco dos seis sistemas apresentados, o que pode ser conferido no mapa pronominal de segunda pessoa do singular no Português Brasileiro (Figura 13).

Figura 13 – Mapa dos subsistemas dos pronomes de segunda pessoa do singular do português brasileiro no final do século XX e início do século XXI



Fonte: Scherre *et al.*, 2015, p. 142.

De acordo com os autores, à época do mapeamento apresentado, o subsistema *só você* foi encontrado na região Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul); na região Sudeste (representada pelos estados do Espírito Santo, Minas Gerais (exceto a cidade de São João da Ponte, ao norte, perto da Bahia) e São Paulo (exceto Santos); na região Norte (estado

⁶⁶ “Temos consciência dos problemas [questões que envolvem a metodologia de obtenção de dados e outras questões de pesquisa] e, mesmo com essas limitações, apresentamos um pouco da pesquisa disponível sobre os pronomes de segunda pessoa no português brasileiro e evidenciamos que, mesmo com pesquisas de natureza diversa e adversa, é possível ter uma boa ideia do que ocorre no grande território brasileiro com relação ao tema[...].” (Scherre *et al.*, 2015, p. 135).

de Tocantins); na região Sul (estado do Paraná); e região, Nordeste representada pela Bahia (Scherre *et al.*, 2015, p. 142)⁶⁷.

No que se refere ao citado mapeamento, selecionam-se algumas considerações tendo como base os resultados apresentados pelos autores com atenção para o Centro-Oeste, em razão dessa região receptionar o sistema só *você* com bastante uniformidade, e o Nordeste, onde é registrado o sistema só *você* para a cidade de Salvador, capital da Bahia, estado no qual se encontra a cidade Feira de Santana, comunidade de fala aqui em estudo.

Na região Centro-Oeste, como já sublinhado, o subsistema só *você* é predominante e bastante uniforme. No entanto, no Distrito Federal (Grande Brasília), observa-se, a partir dos anos 2000, a entrada do subsistema *você/tu* sem concordância verbal. A área passou por nivelamento e focalização dialetal devido à convivência entre “candangos” (nascidos em Brasília) e “brasilienses” (nascidos em Brasília). Esse processo é resultado da história migratória desde a criação de Brasília em 1960 e segue em constante transformação; o pronome *tu*, por exemplo, está em expansão em áreas urbanas, associado a jovens e relações informais (Scherre *et al.*, 2015). Esta região também abrange áreas que faziam parte das antigas capitâncias de São Paulo e Minas de Ouro, conforme um mapa de 1709, que mostra a divisão administrativa do Brasil. Essa informação histórica reforça a ideia de que o perfil linguístico atual da região é influenciado por processos migratórios e heranças coloniais, o que ajuda a explicar a diversidade e a evolução dos traços dialetais observados, como o uso do pronome *você* e a variação *você/tu* (Scherre; Andrade; Catão, 2021, p. 166).

Assim, na Figura 14⁶⁸, têm-se reunidos o já referido mapa dos subsistemas dos pronomes de segunda pessoa do singular do português brasileiro no final do século XX e início do século XXI, apresentado na Figura 13, o mapa do Brasil de 1709, além do mapa do Brasil do século XXI.

⁶⁷ Informações organizadas a partir do Quadro 1 – *Síntese da distribuição dos seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa por região e estado*, em Scherre *et al.* (2015, p. 141).

⁶⁸ A figura contendo os três mapas reunidos foi elaborada e apresentada pela primeira vez em 2013, durante uma apresentação no Programa de Assistentes de Aprendizagem por Pares (Peer Learning Assistants - PLMS) da Universidade de Georgia (Slide 25). Ainda em 2013, estes três mapas foram apresentados novamente em Tefé, no estado do Amazonas, na Região Norte do Brasil. Posteriormente, em 2019, a figura foi apresentada no V CONEL - Congresso Nacional de Estudos Linguísticos (Slide 19), promovido pelo PPGEL/UFES, em Vitória/ES, de 4 a 6 de dezembro. A publicação da Figura com os mapas reunidos ocorreu em 2021, no trabalho de Scherre, Andrade e Catão (p. 166). Estas informações foram gentilmente cedidas por Scherre quando da defesa desta tese em agosto de 2025.

Figura 14 – “Mapa dos subsistemas dos pronomes de segunda pessoa do singular do português brasileiro no final do século XX e início do século XXI, o Brasil de 1709 e o Brasil do século XXI”



Fonte: Scherre *et al.* (2015, p.141-142).

A citada área encontra-se no mapa da divisão administrativa do Brasil de 1709, com destaque em amarelo, e corresponde, hoje, a Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Minas Gerais, Goiás, São Paulo e parte do Paraná e apresenta uma semelhança entre a grande área em vermelho do mapa trazido por Scherre *et al.* (2015, p.142) à direita na imagem 14, publicada por Scherre; Andrade; Catão (2021, p. 166). Esta comparação é creditada pelos autores à pesquisadora Shirley Mattos, ao manter contato com o referido mapa, de 1709, em razão da sua tese de doutorado intitulada *Goiás na primeira pessoa do plural*, defendida em 2013. No centro da Figura 14, encontra-se o mapa do Brasil do século XXI (Scherre; Andrade; Catão, 2021, p. 166).

A variação diatópica (ou regional) entre os pronomes *tu* e *você* apresentada na região Centro-Oeste – especificamente em Brasília, onde se registrou também a frequência do pronome *tu*, em “terras onde, teoricamente, se esperava a focalização do pronome *você*” (Scherre; Andrade; Catão, 2021, p. 167) – evidencia a relevância do conhecimento do passado sócio-histórico das regiões brasileiras. Tal compreensão é fundamental para o entendimento do contexto linguístico atual desses territórios, que, assim como todo o Brasil, são heterogêneos, variáveis, plurais e polarizados (Lucchesi, 1994; Mattos e Silva, 2004; Scherre; Andrade, 2019; Scherre *et al.*, 2015; Scherre; Andrade; Catão, 2021).

Uma outra questão, de cunho metodológico, que interfere nos resultados de pesquisa, particulariza a variante *você*:

[...] o uso da forma plural “*vocês*”, em especial, pode se apresentar sem marcas interacionais. Isso implica que as pesquisas têm de separar os usos singulares e plurais das formas “*você*”, “*cê*”, “*ocê*”, o que não tem sido feito com sistematicidade: outra limitação da comparação (Scherre *et al.* 2015, p. 136).

Em relação à região Nordeste, e tomando como referência os seis sistemas pronominais de segunda pessoa do singular, foram comentados por Scherre *et al.* (2015, p. 145) quatro sistemas:

1 só você;

4 *tu/VOCÊ* com concordância baixa: uso médio de “*tu*” abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%;

5 *tu/VOCÊ* com concordância média: uso médio de “*tu*” abaixo de 60% com concordância entre de 10% e 39%;

6 *VOCÊ/tu*, *tu* de 1% a 90% sem concordância.

Já foi sinalizado que o mapeamento do pronome de segunda pessoa do singular – proposta de Scherre *et al.* (2015) – é dinâmico: segue o curso de pesquisas que já foram realizadas, as que estão sendo realizadas e as que serão realizadas. Seguindo esse curso, Scherre e Andrade (2019), Scherre, Andrade e Catão (2020) e Scherre, Andrade e Catão (2021, p. 166-167) trazem novas notícias sobre as regiões brasileiras e o Nordeste é envolvido pelos seguintes sistemas, além dos quatro já apresentados: **mais tu (>60%)**, mas com **concordância média** (de 10 a 39%), com base em resultados trazidos por Alves (2015), e ***tu/VOCÊ* (*tu*<60%)**, ***tu com concordância baixa* (<10)** com base em Guimarães (2014). Assim, tem-se o seguinte conjunto de subsistema para o Nordeste:

1 só você;

3 Subsistema ***tu/você* (*tu*<60%)**, ***tu com concordância Baixa* (<10)**

4 *tu/VOCÊ* com concordância baixa: uso médio de “*tu*” abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%;

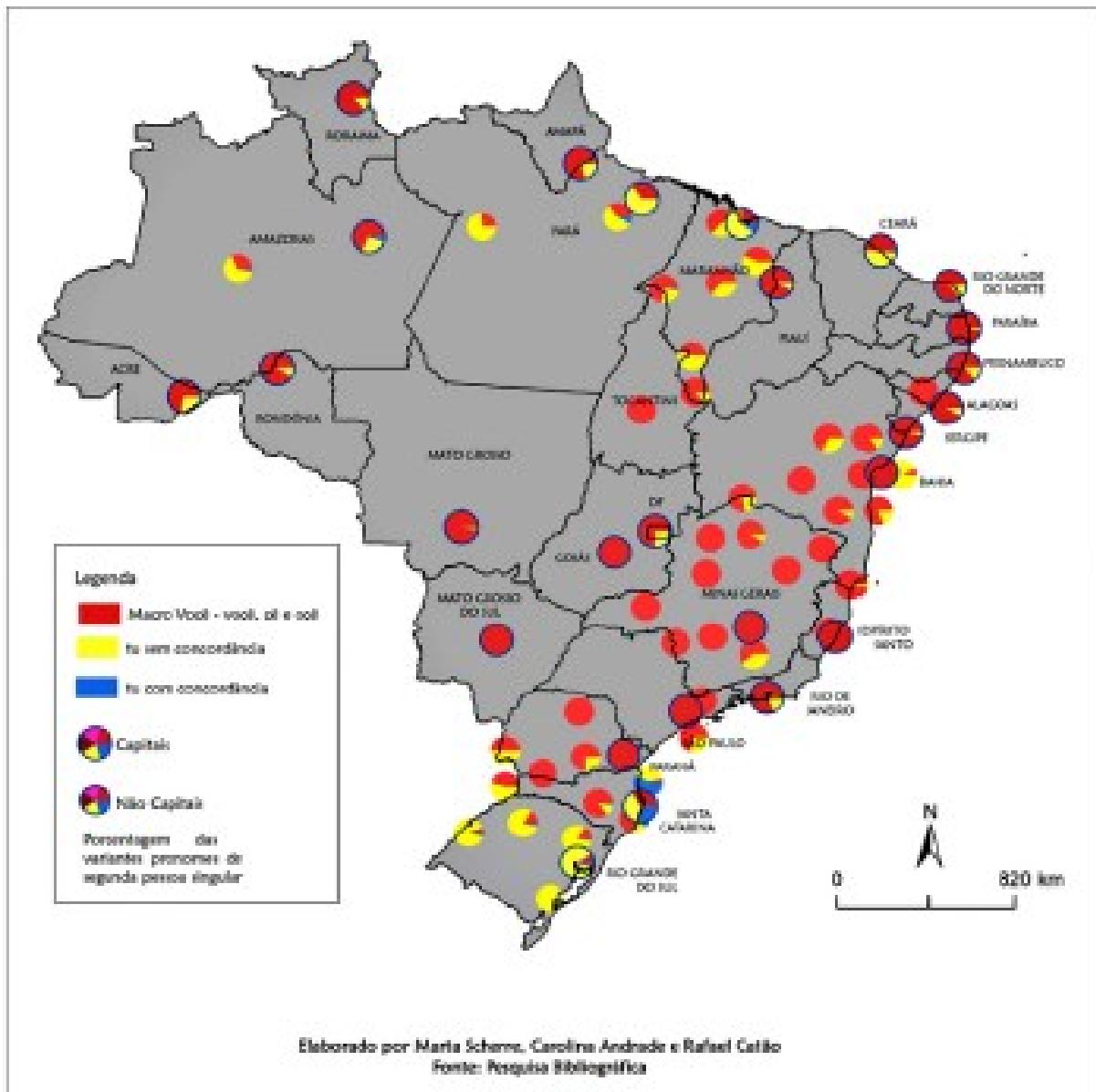
5 *tu/VOCÊ* com concordância média: uso médio de “*tu*” abaixo de 60% com concordância entre de 10% e 39%;

6 *VOCÊ/tu*, *tu* de 1% a 90% sem concordância

7 Mais *tu* (> 60%), mas com concordância média (de 10 a 39%)

Mais uma vez, é notória a necessidade de realização de novas pesquisas e, de forma particular, sobre o sistema pronominal brasileiro, pelas inegáveis contribuições que elas apresentam para o conhecimento do português brasileiro. Os dois últimos sistemas chegaram ao nosso conhecimento em razão das análises impressas por Scherre e Andrade (2019) nos resultados de pesquisas realizadas por Guimarães (2014) em Fortaleza-Ceará, região Nordeste; Alves (2015), São Luís-Maranhão, região Nordeste; Costa, R. (2016) em Cametá-Pará, região Norte. De maneira geral, também contribuíram para a atualização do mapeamento do pronome de segunda pessoa do singular, especificamente com dados do pronome *tu* sem concordância verbal, as pesquisas realizadas por Reis (2018) em Lontra, por Silva e Suelen (2017) em Ressaquinha, ambas em Minas Gerais, e por Martins (2017), realizada no Porto Nacional-Tocantins (Scherre; Andrade; Catão, 2021, 166-167). O mapa da distribuição geográfica geral dos pronomes de segunda pessoa do singular, Figura 15, redesenhado por Scherre, Andrade e Catão (2021), apresenta uma nova configuração para o mapeamento apresentado por Scherre *et al.* (2015).

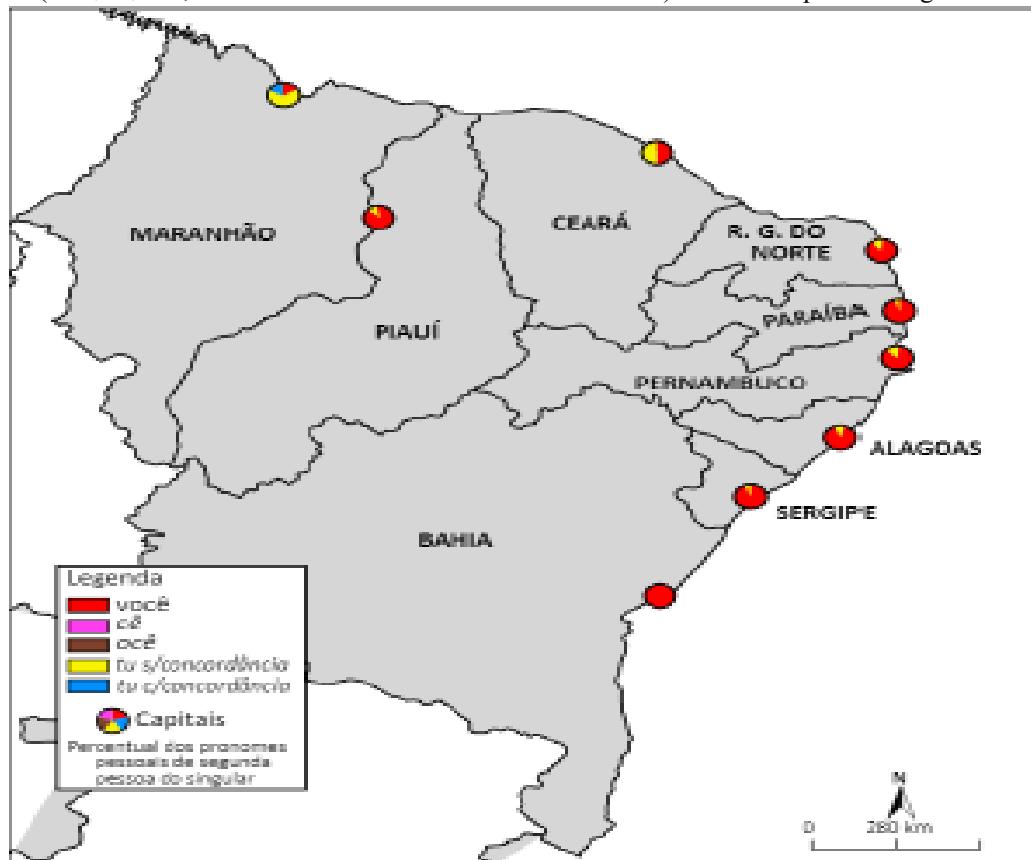
Figura 15 – “Construção de pronomes de segunda pessoa do singular no português brasileiro com base em pesquisas de 1996 a 2019: macro VOCÊ (*você ~ocê~ cê*), *tu* sem concordância e *tu* com concordância”



Fonte: Scherre, Andrade e Catão, 2021, p. 169.

Particularizando a região Nordeste, o mapa apresentado por Scherre, Andrade e Catão (2021), Figura 16, mostra a seguinte configuração para os pronomes de segunda pessoa do singular.

Figura 16 – “Mapa dos percentuais de cinco construções com pronomes pessoais de segunda pessoa do singular (*você*, *cê*, *ocê*, *tu* sem concordância e *tu* com concordância) nas nove capitais da região Nordeste”



Fonte: Scherre, Andrade e Catão, 2021, p. 175⁶⁹.

Na região Nordeste, assim como em todo território brasileiro, parece haver o uso mais geral do pronome *você*~*cê* em concorrência com o pronome *tu* sem concordância e do pronome *tu* com concordância, em maior ou menor grau. Dentre todas as capitais do Nordeste estudadas, “a capital maranhense é uma “terra de *tu*”, palavras de Alves (2015, p. 77) ao estudar sobre os *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense* e ter como resultados – de um total de 1110 dados para São Luís, capital do Maranhão – a frequência de 66,8% para o uso do pronome *tu* sem concordância concorrendo com 11,7% de *tu* com concordância, 14,1% de *você*, 2,0% de *cê* e 5,4% de *senhor/a*; não houve ocorrência da variante *ocê*. Para esta região, em termos médios, Scherre, Andrade e Catão (2021) apresentam quatro blocos de capitais onde há presença tímida de *cê* e sem ocorrência de *ocê*.

- 1) São Luís-MA, com um sistema mais vigoroso de *você* ~ *tu* com concordância ~ *tu* sem concordância, ternário ou talvez binário;
- 2) Teresina-PI e Fortaleza-CE, em que *você* e *tu* preferencialmente sem concordância se equilibram;

⁶⁹ Mapa elaborado por Scherre, Andrade e Catão (2021, p. 175) com base em pesquisa bibliográfica.

- 3) Natal-RN, João Pessoa-PB, Recife-PE, Maceió-AL e Aracaju- SE, com uso preferencial de *você*, mas com registro de 16% casos de *tu* em Natal, pela análise de Silva (2015, p. 76) com base na amostra de Banco convencional de Natal, situações com maior interação, e registro de 14% de *tu* em Recife, com base na amostra Alib, situações não menos importantes, mas de menor interação, fato que sugere maior possibilidade de *tu* em Recife, em conversas naturais;
- 4) Salvador-BA, sempre vista como a capital de *você* na região Nordeste, mas com registro de 3% de *tu* na amostra PEPP, pela análise de Nogueira (2013, p.101). Ainda não há o controle de casos de *cê* na fala soteropolitana, mas, pela previsão de Brown e Gilman (2003[1960]), essa forma deve ocorrer, porque a expectativa é que toda e qualquer língua ou toda e qualquer variedade de uma língua tenha uma forma da distância/ da assimetria/ dos não pares e outra da proximidade/ da simetria/ dos pares (Scherre; Andrade; Catão, 2021, p. 179, grifo dos autores)

Propõem-se, aqui, algumas considerações para o contexto linguístico apresentado para Salvador-BA, retratado também na Tabela 01 abaixo, com dados reunidos por Scherre, Andrade e Catão (2021, p. 178-179) na Tabela 1c- *Distribuição de pronomes explícitos na segunda pessoa do singular no português brasileiro falado nas capitais dos estados de Alagoas (AL), Sergipe (SE) e Bahia (BA) – região Nordeste: médias de amostras diversificadas.*

Tabela 01 – Percentuais de cinco construções com pronomes pessoais de segunda pessoa do singular (você, cê, você, tu, sem concordância e tu com concordância para a capital Salvador-Ba-Nordeste

Capital	Amostra/Projeto	Você	Cê	Ocê	Tu sem conc.	Tu com conc.	100% Total
Salvador capital da Bahia	Três amostras Alib, NURC/SSA, PEPP	99% (1,107)	?	?	1% (9)	Não há	(1.116)
	Amostra /Pesquisa	Você	Cê	Ocê	Tu sem conc.	Tu com conc.	100% Total
	Alib-perguntas geolinguísticas (Cardoso <i>et al.</i> , no prelo (Deus, 2009, p. 101,125)	100% (225) 100% (122)	?	?	0% (0) 0% (0)	—	(225) (122)
	Amostra NURC/SSA ⁷⁰ 12 gravações de diálogos entre informante e documentador (DID)-fala culta (Nogueira, 2013, p. 101)	100% (561)	?	?	0% (0)	—	(561)
	Amostra PEPP-12 gravações de diálogos entre informante e documentador (DID) -fala popular Nogueira, 2013, p. 101).	97% (321)	?	?	3% (9)	0% (0)	(330)

Fonte: Scherre, Andrade e Catão, 2021, p. 178-179, com algumas adaptações.

⁷⁰ Projeto Norma Linguística Urbana Culta de Salvador NURC/SSA.

A primeira consideração está direcionada aos resultados apresentados para as variantes *cê* e *ocê*, para as quais foi registrado 0% de ocorrência em Salvador. De fato, há necessidade de pesquisas que levem em consideração o controle sistemático das variantes *cê* e *ocê*, pois “algumas pesquisas não especificam todas as variantes “você”, “cê” ou “cê”, especialmente as que focalizam também o pronome *tu*” (Scherre *et al.*, 2015, p. 137). Este mesmo cenário se apresenta para as pesquisas realizadas em comunidades linguísticas do interior do estado (como será mostrado).

A outra questão está relacionada aos resultados apresentados para o contexto do uso do pronome *tu* sem concordância em Salvador, apenas 1% (com amostras ALiB, NURC/SSA, PEPP (Deus, 2009)) e 3% (amostra PEPP-12 (Nogueira, 2013)). Infere-se, aqui, a necessidade de novas pesquisas com foco na constituição de amostras de conversas naturais na capital baiana para estudos do pronome *tu*, pois, em contexto de interação na comunidade de fala de Salvador – com a atenção voltada para o uso de pronome da segunda pessoa do singular –, percebe-se uma certa frequência do uso do pronome *tu* sem concordância paralelo ao uso do pronome *você*, na fala dos soteropolitanos com escolaridade alta, inclusive. Registra-se, no Quadro 10, um conjunto de diálogos entre a pesquisadora desta tese e uma jovem soteropolitana.

Quadro 10 – O pronome *tu* com morfologia de terceira pessoa do singular na fala de uma soteropolitana (Continua)

X: [...] eles resolvem escrever alguma coisa, para os fins, para as ações, para verificar tal coisa, só que, geralmente quando eu vou ver o e-mail, quem tá pedindo, primeiro não sabe/ó, pronto, pra **tu** ver o nível, chegou uma demanda pra mim lá e eu não tinha nada a ver.

X: Uma amiga minha não deixava a filha com o pai da criança; segundo ela, ele não vai saber cuidar, ela deixa com a avó supervisionando – Ah, porque ele não sabe! E ninguém nasceu sabendo, **tu** nasceu sabendo?

J: Não.

X: Quem nasceu sabendo?

X: Tem pão de forma também, tia, se **tu** quiser de sal, quer? Tem coxinha, jogue duro aí.

J: Eu acho interessante e necessário a gente saber da nossa infância. Eu me lembro de muita coisa sua, de criança.

X: Tipo o que que **tu** lembra?

J: Sua disciplina. Você é assim até hoje, disciplinada, primeiro a obrigação pra depois a devoção, e não era imposição de ninguém.

X: Sim.

X: Quando você sair basta bater a porta, não precisa **tu** trancar não, ela já fecha no automático.

J: Vou para a praça Piedade. Eu vou de uber mesmo.

X: quando **tu** pedir o uber, bota aquele endereço que eu te mandei.

J: hum, hum.

Quadro 10 – O pronome *tu* com morfologia verbal de terceira pessoa do singular na fala de uma soteropolitana
(Conclusão)

X: por que pela localização, se você pedir aqui em cima, ele, às vezes, bate no shopping, entendeu?

J: Hum. Então eu tenho que pedi lá na portaria, né?

X: É, ou então você bota o endereço, entendeu?

J: Ah, tá.

X: Bom dia! **Tu** conseguiu dormir com o barulho do estacionamento do shopping?

Fonte: Da autora, 2025.

Outros contextos iguais a estes foram presenciados, mas, infelizmente, não foram registrados em razão de restrições impostas pelo Conselho de Ética em Pesquisa ao qual esta tese está vinculada. O fato é que percebe-se a intensificação do uso do pronome *tu* sem concordância, mas não só, percebe-se também que ele está sendo dimensionado tanto territorialmente quanto para os contextos interacionais nos quais se queria maior formalidade, a exemplo do que ocorre em todos os excertos apresentados, no Quadro 10, quando o esperado era que a pessoa se dirigisse à pesquisadora com formalidade, apesar da relação de simetria, há uma hierarquia, entendendo que trata-se de tia e sobrinha.

Neste estudo, tem-se a mesma visão compartilhada por Scherre *et al.* (2015) ao afirmarem que

o pronome “*tu*” é de uso mais geral do que se supõe: trata-se de um “*tu*” brasileiro, que, em muitas comunidades, instaura-se sem concordância expressa na forma verbal (*tu fala*), de forma diferente do que registra a tradição gramatical (*tu falas*). Há, também, a presença de “*tu*” com concordância, em graus variados, motivada por contexto de mais formalidade ou pelo aumento de escolarização, especialmente onde o pronome “*tu*” é reconhecido como de uso natural à comunidade local, como, e em especial, em Santa Catarina, no Amazonas, no Maranhão e no Rio grande do Sul (Scherre *et al.* 2015, p. 135).

Trilhando os caminhos que registram o sistema pronominal de segunda pessoa do singular (*você*, *cê*, *ocê*, *tu com ou sem concordância*), particulariza-se o estado da Bahia, seguindo as pegadas deixadas pelo pronome *tu* para o interior do estado em direção à cidade de Feira de Santana. No mapeamento apresentado por Scherre, Andrade e Catão (20020, 2021) e Scherre *et al.* (2015), para a região Nordeste, tem-se que, além da capital Salvador, que apresenta o subsistema *só você*, os pronomes *tu* e *você* transitam por várias comunidades rurais do interior da Bahia, a exemplo de Santo Antônio de Jesus, Sapé, Cinzento, Helvécia, Rio de Contas, Santo Antônio e Poções e, claro, na cidade de Feira de Santana.

Essa observação reforça o que já vem sendo discutido por estudiosos da sociolinguística: a coexistência das formas “*você*” e “*tu*” com flexões verbais não canônicas (isto é, o uso de “*tu*” com verbo na 3^a pessoa, como em “*tu vai*”, “*tu tem*”) é um traço marcante da oralidade baiana,

presente tanto em centros urbanos quanto em áreas rurais. Essa realidade evidencia um subsistema pronominal híbrido, no qual os falantes manejam as duas formas (você/tu) com relativa liberdade, o que aponta para um fenômeno de reorganização interna do sistema pronominal do português brasileiro, influenciado por fatores regionais, sociais e culturais. A alternância entre “tu” e “você”, com ou sem concordância padrão, aponta para uma realidade linguística na qual a gramática internalizada pelos falantes não corresponde estritamente à norma gramatical ensinada na escola, mas sim a uma norma socialmente construída e compartilhada, que privilegia funcionalidade, economia e identidade regional.

Antes de dar notícias sobre o pronome *tu*, na comunidade de fala feirense, e na intenção de contribuir para o conhecimento do funcionamento do sistema pronominal na Bahia, apresentam-se dados que dão indícios do uso do pronome *tu* sem concordância na cidade de Serrolândia, localizada na microrregião de Jacobina, Centro-Norte do estado, a 208 Km de distância de Feira de Santana e 320 Km de Salvador. Esta assertiva é ratificada no diálogo abaixo apresentado, contexto no qual o serrolandense, além de usar o pronome *tu* com morfologia de 3^a pessoa do singular, afirma o seu uso na comunidade de fala em questão.

J: Bom dia!
 X: Bom dia! Como tá **tu**?
 J: Você é de Salvador, ne?
 X: Eu sou de Serrolândia.
 J: Ah, e esse tu é de Serrolândia?
 X: É.

Insiste-se, aqui, na necessidade de ampliação territorial para as pesquisas sobre o sistema pronominal de segunda pessoa do singular para o interior do estado, as quais tragam respostas em curto/médio/ longo prazo ao mesmo tempo que apresentem dados mais atualizados e mais próximos do contexto linguístico brasileiro do século XXI. Apresentadas as discussões sobre o uso mais geral do pronome *tu*, segue-se em direção às notícias do uso desse pronome em Feira de Santana.

3.2.1.1 Tu tá em Feira de Santana

Sim, o pronome *tu* está em Feira de Santana. É uma realidade atestada empiricamente e registrada nas amostras da zona urbana desta comunidade de fala, cujo acervo pertence ao já

citado projeto de pesquisa *A língua portuguesa do semiárido baiano – Fase 3*⁷¹, e no mapeamento dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular apresentado por Scherre, Andrade e Catão (2020, 2021) e Scherre et. al. (2015). Assim, na Tabela 02, abaixo, encontram-se os registros quantitativos das ocorrências, para a comunidade de fala feirense, mapeados e apresentados na Tabela 2.7.2⁷² por Scherre, Andrade e Catão (2021, p. 195-196).

Tabela 02 – Distribuição de pronomes explícitos na segunda pessoa do singular em amostras de fala da cidade de Feira de Santana-Bahia
(Continua)

Amostra/pesquisa	<i>Vocé</i>	<i>Cê</i>	<i>Ocê</i>	<i>Tu</i> sem concordância	<i>Tu</i> com concordância	100% total
Média para Feira de Santana (3 amostras ⁷³)	85% (1.544)	1% (12)		14% (258)		(1.814)
Amostra do Projeto <i>A língua portuguesa no semiárido baiano</i> (2007-2008), 24 gravações do tipo DID do <i>corpus</i> da zona urbana de Feira de Santana da fala culta e da fala popular (Lacerda et al., 2016, p. 40, 43,49,51)	92% (450)	3% (12)	0% (0)	5% (26)	0% (0)	(488)
Amostra do Projeto <i>A língua portuguesa no semiárido baiano</i> (2007-2008), 12 gravações do tipo DID da fala popular (Nogueira, 2013, p. 61-62, 101)	91% (277)	?	?	9% (28)	0% (0)	(305)
Amostra do Projeto <i>A língua portuguesa no semiárido baiano</i> (2007-2008), 12 gravações do tipo DID da fala culta (Nogueira, 2013, p. 61-62, 101).	91% 471	?	?	9% (46)	0% (0)	(517)

⁷¹ “Na Fase III, o projeto volta-se para a sede do município de Feira de Santana, tendo em vista que os dados coletados nessa cidade fornecem importantes subsídios para o entendimento da formação, caracterização e difusão do português brasileiro, notadamente no que se refere ao entrecruzamento das normas populares e cultas e ao contato rural e urbano: a língua falada nesse município agrupa características que a fazem ser um “espelho” da realidade sociolinguística brasileira (Lacerda et al., 2016, p. 42).

⁷² Tabela 2.7.2 – Bahia: Distribuição de pronomes explícitos na segunda pessoa do singular em amostras de fala do português brasileiro em Salvador, Feira de Santana e quatro zonas rurais do estado da Bahia(BA): amostras diversificadas, em Scherre, Andrade e Catão (2021, p. 195-196).

⁷³ O projeto *A língua Portuguesa no Semiárido Baiano* traz entrevistas representativas da norma popular, da norma culta e da norma semiculta. Os trabalhos apresentados, nesta tabela, envolvem as normas culta e popular, todos utilizando os mesmos *corpora*: Lacerda et al. (2016) e Nogueira (2013) priorizaram as duas normas (culto e popular); Assunção e Almeida (2008), a norma popular, e Santana (2008), a norma culta; têm-se, portanto, duas amostras. A terceira amostra, constante na tabela, foi organizada por Nogueira (2013) a partir de gravações de falas espontâneas.

Tabela 02 – Distribuição de pronomes explícitos na segunda pessoa do singular em amostras de fala da cidade de Feira de Santana-Bahia
(Conclusão)

Amostra/pesquisa	<i>Você</i>	<i>Cê</i>	<i>Ocê</i>	<i>Tu</i> sem concordância	<i>Tu</i> com concordância	100% total
Amostra Nogueira-07 ⁷⁴ gravações de conversas espontâneas com a participação da autora (Nogueira, 2013, p. 62, 106).	58% (85)	?	?	42% (62)	0% (0)	(147)
Amostra do Projeto <i>A língua portuguesa no semiárido baiano</i> (2007-2008), 12 gravações do tipo DID, <i>corpus</i> da zona urbana de Feira de Santana da fala popular (Assunção; Almeida, 2008, p.1).	90% (103)	?	?	(10%) (11)	0% (0)	(114)
Amostra do Projeto <i>A língua portuguesa no semiárido baiano</i> (2007-2008), 12 gravações do tipo DID, <i>corpus</i> da zona urbana de Feira de Santana da fala culta (Santana, 2008, p. 10-11).	65% (158)	?	?	35% (85)	0% (0)	(243)

Fonte: Scherre, Andrade e Catão (2021, p. 195-196, grifo nosso), com algumas adaptações.

As amostras do Projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano* (2007-2008) são compostas de 72 entrevistas do tipo DID distribuídas entre três faixas etárias, as normas popular, culta e semiculta e entre ambos os sexos. Para o contexto de fala da comunidade feirense, as amostras atendem os seguintes perfis, postos no Quadro 11.

⁷⁴ Sete gravações com duração entre onze e vinte e sete minutos com grupos de informantes de homens e mulheres das faixas etárias I e II, com controle apenas para o sexo. Em nota, a justificativa: “[...] Não sistematizamos a idade pois não tínhamos como fazer uma distribuição equitativa para fins de análise” (Nogueira, 2013, p. 107, nota 45).

Quadro 11 – Caracterização geral do *corpus* representativo para Feira de Santana

SEXO	Masculino		
	Feminino		
FAIXA ETÁRIA	Faixa 1 (25 a 35 anos)		
	Faixa II (35 a 45 anos)		
	Faixa III (acima de 65 anos)		
Amostras	Norma popular	Norma culta	Norma Semiculta (Ensino Médio)
	Feirenses filhos de feirenses	Feirenses filhos de feirenses	Feirenses filhos de feirenses
	Feirenses filhos de migrantes		
	Migrantes		
	Feirenses de zona rural		

Fonte: Araújo, 2014, p. 237, com algumas adaptações.

Nos estudos apresentados na Tabela 02 (p. 102-103), para as amostras do Projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano*, foram utilizadas 24 entrevistas: 12 de falantes nível superior e 12 de falantes com baixa escolaridade. Os resultados apresentados na Tabela 02 estão para os poucos trabalhos já realizados no contexto de fala feirense (zona urbana) para o pronome *tu*. Segue, abaixo, o Quadro 12 das referências dos respectivos dados apresentados por Scherre, Andrade e Catão (2021, p. 195).

Quadro 12 – Pesquisas que envolveram o sistema pronominal de segunda pessoa do singular com foco nos pronomes *tu* e *você* em Feira de Santana

Autor(a) Título	Instituição	Gênero Textual	Ano	Gênero textual
Lacerda; Carneiro; Oliveira; Lemos	<i>Formas tratamentais no semiárido baiano: construções para uma configuração diatópico diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro</i>	UEFS	2016	Artigo
Nogueira	<i>Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu Interlocutor?</i>	UFBA	2013	Dissertação
Assunção e Almeida	<i>A realização do <i>tu</i> e <i>você</i> na variedade linguística de falantes feirenses</i>	UEFS	2008	Relatório de pesquisa e apresentação SEMIC ⁷⁵
Santana	<i>O uso dos pronomes <i>Tu</i> e <i>Você</i> no falar feirense culto</i>	UEFS	2008	Artigo

Fonte: Assunção, 2025.

⁷⁵ Semana de Iniciação Científica e Tecnológica (SEMIC).

Além dos trabalhos acima apresentados, tem-se ainda dois trabalhos em cujas abordagens encontra-se o pronome *tu* – Almeida (2012) e Assunção (2012). Estes constantes no Quadro 13.

Quadro 13 – Trabalhos que envolveram o pronome *tu* em Feira de Santana

Norma Lucia Fernandes de Almeida	<i>Urbanização, escolarização e variação linguística em Feira de Santana-Bahia (século XX)</i>	UEFS	2012	Artigo
Janivam Assunção	<i>A indeterminação do sujeito na variedade linguística de Feira de Santana: um estudo variacionista</i>	UEFS	2012	Dissertação

Fonte: Da autora, 2025.

Antes da apresentação e discussão, mais detalhadas, dos resultados para o uso do pronome *tu*, em Feira de Santana, constantes nos trabalhos apresentados, faz-se aqui uma observação quanto à distribuição dos resultados descritos na Tabela 02 (p.102-103). Do total para as ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular (1.814), apenas 258 ocorrências estão relacionadas ao pronome *tu* sem concordância verbal de segunda pessoa, o que equivale a 14% dos dados apresentados. Este quantitativo para o *corpus* do projeto *A língua Portuguesa no Semiárido Baiano* pode ser ainda menor e não ser visto como representativo desse pronome no contexto de fala, dado à frequência que esta variante é utilizada no contexto interpessoal no dia a dia dos feirenses. A já referida pouca ocorrência do pronome *tu* pode ser creditada às metodologias utilizadas para a constituição das amostras: gravações do tipo DID e entrevistas sociolinguísticas estimuladas com fotografias. Apesar de ocorrer, em algum tempo de conversa, um certo relaxamento do informante, este formato gera uma fala semiespontânea; formato, este, que reflete nos resultados de pesquisa em razão da interferência direta no número de ocorrências do fenômeno e/ou na variante em estudo.

Labov (2008[1972]) adverte quanto à influência dos métodos de coleta de dados nos resultados das pesquisas sociolinguísticas, algo que ele enfatiza notoriamente no estudo clássico da estratificação do /r/ em lojas de departamento de Nova York. Especialmente à luz da obra *Sociolinguistic Patterns*, Labov (2008[1972]) destaca que os informantes alteram sua fala dependendo do contexto social e da percepção da situação comunicativa, o que exige cuidados metodológicos rigorosos na coleta dos dados. Essa preocupação tem implicações diretas para pesquisas que utilizam entrevistas do tipo DID, principalmente no contexto em que o fenômeno tende a aparecer em conversas informais e no contexto de interação interpessoal simétrica. Não se trata aqui de deixar de fazer entrevistas do tipo DID, mas, sim, combiná-las com outros

métodos de coleta, como: observação participante, gravações de falas espontâneas, técnicas de coletas em redes sociais (*network*), redes de relacionamentos ou de contatos, entre outros.

Quanto, ainda, à coleta de dados e à produtividade das ocorrências, Nogueira (2013, p. 85, 106) – em sua dissertação (mestrado) intitulada *Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?* – realizou sete gravações de falas espontâneas com duração entre 11 e 27 min. com grupos de informantes de homens e mulheres das faixas etárias I e II e mostrou uma boa produtividade para a frequência do *tu* no contexto desta comunidade de fala: de 147 ocorrências, $85/147=58\%$ para o pronome *você* e $62/147= 42\%$ para o pronome *tu*. A partir dos resultados apresentados por Nogueira (2013), nota-se que a metodologia empregada (gravações de falas espontâneas) facilita a constituição de *corpus* mais robusto para dados linguísticos utilizados em contexto real de fala, a exemplo do *pronome tu com o uso da 3^a pessoa do singular*, em Feira de Santana, variante utilizada, com maior frequência, em contextos informais e mais simétricos. No Quadro 14, constam exemplos⁷⁶ do pronome *tu*, registrado nas conversas espontâneas gravadas por Nogueira (2013, p. 120-135).

Quadro 14 – Ocorrência do pronome *tu* em conversas espontâneas (Nogueira 2013)

(Continua)

INFORMANTE 1: Bora...conhecer a sala de jantar... aí é a parte que TU gosta, não é cara?
INFORMANTE 1: E aqui, ó, TU botou quantos centímetros? Sete centímetros, foi?
INFORMANTE 1: Informante 5 vem aqui ou é só TU ?
INFORMANTE 2: Ah, não, não, TU quer bloco e... cimento lá é caro.
INFORMANTE 2: TU podia fazer lá perto de tua casa mesmo...
INFORMANTE 2: Aqui TU ganha a fechadura? Ah... tá vendo VOCÊ? Aqui já vem com a fechadura...
INFORMANTE 2: (inint) vai ter concurso, Informante 1, dá pra VOCÊ... TU num vai fazer pra delegado, não? Tem que fazer.
INFORMANTE 1: Já falei... já falei com a mulher que vou procurar um terreno pra comprar... vou fazer igual TU , dez por trinta, vou fazer duas casinhas e ganhar uma grana... entendeu? (risos)
INFORMANTE 2: É isso aí...(risos) melhor VOCÊ pegar um terreno bom e fazer sua casa, com mais espaço. Porque ali no teu, ali, ó... TU vai morrer retocando e num vai ficar bom.

⁷⁶ Apesar de ter gravado falas espontâneas de sete informantes, Nogueira (2013) apresenta, no anexo I, entre as páginas 120-135, falas de apenas quatro informantes, com frequência do uso do pronome *tu* distribuída entre os informantes 1 e 2. As ocorrências, no contexto das transcrições, se encontram nas páginas 121,122,128,129,131 e 134.

Quadro 14 – Ocorrência do pronome *tu* em conversas espontâneas (Nogueira 2013)

(Conclusão)

INFORMANTE 2: Que **TU** falou que tinha que suspender o telhado?

INFORMANTE 1: Não. Aquela da esquina que **TU** parou assim.

Fonte: Nogueira 2013, p. 120-135, grifo nosso.

Este resultado (alta frequência do pronome *tu*) também foi atestado pela pesquisadora desta tese ao reunir dados de conversas constantes no aplicativo *WhatsApp* e realizar anotações de falas espontâneas de pessoas conhecidas, anônimas e de informantes que compõem o *corpus* base desta tese. Esta experiência é atestada com exemplos do uso deste pronome, ocorrido em variados contextos de interação social, empiricamente reunidos pela pesquisadora desta tese entre os anos de 2024 e 2025 na comunidade de fala feirense. Esta metodologia favoreceu o quantitativo expressivo do uso do pronome *tu com morfologia de 3^a pessoa do singular* em Feira de Santana, bem como o registro de ocorrências de funções gramaticais diversificadas para este pronome. Além disso, mostrou uma certa expansão do uso do pronome *tu* nas interações simétricas que apresentam graus de hierarquia (a exemplo de interação interpessoal com pais e tios) e nas interações assimétricas (espaços de interações mais formais: comércio, consultórios médicos e com pessoas desconhecidas). Arrisca-se, aqui, a inferir que o pronome *tu*, na comunidade de fala feirense, está se expandindo não apenas na frequência do uso⁷⁷, mas também no contexto de interação, atravessando a fronteira da formalidade. Expansões estas lideradas por pessoas mais jovens. Abaixo, segue um conjunto de exemplos⁷⁸ que atestam a frequência, funções gramaticais, além da de sujeito, e contextos formais e informações de interação do pronome *tu* na comunidade feirense.

- 1) X: Ele está enchendo a boca e depois ele engole. **Tu** tá enchendo a boca né X? (FI3, arquivo pessoal).
- 2) X: X, não foi por aqui não X que **tu** entrou. Foi por aqui. Eu lembro que foi por aqui que nós viemos. (FI2, arquivo pessoal).

⁷⁷ O uso do *tu* em Feira de Santana, para o conjunto dos dados reunidos pela autora desta tese, não foi quantificado em razão de nesta pesquisa ter sido priorizado o método qualitativo. Estudo sociolinguístico sob os métodos quantitativo e qualitativo será realizado futuramente.

⁷⁸ Os excertos das conversas orais pelo aplicativo *WhatsApp*, dos não entrevistados, e das anotações de falas espontâneas de pessoas conhecidas apresentam o seguinte padrão: indicativo do sexo (F para feminino e M para masculino); dados aproximativos das faixas etárias (I - 25 a 35 anos; II- 45 a 55 anos; e III- acima de 65 anos); e níveis de escolaridade: 1 – Menor escolaridade ou nenhuma escolaridade (Séries iniciais ou conhecimento mínimo de leitura e escrita); 2 – Média escolaridade (Ensino médio completo); e 3 – Maior escolaridade (Ensino superior incompleto ou completo. Para os informantes anônimos, os dados das faixas etárias são aproximativos e não há indicativo de nível de escolaridade.

3) X: Veio andando, foi?

X: Foi, o Wi-Fi não funcionou.

X: **Tu** tem que comprar um celular pra **tu** X. (FI2, arquivo pessoal).

4) X: X, vamos fazer a festa dos primos, **tu** vai de fantasia de ...? (OFI3, arquivo pessoal).

5) J: Oi X!

X: Oi J., **tu** tá bem?

J: Sim. E você?

X: Sim (FII3, arquivo pessoal).

6) X: X não olhou a mensagem. Ele disse que está dormindo tarde todos os dias pra terminar a tese. Eu disse: **tu** também não pode dormir tão tarde todo dia, senão **tu** vai ficar doente (FII2, arquivo pessoal).

7) X: X, se **tu** quiser, **tu** leva e, quando chegar em casa, **tu** esquenta e deixa ferver e **tu** come no outro dia (FIII2, arquivo pessoal).

8) X: Alguém viu o cadeado do portão? Agora ele vai dormir aberto. **Tu** tem outro cadeado?

X: Sim, mãe. Mas tem que encostar o cadeado, **tu** tem outro? (FIII1, arquivo pessoal).

9) X: Eu estou aqui no SESC⁷⁹, aqui é ótimo! **tu** já veio aqui? (FIII, arquivo pessoal).

10) X: **Tu** vai entrar aqui à esquerda (FIII2, arquivo pessoal).

11) X: É... porque **tu** tá ligado, né vei. O tempo muda, tudo fica caro, aí a corrida do 99 fica cara (M1, arquivo pessoal).

12) X: Ô X, **tu** lembra quando **tu** comprou aqui?

X: Eu fui um dos últimos.

X: A primeira vez que eu vim aqui, foi nesse condomínio aqui, lembro como se fosse hoje. O nome do dono era X, a gente chamava de X e a mulher, eu esqueci o nome da mulher, eu não me esqueço isso, tem mais de dez anos. (MII, arquivo pessoal).

13) X: **Tu** não assistiu *Twisters* não? É mesmo? **Tu** é da área! Assista. (MII3, arquivo pessoal).

14) X: Esse negócio de licença prêmio tem que tirar porque senão perde. X, mesmo, tem acumulada, tirou duas a pulso.

X: Mas eu não tenho não.

⁷⁹Serviço Social do Comércio (Sesc) é uma instituição brasileira privada sem fins lucrativos.

X: Não, **tu** não tem não, **tu** só tem férias, **tu** é reda⁸⁰, mas X é concursada (MII2, arquivo pessoal).

15) X: Como é pra mandar pro grupo?

X: Manda pro grupo. **Tu** salva, X, em PDF. X, você não salvou?

X: Não.

X: **Tu** abriu, certo?

X: Sim.

X: Mas **tu** chegou a mandar?

X: Não chegou aí ainda não?

X: Não (FI3, arquivo pessoal).

16) X: Minha filha, sabe o que é que **tu** faz? compra uma casa no IP, **tu** compra no IP, **tu** tem condições de pagar. Agora, **tu** já viu que tem um condomínio fazendo que desce pro Brisa? (MII, arquivo pessoal).

17) X: X, que bom que **tu** veio aqui hoje! Eu lembro que **tu** teve aqui no mês de outubro, ano passado, **tu** foi comigo na casa de X.

J: Eu vinha ontem, liguei para a senhora, mas não atendeu.

X: Quando peguei, **tu** desligou (FIII1, arquivo pessoal).

18) X: “Joaninha”, **tu** não tá com frio não? Estou com frio por Jane. (MIII3, arquivo pessoal).

19) X: **Tu** tocou, amigo?

X: Toquei.

X: Ai, **tu** já viu, é coisa viu? Foi o que? **Tu** tá vendo o gato miar? É frango que ele quer. **Tu** já viu? Tô enrolando uns docinhos aqui, viu amiga, quando **tu** sair tu me fala (MIII2, arquivo pessoal).

20) X: Esse bolo, o meio era para ser branco, mas aí eu coloquei chocolate, mas tá gostoso **tu** vai ver quando **tu** comer, tia. Depois vou fazer um desse pra **tu** e vou trazer pra **tu** (FII2, Arquivo pessoal).

21) X: Vamos ver o vídeo, como é, tá no meu Instagram? Vê aí, mandei agora pra **tu**. (MI3, arquivo pessoal).

22) X: Eu mandei uma mensagem pra **tu** (FI3, arquivo pessoal).

23) X: Daquela vez foi feito em outro lugar. Porque a gente não faz. Mas você falando, agirá. Eu me lembrei que realmente foi feito aqui. Olha, **tu** me deu um bom dia [*WhatsApp*] eu vou dar um bom dia pra **tu**. Pode enviar a amostra para o exame (FII, arquivo pessoal).

24) X: Fui trocar uma sandália e a menina queria que eu levasse outra sandália, a da amostra, com uma má vontade para trocar. Eu perguntei se tinha em outra loja, ela disse que não tinha, sem ter olhado. Chegou o rapaz que tinha me atendido

⁸⁰ “Regime Especial de Direito Administrativo (Reda), no âmbito da Administração Pública Estadual – Poder Executivo, [contrato temporário]”. Disponível em: <https://servidores.rhbahia.ba.gov.br/reda-definicao-e-legislacao>.

antes e ele encontrou a sandália na mesma loja. Eu falei com ele sobre a colega, mas deu vontade de chegar até ela e falar: **tu** disse que não tinha nem aqui e nem em outra loja, mas seu colega achou (FII2, arquivo pessoal).

25) J: Eu vim ver essa batinha que estou namorando faz tempo.

X: Ela é linda. Ela é M, **tu** veste que tamanho? Tem ela marrom e preta, que tá linda também. **Tu** veste esses conjuntos de linho de bermuda e blusa de manga? Ele tá lindo; eu tenho esse terra cota. Têm também um vestidinho tubinho, **tu** veste? Fica lindo em você que é magrinha. Tenho esses conjuntos de top, esse moletom, **tu** veste? Ele fica bem com tênis, sandália, de qualquer jeito, super confortável. **Tu** gosta de vestidinho cancelado? Esse aqui é tamanho único (FII, arquivo pessoal).

26) J: Tem sutiã com bojo?

X: **Tu** quer que tamanho? **Tu** gosta de qual feixe? Tem desse e tem desse com feixe, **tu** prefere do qual modelo? (FI, arquivo pessoal).

27) X: Bota aqui, porque **tu** não fica com isso na mão. Veja essa blusa. **Tu** olhou? (MII, arquivo pessoal).

28) X: Foi aniversário de X e nós fomos na casa dela, aí marido dela disse – “Foi **tu** a mulher que pariu um dia desses? **Tu** tá mais magra que eu! (FII3, arquivo pessoal).

29) X: Recebi um comunicado da construtora dizendo que tem pessoas que não estão depositando a taxa de construção e a caixa está depositando na conta da empresa e vão cobrar juros. Eu estou depositando em dia.

X: **Tu** tá acompanhando os débitos? **Tu** tem o cartão?.

X: Não tenho. Tenho no aplicativo.

X: Então você acompanhada pelo aplicativo (MI3, arquivo pessoal).

30) X: Tia, é... ontem quando **tu** falou em Cordeiro, onde **tu** perdeu teu dinheiro?
J: Sim, uma vez, em 2007, eu perdi uma quantia boa lá. O dinheiro caiu e eu não percebi (OFI3, arquivo pessoal).

31) X: Perdi o meu cartão na sala do cinema.

X: Ô mãe, **tu** viu que tentaram usar teu cartão, online?

X: Eu bloqueei todas as funções (FI3, arquivo pessoal).

32) X: Quem é **tu**, qual é o seu nome? (M I 3, arquivo pessoal).

33) X: Olha o tamanho da minha barriga, e olha que eu nem tô na metade da gestação, viu! **Tu** já viu? E a circunferência da barriga? Tá barril, viu! Eu tô com aquele vestido que **tu** me deu, preto (FI3, arquivo pessoal).

34) X: Pimenta me faz mal, não como não, não tô doida não.

X: **Tu** não é doida não? pensei que **tu** era rsrsrs.[...] Ainda é nove horas da noite, e **tu** já está com esse sono todo? (MIII3, arquivo pessoal).

- 35) X: **Tu** fez bem em usar esse cachecol. **Tu** ficou bonita! **Tu** não gosta de tirar foto e filmar não, né? É porque **tu** não traz o celular?
 J: Não, eu trouxe, eu não tenho costume de ficar tirando foto (FI2, arquivo pessoal).
- 36) X: **Tu** não falou com X não pra dar água pra ele?
 X: Não.
 X: Era pra **tu** falar, né mãe? (OFI3, arquivo pessoal).
- 37) X: Ô mãe, em cima **tu** pode fazer de gesso (OFI3, arquivo pessoal).
- 38) X: Mãe, vem cá, **tu** só passou a sentir a dor depois que a mulher falou, né?
 (MI3, arquivo pessoal).
 X: Não. Eu comecei a sentir a dor, lembra que **tu** dizia que eu não podia dormir pra cima? Que doía? (FIII2, arquivo pessoal)
 X: Hum.

Os exemplos apresentados ratificam e legitimam o uso do pronome *tu com morfologia de 3^a pessoa do singular* na cidade de Feira de Santana e mostram também a eficácia dos registros de falas espontâneas como metodologia de constituição de amostras dos fenômenos linguísticos. Além disso, mostram que a frequência deste pronome está cada vez mais crescente no português brasileiro.

Considerações postas, parte-se rumo à apresentação e discussão dos resultados mais gerais para o uso do pronome *tu*, em Feira de Santana, constantes nos trabalhos apresentados na Tabela 02 (p. 102-103) e no Quadro 12 (p. 104): Assunção e Almeida (2008), Lacerda *et al.* (2016), Nogueira (2013) e Santana (2008). Aborda-se, aqui, a distribuição geral das formas tratamentais de segunda pessoa *você/tu para as variáveis sociais e linguísticas* consideradas nos citados trabalhos, que dirigiram as suas reflexões para as amostras do Projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano* (como apresentado na Tabela 02). Particularizam-se resultados para as ocorrências destes pronomes para a zona urbana da comunidade de fala feirense. As entrevistas, das referidas amostras, foram realizadas com base no modelo DID.

Assunção e Almeida (2008, p. 1), em estudo intitulado *A realização do tu e você na variedade linguística de falantes feirenses*, investigam a alternância entre os pronomes pessoais *tu* e *você*, na fala de 12 feirenses, fala popular, com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística, conforme proposto por William Labov (2008[1972]). A pesquisa tem como objetivo descrever e analisar o comportamento variável desses pronomes, considerando fatores linguísticos: modo verbal (indicativo, subjuntivo, infinitivo, gerúndio) e tipo de sentenças (afirmativa ou interrogativa). Para as variáveis extralingüísticas, foram testados: o grau de intimidade entre informantes e documentador; o sexo (06 masculino e 06 feminino); e faixa

etária dos informantes, assim distribuída: Faixa I: 15 a 29 anos; Faixa II: 30 a 45 anos; e Faixa III: 46 a 60 anos. Todos os participantes são analfabetos funcionais, o que permitiu focar em padrões da norma popular. Os dados foram transcritos, codificados e analisados com o auxílio do programa Varbrul, versão Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), instrumento padrão em estudos variacionistas.

Os resultados apresentados por Assunção e Almeida (2008, p.1) revelam que o pronome *você* foi utilizado em 90% (102.6) das 114 ocorrências analisadas, enquanto *tu* apareceu em apenas 10% (11.4) (interferência da metodologia, como já apontado), sempre com verbo na terceira pessoa, ou seja, sem a concordância verbal esperada para a segunda pessoa. Isso caracteriza o uso de *tu* com morfologia de *você*, fenômeno comum em diversas regiões do Brasil. Observou-se que o modo indicativo favoreceu ligeiramente o uso de *tu* (12%) 11/91 ocorrências, ao passo que nos demais modos verbais (subjuntivo, gerúndio e infinitivo), o uso de *tu* foi inexistente. Quanto ao tipo de sentença, o uso da variante *tu* foi mais comum em contextos interrogativos com 29% das ocorrências (5/17) do que em afirmativos com 6% o equivalente a 6/97 das ocorrências, sugerindo maior espontaneidade ou menor monitoramento nesses contextos (Assunção; Almeida, 2008, p. 2).

A relação de intimidade entre documentador e informante não aumentou significativamente o uso de *tu* (Assunção; Almeida, 2008, p. 2), o que reforça a hipótese de que o efeito de observação e o caráter formal da situação de entrevista interferem na produção linguística, mesmo em situações aparentemente informais (Labov, 2008[1972]). Entre os fatores sociais, o sexo feminino apresentou menor índice de uso do *tu* (7%) em comparação com o masculino (13%), o que confirma a tendência descrita por Labov (2008[1972]) de que as mulheres favorecem formas de maior prestígio social. Quanto à idade, os dados indicam maior uso da variante *tu* entre os mais velhos (16%) e menor uso entre os mais jovens (0% na Faixa I e 2% na Faixa II), sinalizando uma possível mudança em direção ao apagamento da forma *tu* nessa comunidade (Assunção; Almeida, 2008, p. 2-3).

A pesquisa aponta que, na fala popular de Feira de Santana, o pronome *você* domina o sistema pronominal de segunda pessoa, enquanto o pronome *tu* aparece de forma residual e sem concordância verbal com a 2^a pessoa do singular. Seu uso está condicionado por fatores discursivos, etários e de sexo, sendo mais frequente entre homens mais velhos, em contextos interrogativos e informais, embora até nesses casos o uso seja limitado. Possível estigmatização do *tu* com forma verbal de terceira pessoa, associada à presença do observador, contribui para sua baixa frequência. Abaixo, seguem alguns exemplos do uso dos pronomes *tu* e *você* na comunidade de fala feirense.

INF: Tem que a gente até diz assim: Ave Maria por que de primeiro, a gente para entrar na escola tinha que completar sete anos né? E olhe lá, e desde que eu botei não me arrependo, muita gente diz: “Ô, **tu** vai gastar dinheiro!” (FII1NELP).

INF:.... Mas menino, eu não tô nem ligando! Saio mesmo. Minha fia, o povo [inin] aí pra costurar, fazer um, umas pecinhas, mas não tive tempo mesmo ainda de pegar, as meninas diz assim: “– Então **tu** recebe e **tu** não fez.” Eu não tive tempo não, deixa eu parar, quando eu tiver parada, assim dentro de casa, aí eu faço, mas não tive tempo de fazer nada ainda [risos] ela faz fuxico (FIII1NELP).

INF:.... A gente sente falta, vai logo fazer visita, “Fulano não veio hoje, vamos lá pra ver, aí junta cinco, seis vai levar conforto, vai levar conforto, levar palavra amiga, **você** sabe quanto tá me ajudando eu, eu, eu superar essas coisas com as visitas que chegou aqui (FIII1NELP).

INF: Não. **Você** chega... Morre três, morre lá, mas não foi por causa disso, por causa de drogas, sobre droga. Não, pessoal do bairro mesmo. Um pessoal do bairro, um rapaz que matou um veio e outro foi dois ladrão do Renascer que veio pr'aí, um pr'aí e outro eu ouvi dizer era um menino trabalhador de lá do Renascer também que mataram. (MI1NELP).

Os resultados desta investigação contribuem para a compreensão da dinâmica de variação pronominal no português brasileiro falado no interior nordestino e indicam a importância de revisar os instrumentos de coleta para acessar formas linguísticas menos prestigiadas, que tendem a ser reprimidas em contextos formais de entrevista.

Em trabalho intitulado *O uso dos pronomes tu e você no falar feirense culto*, Santana (2008), alinhado com os princípios da Sociolinguística Variacionista (Labov [1972] 2008), busca descrever e analisar o perfil linguístico dos falantes de nível superior da cidade de Feira de Santana com o objetivo de verificar quais fatores estruturais, discursivos e sociais influenciam no uso dos pronomes referentes à segunda pessoa do discurso *tu/você* no português culto falado na comunidade de fala feirense. Testados os valores sociais sexo (masculino e feminino), faixa etária (I: 22 a 29 anos; II: 30 a 45 anos; e III: 46 a 60 anos) e relação documentador/informante (íntima e não íntima) bem como os fatores linguísticos modo Verbal (Indicativo Subjuntivo Imperativo), Santana (2008, p. 13) traz os seguintes resultados: a variável linguística modo verbal não teve influência significativa; a escolha entre *tu* e *você* é mais motivada por fatores sociais (gênero, idade, grau de intimidade) do que linguísticos. Ele propõe maior atenção a essa variação nos materiais didáticos e gramáticas escolares. Com 243 ocorrências de pronomes analisadas, o uso do pronome *você* predominou com 66% (158), contra 34% de *tu* (85). Seguem exemplos do *tu* e *você* apresentados por Santana (2008, p. 11).

Doc: O que ele [sobrinho do informante] deve fazer pra desenhar uma árvore?

Inf: Então, árvore é um desenho que todo mundo sabe, né? Então, vamo lá. A primeira coisa qu'eu, é..., ia brigar um pouco com ele [ri], né, depois explicar que é: “Uma árvore, **você** faz como? Primeiro, **você** faz um traço de um lado e um traço de outro, e aí forma o tronco. Passa um traço embaixo, que é o terreno e se quiser faz uma...faz as raízes. É, na parte de cima da, da folha, **você** faz o cacheado como um cabelo black.

Doc: É, é...esse rapaz entra lá no seu setor de trabalho e quer saber onde fica o banheiro. Como é que você ensinaria?

Inf: É... **tu** segue in frente, é...depender do local que eu tô...**tu** segue in frente que o banheiro t'ali, tem uma placazinha masculino, feminino e só é **tu** seguir in frente que **tu** acha.

Em relação aos fatores sociais, os resultados apresentados por Santana (2008, p. 11-12) mostram que a variante *tu* é predominantemente utilizada pelas mulheres. Elas foram responsáveis por 75 das 138 ocorrências (54% de uso), com um alto peso relativo (.85). O uso entre os homens, por sua vez, foi menor, somando apenas 10 em 105 ocorrências (9% de uso) e um peso relativo de apenas .09 – contrariando Labov ([1972] 2008), que prevê maior uso de formas de prestígio por mulheres. Em Feira de Santana, o *tu* é mais associado à intimidade. Para a faixa etária, o uso de *tu* é mais frequente entre jovens (22 a 29 anos): Faixa I (22–29), 44% (peso relativo .50); Faixa II (30–45): 29% (peso relativo .49); Faixa III (46–60), 0% – uso categórico de *você*. Ou seja, há uma clara rejeição do *tu* entre os mais velhos, possivelmente por associá-lo à informalidade ou ao desvio da norma-padrão (Santana, 2008, p. 12).

Na Relação documentador/informante, Santana (2008, p. 12) mostra que as interações íntimas favorecem o uso de *tu*: Relação íntima, 42% (peso relativo .72); Relação não íntima, 6% (peso relativo 03). O *tu* é um marcador de vínculo afetivo ou de confiança; o *você* prevalece em contextos formais ou distantes. De forma geral, no trabalho de Santana (2008), a variação *tu/você* é influenciada sobretudo por fatores sociais. O *tu* é uma variante estigmatizada devido à sua conjugação (verbo na 3^a pessoa do singular). Há evidência de que a variante *tu* permanece viva no falar feirense de falantes de nível superior, embora minoritário. O uso de *tu* tem função identitária e afetiva, mais do que propriamente gramatical. O estudo mostra que o uso de *tu* é mais comum entre mulheres, jovens e em situações de intimidade com o interlocutor. O estudo conclui que a escolha entre *tu* e *você* é mais motivada por fatores sociais (sexo, idade, grau de intimidade) do que linguísticos.

Nogueira (2013) averigua *Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?* A pesquisa analisa a variação no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular – *tu* e *você* – em contextos formais e informais, com base na Teoria da Variação e da

Mudança Linguística. Nesse estudo, a autora considera fatores linguístico-discursivos (como função sintática, tipo de frase, tempo verbal, tipo de discurso e referência) e sociais (sexo, escolaridade, faixa etária e localidade) na escolha dessas formas em Salvador e Feira de Santana. Como mencionado, Nogueira (2013), em sua dissertação de mestrado, considerou os falantes de Salvador e Feira de Santana. Em Salvador, os soteropolitanos utilizam quase categoricamente o pronome *você* em oposição ao pronome *tu*⁸¹. Aborda-se aqui os resultados apresentados para Feira de Santana, por ser a comunidade de interesse para esta tese com análise de uma amostra de 24 entrevistas, pertencente ao *Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* e 07 conversações espontâneas entre informantes de Feira de Santana. Para a amostra pertencente ao *Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*, Nogueira apresenta os resultados mais significativos para os fatores sociais e linguístico-discursivos. Inicia-se com os resultados para o fator sexo. Pode-se ver este resultado registrado numericamente na Tabela 03.

Tabela 03 – Sexo: uso do *tu* e *você* em Feira de Santana

Sexo	Você	Tu
Homens	333/379 = 87,9%	46/379 = 12,1%
Mulheres	415/443 = 93,7%	28/443 = 6,3%

Fonte: Da autora com base em Nogueira, 2013, p.99.

Em relação ao fator social gênero/sexo, observa-se uma divergência nos resultados de pesquisas anteriores em Feira de Santana. Por um lado, estudos de Nogueira (2013, p. 99) indicam que os homens utilizam a variante *tu* em maior proporção que as mulheres. Esta tendência é corroborada por Assunção e Almeida (2008, p. 2-3), cujos dados revelam que o sexo feminino apresentou um índice de uso de *tu* (7%) inferior ao masculino (13%). Por outro lado, o panorama se inverte nos achados de Santana (2008, p. 12), que aponta o uso do pronome *tu* pelas mulheres: estas utilizam o pronome com muito mais frequência (54% das ocorrências da variante *tu*, com peso relativo de .85), e os homens, apenas 9% (10/105) apresentando um peso relativo de .09.

⁸¹ Cf. Tabela 01 – Percentuais de cinco construções com pronomes pessoais de segunda pessoa do singular (*você*, *cê*, *ocê*, *tu*, sem concordância e *tu* com concordância para a capital Salvador-BA-Nordeste, p. 97 desta tese; Tabela 1c- *Distribuição de pronomes explícitos na segunda pessoa do singular no português brasileiro falado nas capitais dos estados de Alagoas (AL), Sergipe (SE) e Bahia (BA) – região Nordeste: médias de amostras diversificadas* (Scherre; Andrade; Catão, 2021, p. 178-179); Tabela 2.7.2 – *Bahia: Distribuição de pronomes explícitos na segunda pessoa do singular em amostras de fala do português brasileiro em Salvador, Feira de Santana e quatro zonas rurais do estado da Bahia(BA): amostras diversificadas*, apresentada por Scherre, Andrade e Catão (2021, p. 195-196).

Outra questão a ser pontuada está para a baixa frequência de ocorrências para o pronome *tu*. Ela é muito pequena para a frequência real do uso deste pronome na comunidade linguística feirense, tanto para falantes homens quanto para falantes mulheres. Insiste-se na necessidade de uso e/ou elaboração de novos métodos de constituição das amostras linguísticas, em particular, para a captura do pronome *tu* em Feira de Santana. Nesta mesma seção, foi apresentada a eficácia dos registros de conversas espontâneas para desvelar o pronome *tu* na comunidade feirense.

Segue-se para os registros referentes ao fator escolaridade. Nogueira considerou o português culto e o português popular. Na Tabela 04, estão registrados os resultados para este fator social.

Tabela 04 – Escolaridade: uso do *tu* e *você* em Feira de Santana

Variedade	Você	Tu
Português culto	471/517 = 91,1%	46/517 = 8,9%
Português popular	277/305 = 90,8%	28/305 = 9,2%

Fonte: Da autora com base em Nogueira, 2013.

É fato que falantes tanto cultos quanto não cultos utilizam o pronome *tu* com *morfologia de 3^a pessoa do singular* em Feira de Santana – mesmo que em menor frequência do que usam o *você* (Assunção e Almeida, 2008; Lacerda *et al.*, 2016; Nogueira, 2013; Santana, 2008). Este é o *tu* que impera nesta comunidade de fala. Nota-se, nos dados descritos por Nogueira (2013), que a diferença do uso do *tu* é muito pequena entre os falantes cultos e não cultos, esta diferença é de apenas 0,3%. Para Nogueira (2013, p.101), “o fator escolaridade não possui grande relevância na escolha das variáveis em estudo.” Estes resultados não estão conciliados com o que foi registrado por Assunção e Almeida (2008, p.1-2) ao mostrarem que a ocorrência do *tu* na fala de pessoas não escolarizadas é muito menor do que na fala de pessoas escolarizadas (universitários), como apresentado por Santana (2008, p.12), respectivamente: 11/114 (10%) para os não escolarizados e 85/243 (34%) para falantes escolarizados/universitários.

Para a faixa etária, observa-se na Tabela 05 que, mesmo com menor frequência, os jovens usam mais o pronome *tu* do que as pessoas de outras faixas etárias. Observa-se também que o uso entre as três faixas etárias é inversamente proporcional: quanto maior a idade, menor é o uso do *tu*. Já o *você*, é majoritário em todas as faixas.

Tabela 05 – Faixa etária: uso do *tu* e *você* em Feira de Santana

Faixa Etária	Você	Tu
Faixa I (25–35 anos)	$356/398 = 89,4\%$	$42/398 = 10,6\%$
Faixa II (45–55)	$261/286 = 91,3\%$	$25/286 = 8,7\%$
Faixa III (65+)	$131/138 = 94,9\%$	$7/138 = 5,1\%$

Fonte: Da autora com base em Nogueira, 2013, p.105.

Estes resultados estão em comunhão com os apresentados por Santana (2008, p. 12) ao mostrar que os jovens (22 a 29 anos) cultos/universitários fazem mais uso do *tu* do que os outros cultos/ universitários mais velhos. No entanto, analisados separadamente, Assunção e Almeida (2008, p.3) mostram que, para os falantes não escolarizados, o pronome *tu* foi majoritariamente utilizado por pessoas mais velhas (faixa III, 16%). Os mais jovens (faixa I, 0% e faixa II, 2%). O registro de pessoas jovens utilizando o pronome *tu* em Feira de Santana sinaliza a resistência deste pronome nesta comunidade de fala e expansão de seu uso em contextos diversos, não apenas em contexto simétrico/proximidade.

Os fatores linguísticos considerados na análise como relevantes foram: função sintática, tipo de frase, tempo verbal e tipo de discurso (Nogueira, 2013, p. 89, 91, 93, 95, respectivamente). Em relação à função sintática, os dados apresentam a função não-sujeito como relevante para o pronome *tu* ($27/93 = 29\%$). Quanto ao tipo de frase, o *tu* aparece mais em frases não declarativas ($09/54 = 16,7\%$). No que concerne ao fator tempo verbal, o tempo não passado favorece o uso do pronome *tu*, registrando 9,4% das ocorrências ($73/773$). Em forte contraste, o uso do *tu* é significativamente menor no tempo passado, somando apenas 2,1% ($01/49$ ocorrências). Quanto ao tipo de discurso, o pronome *tu* demonstrou ser mais recorrente no discurso relatado, registrando 17,3% das ocorrências ($22/127$). Este resultado se contrapõe ao uso no discurso direto, onde a frequência da variante é significativamente menor, com apenas 7,5% ($52/696$ ocorrências). Seguem exemplos apresentados por Nogueira (2013, p. 74, 75, 76, respectivamente).

Função não-sujeito

“(...) Aí, arranjou a escola, e a gente não tinha casa perto de morar. A gente pegava qualquer livro véio naquele tempo. Ela disse: “eu quero que *tu* vá pá escola” (...) (SCH3, grifos da autora).

Frases não declarativas

“(...) **Tu** gosta de um cafezinho minha filha, gosta de um cafezinho?” (SPM1, grifos da autora).

Tempo verbal não passado

“(...) E ainda depois que eu fiz os exames foi sofrimento com aquela criatura, **tu** não imagina só” (SPM3, grifos da autora).

Discurso direto:

“(...) ah, rapaz, **tu** acredita que eu esqueci o termo? é...” (SCH1, grifos da autora).

Os resultados apresentados a partir da análise de sete conversações espontâneas entre informantes de Feira de Santana – reunidas e justificadas por Nogueira (2013, p. 16) para ilustrar as ocorrências do pronome *tu* em Feira de Santana em contextos mais descontraídos, em contraposição à amostra do *Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* (entrevista tipo DID) – confirmaram a alta produtividade do pronome *tu* na fala feirense. O estudo revelou que a variante é amplamente utilizada neste tipo de contexto, registrando uma frequência de 42,2% (62/147 ocorrências).

O efeito do fator sexo sobre o uso do pronome *tu* varia conforme o contexto de fala. Em conversações mais descontraídas e com maior grau de intimidade, os resultados de Nogueira (2013, p. 107) mostraram que as mulheres lideram o uso da variante, registrando 50,5% das ocorrências (47/93). Este padrão se contrapõe ao observado em entrevistas, nas quais a variante *tu* foi mais utilizada pelos homens.

Em relação às variáveis linguísticas, os resultados para a função sintática Sujeito se alinham àqueles encontrados no *Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*. Nogueira (2013, p. 108) indica que a função sintática sujeito favorece o pronome *você*, que registra 60,8% das ocorrências (79/130), em detrimento da variante *tu*, que ocorre em 39,2% dos dados (51/130). Em contraste, a função sintática Não Sujeito demonstra um padrão inverso, favorecendo o uso da variante *tu*, que ocorre em 76,9% dos dados (10/13). A variante *você*, por sua vez, é minoritária neste contexto, com apenas 23,1% das ocorrências (3/13). Em relação ao tipo de frase (declarativa e não declarativa), Nogueira (2013, p. 108) mostra que o pronome *tu* é favorecido por frases não declarativas, apresentando um percentual expressivo de 78,6% (33/42 ocorrências). Estes resultados corroboram com os achados apresentados quando da análise dos dados das entrevistas. Os resultados para o tempo verbal não estão conciliados com os observados nas entrevistas, que mostraram que o tempo não passado favorece o uso do pronome *tu*, registrando 9,4% das ocorrências (73/773) (Nogueira, 2013, p. 93). Para os dados

reunidos a partir de conversas espontâneas, Nogueira (2013, p.109) relata que “os resultados são contundentes em indicar que o tempo passado favorece o uso do pronome *tu* (82,4% dos dados) [14/17 ocorrências].” Para o fator tipo de discurso, os resultados mostraram que o pronome *tu* ocorre tanto no discurso direto quanto no relatado. Tais resultados convergem com os apresentados quando da análise das entrevistas. Porém, divergem quando apresentam a maior porcentagem de uso do pronome *tu* para o discurso direto com percentual de 43,2% (60/139 ocorrências) (Nogueira, 2013, p.109). Nos resultados apresentados sob os dados das entrevistas, o pronome *tu* demonstrou ser mais recorrente no discurso relatado, registrando 17,3% das ocorrências (22/127) (Nogueira, 2012, p. 95).

Na conclusão, Nogueira (2013), respondendo à pergunta que leva o título da sua dissertação: *Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?*, mostra que, enquanto os soteropolitanos usam majoritariamente o pronome *você*, os feirenses usam tanto o *você* quanto o *tu*, usos estes condicionados por fatores linguístico-discursivo e sociais. Particularizando o uso do pronome *tu* em Feira de Santana, Nogueira (2013) mostrou que o *tu* é uma estratégia linguística ligada à identidade, à intimidade, à escolaridade e à situação de fala.

Lacerda *et al.* (2016, p.53) também trazem notícias sobre o uso do pronome *tu* em Feira de Santana. Em *Formas tratamentais no semiárido baiano*, os autores analisam a variação das formas de tratamento *tu* e *você* em comunidades rurais e na zona urbana de Feira de Santana, dentro de uma perspectiva diatópico-diacrônica e segundo os princípios da Sociolinguística Quantitativa (Labov, 2008[1972]). Com base em amostras orais e históricas, constatou-se o predomínio da forma inovadora *você*, com o uso de *tu* cada vez mais restrito e, quando ocorre, geralmente desacompanhado de concordância verbal canônica. No referido estudo, os autores também identificam que fatores como idade, gênero, norma linguística e localidade influenciam no uso dos pronomes. Os pesquisadores concluem que há uma tendência de convergência entre o português culto e o popular no Brasil, refletindo um sistema tratamental em mudança. Diante dos resultados, passa-se a apresentar dados referentes aos fatores condicionantes do uso do pronome *tu* para a comunidade feirense, zona urbana.

Para a amostra do Projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano*, constituída de 24 gravações do tipo DID da zona urbana de Feira de Santana (fala culta e fala popular), Lacerda *et al.* (2016, p. 49) comprovaram que os feirenses utilizam o pronome *tu* com morfologia de 3^a pessoa do singular (29 ocorrências/ 5,8%), mas que há um forte predomínio do uso do pronome *você* (471 ocorrências/94,2%). Para o fator social sexo, os resultados trazidos por Lacerda *et al.* (2016, p. 51) revelam a pouca diferença do uso do *tu* entre homens e mulheres feirenses,

respectivamente: 17 (7,6%); 12 (4,4%). Estes resultados conciliam-se com os trazidos por Assunção e Almeida (2008), que também mostraram que os homens utilizam mais o pronome *tu*.

A faixa etária constitui um fator crucial na variação do uso do pronome *tu* entre os falantes feirenses. Os resultados encontrados por Assunção e Almeida (2008, p. 3), que revelaram que o uso do pronome *tu* mostrou-se majoritariamente utilizado por pessoas mais velhas, são, no entanto, contrariados pelas pesquisas mais recentes. As notícias trazidas por Lacerda *et al.* (2016, p. 51), as quais estão em sintonia com os dados de Santana (2008, p. 12) e Nogueira (2013, p. 104), apontam que os jovens feirenses usam mais o pronome *tu* do que os falantes mais velhos. Estes resultados reforçam a persistência do uso do *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular* no contexto desta comunidade de fala e na variedade linguística do PB. Segundo a teoria Laboviana, a predominância de uma variante linguística nos grupos mais jovens – agentes responsáveis pela inovação e propagação das mudanças linguísticas – em comparação com os grupos mais velhos, é considerada como uma forte evidência de que uma mudança linguística está em curso (mudança em tempo aparente) (Labov, 2006 [1968]; 2008 [1972]).

Apesar de o uso do pronome *tu* estar tanto para falantes cultos como não cultos, faz-se necessário pensar, para o uso dessa variante, o cruzamento entre escolaridade e faixa etária. Infere-se, aqui, que o fator escolaridade interfere no uso e não uso quando relacionado com a idade dos informantes, com níveis de escolaridade testados separadamente. Quando da análise da amostra apenas para falantes não escolarizados, a realidade trazida por Assunção e Almeida (2008, p. 3) foi a de que o *tu* mostrou-se majoritariamente utilizado por pessoas mais velhas (faixa III (16%)). Os mais jovens (faixas I e II (0%)) não utilizaram esta variante.

Para os fatores linguísticos, os dados de Lacerda *et al.* (2016, p. 50) revelam que a função sintática de sujeito pleno é a mais frequente, tanto para o uso do pronome *tu* (24 ocorrências (4,9%)) quanto para o *você* (463 ocorrências (95,1%)) na comunidade de fala feirense. Em seguida, o dativo apresenta resultados iguais para ambos, com 4 ocorrências (50,0%). Em síntese, a maior parte das ocorrências desses pronomes em Feira de Santana está ligada à função de sujeito pleno, guardadas as devidas proporções de uso de cada pronome.

Além de quantificar os pronomes *tu* e *você*, Lacerda *et al.* (2016, p. 49) também analisaram e quantificaram as ocorrências de *cê*. Descrevendo os resultados, os pesquisadores afirmam: “no *corpus*, aparece a variação *você* ~ *cê*, sendo o número de ocorrências da forma padrão *você* bem maior do que a frequência da forma não-padrão *cê* (450 e 12, respectivamente).” Abaixo, seguem exemplos de registros dos pronomes *tu*, *você* ~ *cê*

apresentados por Lacerda *et al.* (2016, 49, 51, 52).

A gente tenta passar também esse tipo de educação pras pessoas, que é chamada a educação de berço, é aquela que **VOCÊ** não adquire na rua, não adquire na escola, **CÊ** adquire em casa e quando os pais não dão, às vezes eu tento a dar na escola. (Norma Culta Feirense, J.A.R.R.).

A mesma coisa, **CÊ** corta o coco, rala o coco tudo, bate, côa (Norma Popular Feirense, I.).

É, **TU** segue in frente, é... **TU** segue in frente que o banheiro ta'li tem uma placazinha masculino, feminino e só é **TU** seguir in frente **TU** acha. (Norma Culta Feirense, W.C.G.)

Mais eu tinha uma von... **TU** *cunhece* aquelas bunequinha de pano num cunhece? (Norma Popular feirense, M.).

Oi minha filha quando é que **TU** *vem* aqui? (Norma Popular Feirense, R.). E ainda depois que eu fiz os exames foi sufrimento com aquela criatura, **TU** não *imagina* só. (Norma Popular Feirense, C.).

Açúcar a gosto e pronto, **TU** *vai* ver como é bom (Norma culta feirense, W.C.G.).

TU *falou* do mestrado (Norma Culta Feirense, H.).

Porque **TU** *sabe* que eu sou tabaroa, eu vou me perder (Norma Culta Feirense, P.L.O.).

De maneira geral, nos trabalhos descritos por Assunção e Almeida (2008), Lacerda *et al.* (2016), Nogueira (2013) e Santana (2008), o pronome *tu* em Feira de Santana convive com o pronome *você*~*cê*. Não há variação entre o *tu* sem concordância canônica e com concordância canônica de 2^a pessoa; ou seja, é categórica a forma do *tu com a morfologia de 3^a pessoa do singular*. Os feirenses mais jovens utilizam mais a variante *tu*, mesmo que com menor frequência em concorrência com a variante *você*. O fator escolaridade não impede o uso deste pronome, que é frequente em contextos de interação marcados por informalidade e interação simétrica. Tem-se, nos resultados acima apresentados (Lacerda *et al.*, 2016; Nogueira, 2013; Santana, 2008), o uso do pronome *tu com a morfologia de 3^a pessoa do singular* por jovens feirenses, contrariando a expectativa conservadora (uso de *o senhor* e *a senhora*) o que abre espaço para maior frequência do uso desta variante entre falantes de outras faixas etárias e em contextos de interação variados, construindo, assim, uma nova realidade menos dolorida de estigmatização que os falantes feirenses sofreram com muita intensidade na década de 1990 (Almeida, p. 2012).

Em artigo intitulado *Urbanização, escolarização e variação linguística em Feira de Santana-Bahia (século XX)*, Almeida (2012) investiga como processos sociais – como a urbanização acelerada e a expansão da escolarização – influenciaram a constituição e a variação da língua portuguesa falada em Feira de Santana, Bahia, ao longo do século XX. De maneira mais específica, a autora busca compreender como a urbanização e a escolarização impactaram a variação linguística, com foco na colocação pronominal e, especificamente, no uso de *tu* e *você*. Utilizando uma abordagem histórico-sociolinguística, com análise de cartas pessoais escritas entre as décadas de 1940 e 1960, a autora sugere que a variação pronominal é reflexo das mudanças sociais e do contato dialetal promovido pela urbanização e escolarização. Em termos históricos e sociais, Almeida (2012) relata que Feira de Santana apresentou um crescimento urbano acima da média estadual e nacional no século XX, principalmente com a industrialização e a migração interna e interestadual (especialmente de estados do Nordeste). As migrações trouxeram diversidade dialetal, impactando o português falado local. A escolarização avançou de forma lenta; até a década de 1980, os índices de ensino médio completo eram inferiores a 10%. A precariedade educacional permitiu maior influência do português popular sobre o padrão culto.

Para Almeida (2012), a baixa escolarização limitou o alcance da norma culta, favorecendo a permanência de traços do português popular, enquanto a oralidade manteve usos variados do *tu*, os registros escritos — especialmente cartas — começaram a evitar essa forma. Isso demonstra uma tentativa de alinhar a escrita às normas de prestígio, mesmo com baixo nível de escolarização formal; a urbanização criou um ambiente de contato entre falares diversos, promovendo tanto inovação quanto resistência linguística; o uso da forma *tu* foi socialmente marcado como de menor prestígio, associado a grupos estigmatizados (migrantes pobres ou “nortistas”). Almeida (2012) relata que a forma *tu* era característica do modo de falar de muitos migrantes oriundos de outros estados do nordeste, os quais chegaram em massa à cidade nas primeiras décadas do século XX. Esses migrantes eram vistos pelas elites locais como “incivilizados” ou pertencentes às camadas populares e rurais, o que reforçou o estigma social associado à variante linguística.

A variante *tu* passou a funcionar como marcador social, revelando a origem regional, o nível de instrução ou a posição social do falante. Em uma sociedade em processo de urbanização e escolarização, como Feira de Santana no século XX, tal marcador passou a ser evitado por aqueles que buscavam ascensão social ou prestígio linguístico — reproduzindo, assim, padrões de exclusão. Assim, fica evidente que essas pessoas eram discriminadas nos espaços públicos frequentados pela elite e classe média local, o que pode ter levado a uma marcação da identidade

linguística feirense, a exemplo de deixar de usar o *tu* (Almeida, 2012). Esta discriminação foi sentida e relatada, na entrevista, por uma pessoa que compõe o *corpus* constituído para esta tese, quando perguntado se em Salvador ela observou comentário pejorativo por ela ser identificada como feirense por usar o pronome *tu*. Abaixo, o desabafo.

“O pessoal já falava já tirando onda mesmo, porque é de Feira. Era todo mundo adolescente, né, criança e tal e ficava, realmente, rebaixando porque era de Feira. O pessoal de Salvador tem essa mania de dizer que Feira é interior, né, era mais nesse sentido mesmo” (OFI3).

Este relato é de uma pessoa de 27 anos, o que mostra que eventos de estigmatização para o uso do pronome *tu*, para a variação diatópica, mesmo que em menor frequência, podem estar ocorrendo; afinal, não faz muito tampo que esta pessoa passou por esta discriminação. No entanto, os resultados de pesquisas são animadores. Como já pronunciado, os jovens usam a variante *tu* mais que as pessoas mais velhas; considerando que eles são geralmente os principais agentes de mudança linguística, tal comportamento pode progredir para a uma mudança de baixo para cima (*from below*) (Labov, 2008[1972], 1994, 2001). A variante *tu com morfologia de 3^a pessoa do singular* pode estar em ascensão na comunidade de fala feirense e expandindo o seu espaço de interação, aumentando e/ou desvelando cada vez mais o seu prestígio.

Os registros de fala reunidos pela autora desta tese a partir de anotações de conversas espontâneas em vários contexto de interação e de conversas constantes no aplicativo *WhatsApp Web*, amostra descrita na seção da metodologia, mostram que o *tu* funciona como um marcador discursivo de proximidade, usado em ambientes informais, mas também em espaços públicos, desde que o tom da conversa seja familiar ou direto; em diversos tipos de relação interpessoal, inclusive fora do núcleo íntimo; com forte marca regional e afetiva. Abaixo, segue um conjunto de exemplos de fala de falantes feirenses em diversos contextos de interação, que serão parcialmente sintetizados no Quadro 15 (p.125), mais adiante.

39) X: Já foi atendido?

X: Não.

X: Pode dizer.

X: Eu quero um pedaço de torta.

X: **Tu** quer que sabor? (FI, arquivo pessoal)

X: Essa de abacaxi.

40) J: Essas compras é de alguém?

X: Não. As pessoas deixam aí. Pode passar.

J: Pensei que tinha alguém na fila.

X: Supermercado grande, ninguém vê isso, né? **Tu** vê isso no mercado grande? Aqui tem hora que tem três quatro compras, não sei nem o que é que eu faço. (FIII, arquivo pessoal)

41) X: Esse remédio fica melhor aqui.

X: É mesmo rapaz, **tu** acha? (CMI3, arquivo pessoal).

42) X: Eu mesmo já rodei pra ligeirinho, o povo comentava que tem uns que corre batente. Eu não, **tu** é doido!

43) X: Isso é... **tu** ta vendo que tem lombada como é que **tu** vai? Carreta, **tu** freia por conta do peso. Ela não freia logo, carro pequeno obedece (MII, arquivo pessoal).

44) X: **Tu** viu quando **tu** entrou a li a sandália.

45) X: **Tu** restringe aí as visitas, que bronquite não tem cura não, os hospitais estão cheios, **tu** tem que sair como se fosse covid, **tu** botou o dedo no elevador, não pode pegar na criança (MI, arquivo pessoal).

46) X: Nunca mais fui pra academia X.

X: Mulher, mas **tu** fazer uma esteirinha, um agachamento é bom (MI, arquivo pessoal).

47) X: **Tu** não usa chá inflamatório, não? romã é bom, espinheira santa (MII, arquivo pessoal).

X: Estou com intolerância a lactose, mas já marquei a endoscopia.

48) X: Esse protetor é bom. Viu amigo. Eu fui comprar. Eu disse: quem é **tu** protetor?! (MI).

49) X: **Tu** foi na farmácia? (FI, arquivo pessoal).

50) X: Mas tem o dinheiro da mala. Mas **tu** sabe que tem dinheiro na mala, né? (MI, arquivo pessoal).

51) X: **Tu** ainda vai botar o cartão? (FI, arquivo pessoal).

52) X: A água, **tu** não quer levar não? (FI, arquivo pessoal).

53) X: Eu só machuco e **tu** bate o tempero (FI, arquivo pessoal).

X: então **tu** que sabe, se quiser ajuda, X ajuda (FI arquivo pessoal).

54) X: **Tu** coloca as cadeiras lá fora? (FI arquivo pessoal).

55) X: X, **tu** sabia que X faz desses óculos? (FII, arquivo pessoal).

56) X: **Tu** tomou o que aqui, bê? (FII, arquivo pessoal).

57) X: Como **tu** mora em uma casa quatro anos e as coisas estão na caixa?
 Compra caixa organizadora.

58) X: **Tu** acha que X tinha coragem de me pedir alguma coisa? (FI, arquivo pessoal).

X:Nem intimidade com **tu** ela tem (FII, arquivo pessoal).

59) X: Ô mãe, **tu** vai na ruazinha.../

X: Eu sei, na rua Carlos Gomes. Por isso que eu fui também pra te encontrar na mesma rua.

X: Por isso que eu falei pra **tu** que o mundial é melhor (OI3, arquivo pessoal).

60) X: Amigo, **tu** embala essa pizza pra levar? (OI3, arquivo pessoal)

X: Essa eu posso colocar na caixa e a outra no alumínio?

X: Pode.

No Quadro 15, segue uma sistematização dos contextos de interação interpessoal, mostrados nos exemplos acima, em que o pronome *tu* é utilizado na comunidade de fala feirense de acordo com o uso espontâneo e real da linguagem.

Quadro 15 – Sistematização dos contextos de interação dos feirenses com uso do pronome *tu* (Continua)

Nº	Contexto	Descrição	Exemplos extraídos
1	Familiar: mãe ↔ filho(a)	Comunicação íntima, cotidiana, com perguntas, conselhos, ordens ou apoio.	“Tu foi na farmácia?”, “Tu ainda vai botar o cartão?”, “Oh mãe, tu vai na ruazinha?”
2	Amizade / vizinhança / colega	Relações de proximidade afetiva ou comunitária; tom informal e direto.	“Amigo, tu embala essa pizza pra levar?”, “Mulher, mas tu fazer uma esteirinha e um agachamento é bom.”
3	Ambiente de compras / serviços	Interações em mercados, farmácias, lanchonetes; uso do “tu” mesmo sem intimidade.	“Tu quer que sabor?”, “Tu vê isso no mercado grande?”, “Tu embala essa pizza pra levar?”
4	Cuidados com saúde e corpo	Trocas sobre bem-estar, medicamentos, alimentação, dicas de chá, etc.	“Tu tomou o quê aqui, bê?”, “Tu não usa chá inflamatório não?”, “Tu tem que sair como se fosse COVID.”
5	Situações de trânsito / transporte	Interações entre motoristas, passageiros, com tom direto e orientativo.	“Tu é doido!”, “Tu tá vendo que tem lombada?”, “Tu freia por conta do peso.”
6	Divisão de tarefas domésticas	Repartição de obrigações no lar, com <i>tu</i> usado para orientar, pedir, dividir.	“Tu coloca as cadeiras lá fora?”, “Eu só machuco e tu bate o tempero.”
7	Reclamações / críticas / julgamentos	Expressão de descontentamento, julgamento ou ironia.	“Nem intimidade com tu ela tem.”, “Como tu mora em uma casa 4 anos e as coisas estão na caixa?”
8	Recordações / experiências pessoais	Lembranças e reflexões pessoais entre conhecidos.	“Por isso que eu falei pra tu que o Mundial é melhor.”

Quadro 15 – Sistematização dos contextos de interação dos feirenses com uso do pronome *tu* (Conclusão)

Nº	Contexto	Descrição	Exemplos extraídos
9	Interação com crianças / adolescentes	Uso maternal e educativo com tom protetivo ou de instrução.	“Tu tem que sair como se fosse COVID...”, “Tu tomou o quê aqui, bê?”

Fonte: Da autora, 2025.

Por ora, tem-se que as análises dos dados coletados evidenciam que o pronome *tu* permanece ativo e funcional no português falado em contextos informais e cotidianos, especialmente entre falantes jovens, mulheres e em relações interpessoais marcadas pela intimidade. Essa forma pronominal, embora estigmatizada por sua conjugação frequentemente associada à 3^a pessoa do singular, cumpre um papel social importante como marcador de proximidade, afeto e identidade regional. A alternância entre *tu* e *você*, com ou sem concordância padrão, aponta para uma realidade linguística na qual a gramática internalizada pelos falantes não corresponde estritamente à norma gramatical ensinada na escola, mas sim a uma norma socialmente construída e compartilhada, que privilegia funcionalidade e identidade regional. Além disso, esse uso mostra que o sistema pronominal brasileiro está em constante transformação e que o *tu* não está desaparecendo, como muitos já afirmaram, mas sim ressignificando-se em novas formas de uso que refletem a oralidade, o afeto e a interação direta entre falantes. Portanto, o caso da Bahia — e de Feira de Santana, em particular — ilustra com clareza como o português falado no Brasil é moldado pela diversidade sociocultural e como os pronomes de 2^a pessoa continuam sendo marcadores ativos de variação e mudança linguística.

Uma vez apresentada uma breve descrição da realidade do uso do pronome *tu* na comunidade de fala feirense, passa-se aos resultados das análises quanto à avaliação social subjetiva consciente e inconsciente que estes falantes fazem frente a esta variante. A seção seguinte concentra-se na análise do papel dos recursos semânticos-discursivos do sistema de Valoração: Atitude, Comprometimento e Gradação (Martin; White, 2005).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados para a condução desta pesquisa, detalhando a constituição do *corpus*, os critérios de seleção e tratamento dos dados, bem como os instrumentos analíticos utilizados na abordagem do fenômeno linguístico estudado. Na seção 4.1, apresenta-se uma introdução ao *corpus* da pesquisa, seguida da sua constituição 4.1.1), que explicita os critérios de escolha dos dados e sua organização, seguida da apresentação dos participantes da pesquisa (4.1.1.1) e dos procedimentos adotados para o tratamento do *corpus* (4.1.1.2). A seção 4.2 trata das amostras suplementares, utilizadas como suporte ou contraste analítico em relação ao *corpus* principal, contribuindo para ampliar e aprofundar a compreensão do fenômeno linguístico observado. Por fim, na seção 4.3, apresenta-se o Sistema de Valoração (Martin; White, 2005) como ferramenta teórico-metodológica central para a análise dos dados. A subseção 4.3.1 descreve os procedimentos de identificação e classificação dos recursos linguísticos de valoração encontrados no *corpus*, de acordo com os princípios da Linguística Sistêmico-Funcional.

4.1 DO CORPUS: UMA INTRODUÇÃO

Os dados utilizados nesta pesquisa pertencem a fontes diferenciadas. Nesta tese, junta-se ao *corpus* inédito – constituído especificamente para este estudo nos anos 2024 e 2025 – amostras suplementares também inéditas, sobre as quais tratou-se no item 4.2. Os procedimentos aqui descritos foram realizados no interesse de elaboração do *corpus* com a finalidade de otimizar a compilação dos correlatos subjetivos inconsciente e consciente que serviram de base para a análise da avaliação subjetiva por parte dos falantes feirenses quanto ao uso da variante *tu com a morfologia de 3^a pessoa do singular*. A comunidade de fala desse estudo é a cidade de Feira de Santana, reconhecida como a 33^a maior cidade do país dentre as 5.565 existentes, e a segunda maior cidade do estado da Bahia, liderando a macrorregião com população de aproximadamente 652.592 pessoas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE, 2022). Sobre esta comunidade de fala, é incidida uma maior atenção na seção 3.1.

4.1.1 Constituição do *corpus*

O *corpus* em estudo se caracteriza em fonte oral, advinda de falantes moradores da zona urbana da cidade de Feira de Santana, constituída por meio de oito entrevistas semiestruturadas⁸² que seguiram, uniformemente, um roteiro de seis questões-chave de natureza sociocultural expostas no Quadro 16 abaixo.

Quadro 16: Roteiro de entrevista de natureza sociocultural

VOZES FEIRENSES: A AVALIAÇÃO SOCIAL DA VARIANTE *TU* EM FEIRA DE SANTANA-BA

Esta pesquisa se atém ao estudo empírico da avaliação social subjetiva consciente e inconsciente, por parte dos falantes feirenses, quanto ao uso do pronome *tu* com a morfologia de 3^a pessoa do singular na comunidade de fala de Feira de Santana.

Roteiro de entrevista

Fale um pouco sobre você: idade, escolaridade etc.

1. Fale sobre a cidade/cultura de Feira de Santana.
2. Gosta de Feira? Já pensou em sair da cidade?
3. Como identificar um feirense?
4. De que maneira os feirenses se dirigem aos outros nas relações interpessoais?
5. Percebem as pessoas usando o pronome *tu*, aqui em Feira de Santana, além dos pronomes você, a senhora e o senhor?
6. Usa o *tu*, com quem costuma usá-lo e o que acha do uso deste pronome?

Fonte: da autora, 2025.

Este modelo de entrevista ampliou a possibilidade da abordagem de outras questões de interesse de pesquisa. As entrevistas tiveram duração mínima de 15 min. e máxima de 30 min., as falas foram registradas com a utilização do gravador do aparelho celular de uso pessoal da autora desta tese.

⁸² Conhecida também como assistemática, antropológica ou livre (Marconi; Lakatos, 2003). De acordo com Labov (2008 [1972, 63]), é “método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa”, se aproximando, às vezes, do uso vernáculo. Apesar de não estar em questão aqui um estudo descritivo sob os direcionamentos da Sociolinguística Quantitativa, propriamente dito, os registros das falas dos (as) informantes também fornecem dados para futuras pesquisas que têm como objetivo a frequência do uso de fenômenos linguísticos, suas variáveis, e a covariância com os fatores linguísticos e sociais.

O convite para participar deste estudo se estendeu a oito feirenses – cinco mulheres e três homens – e foi realizado pessoalmente por mim, pesquisadora responsável entre o ano de 2024 e 2025. O acesso a estas pessoas se deu a partir da minha rede de relações pessoais. As abordagens aos (as) informantes aconteceram, de maneira individual, em dois campos de pesquisa: nos bairros da cidade de Feira de Santana e no *campus* da Instituição de Educação Superior – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – cuja escolha justifica-se em razão de neste espaço haver possibilidade maior de adesão à pesquisa, considerando o contexto acadêmico.

Iniciou-se a abordagem com a minha apresentação pessoal, seguida da certificação da naturalidade, feirense, dos (as) informantes – condição *sine qua non* para a constituição do *corpus* e realização deste estudo. Sob a afirmativa de possuírem identidade feirense, falou-se do interesse de pesquisa, sobre o estudo e sobre a importância da participação de cada uma destas pessoas. Tratou-se também da importância e da finalidade da UEFS, instituição à qual estou vinculada como responsável pela pesquisa, em assegurar os direitos dos participantes através do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP/UEFS). Uma vez aderido à pesquisa, as entrevistas foram agendadas, respeitando o dia, o lugar e a hora de preferência dos(as) participantes, em condições favoráveis e de maior discrição possível.

No momento da entrevista, que se deu de maneira individual, foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (cf. Apêndice A). Ressalta-se que, para os não alfabetizados ou os que tiveram dificuldade para entender o conteúdo constante no TCLE, realizou-se a leitura deste documento visando o seu esclarecimento. Garantidos os aspectos éticos da pesquisa, elucidadas todas as dúvidas que ocorreram e confirmada a participação na pesquisa, solicitou-se a assinatura por extenso e rubrica de cada participante no referido documento, de forma autônoma e consciente de sua participação, do qual cada participante recebeu uma cópia.

Considerando que esta pesquisa envolve seres humanos e dado a situação de entrevista e gravação da fala, alguns desconfortos e riscos são passíveis de ocorrer, a exemplo de constrangimento (sentimento de vergonha, timidez). Esses desconfortos e riscos foram amenizados em razão de uma interação com o mínimo de formalidade possível, sem exigência de conhecimento aprofundado dos temas tratados e de conhecimento de uma linguagem que segue os padrões da norma culta. Também fez-se um alerta sobre o risco de esta pesquisa ganhar uma dimensão de divulgação maior e, por isso, os dados sofrerem maior exposição; neste caso, garantiu-se o sigilo do nome dos (as) informantes, o de qualquer pessoa citada na entrevista, e de qualquer conteúdo que possa comprometê-los (las) de alguma forma (cf. em

tratamento dos dados, subseção 4.1.1.2). Tratou-se, também, dos riscos referentes à exposição dos dados no que diz respeito à gravação, a exemplo de perda ou roubo (registrou-se que a gravação foi feita com o uso do gravador de celular de uso pessoal da autora), estes riscos, porém, são amenizados já que o aparelho celular em questão possui bloqueio por senha, impressão digital e reconhecimento facial e está cadastrado no *Celular Seguro*⁸³; além disso, as entrevistas foram transferidas e armazenadas em HD externo de uso particular da autora. Evitou-se, também, o cansaço da parte dos (das) participantes ao responderem a entrevista – principalmente dos (as) informantes com idade mais avançada – respeitando o tempo mínimo de 15 min. e máximo 30 min. para a realização da entrevista.

Este estudo apresenta riscos, mas também oferece benefícios que foram comunicados aos envolvidos. Como benefícios, os (as) participantes têm, de maneira direta ou indireta, acesso aos procedimentos desta pesquisa, aos resultados da pesquisa e possibilitam o retorno dos resultados encontrados à sociedade, proporcionando maior conhecimento do tema tratado. Além disso, este estudo apresenta e possibilita à comunidade feirense e à sociedade como um todo um espaço de discussão sobre a intrínseca relação entre língua, cultura e sociedade e dá direcionamento para uma consciência linguística no sentido de que a variação é reflexo da diversidade sociocultural, o que permite discutir questões como, por exemplo, variação linguística e preconceito social direcionado a variantes linguísticas. Contribui para uma certa conscientização individual e coletiva da variedade linguística falada na comunidade feirense e para o conhecimento do Português Brasileiro, falado e escrito. Dando continuidade à caracterização do *corpus*, prossegue-se com a apresentação dos participantes.

4.1.1.1 Os participantes

Participam deste estudo oito pessoas atendendo aos critérios de inclusão baseados nas seguintes características sociais: naturalidade (feirenses), moradoras da zona urbana e de ambos os sexo (masculino e feminino). Como critério de exclusão de informantes, não foram entrevistados (as) os (as) docentes e discentes feirenses do Curso de Letras, em razão da proximidade com o tema em estudo. Além das características sociais apresentadas, os (as)

⁸³ Aplicativo lançado pela Anatel e pelo Ministério da Justiça, em dezembro de 2023, para notificar o roubo ou furto do aparelho. Disponível em <https://www.gov.br/anatel> ou <https://www.gov.br/pt-br/apps/celular-seguro-br>. Outros procedimentos de proteção de dados, além do tradicional registro de ocorrência na delegacia, também podem ser realizados, caso haja perda ou roubo do aparelho celular: acionar o bloqueio remoto do celular e solicitar à operadora, o bloqueio do número de identificação do aparelho (IMEI).

informantes estão distribuídos (as) em três faixas etárias e três níveis de escolaridade. Sendo assim, formam este grupo de informantes pessoas que apresentam maior ou menor mobilidade social em razão da estratificação social que os envolve. No Quadro 17, encontram-se apresentadas as características sociais dos (as) informantes.

Quadro 17 – Delimitação das características sociais dos (as) informantes

Naturalidade	Sexo	Faixa etária	Escolaridade
Feirenses	Masculino e Feminino	Faixa I – 25 a 35 anos	Menor escolaridade ou nenhuma escolaridade (séries iniciais ou conhecimento mínimo de leitura e escrita)
		Faixa II – 45 a 55 anos	Média escolaridade (pessoas com ensino médio completo)
		Faixa III – 65 anos em diante	Maior escolaridade (ensino superior)

Fonte: Da autora, 2025.

Destaca-se que as variáveis sociais sexo, faixa etária e escolaridade não foram controladas; ou seja, não foi analisada a correlação entre estas variáveis e as reações subjetivas inconscientes e conscientes dos (as) informantes. Tais variáveis independentes estão aqui apresentadas em razão de uma maior transparência da caracterização social dos (as) informantes, verbalizada nas entrevistas. Optou-se, portanto, por uma análise qualitativa da correlação entre as crenças, os sentimentos, os valores e os posicionamentos ideológicos destes (as) feirenses frente ao uso da variante *tu com morfologia de 3^a pessoa do singular*. No Quadro 18, encontra-se uma visão mais detalhada da distribuição dos oito informantes em relação às características sociais.

Quadro 18 – Distribuição dos (as) informantes em relação às características sociais (Continua)

Naturalidade	Escolaridade	Sexo			
		Masc.	Idade	Fem.	Idade
Feirenses	Menor escolaridade ou nenhuma escolaridade (séries iniciais ou conhecimento mínimo de leitura e escrita)	01	51 anos	01	65 anos
	Média escolaridade (pessoas com ensino médio completo)	–	–	01	60 anos
	Maior escolaridade (ensino superior)	Incompleta	–	03	29 anos 33 anos

					37 anos
	Completa	02	34 anos 43 anos	—	—
Total de informantes				08	

Fonte: Da autora, 2025.

Destaca-se que, do *corpus* constituído de oito entrevistas para esta investigação, selecionou-se, aleatoriamente, quatro delas quando da análise dos correlatos subjetivos conscientes e inconscientes, apresentada na seção 5.1. Assim, foram utilizados dados fornecidos por quatro feirenses: dois homens e duas mulheres. Esta amostra se apresenta produtiva uma vez que “*as atitudes sociais para com a língua são extremamente uniformes dentro de uma comunidade de fala*” (Labov, 2008[1972], p. 287, grifo do autor). A amostra também se apresenta produtiva para a proposta de análise da avaliação social subjetiva numa interface entre a Sociolinguística Laboviana e a teoria Linguística Sistêmica-Funcional com ênfase para sistema semântico-discursivo da função interpessoal da linguagem, especificamente para os pressupostos do Sistema da Valoração (SV) apresentado por Martin e White (2005). No Quadro 19, registra-se a distribuição dos (as) participantes que compõem a amostra utilizada para a análise qualitativa quanto a suas características sociais.

Quadro 19 – Amostra dos participantes utilizada na análise do Sistema de Valoração

Naturalidade	Escolaridade	Sexo			
		Masc.	Idade	Fem.	Idade
Feirenses	Menor escolaridade ou nenhuma escolaridade (séries iniciais ou conhecimento mínimo de leitura e escrita)	01	51 anos	01	65
	Maior escolaridade (ensino superior)	Incompleta	—	01	33 anos
		Completa	01	34 anos	—
Total de informantes				04	

Fonte: Da autora, 2025.

4.1.1.2 Tratamento do *corpus*

Com os registros das falas em mãos, passou-se à transcrição desses registros, cujos direcionamentos são propostos pelo Projeto *A Língua Portuguesa do Semiárido Baiano*⁸⁴,

⁸⁴ Cf. ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. (Org.). *Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano*. 4 CDs. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

disponíveis na coleção *Amostras da Língua Falada do Semiárido Baiano*. Em função do objetivo de pesquisa, não foram registrados os fenômenos fônicos que indicam variações. A transcrição das falas se equilibra entre as normas ortográficas prescritiva e descritiva; preservou-se, com fidelidade sintática, a ocorrência da menção ou do uso do pronome *tu com a morfologia da 3^a pessoa do singular*, variante em estudo.

Salienta-se, mais uma vez, que todo processo metodológico realizado neste estudo privilegia a lisura e a credibilidade da pesquisa, de todos os envolvidos e atende o que pede a Resolução CNS nº 466 de 2012, que apresenta as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, especificamente o que regem os itens III.2.i e IV.3.e., cujos direcionamentos exigem a realização de procedimentos que

i) [...] assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros (BRASIL, 2012, s.p.).

[...]

[e garatam]

e) [...] [a] manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa (BRASIL, 2012, s.p.).

No interesse de evitar a exposição da identidade dos (as) informantes e de qualquer pessoa citada na entrevista, os respectivos nomes de registro, no momento da transcrição, foram abreviados, representados por inicial diferente, a exemplo de Janivam = Z, para os informantes; para qualquer outra pessoa citada, usa-se a letra X, em todas as transcrições. Assim, como demonstração, têm-se a letra U para o informante e a letra X para a pessoa citada na fala do informante, ambas com destaque em negrito.

U – “[...]. É engenharia civil, ela gosta muito, sempre foi esforçada. Já o menino sempre foi mais relaxado, mas eu falo com ele: – **X**., até pra você hoje varrer rua, você tem que ter segundo grau, tem que saber ler, saber escrever, matemática [...]” (UFI3).

A identificação dos exemplos extraídos da fala dos entrevistados que compõem o *corpus* constituído para esta tese segue o seguinte padrão: letra como código de identificação dos (as) informantes; à primeira letra, seguem o indicativo do sexo (F para feminino e M para masculino), as faixas etárias (I - 25 a 35 anos; II- 45 a 55 anos; e III- acima de 65 anos), e os níveis de escolaridade: 1 – Menor escolaridade ou nenhuma escolaridade (Séries iniciais ou conhecimento mínimo de leitura e escrita); 2 – Média escolaridade (Ensino médio completo); e 3 – Maior escolaridade (Ensino superior incompleto ou completo). Também, da transcrição,

foram ocultadas falas que podem comprometer, de certa forma, as pessoas envolvidas. Esta ação é representada pela chave de codificação [...] apresentada no Quadro 20.

Quadro 20 – Chave de codificação de transcrição

Códigos	Correspondências
Letra do alfabeto	Substitui nomes dos (as) informantes e de pessoas citadas na entrevista.
X	Substitui nomes de pessoas citadas na entrevista.
[...]	Corte (s) necessário (s) com vistas à integridade das pessoas envolvidas.
[...]	Recorte da fala.
[?]	Fala não compreendida.
(...)	Fala não compreendida muito bem.
.../	Fala interrompida.
/...	Continuação da fala interrompida.
((...))	Sobreposição de vozes.
...	Ideia de prolongamento na fala.
.../.../...	Mudança brusca: mas o/o a iniciativa.

Fonte: Da autora, 2025.

Ainda visando à proteção dos dados, tanto os áudios quanto as transcrições estão sob a minha posse (pesquisadora responsável) e responsabilidade, armazenados em HD externo pessoal – do retorno dos resultados aos participantes, na defesa da tese, até à apresentação do relatório de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP/UEFS), pós-defesa da tese. Fechando este ciclo, os dados ficarão armazenados no Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual de Feira de Santana (NELP/UEFS), sob a responsabilidade da Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida, orientadora desta pesquisa. Uma vez apresentado o *corpus* empiricamente constituído para este estudo, passa-se a apresentar o conjunto de amostras secundárias.

4.2 AMOSTRAS SUPLEMENTARES

Os dados presentes nesta pesquisa pertencem a fontes diferenciadas. Nesta tese, mesmo no limite das entrevistas, junta-se ao *corpus* – com o objetivo de capturar o uso do pronome *tu* com morfologia de 3^a pessoa do singular em Feira de Santana a fim de ratificar o uso desta variante nesta comunidade de fala – amostras secundárias suplementares: gravações de conversas espontâneas de quatro informantes, dos oito entrevistados. Destes quatro, por manter

maior proximidade, também reuniu-se mensagens orais diárias de dois informantes e de outras pessoas conhecidas, as quais estão armazenadas no celular pelo aplicativo *WhatsApp*⁸⁵. Somam-se a estas amostras anotações de falas espontâneas de pessoas conhecidas e anônimas, empiricamente reunidas, e amostras de fala da cidade de Feira de Santana pertencentes ao acervo do projeto de pesquisa *A língua portuguesa do semiárido baiano – Fase 3*⁸⁶.

A obtenção dos dados complementares deu-se de formas variadas: os registros das ocorrências do *pronomе tu com morfologia de 3^a pessoa do singular* na fala dos informantes que compõem o *corpus constituído nesta tese* foram realizados logo após a entrevista, momento de maior descontração e de interação dos informantes com seus pares. Os dados que têm como fonte o aplicativo *WhatsApp* são registros orais armazenados na lista de contato pessoal da autora desta tese entre os anos de 2024 e 2025. Foram selecionados excertos que apresentam a ocorrência do uso do pronomе *tu* na fala de feirenses presentes na minha lista de contato, independentemente do grau de intimidade. As anotações de falas de pessoas conhecidas e anônimas também pertencem ao arquivo pessoal da autora desta tese e foram registradas neste ano de 2025 em contextos diferenciados de interação social, inclusive em estabelecimento comercial e de maior formalidade. A certificação de que se tratavam de feirenses deu-se sob a minha proposital interação com estas pessoas, pois os contextos a possibilitaram.

As amostras de fala da cidade de Feira de Santana, pertencentes ao acervo do projeto de pesquisa *A língua portuguesa do semiárido baiano – Fase 3*⁸⁷, foram gentilmente cedidas pelas Professoras Doutoras Silvana Araujo e Norma Lucia de Almeida. O referido projeto está vinculado ao Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), à época, coordenado pela Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida⁸⁸. As amostras aqui utilizadas são constituída de dados fornecidos por 24 informantes,

⁸⁵ Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamada de voz para smartphones.

⁸⁶ Nas fases I e II, por meio de entrevistas sociolinguísticas, foram reunidos dados da variedade linguística da zona rural em comunidades do semiárido baiano. Nas referidas fases, foram gerados os seguintes *corpora*, reunidos em quatro volumes: *volume I – Amostras da língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca*; *volume II – Amostras da língua falada na zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina)*; *volume III – Amostras da língua falada na zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu)*; e *volume IV – Amostras da língua falada na zona rural de Jeremoabo (Nordeste)*. Estas amostras compõem a coleção *Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano* (Almeida; Carneiro, 2008).

⁸⁷ Foram responsáveis pela gravação das entrevistas do projeto de pesquisa *A língua portuguesa do semiárido baiano – Fase 3* – para as amostras aqui utilizadas – as professoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida (feirenses filhos de feirenses, não cultos) e Eliana Pitombo Teixeira (feirenses filhos de feirenses, cultos). Além das citadas professoras, participaram do referido projeto as professoras Zenaide Oliveira Novaes Carneiro (Migrantes) e Silvana Silva de Farias Araujo (feirenses filhos de migrantes),

⁸⁸ O NELP, atualmente, é coordenado pela professora doutora Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda, coordenadora desde 2017.

feirenses filhos de feirenses, de ambos os sexos (masculino e feminino), três faixas etárias I (25 a 35 anos), II (45 a 55 anos) e III (acima de 65 anos) e atendem à norma popular (12) e culta (12). As gravações do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) foram realizadas sob os direcionamentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Laboviana.

Os direcionamentos para identificar as referidas amostras na exemplificação dos dados são os seguintes: os excertos extraídos da fala descontraída de quatro informantes entrevistados e da fala de três destes informantes em conversas pelo o aplicativo *WhatsApp* apresentam o mesmo padrão já acima descrito: letra como código de identificação dos (as) informantes; à primeira letra, seguem o indicativo do sexo (F para feminino e M para masculino), as faixas etárias (I - 25 a 35 anos; II- 45 a 55 anos; e III- acima de 65 anos), e os níveis de escolaridade: 1 – Menor escolaridade ou nenhuma escolaridade (Séries iniciais ou conhecimento mínimo de leitura e escrita); 2 – Média escolaridade (Ensino médio completo); e 3 – Maior escolaridade (Ensino superior incompleto ou completo). Assim, têm-se como exemplos:

“Oh glória! Nasceu o netinho, que bom! Benção de Deus! Fico feliz com essas coisas aí. Meu netinho tá vindo aí também. Graças a Deus! Qualquer dia eu vou te ver aí, viu. Bom dia, boa sorte pra **tu**, muita felicidade pra **tu**, pra teu neto, sua família, vocês são show de bola. Fica com Deus” (DMII1).

“Ô papagaio, **tu** tá fazendo carinho na mãe é? Carinho, olha, huum” (OFI3).

“Amigo, **tu** embala essa pizza pra levar? (OFI3).
– Essa, eu posso colocar na caixa e a menor no alumínio?
Pode.” (OFI3).

“[...]. Aí, eu pergunto, porque perturbava X, tinha tanta pessoa na sala, porque X? Ela só implicava com X, fia. Mas depois, eu parei pra pensar o que é que X também fazia, X não era santa não, viu fia! Não era santa não, viu, não fica nessa não. Porque a gente via ela sentada lá conversando essas coisas, mas **tu** não sabe o que ela fazia com a menina, entendeu?” (AFI3).

Os excertos das conversas orais pelo aplicativo *WhatsApp*⁸⁹, dos não entrevistados, e das anotações de falas espontâneas de pessoas conhecidas apresentam o seguinte padrão: indicativo do sexo (F para feminino e M para masculino); faixas etárias (I - 25 a 35 anos; II- 45 a 55 anos; e III- acima de 65 anos); e níveis de escolaridade: 1 – Menor escolaridade ou nenhuma escolaridade (Séries iniciais ou conhecimento mínimo de leitura e escrita); 2 – Média escolaridade (Ensino médio completo); e 3 – Maior escolaridade (Ensino superior incompleto

⁸⁹ Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamada de voz para smartphones.

ou completo. Para os informantes desconhecidos, os dados das faixas etárias são aproximativos e não há indicativo de nível de escolaridade.

“Ô, J, me diz uma coisa, eu entendi/ **tu** disse que tava lá em casa? porque eu saí de lá justamente umas cinco horas, eu vim aqui na menina fazer a unha, foi isso? (FIII2, arquivo pessoal).

“**Tu** acha que foi o primeiro pau que ela recebeu?”⁹⁰ (FII, arquivo pessoal).

“X., **tu** não quer lavar não? **Tu** que sabe, se quiser ajuda j. ajuda. Ô, X, **tu** coloca as cadeiras lá fora?” (FI3, arquivo pessoal)

“Oi X., boa noite! E aí, **tu** falou com o menino, **tu** não me falou mais nada” (FIII2, arquivo pessoal).

“Ô, uma vez eu fiz isso aí, perdi o trabalho todo rsrsrsrs, a mesma coisa que . tá. Eu não sei trabalhar com esse sistema aí não.” (MIII3, arquivo pessoal).

“Mas tinha uma opção” (FII3, arquivo pessoal).

J: “A opção é aquela de eu ir aqui ó. Eu vou aqui, nestas três bolinhas aqui ó, tem que encaminhar, tá vendo?

“Sim, mas **tu**, **tu** tá aí nas alterações? Tá nas alterações?” (MIII3, arquivo pessoal).

Não tá. (MIII3, arquivo pessoal).

“[...] Deixa eu lhe dizer, fogão à lenha é muita função, viu. X comprou um lá, a gente só usou uma vez. Lá em casa, eu queria botar um forno de pizza à lenha, aí um colega meu falou: – vai ser de enfeite, **tu** nunca vai usar isso aí não” (MIII3, arquivo pessoal).

Já para os excertos da citada amostra de fala da cidade de Feira de Santana, zona urbana, constituída na terceira fase do projeto de pesquisa *A língua portuguesa do semiárido baiano*, acrescenta-se a sigla *NELP* à sequência dos seguintes fatores sociais: sexo (F para feminino e M para masculino); faixas etárias (I - 25 a 35 anos; II- 45 a 55 anos; e III- acima de 65 anos); níveis de escolaridade (C – Norma culta) e (P – Norma popular). Exemplificando, têm-se:

“O sistema... Gostei do sistema sim. Agora, tem um detalhe, a demora, porque a gente mora aqui no Jardim Cruzeiro, que daqui pra rua é perto, é perto, não demora; tem gente que passa uma hora e meia no ponto, uma hora e meia. Olha, no dia em que minha filha, minha filha adoeceu, eu fui para o Dom Pedro, eu fiquei ali sentada, ali esperando um

⁹⁰ Falas espontâneas. Conversa em salão de beleza entre a cliente e o cabeleireiro sobre a violência contra mulher cometida em Maceió por advogado e influenciador, João Neto, preso por agredir a companheira. Reportagem completa, Cf. <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2025/04/15/justica-decreta-prisao-preventiva-de-advogado-e-influencer-joao-neto-por-agressao-de-companheira-em-maceio.ghtml>

ônibus passar, uma hora e meia, coitadinha, **tu** acredita? Só subia. Vinha da rua, descia, ficava pra lá, vinha outro, descia, ficava lá embaixo, quando veio passar, quase dez e meia da noite, eu cheguei na rua, que eu desci lá na Brahma, fiquei andando naquela rua deserta, sozinha" (FIIIP, NELP).

“É...**tu** segue em frente, é...depender do local que eu estou...**tu** segue em frente que o banheiro está ali, tem uma placazinha masculino e feminino, é só **tu** seguir em frente que **tu** acha” (MIIIC, NELP).

“Tu gosta de um cafezinho minha filha, gosta de um cafezinho? Então eu vou te dar um cafezinho, vou lá quando terminar aqui viu, por que o cafezinho que eu faço, modesta parte é muito bom viu” (FIP, NELP).

Uma vez descritos o *corpus* particularizado para este estudo e as amostras secundárias suplementares da fala de feirenses, dados estes constituídos por meio de conversas espontâneas e em contexto de entrevista, passa-se à descrição da análise dos dados. Ou seja, passa-se a apresentar todo o procedimento metodológico utilizado com o propósito de identificação, classificação e intensidade dos recursos da Valoração a fim de alcançar os objetivos propostos.

4.3 SISTEMA DE VALORAÇÃO: PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Na análise dos referidos dados, tanto para atestar o uso do *pronomes tu com morfologia de 3º pessoa do singular* quanto para correlacionar as atitudes e aspirações dos falantes feirenses e medir a expressão emocional da orientação social em relação a este uso (a intensidade) (Labov, 1984), adotou-se o arcabouço teórico e metodológico da teoria Linguística Sistémico-Funcional com recorte para o estrato semântico-discursivo da função interpessoal da linguagem, particularizando os pressupostos do Sistema da Valoração (SV), que congrega os recursos linguísticos utilizados para expressar a atitude nos textos, conforme apresentado por Martin e White (2005), e que tem se mostrado eficiente em investigações semânticas na escrita⁹¹. Nessa

⁹¹ Afirma Dias (2022, p.8), “o arcabouço teórico martiniano tem se mostrado produtivo para a investigação de variações semânticas tanto em estudos monolíngues quanto em estudos da reinstanciação interlingüística”. Esta assertiva foi empiricamente ratificada por Dias (2022), que abordou, em sua tese de doutorado, a tradução como a reinstanciação interlingüística de um texto-fonte e teve como objetivos gerais investigar os tipos de variação semântica do referido tipo de reinstanciação e propor tipos de simplificação, de explicitação e de normalização (universais da tradução) com base nos tipos de variação semântica. Na referida produção, são citados vários outros trabalhos tanto na perspectiva monolíngue quanto na reinstanciação interlingüística; (cf.) DIAS, Cliver. *Tipos de variação semântica ideacional e interpessoal da reinstanciação interlingüística como tipos de simplificação, de explicitação e de normalização*. Orientadora: Profa. Dra. Célia M. Magalhães. 2022. 654 f. Tese. (Doutorado em Estudos linguísticos) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022. “Segundo Martin (2010), a instância diz respeito à generalização e especificação do potencial de significados de acordo com as várias seleções linguísticas feitas pelo falante/escritor no processo de produção textual e pelo ouvinte/leitor na ativação daquele potencial de significados. Proposta na forma de um contínuo, do mais geral para o mais específico[...]” (Dias, 2022, p.51).

direção, o foco está para a análise dos recursos de expressão de sentimentos e valores negativos e positivos da *Atitude* – sistemas de afeto, julgamento e apreciação –, juntamente com os recursos de posicionamento do falante – *Comprometimento* –, bem como os recursos de ampliação/atenuação da atitude e do comprometimento – *Gradação*. Assim, no item 4.3.1, está descrito todo o procedimento de identificação e classificação dos recursos da Valoração.

4.3.1 Identificação e classificação dos recursos da Valoração

Como já mencionado, a análise dos recursos valorativos está sob os direcionamentos de Martin e White (2005). Os registros de *Comprometimento* assim como os de *Atitude* e os de *Gradação* estão organizados manualmente em um editor de texto na planilha eletrônica⁹², gentilmente cedida à autora desta tese pelo Prof. Dr. Cliver Dias, integrante do grupo responsável pela elaboração da planilha – *Grupo de Pesquisa em Multimodalidade e Tradução*, liderado pela Profa. Dra. Célia Magalhães. A Figura 17 ilustra a configuração da planilha de Valoração.

Figura 17 – Captura de tela da planilha da Valoração

Fonte: Da autora, 2025.

⁹² Na elaboração da planilha, foi utilizado o *Google Sheets*, programa de planilhas incluído como parte do pacote gratuito de Editores de Documentos Google, baseado na Web, oferecido pelo Google. Maiores informações, acesse <https://workspace.google.com/intl/pt-BR/products/sheets/>

À esquerda da planilha, tem-se a coluna que recepciona as perguntas realizadas na entrevista e os excertos das respostas dos falantes, cuja identificação se dá conforme já apontado no item 4.1.1.2 – pelo uso de iniciais diferentes dos nomes de registro a fim de evitar algum risco de exposição dos (as) participantes, o que pode ser conferido na Figura 17, especificamente na parte inferior da planilha, onde constam Informante A, Informante C, Informante D, Informante E. Destaca-se que para cada entrevista/falante será utilizada uma planilha: o Informante C está em destaque, isso implica o uso dessa planilha particularizada para este informante. Aos excertos, seguem o *Comprometimento*, a *Instância* (item valorativo), a *Atitude*, a *Gradação*, os avaliadores/emotivos, e os alvos/gatilhos em colunas emparelhadas. Uma última observação quanto à configuração da planilha: optou-se – nesta pesquisa, assim como em Dias (2022) –, pelo uso de cores(aleatórias) na linha de títulos para facilitar ainda mais a identificação das diferentes seções da planilha, as quais são apresentadas mais detalhadamente na apresentação do processo utilizado para a análise da Valoração.

Iniciou-se a análise com a inserção, na planilha eletrônica, da transcrição completa das falas/ respostas dos (as) informantes registradas no momento da entrevista, as quais são segmentadas em excertos que, por sua vez, são segmentados em sentenças, uma em cada linha, numa interação entre participantes e circunstâncias. Com o fito de contextualizar as falas/ respostas dos (as) informantes, inseriu-se as perguntas pré-elaboradas do roteiro de entrevista e as que ocorreram durante a entrevista, cujo destaque está em azul. Salienta-se mais uma vez que utilizou-se entrevista semiestruturada para a constituição deste *corpus*. A Figura 18 é uma amostra materializada do descrito.

Figura 18 – Captura de parte da planilha de Valoração: perguntas, falas/respostas, segmentação dos excertos e suas sentenças, Informante A

Nº	Perguntas e Falas/Respostas
1	Boa tarde! Fale um pouco sobre você É...tenho trinta e três anos, eu sou daqui de Feira, tenho ensino superior incompleto. Sou moradora de Feira desde que eu nasci, não saí pra nada,
2	
3	mas Feira é maravilhosa. Graças a Deus!
4	Fale um pouco sobre a cultura de Feira
5	Feira quando era mais, antigamente, ela tinha um aspecto mais rural, metade meio urbano, meio,
6	como é que fala?
7	Não era essa modernidade de hoje em dia,
8	a cidade está metrópole,
9	já tá...tem avançado nas suas culturas,
10	graças a Deus tá se expandido,
11	as pessoas estão conhecendo Feira, né,
12	é... não tem como não falar das nossas comidas típicas daqui
13	porque geralmente é o que mais chama a atenção, né, tem o nosso acarajé, o cuscuz, né,
14	têm as danças que nós também, né, é...praticamente toda
15	até a questão musical também, já tá bem conhecida

+ ≡ Informante A ▾ Informante C ▾ Informante B ▾

Fonte: Da autora, 2025.

Os excertos são segmentados de acordo com as unidades de análise do *Comprometimento*, área de significados que é utilizada para a verificação do modo como os falantes feirenses atribuem valores a outras vozes ou como eles se posicionam frente a esses

valores. Assim, dá-se início à descrição com os procedimentos do *Comprometimento*, respeitando a ordem da oração (unidade de segmentação) e os modos de expressão que compõem esse sistema, os quais já foram apresentados na seção 2.2 e aqui são retomados. Os excertos são categorizados mais genericamente em monoglossia – contexto que não permite o aparecimento de vozes alternativas – ou heteroglossia. Nesse contexto, que expressa a presença de vozes alternativas, os recursos podem realizar estratégias retóricas que contraem ou expandem o espaço dialógico. A contração do espaço dialógico ocorre com o uso das seguintes estratégias: negar, contrapor, concordar, pronunciar, endossar. Já a expansão ocorre com o uso do considerar e do atribuir. Para o registro dos tipos de *Comprometimento*, são usadas abreviaturas correspondentes apresentadas no Quadro 21.

Quadro 21 – Tipos de Comprometimento e respectivas abreviaturas

Sistema	Tipos de comprometimento	Tipos de Heteroglossia	Tipo de contrair e expandir
Comprometimento (Comp.)	Monoglossia (mon.)	-	-
	Heteroglossia (het.)	Contrair	Negar (neg.) Contrapor (cont.) Concordar (conc.) Pronunciar (pron.) Endossar (end.)
		Expandir	Considerar (cons.) (perg. Ou mod.) Atribuir (at.)

Fonte: Da autora, 2025, com base em Dias, 2022.

Quando da anotação dos recursos, os heteroglóssicos são destacados na oração com o uso do negrito. No caso do considerar, utiliza-se **perg.** para pergunta retórica/expositiva e **mod.** para os recursos modais. Na Figura 19, além da classificação dos tipos de *Comprometimento* representados por suas respectivas abreviaturas, constam as perguntas e os excertos das falas/respostas dos (as) informantes. Para acessar os tipos de *Comprometimento*, basta acionar o menu de escolhas, correspondente, à direita das linhas de cada coluna, o qual, a título de exemplo, pode ser visualizado no canto direito da imagem.

Figura 19 – Captura de parte da planilha de Valoração: Comprometimento, Informante C (Continua)

Nº	Perguntas e Falas/Respostas	Comp.
1	Boa tarde! Fique à vontade. Fale um pouco sobre você.	
2	É...sou natural de Feira de Santana, tenho 37 anos, sou...nível superior, escolaridade farmacêutico.	mon.
3	Como eu falei , né, natural de Feira,	het. at.
4	sempre morei aqui,	het. cons.
5	gosto muito da cidade e, aí, estou aberto a perguntas, rsrsrsrsrs	mon.
6	Fale um pouco dos aspectos de Feira de Santana. Esses aspectos que mais caracterizam a cidade, na sua opinião.	
7	Eu gosto de morar em Feira de Santana	mon.
8	porque é uma cidade, particularmente, eu acho tranquila, né,	het. cons.
9	apesar de estar no grupo aí de violência e tal	het. cont. exp.
10		het. cont. exp.
11	mas é uma cidade que eu acho muito boa de se morar por ser entroncamento, né, e passagem de várias, várias cidades	
12		
13	é uma cidade também ... praticamente, plana,	het. cons.
14	é...uma cidade, por ser interior, ainda , é uma cidade bem desenvolvida né, e... é isso rsrsrs	het. cont. exp.
15		

+ ≡ Informante A ▾ **Informante C ▾** Informante D ▾ Infor

Fonte: Da autora, 2025.

Uma vez categorizados os tipos de *Comprometimento* utilizados pelos (as) informantes, passa-se à *Atitude*. No que diz respeito ao sistema de *Atitude*, identificou-se e classificou-se as regiões semânticas que cobrem as instâncias de afeto, julgamento, e apreciação. Dando continuidade à análise, partiu-se para a identificação dos casos de itens valorativos, que podem ter codificação dupla ou até tripla, para os tipos de *Atitude*. Assim, foram organizadas todas as avaliações identificadas em cada estágio das falas/respostas dos (as) informantes. Os itens valorativos identificados em cada entrevista foram comparados – com atenção para opções do sistema de valoração que foram selecionados com maior frequência – a fim de verificar em cada resposta às perguntas se esses itens valorativos ocorrem ou coocorrem, quais não ocorrem, se há padrões que são específicos de prestígio ou desprestígio e estilo do uso do *pronomes tu com a morfologia de 3^a pessoa do singular* e qual é a função semântico-discursiva desses padrões. Estão apresentados, no Quadro 22, os tipos de cada uma das instâncias que compõem o sistema de *Atitude* e suas respectivas abreviaturas.

Quadro 22 – Instâncias de Atitude e abreviaturas

Sistema	Tipos de Atitude	Tipos de afeto
Atitude (At.)	Afeto (af.)	Felicidade (fel.)
		Satisfação (sat.)
		Segurança (seg.)
	Julgamento (julg.)	Inclinação (inc.)
		Tipos de julgamento
		Normalidade (norm.)
	Apreciação (ap.)	Tenacidade (ten.)
		Capacidade (cap.)
		Veracidade (ver.)
	Apreciação (ap.)	Propriedade (prop.)
		Tipos de apreciação
		Reação (rea.)
		Composição (comp.)
		Valorização (val.)

Fonte: Da autora, 2025.

A planilha da Valoração com os tipos de *Atitude* e suas abreviaturas também compõe outras abreviaturas:

- **Inst.** corresponde à instância valorativa (item valorativo).
- As abreviaturas **pos.** e **neg.** correspondem à carga valorativa positiva ou negativa, respectivamente.
- **t.** (token) ativação da atitude ainda mais implícita (Valoração implícita).

- As abreviaturas **Av.** (avaliador), **Em.** (emotivo), **Alv.** (alvo), e **Gat.** (gatilho) completam a planilha.

O espaço da planilha destinado ao sistema de *Atitude* compõe quatro colunas: a primeira recepciona as instâncias atitudinais, a segunda o tipo de atitude, a terceira os avaliadores/emotivos, e a quarta os alvos/gatilhos – além da já apresentada coluna que recepciona as perguntas realizadas na entrevista, os excertos das falas/respostas e o espaço de identificação dos falantes, coluna esta comum para todo sistema de Valoração (*Comprometimento, Atitude e Gradação*). Na Figura 20, tem-se materializada a configuração acima descrita. As escolhas atitudinais estão representadas por suas respectivas abreviaturas.

Figura 20 – Captura de parte da tela da planilha da Valoração: tipos Atitude, Informante D

Nº	Perguntas e Falas/Respostas	Inst.	At.	Av. / Em.	Alv. / Gat.
1	Você é daqui de Feira?		▼		
2	Sou daqui de Feira.		▼		
3	Eu moro aqui em Feira tem mais de cinquenta anos e...		▼		
4	...eu gosto muito da minha Feira,...	gosto muito	af. fel. pos.	▼ Informante D	Feira de Santana
5	...tenho cinquenta e um anos e gosto muito de viver aqui.	gosto muito	af. fel. pos.	▼ Informante D	Feira de Santana/a dinâmica de Feira de Santana
6	Fale um pouco sobre Feira de Santana, sobre a cultura de Feira. O que caracteriza mais Feira de Santana?		▼		
7	Feira de Santana é... tem tudo, né. Tem artesanato, tem a cultura, tem um bocado de coisa. Tem as feiras livres, tem os negócios, tudo de bom.	tem tudo	t ap. val. pos.	▼ Informante D	Feira de Santana
8		Tem artesanato, tem a cultura	ap. val. pos.	▼ Informante D	Feira de Santana
9		Tem um bocado de coisa	t ap. val. pos.	▼ Informante D	Feira de Santana
10		Tem as feiras livres, tem os negócios	ap. val. pos.	▼ Informante D	Feira de Santana
11		tudo de bom	ap. rea. pos.	▼ Informante D	O que a Feira de Santana oferece
12	Aqui, a Princesa do Sertão é a princesa.	princesa	t ap. val. pos.	▼ Informante D	Feira de Santana
13	Eu adoro viver aqui na minha cidade,	adoro	af. fel. pos.	▼ Informante D	A dinâmica de Feira de Santana

Fonte: Da autora, 2025.

Quando da anotação da instância atitudinal, a instância da oração foi copiada e colada na célula correspondente. No que diz respeito ao registro de Av./Em. e do Alv./Gat., esta ação se deu a partir da digitação dessas categorias, pois elas variam ao longo das falas/respostas.

As análises de *Atitude* iniciaram-se com a identificação dos recursos que contemplam o sistema de *Atitude*; em seguida, passou-se aos padrões de ocorrência em cada entrevista, comparando-os entre os diferentes informantes. Após realizados os procedimentos descritos, passou-se às transcrições do efeito cumulativo das avaliações identificadas, tomando como base o impacto que elas causaram. Também verificou-se a existência de confirmação ou contraste nos elementos valorativos, a carga valorativa de cada um deles, os níveis de força e os de contraste nos recursos de gradação, cujas abreviações estão reapresentadas no Quadro 23.

Quadro 23 – Sistema de Gradação e suas abreviações

Sistema	Tipos de gradação	Graus de força
Gradação (Grad.)	Força (forç.)	Subir (sub.)
		Descer (desc.)
	Foco (foc.)	Graus de foco
		Focar (foc.)
		Desfocar (desfoc.)

Fonte: Da autora, 2025.

Os recursos de *Gradação* permitem avaliar a intensidade, o volume, a extensão, o vigor etc. (força), também permitem medir o grau de prototipicidade dos valores (foco). Junta-se a isso a possibilidade de verificar se a força ou o foco está subindo (sub.) ou descendo (desc.) a escala e, no caso da força, se sua realização é isolada (is.), fusionada (fus.), por repetição (rep.) ou por saturação (sat.). Essas possibilidades podem ser verificadas na Figura 21.

Figura 21 – Captura de partes da planilha da Valoração: Gradação, Informante E

Nº	Perguntas e Excertos	Inst.	Grad.
3	Fale um pouco da sua cidade.		
4	Eu acho maravilhosa!	maravilhosa	forç. sub. fus.
5	Eu nasci e me criei aqui. Hoje é que tá um pouco violento, né, muita violência,	um pouco violento	forç. desc. is.
6		muita violência	forç. sub. is.
7	mas, pra mim, é uma cidade normal	normal	
8	e eu gosto da minha cidade Feira de Santana,	gosto	
9	eu amo!	amo!	forç. sub. fus.
10	Você já pensou em sair de Feira alguma vez?		
11	Não.	sair de Feira	
12	Não.	sair de Feira	forç. sub. rep.
77	Como? Você sabe descrever a diferença entre o falante que é de Feira, feirense, e o de Salvador? Você percebe o que assim de diferente?		
78	Nós feirenses, às vezes a gente fala assim arrastando as palavras, né.	fala assim arrastando as palavras	
79	E o de Salvador também tem outro tom, outro som diferente,	tem outro tom diferente	
80			
81	eu não sei distinguir,	não sei distinguir	
82	mas não são iguais à gente,	não são iguais	
83	quando são de Salvador mesmo, entendeu?	são de Salvador mesmo	foc. sub.

Fonte: Da autora, 2025.

Notam-se, na coluna constante no lado direito da planilha (Figura 21), as opções de classificação da *Gradação* representadas por suas abreviaturas: o tipo de gradação (foc. ou forç.), a direção na escala (sub., desc.) e sua realização (is., fus., rep., sat.). Ressalta-se que o *Comprometimento*, a *Atitude* e a *Gradação* são analisados em conjunto em uma só planilha, embora tenham sido apresentados separadamente; tal procedimento deu-se com o objetivo de

facilitar o entendimento do (a) leitor (ra) do processo de análise. A Figura 22 mostra o modelo completo da planilha com registro da análise sob o sistema Valoração.

Figura 22 – Modelo completo da planilha com registro da análise sob o sistema Valoração, Informante A

Nº	Perguntas e Falas/Respostas	Comp.	Inst.	At.	Grad.	Av. / Em.	Alv. / Gat.
1	Boa tarde! Fale um pouco sobre você						
2	É...tenho trinta e três anos, eu sou daqui de Feira, tenho ensino superior incompleto. Sou moradora de Feira desde que eu nasci, não saí pra nada,	het. neg.	pra nada	t ap. val. pos.		Informante A	Feira de Santana
3	mas Feira é maravilhosa. Graças a Deus!	het. cont. exp.	maravilhosa	ap. rea. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana
4	Fale um pouco sobre a cultura de Feira						
5	Feira quando era mais, antigamente, ela tinha um aspecto mais rural, metade meio urbano, meio,	mon.	mais rural	ap. val. neg.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana
6	como é que fala?		meio urbano	ap. val. pos.	forç. desc. is.	Informante A	Feira de Santana
7	Não era essa modernidade de hoje em dia,	het. neg.	modernidade	ap. val. pos.		Informante A	Feira de Santana
8	a cidade está metrópole,	mon.	metrópole	ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana

Acesse [Configurações para ativar o Windows](#)

+ Informante A Informante C Informante D Informante E

Fonte: Da autora, 2025.

Os procedimentos de análise da Valoração acima descritos, alinhados com a Sociolinguística Laboviana, contribuem para a investigação dos correlatos subjetivos/crenças e valores dos informantes feirenses aos valores da variante *tu*, na medida em que possibilitam: a) identificar as reações subjetivas deliberadas ou não (as avaliações explícitas e implícitas, respectivamente) dos falantes feirenses frente ao uso do referido pronome e o prestígio encoberto que envolve esta variante; b) verificar se há confirmação ou contraste nos elementos valorativos; c) verificar se há ocorrências dos recursos de graduação nas reações subjetivas analisadas, a carga avaliativa de cada um deles, os níveis de força e os de contraste nos recursos de graduação; d) identificar as referências socioideológicas que podem estar relacionadas ao item avaliativo e ao seu posicionamento em relação a elas; e) verificar em qual/quais dessas categorias (marcador, indicador, estereótipo) a variante *tu* foi avaliada.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, dá-se a apresentação da análise aprofundada dos resultados obtidos na investigação da avaliação social subjetiva consciente e inconsciente do pronome *tu* com morfologia verbal de terceira pessoa do singular, conforme manifestado por quatro dos oito feirenses entrevistados. A abordagem analítica pautou-se nos conjuntos de significados interpessoais explícitos e implícitos que compõem o sistema de Valoração (Martin; White, 2005), abrangendo o Comprometimento, seguido da Atitude e da Gradação. As classificações completas podem ser verificadas nos Apêndices B, C, D e E. Também levou-se em consideração a consciência linguística e sociolinguística dos (as) informantes e noções de prestígio encoberto (*covert prestige*) e de prestígio explícito (*overt prestige*) (Labov, 1982[1966]; Labov, 2008[1972]). À vista disso, passa-se à análise, seguindo a ordem em que os recursos valorativos ocorrem, com ênfase nos resultados mais gerais da construção global da avaliação social subjetiva.

5.1 REAÇÕES SUBJETIVAS CONSCIENTE E INCONSCIENTE DOS FEIRENSES FRENTE AOS VALORES DA VARIANTE TU COM MORFOLOGIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR

Dando início à análise dos resultados, algumas observações são pertinentes. Como já explanado, na seção que trata da metodologia, a amostra que compõe esta análise se caracteriza em fonte oral constituída por meio de entrevista semiestruturada que seguiu, uniformemente, um roteiro de seis questões-chave de natureza sociocultural com o fito de entender a identidade cultural do pronome *tu com morfologia verbal de terceira pessoa do singular* em Feira de Santana, tendo como paradigma a avaliação social subjetiva consciente e inconsciente que os feirenses fazem dessa variante. Os relatos, excertos, são apresentados por completo em quadros para permitir ao leitor acesso a uma maior extensão do contexto; a segmentação dos textos segue o critério da oração e do roteiro da entrevista, conforme explicitado na metodologia deste estudo; para destacar as unidades envolvidas em cada texto, na Atitude, opta-se pelo uso do sublinhado; para o Comprometimento e a Gradação, negrito. Feitas as devidas observações, segue-se em direção à primeira questão, cujo teor volta-se para a identidade cultural da cidade.

Quando solicitado às pessoas entrevistadas que falassem sobre a cidade, a cultura de Feira de Santana, elas majoritariamente expressaram sentimentos explícitos e positivos. Tais expressões podem ser verificadas no Quadro 24, em cujos excertos estão registradas as

instâncias/os itens valorativos. De outra maneira, neste Quadro estão registrados os recursos de expressão de sentimentos extraídos da fala dos quatro feirenses da amostra.

Quadro 24 – 1^a questão: Instâncias valorativas

Fale um pouco sobre a cultura de Feira
Instâncias valorativas
<p>“Feira, quando era mais/antigamente, ela tinha um aspecto <u>mais rural</u>, metade <u>meio urbano</u>, meio, como é que fala? Não era essa <u>modernidade</u> de hoje em dia [?] a cidade está <u>metrópole</u>, já tá...tem <u>avançado</u> nas suas culturas, graças a Deus tá <u>se expandido</u>, <u>as pessoas</u> <u>estão conhecendo</u> Feira, né, é... <u>não tem como não falar</u> das nossas comidas típicas daqui porque geralmente é o que <u>mais chama a atenção</u>, né, que é o ...tem o nosso acarajé, o cuscuz, né, <u>tem as danças praticamente todas</u>, até a questão musical também, já tá <u>bem conhecida</u>. Então, aqui em Feira, evoluiu <u>muito</u> nessa área cultural, as pessoas estão <u>conhecendo mais</u>, <u>as pessoas de fora</u> vêm pra cá pra conhecer, então, Feira é <u>maravilhosa</u>, graças a Deus!” (AFI3, l. 5- 19).</p> <p>“Eu <u>gosto</u> de morar em Feira de Santana porque é uma cidade, particularmente, eu acho <u>tranquila</u>, né, apesar de estar no grupo aí de <u>violência</u> e tal mas é uma cidade que eu acho <u>muito boa</u> de se morar <u>por ser entroncamento</u>, né, e <u>passagem de várias, várias cidades</u> é uma cidade também... praticamente, <u>plana</u>, é...uma cidade, por ser <u>interior</u>, ainda, é uma cidade <u>bem desenvolvida</u> né, e... é isso rsrsrs” (CMI3, l. 7-15).</p> <p>“Feira de Santana é... <u>tem tudo</u>, né. <u>Tem artesanato, tem a cultura, tem um bocado de coisa</u>. <u>Tem as feiras livres, tem os negócios, tudo de bom</u>. Aqui, a Princesa do Sertão é a <u>princesa</u>. Eu <u>adoro</u> viver aqui na minha cidade, já <u>me acostumei</u> com o clima” (DMII1, l. 9-14).</p> <p>“Eu acho <u>maravilhosa!</u> Eu nasci e me criei aqui. Hoje é que <u>tá um pouco violento</u>, né, <u>muita violência</u>, mas, pra mim, é uma cidade <u>normal</u> e eu <u>gosto</u> da minha cidade Feira de Santana, <u>eu amo!</u>” (EFIII1, l. 4-9).</p>

Fonte: Da autora, 2025.

Nos excertos acima apresentados, os quatro feirenses da amostra fazem uso dos três recursos valorativos (Comprometimento, Atitude e Gradação), do sistema de Valoração, marcando, assim, os seus espaços dialógico e discursivo, abalizando a sua relação com a cidade. Para o Comprometimento – construção do espaço dialógico e do posicionamento discursivo do falante – foram encontrados recursos monoglóssicos e heteroglóssicos, com predominância para a monoglossia; ou seja, há um elevado investimento autoral desses (as) feirenses, que não abrem mão dos valores por eles construídos para Feira de Santana, tendo-os como verdades absolutas. De outra forma, estes (as) feirenses silenciam outras vozes contrárias aos seus pontos de vista, que são positivos em relação a sua cidade. No Quadro 25, encontram-se os excertos que registram a monoglossia. Sublinha-se que estes excertos não apresentam qualquer recurso em

destaque, já que a característica própria da monoglossia é justamente a ausência de vozes discursivas alternativas. Para a heteroglossia, sim, há destaque em negrito.

Quadro 25 – 1^a questão: Tipo Comprometimento – monoglossia

Fale um pouco sobre a cultura de Feira
Comprometimento: monoglossia
“Feira, quando era mais/ antigamente, ela tinha um aspecto mais rural, metade meio urbano, meio, como é que fala? [...] a cidade está metrópole, [...] graças a Deus tá se expandido, as pessoas estão conhecendo Feira, né, [...] tem as danças praticamente todas[...]. Então, aqui em Feira, evoluiu muito nessa área cultural, as pessoas estão conhecendo mais, as pessoas de fora vêm pra cá pra conhecer, então, Feira é maravilhosa, graças a Deus!” (AFI3).
“Eu gosto de morar em Feira de Santana (CMI3).
“Feira de Santana é...tem tudo, né. Tem artesanato, tem a cultura, tem um bocado de coisa. Tem as feiras livres, tem os negócios, tudo de bom. Aqui, a Princesa do Sertão é a princesa. Eu adoro viver aqui na minha cidade[...].” (D MII1).
“[...]Eu nasci e me criei aqui. Hoje, é que tá um pouco violento, né, muita violência [...] e eu gosto da minha cidade Feira de Santana, eu amo!” (EFIII1).

Fonte: Da autora, 2025.

Nestes excertos, como já descrito, observa-se o uso categórico da monoglossia. Apresentando, explicitamente, sentimentos que apresentam avaliações predominantemente positivas sobre a cidade de Feira de Santana, os feirenses pesquisados constroem enunciados nos quais não há espaços para vozes alternativas contrastantes ou dialógicas (Martin; White, 2005). Nas falas “a cidade está metrópole”, “Feira evoluiu muito”, “Feira é maravilhosa”, “Eu gosto de morar em Feira de Santana”, “tem feiras livres”, “tudo de bom”, “eu adoro viver aqui” e “eu gosto da minha cidade Feira de Santana”, “eu amo”, há um forte investimento autoral no qual a cidade é avaliada como lugar idealizado, pleno de atributos culturais, afetivos e estruturais, sem qualquer menção a aspectos problemáticos ou contraditórios. Em termos propostos por Martin e White (2005), essas vozes funcionam como discursos que reafirmam uma única perspectiva, produzindo efeitos de verdade e naturalização dos valores atribuídos à cidade. Assim, a imagem de Feira de Santana é construída sob elevado investimento autoral, de modo afirmativo e homogêneo pelos falantes A, C, D, e E, que revelam estratégias discursivas que silenciam tensões constitutivas do discurso social. Neste contexto de maior investimento autoral, dentre os recursos que envolvem a Atitude, estes (as) feirenses utilizam tanto recursos institucionalizados – apreciação – quanto recursos individualizados – afeto – para expressar

seus sentimentos em relação à cultura de Feira de Santana. No Quadro 26, são apresentados e exemplificados os recursos de expressão dos sentimentos de apreciação e de afeto constantes nas falas dos informantes.

Quadro 26 – 1^a questão: Recursos de Atitude: apreciação e afeto identificados na monoglossia

Fale um pouco sobre a cultura de Feira	
Apreciação	
<p>“Feira, quando era mais/ antigamente, ela tinha um aspecto [...] <u>metade meio urbano</u>, meio, como é que fala? [...] a cidade está <u>metrópole</u>, [...] graças a Deus tá <u>se expandido</u>, <u>as pessoas estão conhecendo</u> Feira, né, [...] <u>tem as danças praticamente todas</u>[...]. Então, aqui em Feira, <u>evoluiu muito</u> nessa área cultural, as pessoas estão <u>conhecendo mais</u>, <u>as pessoas de fora</u> vêm pra cá pra conhecer, então, Feira é <u>maravilhosa</u>, graças a Deus!” (AFI3).</p>	
<p>“Feira de Santana é... <u>tem tudo</u>, né. <u>Tem artesanato</u>, <u>tem a cultura</u>, <u>tem um bocado de coisa</u>. <u>Tem as feiras livres</u>, <u>tem os negócios</u>, <u>tudo de bom</u>. Aqui, a Princesa do Sertão é a <u>princesa</u> (D MII1).</p>	
Afeto	
<p>“Eu <u>gosto</u> de morar em Feira de Santana” (CMI3).</p>	
<p>“Eu <u>adoro</u> viver aqui na minha cidade” (DMII1).</p>	
<p>“[...] eu <u>gosto</u> da minha cidade de Feira de Santana, eu <u>amo</u>” (EFIII1).</p>	

Fonte: Da autora, 2025.

No Quadro 26, acima, nota-se que a maior ocorrência e constância para os recursos de expressão dos sentimentos está voltada à apreciação. Ou seja, os feirenses em questão, quando da avaliação da cultura da cidade, utilizam mais recursos institucionalizados (calcados na construção coletiva dos valores) do que os individualizados, calcados na afetividade. Os (as) feirenses em questão avaliam Feira de Santana não por uma ótica meramente física ou na aparência visual da cidade, estes (as) informantes englobam a percepção e a experiência do espaço urbano. Na perspectiva da geografia urbana, a estética da cidade vai muito além da sua aparência visual. Ela envolve a experiência sensível, simbólica e cotidiana do espaço urbano, que é constantemente (re)significado pelos sujeitos sociais que o habitam e transformam. Como afirma Milton Santos (1997), a cidade é uma totalidade construída pela ação humana, em que a forma espacial e o conteúdo social estão profundamente interligados, sendo a paisagem um registro material das relações sociais historicamente constituídas. Nesse sentido, os valores e sentimentos apresentados não se limitam ao campo do “belo”, mas diz respeito à forma como os espaços são percebidos, vivenciados e apropriados por estes feirenses. Assim, com uso dos seguintes recursos linguísticos – “metade meio urbano”, “metrópole”, “se expandido”, “as

pessoas estão conhecendo”, “tem as danças praticamente todas”, “evoluiu muito”, “conhecendo mais”, “as pessoas de fora”, “maravilhosa”, “graças a Deus!”, “tem tudo”, “tem artesanato”, “tem a cultura”, “tem um bocado de coisa”, “tem as feiras livres”, “tem os negócios”, “tudo de bom”, e “princesa” –, os (as) feirenses em questão refletem seus sentimentos e expressam como a cidade impacta as suas vidas, fazendo uso dos três tipos de apreciação: reação, composição e valoração. Em “Feira é maravilhosa, graças a Deus!”, tem-se uma avaliação reacional positiva, com elevada intensidade avaliativa. O adjetivo “maravilhosa” expressa o julgamento estético, uma avaliação impactante de qualidade acerca da cidade. A fórmula religiosa “graças a Deus” intensifica a positividade com um componente religioso e de gratidão. Em ambas expressões “Tudo de bom” e “a Princesa do Sertão é a princesa”, nota-se efeito reacional positivo. A primeira se constitui em uma fórmula de elogio popular, qualitativo, a segunda, uma afirmação tautológica que reforça orgulho identitário e afeto simbólico. Em “Tem as danças praticamente todas”, Feira de Santana é avaliada pela diversidade e variedade de expressões culturais. Já em “Tem artesanato”, “tem a cultura”, “tem um bocado de coisa”, “tem os negócios...”; trata-se de uma valorização da variedade e completude da cidade: uma cidade que “tem tudo” é composta de múltiplos elementos culturais, econômicos e sociais. A estrutura enumerativa reforça a ideia de completude funcional e diversidade interna, o que se enquadra na apreciação composicional. Em Feira “Evoluiu muito nessa área cultural”, “as pessoas de fora vêm pra cá pra conhecer.” Os (as) feirenses imprimem a noção de progresso, o reconhecimento externo e a importância cultural da cidade, caracterizando-a como um lugar de relevância crescente na região, o que traduz em uma apreciação positiva do valor social e simbólico de Feira de Santana. Embora haja avaliações negativas sobre esta cidade, elas são sobrepostas por um volume maior de avaliações positivas.

Em todos os excertos apresentados, os falantes utilizam intensificadores em seus afetos e em suas apreciações. O que reforça a valoração da cidade em seus aspectos identitários, culturais e sociais, demonstrando como a linguagem opera não só como expressão individual, mas também como afirmação coletiva e simbólica do espaço urbano vivido. Estes valores, sentimentos e posicionamentos apresentados pelos (as) feirenses são acentuados pelo uso, tanto isolado quanto fusionado, de intensificadores destacados nos seguintes excertos, constantes no Quadro 27.

Quadro 27 – 1^a questão: Recursos de Gradação identificados na monoglossia

Fale um pouco sobre a cultura de Feira	
Gradação	
	“Feira, quando era mais/ antigamente, ela tinha um aspecto [...] meio urbano [...] a cidade está metrópole , [...] graças a Deus tá se expandido , [...] tem as danças praticamente todas [...]. Então, aqui em Feira, evoluiu muito nessa área cultural, as pessoas estão conhecendo mais , então, Feira é maravilhosa, graças a Deus! ” (AFI3).
	“Feira de Santana é... tem tudo , né. Tem artesanato, tem a cultura, tem um bocado de coisa. Tem as feiras livres, tem os negócios, tudo de bom . Aqui, a Princesa do Sertão é a princesa . Eu adoro viver aqui na minha cidade[...].” (D MII1).
	“[...] eu gosto da minha cidade Feira de Santana, eu amo! ” (EFIII1).

Fonte: Da autora, 2025.

Nestes excertos, os (as) feirenses usam categoricamente intensificadores de força, enfatizando e amplificando, similarmente, a avaliação positiva da cidade e sua relação emocional intensa com espaço urbano, revelando pertencimento, identificação. Além disso, os intensificadores contribuem para construir uma imagem exaltada da cidade, como se vê nos trechos: “Feira é **maravilhosa**”, “a Princesa do Sertão é a **princesa**”, “eu **amo!**”. A repetição e a escolha de palavras de forte carga emocional indicam que os(as) entrevistados(as) constroem uma narrativa de valorização da cidade que ultrapassa o informativo — é uma celebração afetiva. Portanto, esses intensificadores não apenas incidem na avaliação dos(as) feirenses sobre Feira de Santana, mas estruturam essa avaliação, funcionando como ferramentas linguísticas que revelam orgulho, afeto e pertencimento e, em alguns casos, até devoção, a exemplo da expressão “**graças a Deus**”, que, neste caso, expressa alívio, alegria ou gratidão. Accentuam, também, a valorização identitária e o orgulho cultural em relação a Feira de Santana. Conforme já mencionado, estes recursos foram registrados tanto de forma isolada quanto de forma fusionada, com outras construções sintáticas e expressões afetivas. De forma isolada, têm-se: “**meio** urbano; “tem as danças praticamente **todas**”; “Feira evoluiu **muito** nessa área cultural”; “as pessoas estão conhecendo **mais**”; “Feira de Santana é... tem **tudo**”; “tem **um bocado** de coisa”; “**tudo de bom**”. De forma funcionada, foram utilizadas as seguintes expressões: “a cidade está **metrópole**”; “Feira é **maravilhosa**”; “a Princesa do Sertão é a **princesa**”; “**Adoro** e **amo**”. “Eu **adoro** viver aqui na minha cidade[...].” e “[...] eu gosto da minha cidade Feira de Santana, eu **amo!**”

A amplificação dos valores atitudinais também é construída globalmente. Os sentimentos e as reações subjetivas dos (as) feirenses quanto à cidade também são expressados

pelo afeto impresso nos seguintes excertos: “Eu gosto de morar em Feira de Santana”; “Eu adoro viver aqui na minha cidade”; “[...] eu gosto da minha cidade de Feira de Santana, eu amo”. Em todos estes contextos, os sentimentos são positivos, no entanto: em, “Eu gosto de morar em Feira de Santana”, trata-se de uma expressão direta de afeto, com intensidade moderada, voltada para a felicidade com a vivência espacial. O uso da expressão “gosto” demonstra afeição pelo lugar, revelando um vínculo emocional estável. Em, “Eu adoro viver aqui na minha cidade”, o recurso valorativo “adoro” carrega uma intensidade afetiva maior do que em “gosto”, indicando um envolvimento emocional mais forte. Além disso, o uso da expressão “aqui na minha cidade” reforça a proximidade, pertencimento e identidade territorial, transformando o afeto em um elemento constitutivo da subjetividade do falante. Nesse direcionamento, em “Eu gosto da minha cidade de Feira de Santana, eu amo”, observa-se uma escala crescente de afeto: o falante inicia sua fala utilizando a expressão “gosto”, que indica um sentimento positivo habitual, e o intensifica com a expressão “amo”, que representa uma emoção profunda e envolvente. Essa graduação cria um efeito de ênfase emocional, configurando um afeto positivo extremo, muitas vezes associado a sentimento de orgulho, pertencimento e vínculo emocional consolidado com o espaço urbano.

Como já dito, os quatro informantes avaliam Feira de Santana de forma positiva, utilizando, predominantemente, recursos valorativos de apreciação e enfatizando diferentes dimensões, como emocional, estética e cultural, e as associam à cidade. Os informantes também incluem outras vozes para construir seu espaço dialógico frente às suas atitudes e aos seus valores para com a cidade. Este espaço tanto é contraído quanto expandido. Os recursos utilizados para marcar tanto a contração quanto a expansão estão apresentados no Quadro 28.

Quadro 28 – 1^a questão: Comprometimento, heteroglossia – contrair e expandir

(Continua)

Fale um pouco sobre a cultura de Feira
Heteroglossia: contrair
“[...] ‘Feira, quando era mais/antigamente, não era essa modernidade de hoje em dia [...] a cidade está metrópole, já tá...tem avançado nas suas culturas [...] não tem como não falar das nossas comidas típicas daqui[...], até a questão musical também, já tá bem conhecida [...]’ (AFI3).
“[...] apesar de estar no grupo aí de violência e tal, mas é uma cidade que eu acho muito boa de se morar por ser entroncamento, né, e passagem de várias, várias cidades é uma cidade também... praticamente, plana, é...uma cidade, por ser interior, ainda , é uma cidade bem desenvolvida né, e... é isso rsrsrs” (CMI3).
“[...] já me acostumei com o clima” (DMII1).

Quadro 28 – 1^a questão: Comprometimento, heteroglossia – contrair e expandir

(Conclusão)

“[...] muita violência, mas , pra mim, é uma cidade normal” (EFIII1).
Heteroglossia: expandir
“[...] porque geralmente é o que mais chama a atenção, né, que é o ...tem o nosso acarajé, o cuscuz, né, tem as danças praticamente todas” (AFI3).
“Eu gosto de morar em Feira de Santana porque é uma cidade, particularmente, eu acho tranquila, [...] é uma cidade também ... praticamente, plana[...].” (CMI3).
“Eu acho maravilhosa! [...]” (EFIII1).

Fonte: Da autora, 2025.

Nota-se, no Quadro 28, a preferência dos (as) feirenses pelo uso dos recursos que contraem seus espaços dialógicos, utilizando, majoritariamente, estratégias para negar ou contrapor qualquer expectativa contrária às suas. De outra maneira, os (as) feirenses rejeitam as vozes alternativas que estejam desalinhadas com os valores positivos impressos na valoração da cidade. A heteroglossia, nesses contextos, não rompe com a avaliação positiva da cidade; em sentido contrário, as estratégias utilizadas enriquecem a avaliação positiva ao situá-la em meio a discursos públicos e coletivos, ampliando a complexidade e densidade social do enunciado. O espaço dialógico dos informantes são contraídos pelas seguintes estratégias retóricas: “**Não**”, “**já**”, “**não tem como não**”, “**até**”, “**apesar de**”, “**mas**”. Na fala da informante A, “a cidade está metrópole, **já** tá... tem avançado nas suas culturas”, observa-se que na segunda oração, a feirense reforça e justifica a atribuição de “metrópole”, conectando a ideia de crescimento ao plano simbólico da cultura; trata-se, portanto, de uma contraexpectativa discursiva com função argumentativa positiva, que sinaliza um antecipado alcance da elevação cultural da cidade. Em “[...] **até** a questão musical, também, **já** tá bem conhecida”, a informante A faz uso de recursos que carregam importante marca de contraexpectativa discursiva (“**até**” e “**já**”) revelada, especialmente, pelo uso do advérbio “**até**”, que introduz um elemento inesperado ou não óbvio dentro do campo cultural da cidade. O termo “**até**”, nesse contexto, tem a função de destacar algo que não seria presumido como prioritário ou evidente, ou seja, que a música da cidade esteja em evidência fora de seus limites regionais. No uso da construção verbal, “**já** tá bem conhecida”, esta feirense invoca vozes sociais externas que não costumavam associar a cidade à música, mas que, agora, estariam mudando essa percepção. A feirense, portanto, reivindica um novo olhar para a cidade, mobilizando um discurso coletivo (implícito) que antes a negligenciava nesse aspecto e que agora passa a reconhecê-la.

O feirense C, em “Eu gosto de morar em Feira de Santana... **apesar de** estar no grupo aí de violência **e tal**”, por exemplo, introduz uma voz social dissidente — a da insegurança urbana — que é imediatamente contornada e atenuada por meio da adversativa “**apesar de**” e da expressão vaga “**e tal**”, funcionando como mecanismo de contenção discursiva; neste contexto, a heteroglossia não é plenamente assumida, mas é sugerida como pano de fundo para reforçar a avaliação positiva pessoal. Situação semelhante ocorre no posicionamento da feirense E, que, ao reconhecer explicitamente um problema coletivo (a violência), relativiza-o pela voz individual e com o uso da conjunção adversativa “**mas**”, enquadrando-o como um elemento suportável ou transitório: “**mas**, pra mim, é uma cidade normal e eu gosto da minha cidade Feira de Santana, eu amo!” Por fim, em “a Princesa do Sertão é a princesa”, fala do feirense D, há uma reafirmação identitária exaltada, aparentemente monoglóssica, mas que também pode ser lida como uma resposta a discursos que desvalorizam ou subestimam a cidade. Dessa forma, mesmo quando o enunciado parece afirmar uma visão única, ele o faz em relação a outras vozes sociais silenciadas ou antecipadas, evidenciando uma heteroglossia indireta. Em todos os casos, o que se observa é uma tentativa de construir um posicionamento positivo, mas em constante negociação com discursos sociais concorrentes, o que confere complexidade e profundidade ao dizer destes feirenses.

Ainda, imprimindo vozes que já estão presentes na sociedade e marcam um senso comum, estes (as) feirenses validam seu espaço dialógico e posicionamento discursivo sobre a cultura da cidade. A feirense A – com o uso do advérbio “**geralmente**”, ao dizer: “[...] porque **geralmente** é o que mais chama a atenção, né, que é o ...tem o nosso acarajé, o cuscuz, né, tem as danças praticamente todas” –, se alinha ao grupo, mostrando que sua visão está em sintonia com a da comunidade, no reconhecimento da existência de outros elementos identitários envolvidos. A feirense E, em: “Eu **acho** maravilhosa! [...]” e o feirense C, ao dizer: “Eu gosto de morar em Feira de Santana porque é uma cidade, particularmente, eu **acho** tranquila, [...] é uma cidade **também...** praticamente, plana[...]”, apresentam suas perspectivas individuais sobre a cidade com a utilização do recurso de expressão “**eu acho**”, mas ao mesmo tempo sinalizam que essa é uma interpretação, não uma verdade absoluta, abrindo espaço para outros posicionamentos. Já, com o uso do advérbio de inclusão “**também**”, o feirense C adiciona uma nova informação ou perspectiva que se alinha ou complementa o que foi dito anteriormente, mas, mais que isto, ele reconhece a multiplicidade de elementos ou perspectivas que podem ser considerados.

Dando continuidade ao relato da análise dos conjuntos de significados interpessoais explícitos e implícitos englobados pela Valoração (Martin; White, 2005) – ainda sobre a cidade,

a cultura de Feira de Santana –, enfatizam-se os recursos valorativos de Atitude, expressos nos espaços da heteroglossia de contração, cujas construções utilizadas pelos (as) feirenses estão elencadas no Quadro 29, abaixo. Apesar de os (as) feirenses utilizarem heteroglossia tanto para contrair quanto para expandir seu espaço dialógico e posicionamento discursivo, priorizou-se a análise dos recursos atitudinais voltados à contração por se apresentarem com maior frequência.

Quadro 29 – 1^a questão: Comprometimento, Heteroglossia – contrair

Fale um pouco sobre a cultura de Feira
Recursos atitudinais – contração
“Feira, quando era mais/antigamente [...] Não era essa <u>modernidade</u> de hoje em dia [...] a cidade [...] já <u>tem avançado</u> nas suas culturas [...] <u>não tem como não falar</u> das nossas comidas típicas daqui porque geralmente é o que mais chama a atenção, [...] até a questão musical também, já tá <u>bem conhecida</u> [...]” (AFI3).
“[...] apesar de estar no grupo aí de <u>violência</u> e tal mas é uma cidade que eu acho <u>muito boa</u> de se morar <u>por ser entroncamento</u> , né, e <u>passagem de várias, várias cidades</u> [...] por ser <u>interior</u> , ainda, é uma cidade <u>bem desenvolvida</u> né, e... é isso rsrsrs” (CMI3).
“já <u>me acostumei</u> com o clima” (D MII1).
“[...] muita violência, mas, pra mim, é uma cidade <u>normal</u> ” (EFIII1).

Fonte: Da autora, 2025.

No que diz respeito às instâncias valorativas, acima apresentadas, a feirense A reforça a valorização cultural atual da cidade, silenciando percepções depreciativas anteriores, reconhecendo, implicitamente, uma percepção anterior da cidade como rural ou atrasada (“não era essa modernidade”), mas, rapidamente, a reformula ao dizer que a cidade “já tem avançado nas suas culturas”. A estrutura “[...] não tem como não falar das nossas comidas típicas daqui [...]” é um típico exemplo de contrair o espaço dialógico: ao usar uma forma negativa universal (“não tem como”), a informante refuta possíveis discordâncias: valores associados à repressão da identidade cultural feirense; a invisibilização das tradições locais diante de culturas externas ou hegemônicas; a ideia de que as comidas típicas de Feira de Santana não seriam dignas de destaque ou não fariam parte de um patrimônio cultural relevante; valores ligados à padronização cultural, ao universalismo ou à valorização exclusiva de referências de fora. Em outras palavras, o que é refutado é o apagamento da identidade cultural local. Por outro lado, ela enfatiza o orgulho e a pertinência cultural das comidas típicas da cidade; a forte ligação afetiva e identitária entre o sujeito e sua comunidade (“nossas comidas típicas daqui”); a inevitabilidade e centralidade desses elementos na fala e no pensamento sobre o lugar; o valor

da memória, da tradição e do pertencimento ao território. A dupla negação (“não tem como não falar”) constrói, discursivamente, um efeito de necessidade e inevitabilidade afetiva: É impossível falar da gente sem falar da nossa comida – ela faz parte de quem somos.

O feirense C reconfigura criticamente discursos negativos, valorizando a cidade: “Eu gosto de morar em Feira de Santana porque é uma cidade, particularmente, eu acho tranquila, né”. Ele reconhece a existência de um discurso negativo, “apesar de estar no grupo aí de violência”, mas o minimiza, contrabalanceando-o com elogios: “é uma cidade que eu acho muito boa de se morar por ser entroncamento, né, e passagem de várias, várias cidades”. A construção “por ser interior, ainda, é bem desenvolvida” também revela uma tentativa de romper com o estigma do atraso, sem abrir espaço para uma oposição.

O Feirense D naturaliza um aspecto potencialmente negativo (o clima) e reforça a ideia de pertencimento. Em “já me acostumei com o clima”, embora pareça um comentário neutro, a frase “já me acostumei” implica que havia um desconforto anterior ou uma crítica latente (frequente sobre o clima de Feira). Ao dizer que “já se acostumou”, o falante reconhece uma possível crítica e, ao mesmo tempo, a dissolve com naturalidade. A heteroglossia está presente, mas a resposta é contraída, pois fecha a possibilidade de insatisfação ao afirmar adaptação. Por fim, a feirense E, restaurando um valor de equilíbrio, deslegitima a ideia de que Feira seja especialmente violenta ou problemática, com a assertiva de que Feira de Santana “[...] muita violência, mas, pra mim, é uma cidade normal”. Ela rechaça as vozes alternativas com o uso da adversativa mas, seguida da assertiva normal, funcionando como contraponto à acusação de “violência” ou “decadência”, que aparece em outras partes da fala: “Eu nasci e me criei aqui. Hoje, é que tá um pouco violento, né, muita violência”. Ao classificar a cidade como “normal”, a feirense em questão desativa o peso de discursos mais negativos sobre criminalidade, adotando uma postura de minimização e naturalização.

Em todos os excertos, os(as) feirenses A, C, D, e E reconhecem a existência de vozes externas ou internas que poderiam desvalorizar a cidade, mas mobilizam estratégias linguísticas para negar, contornar ou amenizar essas críticas, reafirmando um posicionamento positivo e identitário. Os feirenses A e C utilizam estratégias linguísticas para atribuir maior proeminência aos significados por eles utilizados. Em “até a questão musical também, já tá **bem** conhecida”, a feirense A utiliza o advérbio “**bem**” como intensificador do seu reconhecimento externo da cidade na área musical. A gradação dá mais peso à ideia de que Feira está se tornando culturalmente relevante, até nos campos “menos esperados”. O feirense C intensifica positivamente sua avaliação ao pronunciar “**muito**”, “**várias**” e “**bem**” em: “[...] apesar de estar no grupo aí de violência e tal, mas é uma cidade que eu acho **muito** boa de se morar por ser

entroncamento, né, e passagem de várias, **várias** cidades [...] por ser interior, ainda, é uma cidade **bem** desenvolvida". Ele reforça um contraste mesmo diante de discursos sobre violência ou do estigma de ser "cidade do interior". O uso de "muito boa" e "bem desenvolvida" confere destaque à funcionalidade e à infraestrutura da cidade, desafiando expectativas negativas. Nos dois excertos, os falantes A e C empregam recursos de gradação de força para atribuir proeminência a avaliações positivas de Feira de Santana, seja culturalmente, seja funcionalmente, respectivamente.

Percebe-se que os (as) feirenses apreciam Feira de Santana e têm amor pela cidade. Tais sentimentos, valorativos positivos, são sustentados e reiterados quando perguntado se eles (as) sairiam da cidade para morar em outro lugar. Nota-se que estes informantes avaliam Feira de Santana não apenas por seus atributos físicos ou sociais, mas também por meio de laços afetivos e simbólicos profundamente enraizados. Eles (as) constroem linguisticamente a relação afetiva com a cidade por meio de recursos de afeto e apreciação e, sob este contexto, justificam a escolha de permanecer.

O tipo de atitude predominante nos excertos é o afeto, por meio do qual os falantes expressam amor, pertencimento, felicidade e vínculo emocional com a cidade; justificam a permanência não só por aspectos práticos, mas por sentimentos e laços simbólicos; reafirmam a identidade urbana e afetiva construída com base em suas trajetórias de vida. A apreciação (avaliar a cidade como funcional, rica em cultura, segura etc.) também está presente, mas em segundo plano, como suporte argumentativo ao sentimento de pertencimento expresso majoritariamente por afeto. Os recursos de Atitude utilizados por estes informantes estão apresentados no Quadro 30.

Quadro 30 – 2^a questão – Instâncias valorativas: Atitude

(Continua)

Se gosta da cidade e já pensou em sair da cidade	
Instâncias valorativas	
<p>"[...] <u>Adoro!</u> Se fosse antigamente, eu falaria "<u>Mãe, vamos nos mudar, o que é que tem aqui em Feira?</u>". Mas você olha, você vê que <u>tem tanta coisa</u> que você conhece, mas <u>tem coisa</u> que você não conhece. É <u>interessante</u> você conhecer mais Feira, antes de você falar que, né, como eu fazia <u>antes que vamos embora, sair, vamos embora mudar para conhecer outras culturas</u>, mas a gente <u>tem que conhecer também</u> Feira porque Feira <u>tem muita cultura</u> pra você conhecer além das comidas, das músicas, tem a literatura também. <u>Tem tantas coisas</u> que a gente pode conhecer também, <u>tem um leque de opções</u>. Então <u>são tantas coisas</u>, oficinas, museu <u>tem tantas coisas</u> que a gente não conhece ainda a gente fica <u>impressionada</u>. Tem o teatro que é <u>interessante</u> você conhecer, que eu também <u>não conhecia</u>. Então é <u>bom</u> você conhecer Feira de Santana. [Penso em sair de Feira] <u>para conhecer outras culturas</u>, mas eu acho que <u>eu sairia mas voltaria</u>, entendeu? porque a gente <u>tá em casa</u>; casa, <u>a gente sai</u>, mas a gente <u>volta sempre</u>, né. Então, <u>não falaria de sair, não mudaria pra outro (ponto)</u> essas</p>	

Quadro 30 – 2^a questão – Instâncias valorativas: Atitude

(Conclusão)

essas coisas, eu sairia, sim, para conhecer, mas eu voltaria. Em Feira, eu estou em casa. É, só a passeio. Eu não sairia de Feira. Feira tá maravilhosa, como eu disse né? [...]” (AFI3, 1.21-51).

“[...] Gosto muito da cidade [...]” (CMI3, 1. 7).

“[...] Já pensei em sair de Feira. É...tem uma cidade, gostaria muito, já conheci, gostaria muito de morar lá, Aracajú porque eu achei bem, bem igualado, assim, o modo de vida, entendeu? Então assim, fiquei naquele desejo, né? [...]” (CMI3, 1.40-47).

“[...] Eu moro aqui em Feira tem mais de cinquenta anos e... eu gosto muito da minha Feira, ... tenho cinquenta e um anos e gosto muito de viver aqui[...]” (D MII1, l. 3-5).

[...] **Jamais** [pensei em sair da cidade]. Eu já tive tanta oportunidade pra ir para São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina... ...disse que lá é o fluxo das indústrias... ...mas eu não vou... Aqui, eu sou feliz... ...e vou ser feliz aqui até quando Deus me der vida [...]” (D MII1, l. 16-21).

“[...] Não. Não sair de Feira. Teve uma vez que um cunhado, um cunhado de uma cunhada minha queria levar a gente para o Rio de Janeiro, eu fiz pra o meu marido: “Você vai, se quiser, mas eu, não. Porque eu não queria sair de perto de minha família e nem de Feira de Santana. Porque tem gente que mora em Salvador e chega aqui e “Eu moro na capital”, eu fui lá, ali não é lugar de ninguém morar Rio de Janeiro, para onde queriam levar a gente, era numa favela, quando o povo começava os tiros, os tiros invadiam as casas, eu tive duas pessoas da família da minha cunhada que morreu de tiro dentro de casa e aqui em Feira, agora, tá violento, entendeu, mas pra quem dá lugar e motivo: o povo quer viver em bares da vida, o povo quer viver se ajuntando com quem não deve e sabe que o troco é esse, né, cadeia ou morte. Infelizmente, eu perdi um irmão por causa de droga, perdi um filho porque foi defender um assalto por causa de gente sem vergonha. Então, se ele não tivesse de defender parente, de assalto, ele estaria aqui. Então mãe, eu me sinto muito bem aqui em Feira de Santana. Eu saio, não tenho hora de chegar, livrando de um assalto ou de uma bala perdida, que ninguém tá escapo, né, mas sobre isso, eu me dou com todo mundo. Eu amo Feira de Santana, me criei aqui em Feira [...]” (EFIII1, 1.11-46).

Fonte: Da autora, 2025.

Nos excertos acima apresentados, os (as) feirenses fazem uso dos três recursos valorativos (Comprometimento, Atitude e Gradação). Quanto ao Comprometimento, os informantes expressam seus sentimentos por Feira com bastante intensidade e sem deixar espaço para o contraditório: A feirense A diz: “**Adoro!**”; o feirense C: “Gosto muito da cidade”; o feirense D: “Eu gosto muito da minha Feira”; e a feirense E diz: “Eu amo Feira de Santana, me criei aqui em Feira”. Para expressar seu sentimento de permanência na cidade, eles (as) fazem uso com maior frequência de outras vozes para construir seus espaços dialógicos. No Quadro 31, estão reunidos os recursos heteroglóssicos registrados.

Quadro 31 – 2^a questão: Comprometimento, tipos de heteroglossia

Se gosta da cidade e já pensou em sair da cidade
Comprometimento-heteroglossia
<p>“[...] Adoro! Se fosse antigamente, eu falaria “Mãe, vamos nos mudar, o que é que tem aqui em Feira?”. Mas você olha, você vê que tem tanta coisa que você conhece, mas tem coisa que você não conhece. É interessante você conhecer mais Feira, antes de você falar que, né, como eu fazia antes que vamos embora, sair, vamos embora mudar para conhecer outras culturas, mas a gente tem que conhecer também Feira porque Feira tem muita cultura pra você conhecer além das comidas, das músicas, tem a literatura também. Tem tantas coisas que a gente pode conhecer também, tem um leque de opções. Então são tantas coisas, oficinas, museu tem tantas coisas que a gente não conhece ainda a gente fica impressionada. Tem o teatro que é interessante você conhecer, que eu também não conhecia. Então é bom você conhecer Feira de Santana. [Penso em sair de Feira] para conhecer outras culturas, mas eu acho que eu sairia mas voltaria, entendeu? porque a gente tá em casa; casa, a gente sai, mas a gente volta sempre, né. Então, não falaria de sair, não mudaria pra outro (ponto) essas coisas, eu sairia, sim, para conhecer, mas eu voltaria. Em Feira, eu estou em casa. É, só a passeio. Eu não sairia de Feira. Feira tá maravilhosa, como eu disse né? [...]” (AFI3).</p> <p>“[...] Gosto muito da cidade [...] Já pensei em sair de Feira. É...tem uma cidade, gostaria muito, já conheci, gostaria muito de morar lá, Aracajú porque eu achei bem, bem igualado, assim, o modo de vida, entendeu? Então assim, fiquei naquele desejo, né? [...]” (CMI3).</p> <p>“[...] Eu moro aqui em Feira tem mais de cinquenta anos e... eu gosto muito da minha Feira, ... tenho cinquenta e um anos e gosto muito de viver aqui. [...] Jamais [pensei em sair da cidade]. Eu já tive tanta oportunidade pra ir para São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina... ...disse que lá é o fluxo das indústrias... ...mas eu não vou... Aqui, eu sou feliz... ...e vou ser feliz aqui até quando Deus me der vida [...]” (D MII1).</p> <p>“[...] Não. Não sair de Feira. Teve uma vez que um cunhado, um cunhado de uma cunhada minha queria levar a gente para o Rio de Janeiro, eu fiz pra o meu marido: “Você vai, se quiser, mas eu, não. Porque eu não queria sair de perto de minha família e nem de Feira de Santana. Porque tem gente que mora em Salvador e chega aqui e “Eu moro na capital”, eu fui lá, ali não é lugar de ninguém morar Rio de Janeiro, para onde queriam levar a gente, era numa favela, quando o povo começava os tiros, os tiros invadiam as casas, eu tive duas pessoas da família da minha cunhada que morreu de tiro dentro de casa e aqui em Feira, agora, tá violento, entendeu, mas pra quem dá lugar e motivo: o povo quer viver em bares da vida, o povo quer viver se ajudando com quem não deve e sabe que o troco é esse, né, cadeia ou morte. Infelizmente, eu perdi um irmão por causa de droga, perdi um filho porque foi defender um assalto por causa de gente sem vergonha. Então, se ele não tivesse de defender parente, de assalto, ele estaria aqui. Então mãe, eu me sinto muito bem aqui em Feira de Santana. Eu saio, não tenho hora de chegar, livrando de um assalto ou de uma bala perdida, que ninguém tá escapo, né, mas sobre isso, eu me dou com todo mundo. Eu amo Feira de Santana, me criei aqui em Feira [...]” (EFIII1).</p>

Fonte: Da autora, 2025.

De maneira geral, nos excertos acima apresentados, há predominância de contração de voz. Sob esta estratégia, os (as) feirenses negociam e legitimam sentidos sobre a cidade de Feira de Santana. A feirense A expressa o seu desejo de continuar morando em Feira de Santana ao

contrair seu espaço dialógico, reconhecendo e negando um pensamento anterior negativo: “[...] Se fosse antigamente, eu falaria: ‘Mãe, vamos nos mudar, o que é que tem aqui em Feira?’”. **Mas** você olha, você vê que tem tanta coisa que você conhece, **mas** tem coisa que você não conhece[...]”. O conectivo “**mas**” opera como marcador claro de contraexpectativa. Com a frase seguinte, esta feirense inverte o sentido: em vez da carência, apresenta riqueza, ressignifica a cidade, redimensionando a avaliação para uma percepção positiva com base em suas experiências e as que estão por vir. O desejo de permanecer na cidade também é legitimado pela informante quando do uso do recurso “**mas**” em: “[Penso em sair de Feira] para conhecer outras culturas, **mas** eu acho que eu sairia, **mas** voltaria, entendeu? porque a gente tá em casa; casa, a gente sai, **mas** a gente volta sempre, né.” A negação, “**não**”, também foi um recurso utilizado por esta feirense para recusar explicitamente a ideia de mudança coletiva de abandonar a cidade por falta de qualidade de vida. Ao fazer isso, a falante contrai o espaço dialógico, rejeitando firmemente a possibilidade de migração, reafirmando categoricamente a sua identidade feirense: “[...] Então, **não** falaria de sair, **não** mudaria pra outro (ponto) essas coisas. [...] É, só a passeio. Eu **não** sairia de Feira. Feira tá maravilhosa, como eu disse né?”

O feirense D expressa o seu desejo de continuar morando em Feira de Santana tanto com o uso de recursos de negação explícita quanto de contraexpectativa. O informante reconhece que teve “tanta oportunidade pra ir para São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina”, regiões usualmente associadas ao progresso e à mobilidade ascendente, mas interrompe essa expectativa com a construção: “**mas** eu não vou”. O uso da conjunção adversativa marca uma quebra da expectativa social de que sair do interior representa avanço pessoal ou profissional. Ao invés disso, ela reafirma que “**jamais**” pensou em sair de Feira de Santana, o que representa um movimento discursivo responsável por fechar o espaço de diálogo com outras vozes que sugerem a migração como caminho desejável; ou seja, de vozes contrárias às suas expectativas.

A informante E rejeita a possibilidade de sair de Feira de Santana mesmo conhecendo os problemas da cidade, acolhendo-a como um lugar seguro mais até do que outras opções consideradas “melhores” pelo senso comum. No excerto analisado, a informante recorre amplamente à heteroglossia de contrair, operando tanto pela negação direta quanto pela contraexpectativa, para justificar sua permanência em Feira de Santana. A forma verbal “**não** sair de Feira” e a assertiva “**mas** eu, **não**” são exemplos claros de negação heteroglóssica, que funciona para **recusar** explicitamente a possibilidade de migração, mesmo diante de propostas familiares para viver no Rio de Janeiro. Ao empregar a conjunção adversativa “**mas**”, em “você vai, se quiser, **mas** eu, **não**”, a falante rompe com o que seria o percurso esperado de mobilidade urbana em busca de melhorias. Esse efeito é intensificado quando ela relativiza a violência local

— “aqui em Feira, agora, tá violento, entendeu, **mas** pra quem dá lugar e motivo” – opondo-se ao discurso amplamente difundido de que a insegurança seria razão suficiente para deixar a cidade. Assim, ao reconhecer vozes sociais que desvalorizam Feira de Santana ou exaltam outros centros urbanos, a informante negocia essas vozes e as reduz, reafirmando sua ligação afetiva com a cidade como escolha ativa, consciente e segura.

O feirense C foi o único que – apesar de expressar o seu afeto por Feira, “Gosto muito da cidade” –, mostrou o interesse de viver novas experiências como morador de outra cidade: “**Já** pensei em sair de Feira. É... tem uma cidade, gostaria muito, **já** conheci, gostaria muito de morar lá, Aracajú”, mesmo assim, por se sentir próximo à cultura feirense: “porque **eu achei** bem, bem igualado, assim, o modo de vida, entendeu? Então assim, fiquei naquele desejo, né?”. Nos contextos acima apresentados, o uso da heteroglossia não só sustenta um posicionamento identitário, mas também legitima discursivamente o pertencimento e a permanência dos informantes feirenses na sua cidade natal.

Nos excertos apresentados no Quadro 30 (p.160-161), o tipo de Atitude que predomina é o afeto, por meio do qual os falantes expressam, mais implicitamente e positivamente, a vontade de permanecerem na cidade, traduzindo amor, pertencimento, felicidade e vínculo emocional com a cidade; justificam a permanência não só por aspectos práticos, mas por sentimentos e laços simbólicos; reafirmam a identidade urbana e afetiva construída com base em suas trajetórias de vida. Conforme dito, A apreciação (avaliar a cidade como funcional, rica em cultura, segura etc.) também está presente, mas em segundo plano, como suporte argumentativo ao sentimento de pertencimento expresso majoritariamente por afeto. No Quadro 32, abaixo, encontram-se as instâncias valorativas de afeto e apreciação.

Quadro 32 – 2^a questão: Atitude, instâncias valorativas – afeto e apreciação

(Continua)

Se gosta da cidade e já pensou em sair da cidade
Instâncias valorativas de afeto e apreciação
“[...] Se fosse antigamente, eu falaria “Mãe, vamos nos mudar, o que é que tem aqui em Feira?”. Mas você olha, você vê que <u>tem tanta coisa</u> que você conhece, mas <u>tem coisa</u> que você não conhece. [...]. [Penso em sair de Feira] para conhecer outras culturas, mas eu acho que <u>eu sairia</u> mas <u>voltaria</u> [...] mas a gente <u>volta sempre</u> , né. Então, <u>não falaria de sair</u> , <u>não mudaria</u> pra outro (ponto) essas coisas, eu sairia, sim, para conhecer, mas eu <u>voltaria</u> . [...]. Eu <u>não sairia</u> de Feira. Feira tá <u>maravilhosa</u> , como eu disse né?” (AFI3).
“[...] Eu <u>gosto</u> de morar em Feira de Santana[...] (CMI3).

“Eu moro aqui em Feira tem mais de cinquenta anos e eu gosto muito da minha Feira, ... tenho cinquenta e um anos e gosto muito de viver aqui. [...] Jamais [pensei em sair da cidade].

Quadro 32 – 2^a questão: Atitude, instâncias valorativas – afeto e apreciação

(Conclusão)

Eu já tive tanta oportunidade pra ir para São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina... ...disse que lá é o fluxo das indústrias... ...mas eu não vou [...]" (D MII1).

Não. Sair de Feira. Não. Sair de Feira. Teve uma vez que um cunhado, um cunhado de uma cunhada minha queria levar a gente para o Rio de Janeiro, eu fiz pra o meu marido: "Você vai, se quiser, mas eu, não. Porque eu não queria sair de perto de minha família e nem de Feira de Santana [...] aqui em Feira, agora, tá violento, entendeu, mas pra quem dá lugar e motivo [...]. Eu saio, não tenho hora de chegar, livrando de um assalto ou de uma bala perdida, que ninguém tá escapa [...]. (EFIII1).

Fonte: Da autora, 2025.

Como já sublinhado, o afeto aparece com intensidade nas declarações emocionais que vinculam os informantes, revelando sentimentos de pertencimento, segurança e conforto que sustentam a permanência destes feirenses na cidade. Paralelamente, a apreciação manifesta-se na forma como os falantes avaliam positivamente o espaço urbano, mesmo diante de críticas sociais recorrentes: "Feira tá maravilhosa", "tem tanta coisa que você conhece, mas tem coisa que você não conhece", ou ainda na relativização da violência – "tá violento, mas pra quem dá lugar e motivo". Tais construções discursivas revelam não apenas a valorização funcional e cultural da cidade, mas também uma ressemantização do espaço vivido, que é emocionalmente defendido e simbolicamente construído como "casa". Ao articular sentimentos e avaliações, os(as) informantes reconfiguram as expectativas sociais de mobilidade urbana, transformando a permanência em Feira em um ato de escolha identitária, e não de limitação.

Quanto aos recursos de gradação, de maneira geral, os (as) feirenses em questão pouco os utilizaram e, quando fizeram uso, investiram mais nas construções em que a autoria dos valores construídos era categórica; ou seja, onde havia exclusão de vozes discursivas alternativas na construção do discurso a exemplo dos já apresentados quando expressaram sua estima pela cidade: "Adoro!"; "Gosto muito da cidade"; "Eu gosto muito da minha Feira"; "Eu amo Feira de Santana, me criei aqui em Feira".

Neste contexto, os poucos recursos utilizados, na sua maioria, se constituíram em estratégias para negar e contrapor qualquer expectativa contrária. Os falantes contraíram estas vozes que, apesar de estarem sintonizadas com os valores expressos, atenuaram o grau dos valores atitudinais, uma postura avaliativa mais contida ou direta, o que influencia a forma como sua posição é percebida em termos de engajamento e envolvimento emocional. No Quadro 33, encontram-se ocorrências de Gradação, para além das já apresentadas no parágrafo precedente.

Quadro 33 – 2^a questão: Recursos de Gradação

Se gosta da cidade e já pensou em sair da cidade
Gradação
“[...] Mas você olha, você vê que tem tanta coisa que você conhece, mas tem coisa que você não conhece. [...]. [Penso em sair de Feira] para conhecer outras culturas, mas eu acho que eu sairia mas voltaria [...] mas a gente volta sempre [...] Eu não sairia de Feira. Feira tá maravilhosa , como eu disse né?” (AFI3).
“[...] Jamais [pensei em sair da cidade]. Eu já tive tanta oportunidade pra ir para São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina... ...disse que lá é o fluxo das indústrias... ...mas eu não vou [...]” (DMII1).
“ Não. Sair de Feira. Não. Sair de Feira (EFIII1).

Fonte: Da autora, 2025.

Nos excertos analisados, os(as) informantes constroem sua autoria discursiva ao optar por permanecer em Feira de Santana por meio do uso estratégico da gradação de força ascendente, um recurso do sistema de valoração que intensifica sentimentos, posicionamentos e avaliações. Ao dizer “mas você olha, você vê que tem **tanta coisa** que você conhece, mas **tem coisa** que você não conhece” e concluir com “Feira tá **maravilhosa**, como eu disse, né?”, a informante A organiza sua fala numa progressão argumentativa que parte da descoberta para o encantamento, culminando numa valorização máxima da cidade. De forma semelhante, ao afirmar “**jamais** pensei em sair da cidade”, o feirense D não apenas nega outras possibilidades, mas também intensifica sua fidelidade à cidade através de negações fortes e absolutas, criando um efeito de certeza e pertencimento incontestável. A repetição enfática de “**não sair de Feira. Não sair de Feira**” reforça essa escalada de intensidade afetiva, consolidando a permanência como uma decisão pessoal carregada de convicção. Assim, a gradação atua não só como intensificadora emocional, mas também como recurso de autoria identitária, que o legitima como protagonista de suas escolhas, contrapondo expectativas sociais de mobilidade com uma afirmação firme do valor de permanecer.

Na sequência, apresenta-se a análise relativa à terceira questão da pesquisa, que busca compreender de que modo os moradores de Feira de Santana reconhecem seus conterrâneos durante as interações sociais. Nesta análise, compreende-se de que maneira os recursos valorativos são mobilizados pelos próprios falantes para distinguir entre quem é feirense e quem não é feirense, revelando, assim, os processos discursivos de construção e reconhecimento da identidade local. Nestes processos discursivos, estão envolvidos o Comprometimento, a Atitude

e a Gradação. No Quadro 34 – estão dispostas as respostas dos informantes com destaque para recursos de expressão dos sentimentos dos feirenses.

Quadro 34 – 3^a questão: Instâncias valorativas – Atitude

Como você identifica um feirense?
Instâncias valorativas
<p>“[...] Geralmente é <u>pelo seu jeito de ser</u> né. As pessoas percebem não somente <u>pelas suas falas</u>, mas quando vêm <u>de fora</u>, as pessoas têm <u>um pouco de curiosidade</u>, [...], e a gente <u>fala muita gíria</u>, então, às vezes, as pessoas <u>não conhecem e perguntam o que significa</u>. A gente <u>tem que explicar</u>, então <u>a gente já percebe</u> que a pessoa ali é <u>de fora</u>; quem já é <u>de dentro</u> já <u>sabe como Feira funciona</u>. [...]. Visualmente eu <u>não identificaria</u>, mas <u>questão de conversar, de conversar, olhar as atitudes</u>, assim, se alguma coisa... /<u>questão de cultura</u>, né, <u>coisa diferente</u>, não é <u>uma coisa que Feira faria</u>, geralmente <u>a gente identifica</u>, entendeu? Mas <u>visualmente</u>, eu acho que <u>visualmente</u>, não <u>de primeira</u>, só <u>a questão do falar mesmo</u>”. É porque na linguagem, a gente ali já <u>sabe</u> como é a linguagem do pessoal de Feira interagir, <u>encurtar as frases</u>, é... falar uma frase que meio, que a gente tá no contexto, mas em outro contexto; mas tem gente de fora que <u>mesmo que a gente falasse uma frase daquele jeito</u>, mas não é daquele jeito. Então, do falar mesmo, a questão do falar, a pessoa <u>entende</u>. <u>Não só da gíria, mas também do contexto da história</u>, essas coisas [...]” (AFI3, l. 53-84).</p>
<p>“[...] Normalmente, pelo <u>linguajar</u>. Feira, normalmente, a pessoa já tem <u>linguajar</u>, um linguajar já <u>feito</u>, né, tipo “oh véri”! é... Quando encontra com os amigos é “e aí meu Brother”! Então, assim, você já <u>identifica que é de Feira</u>, porque de outra localidade já tem uma <u>gíria diferente</u>, né. Então, assim, eu, como sou de Feira, já fica nessa <u>facilidade de identificar</u>, por causa de algumas dessas gírias” oh véri”, “meu Brother”, “lá ele”. Já <u>consigo identificar</u> se é daqui de Feira ou se não é. <u>Mesmo que não conheça</u>. O <u>linguajar</u>, as <u>gírias</u>, o <u>sotaque</u>, também. E aí a gente <u>acaba identificando</u>, né. Por isso que, às vezes, no atendimento, mesmo assim, a pessoa é... <u>fala um linguajar diferente</u> e aí você já <u>identifica</u> – “Você não é daqui não né? – “Não”. Justamente por causa disso, por Feira ser <u>entravamento</u>. Então, são pessoas de várias localidades que estão na cidade [...]” (CMI3, l. 16-38).</p>
<p>“[...] <u>Sim, sim, eu sei</u> [identificar uma pessoa quando não é de Feira]. Eu sei. <u>Pela fisionomia</u>, pelo <u>jeito de falar</u>, entendeu? Porque nós baiano <u>temos um sotaque</u>, <u>um som de voz</u>, e as pessoas de fora que chegam aqui, <u>elas têm outro</u>. <u>Não [feirense não fala igual a Salvador]</u>. Salvador já tem alguém que fala <u>diferente</u>. Nós feirenses, às vezes, a gente <u>fala assim arrastando as palavras</u>, né, e o de Salvador também <u>tem outro tom</u>, outro som <u>diferente</u>, eu não sei <u>distinguir</u>, mas <u>não são iguais</u> à gente, quando <u>são de Salvador mesmo</u>, entendeu? [...]” (EFIII1, l. 66-83).</p>

Fonte: Da autora, 2025.

A partir destes relatos, observa-se que o pertencimento local é atribuído, pelos informantes, por meio de traços linguísticos, comportamentais e culturais que circulam socialmente e funcionam como marcadores identitários. Nestes contextos, destacam-se o uso de gírias, o sotaque, expressões regionais e determinadas atitudes interpretadas como características “de Feira”. Sob à perspectiva do engajamento dialógico, estes informantes, de

maneira geral, não impõem verdades absolutas, eles dialogam com outras vozes e compartilham experiências, culturas e reforçam a identidade feirense ao mesmo tempo que reconhecem sua diversidade. No Quadro 35, estão reunidos os recursos heteroglóssicos impressos pelos falantes nos seus posicionamentos.

Quadro 35 – 3º questão: Comprometimento: heteroglossia

Como você identifica um feirense?
Comprometimento: heteroglossia
<p>“Geralmente é pelo seu jeito de ser né. As pessoas percebem não somente pelas suas falas, mas quando vêm de fora, as pessoas têm um pouco de curiosidade, [...], e a gente fala muita gíria, então, às vezes, as pessoas não conhecem e perguntam o que significa. A gente tem que explicar, então a gente já percebe que a pessoa ali é de fora; quem já é de dentro já sabe como Feira funciona. [...]. Visualmente, eu não identificaria, mas questão de conversar, de conversar, olhar as atitudes, assim, se alguma coisa... /questão de cultura, né, coisa diferente, não é uma coisa que Feira faria, geralmente a gente identifica, entendeu? Mas visualmente, eu acho que visualmente, não de primeira, só a questão do falar mesmo”. É porque na linguagem, a gente ali já sabe como é a linguagem do pessoal de Feira interagir, encurtar as frases, é... falar uma frase que meio, que a gente tá no contexto, mas em outro contexto; mas tem gente de fora que mesmo que a gente falasse uma frase daquele jeito, mas não é daquele jeito. Então, do falar mesmo, a questão do falar, a pessoa entende. Não só da gíria, mas também do contexto da história, essas coisas” (AFI3, l. 53-84).</p> <p>“Normalmente, pelo linguajar. Feira, normalmente, a pessoa já tem linguajar, um linguajar já feito, né, tipo “oh vêí”! é... Quando encontra com os amigos é “e aí meu Brother”! Então, assim, você já identifica que é de Feira, porque de outra localidade já tem uma gíria diferente, né. Então, assim, eu, como sou de Feira, já fica nessa facilidade de identificar, por causa de algumas dessas gírias “oh vêí”, “meu Brother”, “lá ele”, já consigo identificar se é daqui de Feira ou se não é. Mesmo que não conheça. O linguajar, as gírias, o sotaque, também. E aí a gente acaba identificando, né. Por isso que, às vezes, no atendimento, mesmo assim, a pessoa é... fala um linguajar diferente e aí você já identifica – “Você não é daqui não né? – “Não.” Justamente por causa disso, por Feira ser entroncamento. Então, são pessoas de várias localidades que estão na cidade” (CMI3, l.16-38).</p> <p>“Sim, sim, eu sei [identificar uma pessoa quando não é de Feira]. Eu sei. Pela fisionomia, pelo jeito de falar, entendeu? Porque nós baiano temos um sotaque, um som de voz, e as pessoas de fora que chegam aqui, elas têm outro. Não [feirense não fala igual a Salvador]. Salvador já tem alguém que fala diferente. Nós feirenses, às vezes, a gente fala assim arrastando as palavras, né, e o de Salvador também tem outro tom, outro som diferente, eu não sei distinguir, mas não são iguais a gente, quando são de Salvador mesmo, entendeu?” (EFIII1, l. 66-83).</p>

Fonte: Da autora, 2025.

Nos excertos acima apresentados, apesar de não impor os seus valores e experiências, os feirenses usam recursos que contraem o seu espaço dialógico alinhando as vozes alternativas aos seus valores e às suas crenças. Assim, os feirenses constroem o reconhecimento dos seus

pares/ conterrâneos por meio de um espaço dialógico fortemente contraído, ou seja, por estratégias enunciativas que reduzem a abertura para outras vozes ou possibilidades interpretativas. Nestes relatos, nota-se que o reconhecimento do conterrâneo em Feira de Santana é frequentemente construído por meio de marcadores discursivos de contraexpectativa, que desempenham um papel fundamental na delimitação identitária e na contração do espaço dialógico. Expressões como “a gente **já** percebe que a pessoa ali é de fora; quem **já** é de dentro **já** sabe como Feira funciona” (AFI3) e “você **já** identifica que é de Feira” (CMI3) evidenciam o uso do advérbio “**já**” não apenas como indicador temporal, mas também como um recurso avaliativo que sinaliza a quebra de uma expectativa social implícita – a de que eles não saberiam identificar. Não se esperaria que eles soubessem, então eles se adiantam e usam “**já**” para contrair a expectativa. E mais, o uso recorrente deste recurso permite inferir que, na visão desses feirenses, essa capacidade é compartilhada por seus conterrâneos. Conforme propõem Martin e White (2005), a contraexpectativa atua para marcar a diferença entre o que se esperaria de alguém (“de dentro”) e o comportamento ou fala de alguém (“de fora”), operando como ferramenta discursiva para reforçar fronteiras culturais. A feirense E, quando diz: “não sei distinguir, **mas** não são iguais a gente”, produz um reforço identitário, pois, mesmo sem saber nomear ou diferenciar precisamente os traços do outro, ela afirma com convicção a diferença em relação ao grupo de pertencimento, neste caso, os feirenses. A feirense A rompe com a expectativa de que a identificação de um sujeito local se daria apenas pelo uso de gírias ou marcas lexicais. Ao dizer, “Então, do falar mesmo, a questão do falar, a pessoa entende. **Não** só da gíria, **mas** também do contexto da história, essas coisas”; o uso da negação “**Não só**” e da conjunção adversativa “**mas também**” sinaliza que há mais complexidade e profundidade no reconhecimento de um feirense do que geralmente se pressupõe. A falante dialoga implicitamente com uma visão simplificada ou redutora do pertencimento local, segundo a qual o “modo de falar” seria restrito ao vocabulário ou sotaque, e reformula essa expectativa ao incluir outros elementos contextuais e históricos – “o contexto da história, essas coisas” – como igualmente importantes. Esta estratégia contrai o espaço dialógico e não nega a expectativa anterior, “**Não só** da gíria”, mas a amplia, abrindo espaço para uma concepção de identidade que envolve vivência social, partilha de memória e reconhecimento coletivo. A Feirense A, nesse caso, reforça a sua autoridade experiencial não só reconhecendo, mas também interpretando os signos locais de pertencimento de forma crítica e contextualizada, contribuindo para a construção discursiva da identidade feirense como fenômeno cultural dinâmico e enraizado.

Assim, nos contextos apresentados, os (as) feirenses, com o uso dos marcadores de contraexpectativa, sustentam o processo de identificação de conterrâneos e a produção de um “nós” comunitário, definido por traços que são avaliativamente e positivamente normatizados e compartilhados. Nos contextos acima descritos, percebe-se que os feirenses constroem o reconhecimento dos seus pares/ conterrâneos por meio de um espaço dialógico fortemente contraído, mostrando conhecimento da sua identidade.

Essa consciência identitária também é expressa positivamente por sentimentos implicitamente ativados e socialmente compartilhados, pelos quais os falantes reconhecem seus pares justamente pelos comportamentos considerados condizentes com os valores e as práticas culturais locais. Ou seja, os (as) feirenses reconhecem seus conterrâneos por meio de expressões de julgamento positivo nos domínios da capacidade e da normalidade, tal como definidos por Martin e Rose (2005). Esses julgamentos não são apenas manifestações de afeto, mas formas socialmente partilhadas de avaliar comportamentos e performances discursivas, que indicam pertencimento ao grupo local. No plano da capacidade, os informantes atribuem ao feirense uma habilidade naturalizada de reconhecer outros pares, como em: “a gente já percebe que a pessoa ali é de fora”; “quem já é de dentro já sabe como Feira funciona”; a gente já sabe como é a linguagem do pessoal de Feira interagir”; “fala um linguajar diferente e aí você já identifica”; “Já fica nessa facilidade de identificar, por causa de algumas dessas gírias” oh véri”, “meu Brother”, “lá ele” Não só da gíria, mas também do contexto da história, essas coisas”. Essas formulações indicam que há uma competência comunicativa específica do feirense voltada para a identificação do “outro” com base em traços discursivos e comportamentais. O uso de verbos como “saber”, “perceber” e “identificar” reforça essa autoridade experiencial, ao apresentar tal capacidade de uma perspectiva quase inata, quase automática. Já no domínio da normalidade, os falantes constroem o reconhecimento do conterrâneo a partir daquilo que é visto como habitual “pelo seu jeito de ser”, ou esperado entre os nativos “uma coisa que Feira faria” e “quem já é de dentro já sabe como Feira funciona; “sabe como é a linguagem do pessoal de Feira interagir”. Assim, expressões como “pelo linguajar”; “o pessoal já tem um linguajar já feito”; “Não [feirense não fala igual a Salvador]” e “não é uma coisa que Feira faria” operam como formas de delimitação do que é considerado comportamento “normal” dentro da cultura feirense. Ao mesmo tempo, elementos como o uso de gírias (“ô véri”, “meu Brother”, “lá ele”), a entonação e o “encurtamento de frases” são descritos como marcas que reforçam o reconhecimento imediato de quem pertence ou não ao grupo. Assim, os feirenses utilizam esses julgamentos positivos de capacidade e normalidade para legitimar o pertencimento e reforçar a identidade local como um saber compartilhado, sensível à linguagem, à história e aos modos de

interação típicos da cidade. O reconhecimento do conterrâneo, portanto, emerge como um processo avaliativo e culturalmente situado, sustentado por critérios socialmente estabilizados que operam tanto no plano do discurso quanto nas práticas cotidianas. Os informantes – arrisca-se dizer, por apresentar posicionamento mais convencional, pois eles apresentam instâncias institucionalizadas, socialmente estabilizadas –, indicam um posicionamento mais contido ou menos enfático, sem apelo emocional ou argumentativo. De outra forma, conforme se observa dos excertos apresentados no Quadro 35, eles não apresentam marcação explícita de graduação.

Observa-se nos excertos apresentados que os (as) falantes feirenses não explicitam o uso da variante *tu* como elemento linguístico de identificação dos seus pares. Este comportamento pode ser explicado pelo fato de que a comunidade linguística de Feira de Santana reconhece outros marcadores linguísticos e comportamentais mais salientes e socialmente valorizados para a construção e reconhecimento da identidade local, a exemplo do uso de gírias, o sotaque e expressões regionais. A identificação de um feirense se dá, também, pela capacidade de reconhecer o “jeito de ser”, o “linguajar diferente”, o “modo de falar”, que vai além da gíria, e abrange o “contexto da história”. Além disso, a entonação e o “encurtamento de frases” são descritos como marcas que reforçam o reconhecimento imediato. Diante do exposto, infere-se que a não menção à variante *tu* na descrição da identidade feirense se dá pelo fato de essa variante não ser percebida, pelos (as)feirenses, como um desses marcadores que os (as) identificam, e a sua variação não possui o mesmo peso social para a identificação do coletivo.

Nesta perspectiva de reconhecimento do pertencimento cultural, foi perguntado, quanto às formas de tratamento, de que maneira os feirenses se dirigem aos outros nas relações interpessoais. De acordo com os recursos valorativos utilizados, de maneira geral, os feirenses julgam explicitamente de forma positiva o comportamento da população feirense, mostrando-se de acordo com as regras éticas e morais. Os recursos valorativos estrategicamente utilizados pelos feirenses estão postos no Quadro 36.

Quadro 36 – 4^a questão: Instâncias valorativas – Atitude

(Continua)

De que maneira os feirenses se dirigem aos outros nas relações interpessoais?
Instâncias valorativas
“[...] Sim! Eu acho o pessoal de Feira <u>bem hospitaleiro</u> . As pessoas normalmente <u>acolhem bem</u> . Claro que como toda cidade, né, tem as suas <u>peculiaridades</u> de, é... <u>perigo</u> , né, de pessoas <u>ruins</u> , mas eu acho Feira de Santana uma cidade <u>muito boa</u> de se morar, de pessoas <u>muito acolhedoras</u> , certo e, já falando a gíria, a galera de Feira é “ <u>massa</u> ” rsrsrsrs [...]” (CMI3, 1.51-58).
“[...] Aqui em Feira <u>tem muita gente legal</u> ... <u>Tem muita gente que acolhe as pessoas</u> , tem <u>gente educada</u> , tem <u>muita gente estressado</u> , mas no fundo, no fundo, todo mundo é <u>amigo</u> ,

Quadro 36 – 4^a questão: Instâncias valorativas – Atitude

(Conclusão)

todo mundo compartilha com o outro, entendeu? Aqui é uma Feira acolhedora [...]" (DMII1, 1.23-33).

"[...] Eu não consigo. É meu amor, é oi, paixão, eu gosto de tratar assim, né. Agora, as pessoas, cada um tem uma maneira diferente, viu?

O povo trata as pessoas, às vezes, com muito carinho, né. Mas têm outros também que deixam a desejar porque é como eu falei nestante, nem todo mundo é igual. já pensou nós três aqui se nós três fôssemos iguais, tivéssemos essas mesmas coisas, essas mesmas naturezas?.../ Não ia prestar. Então, cada pessoa tem uma maneira diferente de agir, de conversar ...viu? "[...]" (EFIII1, 1. 85-98).

Fonte: Da autora, 2025

Nos excertos acima apresentados, os feirenses C e D e a feirense E fazem uso dos três recursos valorativos, Comprometimento, Atitude e Gradação, marcando, assim, os seus espaços dialógico e discursivo, abalizando a sua relação com a população da cidade. Não há registro de fala da feirense A. Quanto ao Comprometimento, os(as) feirenses constroem, com maior regularidade, seus espaços dialógicos e posicionamentos discursivos por meio do uso de recursos linguísticos que elevam seu investimento autoral para validar as avaliações positivas sobre a população feirense, sem espaço para o contraditório. Portanto, os informantes recorrem com maior frequência a enunciados monoglóssicos, que estão apresentados nos excertos constantes no Quadro 37.

Quadro 37 – 4^a questão: Comprometimento – recursos monoglóssicos

De que maneira os feirenses se dirigem aos outros nas relações interpessoais?

Comprometimento- recursos monoglóssicos

"[...] a galera de Feira é “massa” (CMI3).

"[...] Aqui em Feira tem muita gente legal... Tem muita gente que acolhe as pessoas, tem gente educada, [...] todo mundo compartilha com o outro, entendeu? Aqui é uma Feira acolhedora [...]" (DMII1).

"[...] É meu amor, é oi, paixão, eu gosto de tratar assim, né. Agora, as pessoas, cada um tem uma maneira diferente, viu? [...]" (EFIII1).

Fonte: Da autora, 2025.

Nos excertos acima, observa-se o uso sistemático de enunciados monoglóssicos, marcando pouca abertura do espaço dialógico. Assim, no excerto "[...] a galera de Feira é ‘massa’", o feirense C não reconhece vozes alternativas nem expressa dúvida ou controvérsia.

Essa estratégia discursiva implica um contrato comunicativo de alto grau de certeza e partilha de valores, posicionando a avaliação como algo evidente, aceito e incontestável dentro da comunidade. Ao empregar a expressão coloquial e afetiva “galera de Feira” – marcada pela informalidade e pela inclusão coletiva – o citado feirense constrói uma imagem de proximidade interpessoal, ativando um sentimento de pertencimento e solidariedade. O feirense D, ao pronunciar “Aqui em Feira tem muita gente legal... Tem muita gente que acolhe as pessoas, tem gente educada, [...] todo mundo compartilha com o outro, entendeu? Aqui é uma Feira acolhedora”, valida um conjunto de juízos positivos em modo afirmativo direto, sem dúvida ou referência a outros pontos de vista. Este feirense não apenas avalia positivamente a cidade e sua população, mas também assume essa avaliação como consensual e inquestionável. Na fala da feirense E: “É meu amor, é oi, paixão, eu gosto de tratar assim, né. Agora, as pessoas, cada um tem uma maneira diferente, viu?”, observa-se um padrão discursivo que marca uma posição afetiva pessoal e positiva no trato com os outros, ainda que reconheça a diversidade (“cada um tem uma maneira diferente”), mantendo, contudo, a centralidade de sua própria prática avaliativa. Com a expressão “eu gosto de tratar assim”, ela reafirma o comprometimento pessoal com um modo de interação afetivo e cordial. Essa estratégia linguística promove a ideia de um “nós” comunitário e constrói uma ideia de orgulho local, com efeitos ideológicos de pertencimento e valorização cultural. Esta estratégia também busca alinhar os interlocutores a esses valores. É a outra parte desta estratégia. Quando somos categóricos, não abrimos o espaço ao contraditório para que nosso interlocutores tomem aqueles valores e/ou crenças como verdades e se juntem à comunidade.

Os informantes feirenses também fazem uso, mesmo que com menor frequência, da heteroglossia, e adotam recursos que contraem as possibilidades de negociação de sentidos, revelando dinâmicas discursivas marcadas tanto pela afirmação identitária quanto pela abertura ao outro. Nos excertos apresentados, observa-se o predomínio de enunciados em que os informantes reconhecem e respondem a vozes alternativas, mas elas atuam discursivamente para limitar ou descartar essas outras possibilidades, reafirmando a avaliação desses informantes. Ao dizer, por exemplo, “**Claro** que como toda cidade, né, tem as suas peculiaridades de perigo, né, de pessoas ruins, **mas** eu acho Feira de Santana uma cidade muito boa de se morar, de pessoas muito acolhedoras”, o falante C utiliza o conectivo “**mas**” para rejeitar parcialmente a representação negativa inicialmente evocada – de perigo e violência – a fim de reafirmar uma imagem positiva da cidade e de seus habitantes, validando, assim, o ponto de vista pessoal. O mesmo padrão ocorre na afirmação “tem muita gente estressado, **mas** no fundo, no fundo, todo mundo é amigo”; o feirense D descreve uma característica negativa do

cotidiano urbano, relativizando-a e superando-a por uma representação afetiva e solidária dos feirenses com o uso do recurso contrastivo “**mas**”. No excerto: “O povo trata as pessoas, às vezes, com muito carinho, né. **Mas** têm outros também que deixam a desejar porque, é como eu falei nestante, nem todo mundo é igual”, a feirense E tematiza a convivência com a diferença como elemento estruturante da interação social e o uso da concessiva “**Mas**”, porém, não nega a primeira proposição, apenas a contextualiza.

Quanto à Atitude, de maneira geral, os informantes julgam explicitamente de forma positiva o comportamento da população feirense, que, para eles, apresentam caráter e comportamento ético, são corteses e confiáveis. Legitimando a expressão dos sentimentos externados, estes (as) feirenses entrevistados usam recursos calcados na construção coletiva dos valores. Assim, em “o pessoal de Feira é bem hospitaleiro”, “pessoas muito acolhedoras”, “todo mundo é amigo, todo mundo compartilha com o outro”, os informantes avaliam positivamente a conduta da população, atribuindo-lhes traços desejáveis de convivência e solidariedade. Nos excertos “tem gente educada”, ou “o povo trata com carinho”, também se observa julgamento no campo da conduta interpessoal — demonstrando cortesia, respeito e afeto como traços valorizados. O feirense D, ao dizer que “tem muita gente estressada, mas no fundo todo mundo é amigo”, apresenta um julgamento duplo que primeiro registra uma avaliação negativa, mas que logo é suavizada com uma revalorização positiva, o que indica uma tentativa de manter a coesão identitária.

O afeto aparece de maneira subjetiva e pessoal, principalmente nas escolhas lexicais e formas de tratamento. Os sentimentos externados pela feirense E, como “meu amor”, “oi, paixão”, e a frase “eu gosto de tratar assim”, revelam um posicionamento afetivo, isto é, indicam sentimentos desta feirense em relação ao modo como prefere se comunicar. Da mesma maneira, o feirense C expressa um afeto indireto com uso da gíria “massa” – “a galera de Feira é massa” –, que pode ser interpretado também como um marcador de afeto coletivo, expressando simpatia e admiração pela própria comunidade.

A apreciação aparece apenas de forma pontual. Na avaliação indireta realizada pelo feirense D, por exemplo, que vê Feira como “uma cidade muito boa de se morar [...]”, é registrada uma valoração do lugar (e não das pessoas) e, embora não seja o foco central, esse sentimento é externado por este feirense para validar o julgamento positivo, ético, associando Feira de Santana como um lugar de “[...] de pessoas muito acolhedoras”, reforçando, assim, o vínculo entre o espaço vivido e a qualidade das relações interpessoais. Diante do exposto, pode-se inferir que há uma tendência de que os feirenses julguem positivamente a sua conduta social.

Observa-se que os informantes atribuem julgamentos positivos à população local, concebendo-a como portadora de uma conduta socialmente apropriada e alinhada a normas éticas e de convivência coletiva. Mesmo considerando este sentimento como algo quase inquestionável, naturalizado e compartilhado socialmente, os feirenses entrevistados elevam a intensidade da valoração, com maior uso de itens específicos/local e separado do item valorativo, e atribuem um grau elevado de legitimidade a esses comportamentos para validar a conduta ética da população de Feira de Santana, especificamente no campo do comportamento social positivo. Termos como “**bem** hospitaleiro”, “acolhem **bem**”, “**muito** acolhedoras”, “**muita** gente legal”, “tem **muita** gente que acolhe as pessoas” “ é amigo”, “ compartilha” expressam juízos éticos intensificados, reforçando a imagem de um povo solidário, empático e digno de confiança. A repetição de expressões como “**no fundo, no fundo**, todo mundo é amigo” ainda opera como mecanismo de ênfase e insistência avaliativa, que busca reforçar uma visão idealizada e moralmente positiva da coletividade. Desta forma, a graduação fortalece o julgamento positivo assim como constrói um *ethos* discursivo de pertencimento, em que os feirenses se reconhecem como parte de uma comunidade cujos valores éticos são motivo de orgulho e reconhecimento mútuo. O uso de intensificadores locais isolados deixa a Gradação ainda mais evidente, mantém o espaço dialógico parcialmente fechado, permitindo que a avaliação pareça mais categórica ou impositiva, desfavorecendo a negociação de sentidos com o interlocutor. Ao elevar com tanta ênfase esses julgamentos, os informantes buscam alinhar seu interlocutores prospectivos a suas visões. Muitas destas Gradações ocorreram em monoglossias.

Da análise, constata-se que os (as) feirenses percebem e descrevem as relações interpessoais em Feira de Santana sob uma construção discursiva predominantemente positiva do comportamento da população local, alinhada a um forte senso de ética e moralidade, cortesia e confiabilidade. Tal avaliação é construída de forma afirmativa e direta, o que implica pouca abertura ao contraditório. Assim, estes falantes revelam uma tendência marcante ao uso de recursos linguísticos que elevam seu investimento autoral para validar avaliações positivas sobre a população. Essa estratégia discursiva posiciona as avaliações como evidentes, aceitas e incontestáveis, dentro da comunidade, sem a necessidade de reconhecer vozes alternativas ou expressar dúvidas, assumindo-as como consensuais. Estes sentimentos positivos dirigidos à relação interpessoal feirense é validado mesmo quando os (as) feirenses reconhecem vozes alternativas; isso porque, esse uso se dá de forma estratégica para, discursivamente, limitar ou descartar essas outras possibilidades, reafirmando sua própria avaliação positiva. Mesmo quando há relativização de uma característica negativa do cotidiano urbano – reconhecendo

aspectos problemáticos (como perigo, pessoas ruins, pessoas estressadas) – essa problemática é superada por uma representação afetiva e solidária: “no fundo, todo mundo é amigo”. Essa dinâmica discursiva, que oscila entre a afirmação categórica e a negociação controlada de vozes, contribui para a construção de um “nós” comunitário coeso e orgulhoso de sua identidade feirense.

O Julgamento (de propriedade e de normalidade) emerge como a instância valorativa predominante. A apreciação, embora menos recorrente, valida Feira de Santana como um “lugar de pessoas muito acolhedoras”, estabelecendo um vínculo entre o espaço vivido e a qualidade das relações interpessoais. Tais valorações são ainda mais elevadas com o investimento de recursos intensificadores que conferem alto grau de legitimidade a essas condutas. A repetição dos itens valorativos opera como um mecanismo de ênfase e insistência avaliativa, buscando reforçar uma visão idealizada e moralmente positiva da coletividade.

Passa-se, então, à análise das respostas da seguinte pergunta: “Percebe que, aqui em Feira, as pessoas utilizam, além dos pronomes *você*, o senhor, a senhora, o pronome *tu*? A análise revelou que os informantes de Feira de Santana reconhecem a presença desse pronome nas interações diárias da comunidade e reconhecem contextos específicos sociocomunicativos em que essa escolha linguística se manifesta, o que permitiu alcançar não só a consciência linguística e sociolinguística desses (as) feirenses, ou seja, os valores implícitos explícitos que retratam a estratificação social presente nesta comunidade de fala, quanto ao uso da variante *tu*, mas também permitiu desvelar normas ocultas ou prestígio encobertos que envolvem esta variante – valores positivos que levam à manutenção do uso desta variante na comunidade de fala feirense. No Quadro 38, encontram-se detalhados, nos excertos, os recursos de expressão de sentimentos utilizados pelos feirenses em respostas a esta questão.

Quadro 38 – 5^a questão: Instâncias valorativas – Atitude

(Continua)

Percebe que, aqui em Feira, as pessoas utilizam, além dos pronomes <i>você</i>, o senhor, a senhora, o pronome <i>tu</i>?
Instâncias Valorativas
“[...] mas <u>escuto muito</u> <i>tu</i> . Sim [<u>escuta a gente aqui de Feira usando o tu</u>]. <i>Tu</i> , existe <i>tu</i> , mas é <u>pouquíssimo</u> . Eu <u>vejo mais o meu irmão</u> e a <u>minha irmã</u> , mas geralmente é <u>mais meu irmão</u> porque ele <u>trabalha com o público</u> , geralmente ele tá <u>sempre falando tu, tu, tu, tu</u> . <u>Ele trabalha com questão de vendas</u> . Então, <u>ele tem contato mais com o público</u> , mas a minha irmã também é <u>vendedora</u> , só que ela é um <u>seleto mais menorzinho</u> , <u>questão de loja</u> ; ele não, ele trabalha em <u>uma loja maior</u> , tem que <u>lidar com pessoas, com cliente</u> , então ele <u>tem tu pra tudo que é lado</u> . [Ele não usa o <i>tu</i> com a minha mãe] Não. É <u>senhora mesmo</u> [...]” (AFI3,139-159).

Quadro 38 – 5^a questão: Instâncias valorativas – Atitude

(Conclusão)

“[...] Sim, percebo [outras formas de tratamento]. Percebo que a galera de Feira também é muito formal, trata muito como senhor, senhora, é...quanto mais próximo, você, né, amigo... [Uso do tu] Já! É...” tu vai” rsrsrsrsr,” tu vem”. Às vezes, sim. Chega, – “Bom dia, como tu vai?”, né, – “Como tu tá? [...]” (CMI3, l.60-70).

[...]

“[...] Sim, sim contexto diferenciado]. Acho que é uma questão da população mesmo da cidade. É como eu falei, é uma questão de gíria, e já fica no hábito de falar essas palavras[...].” (CMI3, l.79-81).

“[...] Não, normalmente aqui tem uma giriazinha, né? Não [em contexto formal], é “Por favor, pode fazer isso aí? “Pega aquilo aí, por favor, obrigado, viu”; “Deus abençoe”; “Deus acompanhe”. Se dirige entre si é...eu creio que é esse aí que eu falei. Eu vejo muita gente falando assim...muito com a...com as, às vezes muito... mais com as mães, né?... / que eu não gosto muito, Tu, tu “Tu não comprou isso pra mim”, porque, tu não, é sua mãe! “A senhora não comprou isso pra mim”. Essas coisas eu não gosto que fale, sabe? Sua mãe, sua mãe é a primeira coisa que você tem que abraçar; então, tu, tu, tu é uma pessoa qualquer, não é a sua mãe, “A senhora não comprou isso pra mim por quê? Você, você é com a gente, a mãe, é sim senhora. Então, é essas coisas que eu vejo então, normalmente[...].” (DMII1, l. 35-53).

Fonte: Da autora, 2025.

Nos excertos acima apresentados, os (as) feirenses fazem uso dos três recursos valorativos (Comprometimento, Atitude e Gradação), marcando, assim, seus espaços dialógico e discursivo, abalizando a sua relação com a cidade quanto ao uso da variante *tu*. Para o Comprometimento – construção do espaço dialógico e do posicionamento discursivo do falante – foram encontrados recursos monoglóssicos e heteroglóssicos, com predominância para a heteroglossia. Recursos estes apresentados no Quadro 39.

Quadro 39 – 5^a questão: Tipo Comprometimento: Heteroglossia

(Continua)

Percebe que, aqui em Feira, as pessoas utilizam, além dos pronomes *você*, *o senhor*, *a senhora*, o pronome *tu*?

Comprometimento-heteroglossia

“[...] Usa o pronome *tu*] Muito pouquíssimo. Quase nunca. É você... ...mas escuto muito *tu*. Sim [escuta a gente aqui de Feira usando o *tu*]. *Tu*, existe *tu*, mas é pouquíssimo. Eu vejo mais o meu irmão e a minha irmã, mas geralmente é mais meu irmão porque ele trabalha com o público, geralmente ele tá sempre falando *tu*, *tu*, *tu*, *tu*. Ele trabalha com questão de vendas. Então, ele tem contato mais com o público, mas a minha irmã também é vendedora, só que ela é um seletivo mais menorzinho, questão de loja; ele não, ele trabalha em uma loja maior, tem que lidar com pessoas, com cliente, então ele tem *tu* pra tudo que é lado. [Ele não usa o *tu* com a minha mãe] Não. É *senhora* mesmo[...].” (AFI3,137-159).

“[...] Sim, percebo [outras formas de tratamento]. Percebo que a galera de Feira também é muito formal, trata muito como senhor, senhora, é...quanto mais próximo, você, né, amigo... [Uso do tu] Já! É...” tu vai” rsrsrsrsr,” tu vem”. Às vezes, sim. Chega, – “Bom dia, como tu vai?”, né, – “Como tu tá? [...]” (CMI3, l.60-70).

[...]

“[...] Sim, sim contexto diferenciado]. **Acho** que é uma questão da população mesmo da cidade. É como eu **falei**, é uma questão de gíria, e **já** fica no hábito de falar essas palavras [...]” (CMI3, 1.79-81).

“[...] Não, **normalmente** aqui tem uma giriazinha, né? Não [em contexto formal], é “Por favor, pode fazer isso aí? “ “Pega aquilo aí, por favor”, obrigado, viu”; “Deus abençoe”; “Deus acompanhe”. Se dirige entre si é...eu **creio** que é esse aí que eu falei.

Eu **vejo** muita gente falando assim...muito com a...com as, **às vezes** muito... mais com as mães, né?... / que eu **não** gosto muito, Tu, tu “Tu não comprou isso pra mim”, porque, tu **não**, é sua mãe! “A senhora não comprou isso pra mim”. Essas coisas eu **não** gosto que fale, sabe? Sua mãe, sua mãe é a primeira coisa que você tem que abraçar; então, tu, tu, tu é uma pessoa qualquer, **não** é a sua mãe, “A senhora não comprou isso pra mim por quê? Você, você é com a gente, a mãe, é sim senhora. Então, é essas coisas que eu **vejo** então, normalmente [...]” (DMII1, 1. 35-53).

Fonte: Da autora, 2025.

Diante das falas, constantes no Quadro 39, nota-se que os informantes percebem o uso do pronome *tu*, na cidade, se distanciando do seu posicionamento discursivo. Estrategicamente, eles consideram outras vozes e expandem o seu espaço dialógico para expressar seu posicionamento como uma das possibilidades, ainda que acompanhado por alguns momentos de contração. Estes informantes se distanciam do seu posicionamento discursivo recorrendo frequentemente a avaliações contextualizadas e observações sobre o comportamento linguístico de terceiros, como familiares (irmão) “**geralmente** ele tá sempre falando *tu*, *tu*, *tu*, *tu*”, ou interlocutores em situações de atendimento ao público “**Às vezes**, sim. Chega, – “Bom dia, como tu vai?”, né, – “Como tu tá?”. Expressões como “**às vezes**”, “**creio**” “**acho**” demonstram o reconhecimento de outras perspectivas, ampliando o leque avaliativo. Há também enunciados que contraem o espaço dialógico ao mesmo tempo que o expande: A feirense A diz que usa o pronome *tu* “Muito pouquíssimo. Quase nunca. É você... ...**mas** escuto muito *tu*”; o feirense D, ao dizer que “vejo muita gente falando assim... muito com, **às vezes**, muito... mais com as mães, né?”, afirma o uso do pronome *tu*, na comunidade feirense, em contexto não legitimado por ele ao expressar “**não** gosto muito”, abrindo espaço para outras vozes; ou seja, abrindo espaço para outras possibilidades do uso do pronome *tu* em Feira de Santana no contexto de interação. Por outro lado, embora em menor número, os recursos monoglóssicos expressam sentimentos mais fixos e pessoais, como “é o você e *tu*” ou “é você”, dito pela feirense E; estes recursos contraem o espaço dialógico e sustentam visões mais estabilizadas sobre o uso da variante *tu*. A articulação entre esses dois modos enunciativos – a expansão, pela referência à diversidade de

usos, e a contração, por meio de afirmações categóricas – revela a complexidade das atitudes sociolinguísticas presentes nos depoimentos, especialmente no que se refere à normatividade, à polidez e às relações de hierarquia interpessoal.

Neste contexto de menor investimento autoral, dentre os recursos que envolvem a *Atitude*, nota-se que, nos excertos analisados, embora o pronome *tu* seja reconhecido por todos os informantes como presente no cotidiano de Feira de Santana – “escuto muito tu”; “Sim [escuta a gente aqui de Feira usando o tu]; Tu, existe tu; e “[observa]é o você e tu” –, sua existência é frequentemente marcada por atitudes implícitas de julgamento negativo, colocando-o em posição de menor prestígio em comparação ao *você* e/ou ao tratamento formal. No primeiro excerto, a feirense A, por exemplo, diz que “Tu, existe tu, mas é pouquíssimo”, o *tu* é descrito como “pouquíssimo”; além disso, ele é associado a um uso funcional por pessoas que lidam com o público, como vendedores: “geralmente é mais meu irmão porque ele trabalha com o público, geralmente ele tá sempre falando tu, tu, tu, tu. Ele trabalha com questão de vendas”. Esta fala sugere que o uso do pronome *tu* é tolerado apenas em contextos comerciais e pouco formais. Ademais, a informante A, ao afirmar que o irmão usa o *tu* com os clientes, mas “é senhora mesmo” com a mãe, demonstra, de forma implícita, que o *tu* não é apropriado para relações de respeito ou intimidade familiar marcada por hierarquia. Já no segundo excerto, a inserção de risos (“rsrsrsrsr”)⁹³ pelo feirense C, ao citar expressões com “É... “tu vai”, rsrsrsrsr, “tu vem””, indica uma atitude irônica ou cômica, que sugere estranhamento e reforça o caráter informal ou até caricato do pronome. Complementando essa visão, este feirense, em outra fala, associa o uso do *tu* à “gíria” e ao “habito de falar essas palavras”, “É como eu falei, é uma questão de gíria”, o que pode implicar uma percepção de uso automático e pouco consciente, reforçando seu afastamento da norma culta ou padrão. A fala do feirense D reforça explicitamente esse julgamento negativo ao rejeitar o uso do *tu* com a mãe, associando este pronome à ideia de impessoalidade ou falta de respeito – “tu é uma pessoa qualquer” – e defendendo o uso de “senhora” como forma correta e respeitosa. Portanto, essas falas revelam que, mesmo quando o uso do *tu* é reconhecido, ele é frequentemente associado a contextos informais, populares ou inapropriados, sendo alvo de desvalorização implícita ou explícita em contextos específicos. Essas falas evidenciam que o pronome, apesar de ser reconhecido, é frequentemente associado a contextos informais, populares ou inadequados. Consequentemente, o pronome *tu* sofre uma desvalorização, seja ela implícita ou explícita, em contextos sociais específicos.

⁹³ O riso foi considerado por ser visto como “[...] expressão emocional da orientação social em relação à proposição linguística [...]” (Labov, 1984, p. 43).

A constatação acima apresentada é reforçada pelo uso categórico de intensificadores de força, tanto isolado quanto fusionado, por estes (as) feirenses, para enfatizar e amplificar, similarmente, a avaliação negativa quando da contextualização do uso do pronome *tu* em feira de Santana, ao mesmo tempo que reduz o seu investimento autoral. Dessa maneira, os informantes, quando se referem ao uso do pronome *tu* com menor frequência ou com certo desconforto, recorrem a intensificadores de negação enfática, a exemplo da informante A, que diz que “[Usa o pronome *tu*] **“Muito pouquíssimo”**. **“Quase nunca”**”, construindo um posicionamento bastante contraído. Nesse contexto, o alvo das valorações (o uso do pronome *tu*) é fortemente avaliado com baixa frequência e aceitabilidade, o que indica julgamento normativo negativo daqueles que fazem uso desta variante. Por outro lado, ao comentar sobre o uso do pronome *tu* por terceiros (como um irmão que trabalha com vendas/ com público) “ele tá **sempre falando tu, tu, tu, tu**; “ele tem *tu* pra tudo que é lado”, a informante imprime maior intensidade, mas com menor investimento autoral e sem censura explícita, o que demonstra uma postura mais tolerante; uma atitude mais descriptiva que julgadora. Ainda em contextos informais e descontraídos, o uso do *tu* com amigos é citado com marcas de afeto e familiaridade – quanto mais próximo, você, né, amigo... [...] É... “tu vai” rsrsrsrsr, “tu vem” –, marcado por gradação ascendente explícita, que amplia o espaço dialógico e relativiza o julgamento anterior. Já o uso do pronome *tu* com a mãe é explicitamente rejeitado com forte gradação e julgamento ético e moral, como se observa na fala do feirense D: “Eu vejo muita gente falando [pronome *tu*] assim... **muito** com a...com as, às vezes muito... mais com as mães, né?... / que eu não gosto **muito**, Tu, tu “Tu não comprou isso pra mim”, porque, tu não, é sua mãe! [...] tu é uma pessoa qualquer, não é a sua mãe”, o que configura uma contraexpectativa intensamente marcada, com espaço dialógico severamente contraído. Esses dados evidenciam que os falantes de Feira de Santana atribuem diferentes pesos valorativos ao uso do pronome *tu*, oscilando entre a legitimidade contextual e o julgamento normativo, marcados principalmente pela gradação da força e pelo tipo de contrato dialógico estabelecido.

Da análise, os resultados obtidos sobre o uso do pronome *tu*, de maneira geral, pelos feirenses, fornecem subsídios valiosos para a compreensão da avaliação social subjetiva e dos valores encobertos que delineiam a estratificação social desta comunidade de fala, conforme os pressupostos propostos laboviano. O complexo conjunto de percepções, atitudes e gradações observadas na fala dos (as) feirenses não apenas valida a existência de normas linguísticas implícitas, mas também revela como a escolha pronominal se torna um marcador de distinções sociais e identitárias, dentro da própria comunidade de fala feirense, que mostrou, sob análise das falas analisadas, alto nível de consciência linguística.

Para o Comprometimento, por exemplo, predominou a heteroglossia, indicando que os informantes consideram ativamente outras vozes ao expressar seus posicionamentos, muito provavelmente, por se tratar de um tema que envolve fortemente estigmatização social. Essa abertura ao espaço dialógico é crucial para a sociolinguística laboviana, pois é no contato entre diferentes normas e avaliações que as mudanças linguísticas emergem e se consolidam, refletindo tensões sociais. O distanciamento do posicionamento discursivo pessoal, frequentemente observado através da recorrência a avaliações contextualizadas e observações sobre o comportamento linguístico de terceiros, pelos (as) feirenses entrevistados (as), sugere alto nível de sensibilidade às pressões sociais e à percepção de “como se fala” na comunidade. Expressões como “**às vezes**”, “**creio**” e “**acho**”, como já descrito, são indicadores dessa consciência metalinguística e da negociação de identidades em um campo de forças linguísticas e sociais. Esta coexistência de expansão e contração do espaço dialógico evidencia a complexidade das atitudes sociolinguísticas, particularmente no que concerne à normatividade e à hierarquia interpessoal: A feirense A, por exemplo, diz que o irmão dela “tem tu pra tudo que é lado”, mas que “Não [usa o pronome tu com a mãe]. É senhora mesmo”. No mesmo direcionamento, o feirense D: “Eu vejo muita gente falando assim... muito com a... com as, às vezes muito... mais com as mães, né?... / que eu não gosto muito, Tu, tu “Tu não comprou isso pra mim”, porque, tu não, é sua mãe!”. Tal avaliação se alinha à perspectiva laboviana de que as variedades linguísticas não são neutras, mas carregam consigo um valor social atribuído pelos falantes (Labov, 2008[1972]).

A Atitude dos (as) feirenses em relação ao pronome *tu* é uma espécie de espelho dos valores encobertos que retratam a estratificação social. É também uma espécie de espelho dos valores negativos socialmente, historicamente e culturalmente constituídos. O fato de esta variante ser reconhecida, mas também associada a julgamentos negativos implícitos e explícitos – colocando-a em menor prestígio em comparação à variante *você* ou formas de tratamento formal – é um claro indício de um fenômeno de estigmatização linguística. O feirense C, sob julgamento positivo de propriedade, afirma, sem mencionar a variante *tu*: “Sim, percebo [outras formas de tratamento]. Percebo que a galera de Feira também é muito formal, trata muito como senhor, senhora, é... quanto mais próximo, você, né, amigo”. Ao ser perguntado se ele tinha conhecimento de alguém usar o pronome *tu*, responde: Já! É... “tu vai” rsrsrsrsr, “tu vem”. Às vezes, sim. Chega, – “Bom dia, como tu vai?”, né”. Nesta fala, este feirense imprime julgamento de capacidade positiva acerca de si ao demonstrar consciência, na afirmativa de que o outro tem no seu repertório a variante *tu*. No entanto, ao ser perguntado se ele usa, responde: “Eu acredito que sim rsrsrsrsr, acredito que sim”. Ele não nega, mas também não afirma, deixando margem

para dúvidas, expandindo seu posicionamento discursivo quando da consideração de outras vozes com verbo acreditar: “**acredito**”. Neste comportamento titubeante, ou hesitante, infere-se que, implicitamente, o feirense C atribui um caráter negativo ou desvalorizado ao uso do pronome *tu*.

Semelhantemente, a associação desta variante a usos funcionais ou contextos informais, como por vendedores, realizada pela feirense A, ao dizer – “geralmente é mais meu irmão porque ele trabalha com o público, geralmente ele tá sempre falando *tu*, *tu*, *tu*, *tu*. Ele trabalha com questão de vendas” – expressa um julgamento negativo. A atitude irônica ou cômica e a associação do *tu* à “gíria” ou ao “hábito de falar”, ambas realizadas pelo feirense C, corroboram a percepção de um uso menos “culto” ou “padrão”, refletindo a hierarquia linguística e social. A inadequação da variante *tu* para relações de respeito ou intimidade familiar demonstra que o prestígio da variante está diretamente ligado às esferas sociais e às relações interpessoais. A rejeição explícita do uso do pronome *tu* com a mãe, em contraste com “a senhora”, como forma correta e respeitosa, é um exemplo real de como, para os feirenses avaliados, a variante *tu* ainda carrega um valor simbólico de distanciamento social ou falta de respeito, revelando os valores implícitos e explícitos que regem as interações em diferentes estratos. Esses achados corroboram, mais uma vez, a ideia de Labov (2008[1972]) de que as variantes linguísticas são socialmente avaliadas e servem como marcadores de identidade e pertencimento a grupos sociais. A desvalorização implícita e explícita da variante *tu* contribui para sua baixa legitimidade social no município, um reflexo direto de sua posição na hierarquia social da fala.

Por sua vez, conforme já argumentado, a Gradação evidencia como os intensificadores de força são empregados, pela feirense A, para amplificar a avaliação negativa do *tu*, mesmo que com menor investimento autoral em alguns contextos. Com o emprego de “**Muito pouquíssimo**” e “**Quase nunca**”, esta feirense aponta para um julgamento normativo negativo, alinhado à percepção de uma norma padrão. Em contraste, a maior intensidade na descrição do uso do *tu* por terceiros (irmão) – “ele tá sempre falando *tu*, *tu*, *tu*, *tu*”; “ele tem *tu* pra tudo que é lado” – embora com menor investimento autoral, reflete uma atitude mais tolerante e descriptiva, mas ainda inserida na dinâmica da variação. A distinção clara entre o uso do *tu* com amigos, marcado por afeto e familiaridade, e a rejeição explícita com a mãe, acompanhada de forte gradação e julgamento ético, é um exemplo cabal de como a avaliação social subjetiva opera. Labov (2008[1972]) sublinha que as variações linguísticas são percebidas diferentemente por grupos sociais distintos e que a avaliação de uma variante não é uniforme, mas dependente do contexto sociocomunicativo e das relações de poder e intimidade. A fala do feirense D exterioriza um valor encoberto que demarca respeito e hierarquia familiar, na qual o *tu* é

inaceitável, enquanto o *você* ou a senhora a é norma esperada: “O tu é uma pessoa qualquer” em contraste com “não é a sua mãe!”. Em suma, a oscilação entre a legitimidade contextual e o julgamento normativo atribuído ao pronome *tu* é um forte indicativo da complexidade das atitudes sociolinguísticas em Feira de Santana. Esses resultados se alinham perfeitamente aos pressupostos laboviano, revelando que a avaliação da variante *tu* transcende a mera descrição linguística; ela espelha os valores encobertos, a estratificação social e as práticas identitárias que constituem, em particular, a comunidade de fala feirense. A análise de como essas escolhas linguísticas se articulam às construções identitárias e às práticas de pertencimento que marcam o cotidiano urbano da cidade é fundamental para compreender a dinâmica sociolinguística local em sua totalidade.

Labov, em suas diversas obras, como *The Social Motivation of a Sound Change* (1963), *Sociolinguistic Patterns* (1972), e os volumes de *Principles of Linguistic Change* (1994, 2001, 2010), consistentemente associa as variações linguísticas a fatores sociais e à identidade de grupo. De acordo com este pesquisador, a explicação para esses fenômenos reside na análise detalhada de sua configuração em função das forças sociais que afetam profundamente a comunidade (Labov, 2008[1972]). Isso significa que a forma como as comunidades constroem e expressam suas identidades é um fator crucial para entender como a língua se diversifica. Em outras palavras, as escolhas e transformações linguísticas não são aleatórias, mas, sim, reflexos das complexas interações sociais e da autoafirmação dos grupos dentro de uma sociedade. Como já apresentado, da análise dos recursos valorativos utilizados, os (as) feirenses se veem como uma população solidária, empática e digna de confiança. Numa escuta sensível a essas vozes, no interesse de desvendar as complexas interações entre os valores sociais apresentados pelos (as) feirenses e o uso da variante *tu*, é possível inferir algumas correlações: a percepção e o uso da variante *tu* são moldados por esses valores comunitários e pela necessidade de expressão dessa coesão e afeto. Em um contexto onde, “todo mundo é amigo”, o *tu* pode ser a forma natural de expressar essa camaradagem e o sentimento de que “somos todos parte da mesma comunidade”.

Observou-se que o afeto emerge como a instância valorativa predominante na avaliação das relações interpessoais na comunidade feirense. Nesse sentido, comprehende-se que o *tu* também pode ser utilizado não como um sinal de descortesia, mas como um recurso linguístico para expressar carinho, simpatia e admiração pela própria comunidade. A cortesia em Feira de Santana pode se manifestar de uma forma que o uso do *tu* não a infrinja, mas a reforce em contextos de familiaridade e confiança mútua. Percebe-se, por exemplo, na fala do feirense D, ao apresentar contextos de uso do pronome *tu* e a oposição do uso com a mãe – por entender

desrespeitoso, não apropriado –, ele apresenta explicitamente afetividade positiva quando diz: “eu gosto que você fale o tu com pessoas de fora”. Mesmo quando este uso se dá “com pessoa de fora”, este feirense expressa de forma positiva seu sentimento, pois vê este comportamento como mais adequado e cortês: “Pronto. Agora, o povo da rua, você pode dizer – “E tu, tava aonde? – “Tu tava por onde, rapaz que tu sumiu? Então é isso, tem que falar na rua, com as pessoas que a gente conhece, na rua”. Como já apresentado na seção 3 no Quadro 15 (p. 125-126), a partir de uma sistematização dos contextos de interação dos feirenses com uso do pronome *tu*, esta variante aparece em vários contextos de interação. Observou-se, nos dados complementares, o uso da variante *tu* em contextos em que se espera formalidade: ambientes de compras e serviços (desde o comércio mais popular ao mais sofisticado). No Quadro 40, encontram-se algumas situações semelhantes a estas.

Quadro 40– A variante *tu* em contextos formais

(Continua)

Cafeteria, o garçom:

“Eu vou trazer um café pra **tu** experimentar pra ver se **tu** gosta” (HIII, arquivo pessoal).

A vizinha recém chegada:

“No dia que **tu** for comprar o cadeado, **tu** me fala.” (FI, arquivo pessoal)

No shopping da cidade:

J: Tem sutiã com bojo?

X: **Tu** quer que tamanho? **Tu** gosta de qual feixe? Tem desse e tem desse com feixe, **tu** prefere do qual modelo? E cor? **Tu** gosta dessa cor (rosa goiaba) (FI, arquivo pessoal).

Bota aqui, porque **tu** não fica com isso na mão. Veja essa blusa. **Tu** olhou? (MII, arquivo pessoal).

Na doceteria:

“Tô enrolando uns docinhos aqui, viu amiga, se **tu** quiser mais alguma coisa, **tu** me fala; e quando **tu** quiser a conta, **tu** me fala” (MII, arquivo pessoal).

Sobrinho com tia:

“Tia, eu vou concluir o capítulo da introdução pra **tu** fazer a revisão quando **tu** estiver mais folgada.” (MII, arquivo pessoal).

Filha com a mãe:

“Mãe! **Tu** tá esquecendo do seguro do carro? (FI, arquivo pessoal)

Quadro 40– A variante <i>tu</i> em contextos formais	(Conclusão)
“ Tu podia ter esperado lá na farmácia. Estou indo pra o centro da cidade, agora” (FI, arquivo pessoal).	
<u>Filha com o pai:</u>	
“ Tu já viu esses protetores de câmera? É mais para os celulares da maçãzinha” (FI, arquivo pessoal).	
<u>Sobrinho com a tia:</u>	
“Espero que em Cruz das Almas esteja mais vazio, o que é que tu acha X?” (MI, arquivo pessoal).	
<u>Sobrinha com tia:</u>	
Ô tia, tu viu a foto que eu postei de X tirando self no espelho? (FI, arquivo pessoal).	
<u>Filha com pai:</u>	
“Falando em X, tu tem que fazer a carta pra enviar pra ela. Quando tu fizer, tu me fala.” (FI, arquivo pessoal).	

Fonte: Da autora, 2025.

Em todos os contextos apresentados, depreende-se que o uso de *tu* não é um sinal de desrespeito; em vez disso, expressa afeição, camaradagem, admiração, respeito, cordialidade, afinidade e apreço dentro da própria comunidade, mesmo em contextos em que, nas relações pessoais, as fronteiras hierárquicas são bem marcadas.

Os resultados apontam também para uma contração do espaço dialógico, onde as avaliações sobre as relações interpessoais são construídas de forma afirmativa e direta, sem a necessidade de reconhecer vozes alternativas. Nesse sentido, arrisca-se defender que essa tendência se estende à interação face a face e que a variante *tu* aparece como a forma linguística que reflete essa ausência de distanciamento. Ou seja, essa falta de necessidade de expressar dúvidas ou reconhecer outras possibilidades pode levar a um uso mais direto e assertivo desta variante. Diante desta possibilidade, é possível presumir que, ao contrário de Martha's Vineyard, onde os nativos resistiam aos não nativos por meio da pronúncia centralizada dos ditongos (ay) e (aw) (Labov, 2008[1972], p. 48), os falantes de Feira de Santana não usam a variante *tu* como marcador de resistência identitária.

Esses resultados corroboram, de forma mais genérica, os resultados apresentados por Assunção e Almeida (2008), Lacerda *et al.*, (2016), Nogueira (2013) e Santana (2008), que, com dados testados sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa, observaram que a

variante *tu* é frequente em contextos de interação marcados por informalidade e interação simétrica. De maneira mais específica, os resultados desta pesquisa expandem os resultados mais gerais quando da apresentação dos contextos diversificados do uso dessa variante pelos falantes feirenses, tanto expressos explicitamente quanto implicitamente. Diante do exposto, é possível afirmar que a afetividade oferece a melhor abordagem para explorar os contextos de uso da variante *tu*, desvendando assim normas encobertas (*covert norms*) com valores de prestígio a ela direcionados. Retomando a fala de Labov (2008, [1972], p. 209), trata-se aqui das normas encobertas, “valores, num nível mais aprofundado de consciência, que reforçam as formas vernaculares”.

Por fim, nesta última questão, buscou-se investigar se os(as) informantes feirenses fazem uso do pronome *tu*, quais fatores condicionam ou impedem essa escolha, em que contextos sociocomunicativos e com quais interlocutores essa forma é empregada, além de compreender as percepções avaliativas que estes feirenses atribuem ao seu uso. Tal abordagem tem como objetivo principal analisar de que maneira essas escolhas linguísticas se articulam às construções identitárias e às práticas de pertencimento que marcam o cotidiano urbano da cidade de Feira de Santana. Os achados apresentados emergiram da análise dos recursos valorativos empregados pelos falantes ao responderem à seguinte questão: Usa o pronome *tu*? No Quadro 41, encontram-se detalhados, nos excertos, os recursos de expressão de sentimentos utilizados pelos feirenses em respostas a esta questão.

Quadro 41 – 6^a questão: Instâncias Valorativas – Atitude

(Continua)

Usa o pronome <i>tu</i> ?
Instâncias valorativas
<p>“[...] Usa o pronome <i>tu</i>] Muito pouquíssimo. Quase nunca. É você... ...mas <u>escuto muito tu</u>[...].” (A 137-139).</p> <p>[...]</p> <p>“[...] Não. <u>Eu não me percebo usando o tu não</u>. Geralmente <i>tu</i>, <u>eu só uso tu</u> geralmente quando estou escrevendo, digitando no celular. <u>Muitas vezes, eu digito</u> no celular. Agora, <u>falar mesmo, eu uso tu algumas vezes</u>, [com] <u>pessoa específica, percebo</u> quando eu digito, <u>eu tomo cuidado</u> antes de enviar. Quando <u>eu falo o tu</u>, <u>são pessoas geralmente da minha família</u>. Geralmente, <u>primo, meus irmãos</u>, mas é <u>muito poucas vezes</u>, <u>eu prefiro falar em áudio com eles</u>, <u>então não falo tanto tu</u>, mas em questão de <u>primo ou qualquer outra pessoa da minha família</u>, <u>eu boto tu mesmo</u>. [Usa o <i>tu</i>] Sim, <u>mais na escrita</u>. <u>Não tem razão não, sai no automático</u>. Geralmente, <u>quando eu escrevo, eu dou uma lidinha</u>. Quando eu vejo que aquela frase <u>não fica bem</u> com <i>tu</i>, <u>boto você</u>; ou então, quando aquela frase <u>não fica boa</u> com <i>você</i>, <u>escuto, eu boto tu</u> “Tu vai lá fazer isso?” “Tu vai lá fazer aquilo?” eu já <u>boto lá</u>. Aí, se for</p>

Quadro 41– 6^a questão: Instâncias Valorativas – Atitude

(Continuação)

frase longa, o tu geralmente já não combina com a frase, aí eu já troco tu com você e mando. Tenho esse cuidado de revisar antes de mandar[...]” (AFI3, l. 162-199).

“[...] Eu acredito que sim rsrsrsrsrs, acredito que sim. É por que às vezes se torna um negócio tão corriqueiro, rotineiro, né, que a gente acaba se passando em lembrar, mas acredito que sim, porque gíria é um negócio tão automático [sobre o uso do tu] [...]” (CMI3, 1.72-77).

“[...]. Acredito que não seja correto, né; porém, como já tá uma coisa assim tão na rotina, a gente acaba falando, se passando, mas eu não acho uma coisa ruim não, normal! É uma... como se fosse um tipo... adaptativo. Na questão gramatical, né, não seria uma forma correta de falar. Então é informal, né? Uma conversa informal[...].” (CMI3, 1.83-94).

“[...] Com a minha mãe, não! Jamais eu vou usar isso com a minha mãe! É senhora, mãe. A única coisa que eu chamo a minha mãe é coroa, eu não chamo nem de véia... ...que minha mãe não é véia, minha mãe é minha mãe, vai ser minha mãe coroa, pronto. O tu é com os colegas meus, meus colegas de trabalho “Tu não fez isso não?”, “Tu não vai fazer aquele negócio não? “Eu esqueci [?], eu esqueci de fazer aquele negócio”; é isso que eu uso. “Você, eu... E você não fez aquilo por quê?”, e pronto, só isso, mais nada (DMII1, l. 55-69). [...]. Eu escuto [o uso do tu] Eu vejo [o uso do tu] falando com as mães, e eu não gosto. Algumas pessoas tipo arrogantezinhas[no comércio] falam “Tu não sei o que não pegou isso aí”; “Tu pega, pega aquilo ali”, eu não gosto disso. Eu não gosto, eu não faço assim com ninguém. Eu não gosto, eu não faço com ninguém. Nem com meus filhos, eu falo isso em casa. “Pega ali pai, por favor”, “pega ali mãe, por favor”, é isso, usar isso, mas tu, tu, tu, não. Tem que ter o tu na hora certa. Na hora que a gente tá na rua com alguém. Aí quando a gente tá jogando uma bolinha: “Tu é doido é”; “Tu tá doido?!”. “Tu é abestalhado? É isso que deve. Essas coisas, mas com a mãe não! As pessoas que tá entre a gente o tempo todo, cuidando da gente, tem que ter respeito total[...].” (DMII1, l. 71-93).

“[...]. “É porquê...é um tu, não, eu, eu, eu, não sou contra o tu.../ eu gosto que você fale o tu com pessoas de fora; agora, dentro da sua casa, com a sua família, com sua mãe, não. Tu! Como é que você fala “Tu não comprou isso pra mim”? não é com um qualquer, tá falando com sua mãe – “Mãe, porque a senhora não comprou aquilo pra mim?”. “A senhora não comprou por quê?” Pronto. Agora, o povo da rua, você pode dizer – “E tu,tava aonde? – “Tu tava por onde, rapaz que tu sumiu? Então é isso, tem que falar na rua, com as pessoas que a gente conhece, na rua, mas em casa, lá em casa, a gente vai é abraçar, a família abraço [...]” (DMII1, l. 124-142).

“[...] De vez em quando [uso o tu]. Quando eu estou, às vezes eu, tu sabe que eu nem gravo? Eu só sei que eu falo assim “E tu?” Às vezes quando a gente tá, assim, falando alto, altera o emocional.../ É. Aí, às vezes eu falo assim: “Você está falando de mim, e tu?” entendeu? Aí, eu uso o tu. Quando a gente tá assim...entendeu, conversando que um altera mais um com o outro , aí, às vezes, eu uso[tu]. “Isso é tu” “E tu? Sempre tem o tu, entendeu? [em casa, uso]com o marido, com os filhos... É dificilmente [os filhos usam com ela]. Não. É a senhora, é você, os netos [não usa o pronome tu]. Os netos não aprenderam a senhora, benção “Ó, mas que, assim, tu, você.” É [os netos falam o tu com ela]. A mais velha tem treze anos e o mais velho tem dezesseis. Mas é assim: “Oxe vó, e tu, isso assim, assim, a senhora fez, você fez? Não sabe falar a senhora, não é porque a gente não ensina, que a gente ensina. Não, [não falo tu] mainha não!Não sei porquê, minha mãe me deu outro tipo de criação. Mãe dizia que a gente tinha que respeitar os mais velhos, era senhora...qualquer coisa que fosse “E a senhora?”. “Benção”. “A senhora pode fazer isso?”. Mas isso tudo a gente passou pra os de hoje, só que eles não seguem, entendeu? Eu acho que já vem de geração” (EFIII1, l. 104-147)

Quadro 41 – 6^a questão: Instâncias Valorativas – Atitude

(Conclusão)

[...]. Não sei [sobre o tu]. É uma palavra que não tem significação assim, eu não sei qual a significação do tu. É coisa mesmo de baiano, eu acho que seja, né? Tu, você, é não? Se passou algum preconceito...” (EFIII1, 1.153-157).

Fonte: Da autora, 2025.

Nos excertos analisados, observa-se que os (as) feirenses utilizaram recursos avaliativos que articulam afeto, julgamento e apreciação. Do conjunto de recursos que envolvem a Atitude, os mais recorrentes entre os(as) feirenses foram, mais uma vez, os de julgamento, sobretudo no que se refere a normas de conduta e propriedade social, seguidos pelas expressões de apreciação. O afeto, embora presente, aparece com menor frequência, revelando um predomínio de avaliações voltadas à conduta e aos valores coletivos. Os(as) feirenses mobilizam estratégias avaliativas que revelam tanto a expansão quanto a contração do espaço dialógico, ao negociarem seus sentimentos e posicionamentos; contudo, observa-se uma tendência predominante à contração, por meio da reafirmação de julgamentos e percepções como verdades compartilhadas ou de autoridade pessoal, reduzindo a abertura para outras vozes ou interpretações alternativas. No Quadro 42, estão apresentados os modos de Comprometimento mobilizados pelos(as) feirenses nas interações analisadas.

Quadro 42 – 6^a questão: Comprometimentos heteroglóssicos

(Continua)

Usa o pronome tu?
Comprometimentos heteroglóssicos
“[...] Usa o pronome tu] Muito pouquíssimo. Quase nunca . É você... ... mas escuto muito tu [...]” (A 137-139).
[...]
“[...] Não . Eu não me percebo usando o tu não . Geralmente tu, eu só uso tu geralmente quando estou escrevendo, digitando no celular. Muitas vezes , eu digito no celular. Agora , falar mesmo, eu uso tu algumas vezes, [com] pessoa específica, percebo quando eu digito, eu tomo cuidado antes de enviar. Quando eu falo o tu, são pessoas geralmente da minha família. Geralmente , primo, meus irmãos, mas é muito poucas vezes, eu prefiro falar em áudio com eles, então não falo tanto tu, mas em questão de primo ou qualquer outra pessoa da minha família, eu boto tu mesmo. [Usa o tu] Sim, mais na escrita. Não tem razão não , sai no automático. Geralmente , quando eu escrevo, eu dou uma lidinha. Quando eu vejo que aquela frase não fica bem com tu, boto você; ou então, quando aquela frase não fica boa com você, escuto, eu boto tu “Tu vai lá fazer isso?” “Tu vai lá fazer aquilo?” eu já boto lá. Aí, se for frase longa, o tu geralmente já não combina com a frase, aí eu já troco tu com você e mando [...]” (AFI3, 1. 162-198).

Quadro 42 – 6ª questão: Comprometimentos heteroglóssicos

(Continuação)

“[...] Eu **acredito** que sim rsrsrsrs, **acredito** que sim. É por que às vezes se torna um negócio tão corriqueiro, rotineiro, né, que a gente acaba se passando em lembrar, **mas** acredito que sim, porque gíria é um negócio tão automático [sobre o uso do tu] [...]” (CMI3, 1.72-77).

[...]

“[...] **Acredito** que não seja correto, né; **porém**, como já tá uma coisa assim tão na rotina, a gente acaba falando, se passando, **mas eu não acho** uma coisa ruim não, normal! É uma... **como se fosse** um tipo... adaptativo. Na questão gramatical, né, **não seria** uma forma correta de falar. Então é informal, né? Uma conversa informal [...]” (CMI3, 1.83-94).

“[...] Com a minha mãe, **não! Jamais** eu vou usar isso com a minha mãe! É senhora, mãe. A única coisa que eu chamo a minha mãe é coroa, eu **não** chamo nem de véia... ...que minha mãe **não** é véia, minha mãe é minha mãe, vai ser minha mãe coroa, pronto. O tu é com os colegas meus, meus colegas de trabalho “Tu não fez isso não?”, “Tu não vai fazer aquele negócio não? “Eu esqueci [?], eu esqueci de fazer aquele negócio”; é isso que eu uso. “Você, eu... E você não fez aquilo por quê?”, e pronto, **só** isso, mais nada [...]” (DMII1, 1. 55-69).

[...]

“[...] Eu **escuto** [o uso do tu] Eu **vejo** [o uso do tu] **falando** com as mães, e eu **não** gosto. Algumas pessoas tipo arrogantezinhas[no comércio] **falam** “Tu não sei o que não pegou isso aí”; “Tu pega, pega aquilo ali”, eu **não** gosto disso. Eu **não** gosto, eu **não** faço assim com ninguém. Eu **não** gosto, eu **não** faço com ninguém. **Nem** com meus filhos, eu falo isso em casa. “Pega ali pai, por favor”, “pega ali mãe, por favor”, é isso, usar isso, **mas** tu, tu, tu, não. Tem que ter o tu na hora certa. Na hora que a gente tá na rua com alguém. Aí quando a gente tá jogando uma bolinha: “Tu é doido é”; “Tu tá doido?!”. “Tu é abestalhado? É isso que deve. Essas coisas, **mas** com a mãe não!. As pessoas que tá entre a gente o tempo todo, cuidando da gente, tem que ter respeito total [...]” (DMII1, 1. 71-93).

[...]

“[...] É porquê...é um tu, **não**, eu, eu, eu, **não** sou contra o tu.../ eu gosto que você fale o tu com pessoas de fora; **agora**, dentro da sua casa, com a sua família, com sua mãe, **não**. Tu! Como é que você fala “Tu não comprou isso pra mim”? **não** é com um qualquer, tá falando com sua mãe – “Mãe, porque a senhora não comprou aquilo pra mim?”. “A senhora não comprou por quê?” Pronto. **Agora**, o povo da rua, você pode dizer – “E tu,tava aonde? – “Tu tava por onde, rapaz que tu sumiu? Então é isso, tem que falar na rua, com as pessoas que a gente conhece, na rua, **mas** em casa, lá em casa, a gente vai é abraçar, a família abraço [...]” (DMII1, 1. 124-142).

“[...] De vez em quando [uso o tu]. Quando eu estou, às vezes eu, tu sabe que eu nem gravo? Eu **só** sei que eu falo assim “E tu?” **As vezes** quando a gente tá, assim, falando alto, altera o emocional.../ É. Aí, às vezes eu falo assim: “Você está falando de mim, e tu?” entendeu? Aí, eu uso o tu. Quando a gente tá assim...entendeu, conversando que um altera mais um com o outro , aí, às vezes, eu uso[tu].“Isso é tu” “E tu? **Sempre** tem o tu, entendeu? [em casa, uso]com o marido, com os filhos... É dificilmente [os filhos usam com ela]. **Não**. É a senhora, é você, os netos [não usa o pronome tu]. Os netos **não** aprenderam a senhora, benção “Ó, mas que, assim, tu, você.” É [os netos falam o tu com ela]. A mais velha tem treze anos e o mais velho tem dezesseis. **Mas** é assim: “Oxe vó, e tu, isso assim, assim, a senhora fez, você fez? **Não** sabe falar a senhora, **não** é porque a gente não ensina, que a gente ensina. **Não**, [não falo tu] mainha não! **Não** sei porquê, minha mãe **me deu** outro tipo de criação. Mãe **dizia** que a gente tinha que respeitar os mais velhos, era senhora...qualquer coisa que fosse “E a senhora?”. “Benção”. “A senhora pode fazer isso?”. **Mas** isso tudo a gente passou pra os de

Quadro 42 – 6^a questão: Comprometimentos heteroglóssicos

(Conclusão)

“hoje, só que eles **não** seguem, entendeu? Eu **acho** que já vem de geração” (EFIII1, l. 104-147).

[...]

“[...] **Não** sei [sobre o *tu*]. É uma palavra que **não** tem significação assim, eu **não** sei qual a significação do *tu*. É coisa mesmo de baiano, eu **acho** que seja, né? Tu, você, é **não**? [...]” (EFIII1, l.153-157).

Fonte: Da autora, 2025.

Nos excertos analisados, observa-se que, com diferentes recursos linguísticos, os(as) feirenses demonstram possuir alta consciência linguística se distanciando, estrategicamente, do uso do pronome *tu* quando da escolha de recursos que contraem e expandem seu espaço dialógico e seu posicionamento discursivo revelando valores e crenças que são constituídos nas relações sociais.

A feirense A expande seu espaço dialógico com o uso do advérbio de modo “**quase**”, ao dizer que “**Quase nunca**”, usa o pronome *tu*. Este advérbio marca o posicionamento desta feirense e estrutura o seu espaço dialógico, pois indica uma avaliação subjetiva da frequência de uso, abrindo a possibilidade de que, em algum momento, o uso do *tu* possa ocorrer, ainda que de forma rara. Essa amplificação da baixa incidência eleva seu investimento autoral e seu posicionamento discursivo. Certamente a situação de entrevista, por apresentar formalidade, ainda que presente, em algum momento, certo grau de informalidade (Labov, 2008[1972]), condicionou esta feirense a admitir de forma cautelosa o uso dessa variante. Mais que isto, a situação de entrevista acionou a sua consciência linguística, reportando-a a contextos de uso da variante *tu*, levando-a a apresentar, de maneira estratégica, uma discrepância entre o uso reportado (usa outras formas linguísticas) e o uso real. Ou seja, devido às percepções sociais, ela diz que “**Quase nunca**” usa o pronome *tu*. Nos excertos abaixo, Quadro 43, a consciência linguística desta Feirense é validada quando em sua fala – em contexto de maior relaxamento – ela registra a variante *tu*.

Quadro 43 – Feirense A: uso da variante *tu* em contexto de maior relaxamento

(Continua)

Conversa com uma amiga

“X: **Tu** lembra X que a gente se juntou no amigo secreto que **tu** me tirou e eu te tirei? Só que **tu** nem apareceu, aí, depois, eu te dei um estojo, foi outra coisa, não foi?” (FI, arquivo pessoal).

Feirense A: “**Tu** me deu um estojo, lindo? Tenho ele até hoje. **Tu** não lembra não é?” (AFI3, arquivo pessoal).

Quadro 43 – Feirense A: uso da variante *tu* em contexto de maior relaxamento

(Conclusão)

“X, (amiga) sua letra é muito pequeninha, você tá entendendo o que você escreveu? Se *tu* for fazer uma redação, **tu** vai, **tu** vai, **tu** vai, como é? **tu** vai, **tu** vai pensar o triplo que a pessoa normalmente pensa. A pessoa, quando tá fazendo uma redação, bota letra grande justamente para acabar a redação, **tu** faz uma letra pequeninha dessa?! Meu Deus X, não faça assim não! Sua letra não é feia, é só aumentar” (AFI3, arquivo pessoal).

Em conversa com o irmão

“X, **tu** já foi comprar o pão? Fala aí. Se **tu** não foi, eu tenho que ir. **Tu** tem que ir que mainha não pode ficar sem pão não, pelo amor de Deus, uma coisa simples que eu pedi pra esse menino fazer!” (AFI3, arquivo pessoal).

Fonte: Da autora, 2025.

Quando perguntado em quais contextos ela utiliza o pronome *tu*, a feirense A, mais uma vez, mostra ter alta consciência linguística e se distancia do uso desse pronome como prática identificadora, sugerindo que esta variante não faz parte de sua identidade linguística cotidiana; assim, ela contrai seu espaço dialógico com o advérbio de negação “**não**” em “**Não**. Eu **não** me percebo usando o *tu* **não**”, e o expande quando diz que “**Geralmente** *tu*, eu só uso *tu* **geralmente** quando estou escrevendo, digitando no celular”, marcando condição específica para o uso do pronome *tu*, indicando que esta variante é mais aceitável em contextos de menor formalidade e espontaneidade – apesar de a modalidade de uso da língua ser escrita. Ao mesmo tempo, com o uso do advérbio temporal “**agora**”, a informante contrai o seu espaço dialógico com ênfase na exceção e limitação do uso oral do pronome: **Agora**, falar mesmo, eu uso *tu* algumas vezes, [com] pessoa específica”, contextos estes marcados por espaço dialógico mais expansivo pelo uso dos recursos “**quando**” e “**geralmente**”, em “**Quando** eu falo o *tu*, são pessoas **geralmente** da minha família”. A feirense A, ao mesmo tempo que delimita contextos de uso, considera usar a variante *tu*: “**Geralmente**, primo, meus irmãos, **mas** é muito poucas vezes, eu prefiro falar em áudio com eles, então **não** falo tanto *tu*, **mas** em questão de primo ou qualquer outra pessoa da minha família, eu boto *tu* mesmo. [Usa o *tu*] Sim, mais na escrita”. Assim, ela reconhece que, apesar das restrições e do uso limitado, o *tu* ainda tem espaço em relações familiares íntimas, contribuindo, dessa maneira, para uma construção identitária que controla estratégicamente o uso do pronome.

Nessa perspectiva, a falante se mostra consciente da marca identitária associada ao uso do pronome e procura adequar sua prática de acordo com o contexto e com o interlocutor. Quando perguntado à informante A se há razão de ela substituir o pronome *tu*, ela contrai o seu espaço dialógico com o uso do advérbio de negação “**não**”: “**Não** tem razão **não**, sai no automático”. No entanto, ela expande seu espaço dialógico com o emprego de recursos como

“geralmente”, “quando”, e “se”, e o contrai com “já”. Assim, em: “**Geralmente**, quando eu escrevo, eu dou uma lidinha. “**Quando** eu vejo que aquela frase não fica bem com tu, boto você[...]”, os recursos “geralmente” e “quando” funcionam como estratégias de consideração, a partir das quais a feirense expande o seu espaço dialógico, introduzindo um posicionamento cauteloso, reconhecendo variações contextuais. Estes advérbios expandem parcialmente o espaço dialógico ao indicar que o uso do pronome *tu* não é fixo, mas condicionado a determinados contextos discursivos, sobretudo na escrita informal. De certo modo, estes advérbios são vagos e abrem espaço para questionamentos sobre a real frequência; eles indicam uma percepção um tanto que imprecisa, já que a feirense em questão não está se fundamentando em dados de ocorrências.

“**Quando**” e o “**se**” funcionam como um marcador de condicionalidade temporal, que reforça o argumento da falante de que sua escolha pronominal depende da construção frasal, do contexto e da adequação estilística: “**Quando** eu vejo que aquela frase **não** fica bem com tu, boto você”; “Aí, **se** for frase longa, o tu geralmente **já** não combina com a frase”. É uma forma de heteroglossia de consideração, pois a feirense em questão não está se fundamentando em dados de ocorrências para a escolha entre os pronomes *tu* e *você*. O advérbio **já** introduz uma contraexpectativa, como em: “o tu geralmente **já** não combina com a frase”. Neste contexto, há uma contraposição entre expectativa gramatical e prática de revisão textual em que a falante ajusta sua linguagem para manter a fluidez e coerência. Essa escolha expressa atenção estilística e também uma negociação com normas internalizadas de correção e clareza, reforçando a autoria linguística da falante. Nos excertos apresentados no Quadro 43 acima, os marcadores analisados demonstram que a feirense A não recorre ao pronome *tu* de maneira absoluta ou automática, embora afirme que “sai no automático”. Ao contrário, seu discurso é atravessado por escolhas conscientes, revisões e adequações contextuais. O uso dos recursos heteroglóssicos evidencia um espaço dialógico flexível, mas com predominância de contração, especialmente quando busca justificar o uso ou a substituição da variante *tu* pela variante *você*, com base na estrutura frasal ou no tipo de interlocutor.

O feirense C (Quadro 42, p. 189) também mostra ter alta consciência linguística, com o uso dos recursos valorativos, e marca, de forma consciente e inconsciente, os contextos de uso da variante *tu*. Assim, com o uso do verbo acreditar: “Eu **acredito** que sim rsrsrsrsrs” – expande o seu espaço dialógico considerando outras possibilidades e opiniões. Este feirense também abre espaço para outras vozes quando da utilização do advérbio “às vezes”: “É por que, **às vezes**, se torna um negócio tão corriqueiro, rotineiro, né, que a gente acaba se passando em lembrar”. Neste contexto, ele reconhece a variabilidade e o caráter não absoluto de seu

julgamento e abranda a certeza da afirmação, deixando em aberto que, em outros momentos ou contextos, a percepção poderia ser diferente. Por outro lado, em “**mas** acredito que sim, porque gíria é um negócio tão automático”, o conectivo “**mas**” introduz uma contraexpectativa, pois o falante mostra uma possível discordância ou incerteza e, em seguida, reafirma sua posição. De tal modo, este feirense negocia os sentidos, com o interlocutor, expansivamente, admitindo dúvidas e contrastivamente reafirmando crenças, compondo um discurso relacional e identitário. Este posicionamento é reiterado quando, ao ser questionado sobre sua opinião a respeito do pronome *tu*, o feirense responde: “**Acredito** que não seja correto; **porém**, como **já** tá uma coisa assim tão na rotina, a gente acaba falando, se passando, **mas** eu não acho uma coisa ruim [...] como se fosse um tipo adaptativo. Na questão gramatical, não seria uma forma correta de falar. Então é informal, né?”. Nesta fala, o feirense responde timidamente com o uso do verbo acreditar “**Acredito** que não seja correto, né[...]”, expandindo o seu espaço dialógico no interesse de não se comprometer, e segue por este caminho negociando, contraindo a sua opinião com recursos de contraexpectativa “**já**” e “**mas**” “[...] **porém**, como **já** tá uma coisa assim tão na rotina, a gente acaba falando, se passando, **mas** eu não acho uma coisa ruim não, normal! É uma... **como se** fosse um tipo adaptativo [...]”; tais recursos desempenham papel fundamental na delimitação do espaço dialógico e no posicionamento discursivo desse feirense, que, com o uso da negativa “**não**” – “[...] Na questão gramatical, né, **não** seria uma forma correta de falar. Então é informal, né? Uma conversa informal” – alinha seu posicionamento discursivo a outras vozes que veem a variante *tu* como errada e se desalinha com outras posições discursivas possíveis, afetando diretamente a percepção e o uso do pronome *tu*, limitando-o ao campo da informalidade e afastando-o de situações de prestígio linguístico. Este feirense – consciente de uma possível estigmatização, pois formas onde as variantes que se afastam da norma de prestígio são julgadas negativamente –, negocia sua filiação à comunidade de fala, quanto ao uso da variante *tu*, mostrando conhecer a forma de prestígio.

A alta consciência linguística também é apresentada pelo feirense D (Quadro 42, p.189). Ele deixa implícito que usa o pronome *tu* contraindo, com o advérbio de negação “**não**”, seu espaço dialógico, que se apresenta desalinhado a outras vozes que consideram o uso do *tu* para se dirigir à mãe, quando da resposta “Com a minha mãe, **não!**”. Assim, o pronome *tu* é implicitamente legitimado em outros contextos, mesmo sendo deliberadamente excluído da relação com a figura materna, o que revela um uso marcado e socialmente regulado da linguagem. Para o informante D, “Tem que ter o tu na hora certa”. Na hora que a gente tá na rua com alguém. Aí quando a gente tá jogando uma bolinha: “Tu é doido é”, “Tu tá doido?!” “Tu é abestalhado?” É isso que deve. Essas coisas, **mas** com a mãe não! As pessoas que tá entre

a gente o tempo todo, cuidando da gente, tem que ter respeito total”. Com o uso do recurso linguístico “**mas**”, este feirense contrai seu espaço dialógico e estabelece uma fronteira clara entre contextos de uso aceitáveis e inaceitáveis, ao mesmo tempo que se desalinha de outras vozes que naturalizam o uso do *tu* em contextos familiares. Em: “Com a minha mãe, não! **Jamais** eu vou usar isso com a minha mãe! É senhora, mãe”, o advérbio “**jamais**” cumpre papel central na construção do espaço dialógico contraído. Ao optar por “**jamais**”, o feirense D rejeita qualquer possibilidade de negociação com outras vozes que não estejam alinhadas a sua perspectiva. Em “**Nem** com meus filhos, eu falo isso em casa. “Pega ali pai, por favor”, “pega ali mãe, por favor”, é isso, usar isso, **mas** tu, tu, tu, não”, este feirense, com o uso da adversativa “**mas**”, reforça seu posicionamento discursivo, delimitando seu espaço dialógico, refutando outras vozes sociais que validariam o uso informal ou generalizado do *tu*. Também faz uso do marcador de negação “**não**” como estratégia de contração do espaço dialógico e constrói seu posicionamento discursivo por meio da rejeição explícita a esta forma de tratamento interpessoal adotada por certos interlocutores, cuja conduta é negativamente avaliada como “arrogantezinha”: “[...] Algumas pessoas tipo arrogantezinhas [no comércio] falam “Tu, não sei o que, não pegou isso aí”; “Tu pega, pega aquilo ali”, eu **não** gosto disso[...]”. O espaço dialógico e o posicionamento discursivo deste feirense são construídos sob percepção clara das normas sociais de cortesia que permeiam a comunidade de fala feirense, apresentando, mais uma vez, uma consciência linguística aguçada,

A feirense E (Quadro 42, p.189-190), ao responder que usa o pronome *tu* “**De vez em quando**”, expande seu espaço dialógico com o uso da locução adverbial de tempo “**de vez em quando**”, reconhecendo que esta variante não é frequente no seu vocabulário, mas recorre a esta variante em certos contextos, ainda que apresente imprecisão da frequência. O espaço dialógico e o posicionamento discursivo desta feirense também são construídos sob percepção clara das normas sociais. Ela afirma utilizar o *tu* e apresenta os contextos de uso que ela percebe e lembra com menos dúvida: “**Às vezes** quando a gente tá, assim, falando alto, altera o emocional [...] Quando a gente tá assim... entendeu, conversando que um altera mais um com o outro, aí, **às vezes**, eu uso[tu]. “Isso é tu” “E tu?” **Sempre** tem o tu, entendeu? [em casa, uso] com o marido, com os filhos”. O advérbio “**às vezes**” também funciona como um recurso heteroglóssico de consideração, que amplia o espaço dialógico ao introduzir possibilidade e subjetividade. Com isso, esta feirense não se compromete totalmente com o uso constante do pronome *tu*, deixando espaço para outras práticas linguísticas, e cria uma abertura para o interlocutor compreender que seu uso do *tu* é condicionado a certas situações interacionais, como os momentos de maior intensidade emocional (“quando um altera mais o outro”). Em

contrapartida, a expressão “**sempre**” – em “**sempre** tem o tu” – logo em seguida, age como estratégia de contraexpectativa, uma vez que reforça a presença do pronome *tu* nos diálogos familiares — mesmo tendo sido relativizada anteriormente com “**às vezes**”. Portanto, o uso de considerar neste excerto revela que a feirense não assume uma identidade linguística rígida, mas negocia seu pertencimento sociolinguístico a partir da variação contextual. Ao marcar o uso do *tu* como ocasional, a feirense reconhece o valor simbólico do pronome, mas restringe sua aplicação, sem descartá-lo completamente, ampliando o diálogo com outras vozes sociais e linguísticas. Logo, com o uso dos marcadores “**às vezes**” e “**sempre**”, a feirense E evidencia um posicionamento discursivo flexível, mas afetivamente comprometido; ela reconhece a legitimidade do uso do *tu* no espaço íntimo (com marido e filhos), mesmo que sua presença se dê de forma mais emocional ou espontânea, e não programada, e compartilha uma norma de uso comum no convívio diário, comprehende sua naturalidade, mesmo sem atribuí-la a uma regra social rígida.

Em contextos mais formais ou de hierarquia familiar, predomina a contração, com enunciados que rejeitam enfaticamente o uso do *tu*. Como demonstrado pelo feirense D – que associa o uso desse pronome à falta de respeito em interações com a mãe – a Feirense E utiliza o advérbio de negação “**não**” e também contrai o seu espaço dialógico se associando a vozes que estão alinhadas ao seu posicionamento discursivo: “**Não**, [não falo tu] minha **não!** **Não** sei porquê[...]”. Em seguida, ela expande fortemente o seu espaço dialógico por meio de verbos que dissociam sua própria voz das vozes alternativas por meio dos verbos “**dar**” e “**dizer**”, atribuindo explicitamente, à mãe, seu posicionamento discursivo, justificando o não uso do pronome *tu* com os mais velhos reafirmando, assim, padrões sociais internalizados: “[...] minha mãe **me deu** outro tipo de criação. Mãe **dizia** que a gente tinha que respeitar os mais velhos[...]”.

Observa-se também que a informante recorre, mais uma vez, a outras vozes para se distanciar das vozes que estão desalinhadas com os seus valores: “Os netos **não** aprenderam a senhora, benção “Ó, mas que, assim, tu, você[...] **Mas** é assim: “Oxe vó, e tu, isso assim, assim, a senhora fez, você fez? **Não** sabe falar a senhora[...]”. O uso destes recursos linguísticos marca a negação, por parte do comportamento dos netos, de uma expectativa cultural e normativa valorizada por esta feirense — a de que os mais jovens devam empregar formas de tratamento respeitosas, como “a senhora”, com os mais velhos. Em seguida, com o uso do advérbio “**não**”, a feirense constrói um espaço dialógico fortemente contraído, ao afastar possíveis vozes que poderiam responsabilizá-la pela suposta “falha” dos netos: “[...] **não** é porque a gente **não** ensina, que a gente ensina [...]. O espaço dialógico é, assim, intensamente contraído, restringindo a aceitação de práticas linguísticas divergentes da sua.

Esta feirense, ainda procurando se distanciar de possíveis vozes que a afastam de seu posicionamento discursivo, faz uso dos recursos “**não**” e “**mas**”, contraindo o seu espaço dialógico se eximindo de qualquer responsabilidade: “[...] **Mas** isso tudo a gente passou pra os de hoje, só que eles **não** seguem, entendeu? Eu **acho** que já vem de geração”, o uso do conectivo “**mas**” introduz uma contraexpectativa em relação à expectativa culturalmente partilhada de que os ensinamentos familiares seriam seguidos pelas gerações mais jovens. Ao declarar “eles **não** seguem”, a informante contrai fortemente o espaço dialógico, marcando uma posição autoral alinhada a um padrão normativo, e rejeita implicitamente outras vozes que poderiam relativizar essa ruptura geracional. Ela também expande levemente o seu espaço dialógico e considera, empregando o verbo “**achar**”, outras possibilidades e atenua uma certeza, introduzindo juízo pessoal e interpretativo que justifique a mudança no comportamento linguístico dos mais jovens; ou seja, o uso do pronome *tu* pelos jovens quando se dirigem a pessoas mais velhas: “[...] Eu **acho** que já vem de geração”. Assim, sua posição oscila entre o comportamento normativo e a tentativa de compreender a mudança como um fenômeno geracional inevitável. A coexistência desses recursos indica que a feirense negocia suas atitudes e julgamentos sobre o uso do pronome *tu* de forma situada, conforme os interlocutores e os contextos de interação, construindo um *ethos* linguístico marcado por normas de respeito, mas também por flexibilização afetiva e geracional.

A informante E (Quadro 42, p.189-190) evidenciou um posicionamento cauteloso tanto para marcar o seu espaço dialógico quanto o seu posicionamento discursivo frente à variante *tu*: “**Não** sei [sobre o *tu*]. É uma palavra que não tem significação assim, eu **não** sei qual a significação do *tu*. É coisa mesmo de baiano, eu **acho** que seja, né? *Tu*, você, é **não**? Se passou algum preconceito...”. Nesta fala, a feirense utiliza diversos marcadores linguísticos que expõem sua incerteza ou abrem espaço para interpretações alternativas. Em, “**Não** sei”, ela expressa desconhecimento e não comprometimento absoluto com qualquer posição, abrindo espaço para outras vozes; em “Eu **acho** que seja”, expressa postura subjetiva, opinativa e considera outras possibilidades, marcando a enunciação como uma opinião pessoal e não uma verdade absoluta. Por fim, em, “**Se** passou algum preconceito...”, ela expande seu espaço dialógico, sob uma consciência linguística, imprimindo bastante cautela argumentativa no posicionamento discursivo.

Diante do observado, todos os informantes apresentam alta consciência linguística e, de modo geral, demonstram alternância entre contração e expansão do espaço dialógico ao abordarem o uso do pronome *tu*. Demonstram maior contração ao tratar desta variante em contextos de hierarquia familiar ou com pessoas mais velhas, marcando julgamento normativo.

Há expansão quando relatam usos em contextos informais, afetivos ou cotidianos, revelando flexibilidade e reconhecimento da prática como parte do repertório linguístico local.

No contexto da expressão dos sentimentos, a análise ratifica que os(as) feirenses validam a alta consciência linguística em relação ao uso do pronome *tu* à luz de normas sociais, morais e culturais compartilhadas localmente. Isso revela uma orientação cultural significativa na construção do pertencimento e da identidade linguística na comunidade de fala feirense. Para isto, eles (as) utilizam recursos avaliativos do tipo julgamento, recorrendo, predominantemente, às categorias de propriedade e normalidade; os recursos de tenacidade e de capacidade aparecem com menor frequência. Há também ocorrências de apreciação, mas de forma mais pontual. Tais julgamentos são, em grande parte, realizados de forma implícita, por meio de estratégias de evocação e sinalização. Nota-se, também, que os (as) feirenses, ao explicitar suas escolhas, demonstram estar cientes dessas diferentes valorações e as utilizam para se estabelecerem nas interações sociais de sua comunidade (coletivo). Avaliam positivamente suas próprias condutas por se considerarem alinhados às expectativas e aos valores implícitos e explícitos da sua comunidade. Estes resultados corroboram os direcionamentos de Labov (1982[1966], 2008[1972]), de que a escolha de uma variante linguística não é arbitrária mas, sim, moldada por normas encobertas (ligadas à solidariedade e identidade de grupo, especialmente em contextos informais) e por normas abertas (ligadas ao prestígio social e à formalidade, muitas vezes associadas à norma culta).

Os (as) feirenses, como já sublinhado, expressam suas posturas em relação ao uso do pronome *tu* de modo a delimitar o que consideram apropriado ou respeitoso. Essas avaliações revelam normas implícitas sobre o que é linguística e culturalmente aceitável ou esperado na comunidade de fala. Assim, tem-se: A feirense A, ao dizer que usa o pronome *tu* “[...] Quase nunca. É você... ...mas escuto muito *tu*”, sugere que, embora raramente o use, percebe a presença desta variante em seu entorno. Enquanto Atitude implícita, infere-se que esta informante valoriza a variante *você* frente a variante *tu*. Ou seja, ela condena o comportamento das pessoas que usam o pronome *tu*. Por outro lado, ela chama a atenção para o seu comportamento mais adequado, frente à variante *tu* com baixa frequência. Essa contraposição cria um espaço dialógico contraído, ou seja, uma percepção de que o *tu* opera fora da norma oral esperada. Esta feirense, ao afirmar que: “[...] eu só uso *tu* geralmente, quando estou escrevendo, digitando no celular. Muitas vezes, eu digito no celular [...]”, revela ter atenção ao revisar o uso dessa variante demonstrando que, para ela, o pronome *tu* não é sempre apropriado, reforçando a ideia de que há contextos mais ou menos aceitáveis para sua utilização. Já, nesta fala: “[...] Agora, falar mesmo, eu uso tu algumas vezes” [com] pessoa específica [...], a ênfase

“falar mesmo” introduz uma distinção entre a escrita (anteriormente mencionada) e a oralidade, funcionando como uma fronteira que estreita o campo de uso aceitável do *tu* para ela. Com esta assertiva “uso tu algumas vezes”, a feirense A apresenta a sua percepção subjetiva que pode estar sendo influenciada pela visão negativa frente à variante *tu*, não só por expressar uso limitado desta variante mas também por negar a naturalização ampla do pronome no seu cotidiano. Isso revela uma norma encoberta de que o *tu* é mais aceitável, ou até preferível, em contextos de escrita informal e digital, considerando que, no ambiente virtual, a informalidade do *tu* é permitida e esperada, contrastando com a rigidez percebida na oralidade.

Ao dizer que fala o pronome *tu* “[...] [com] “pessoas específicas”, a feirense A acredita estar de acordo com comportamento ou prática esperados, habituais ou convencionais ao particularizar um grupo de pessoas com as quais ela utiliza o pronome *tu* dentro de determinado grupo social ou contexto cultural limitado, o que, implicitamente, pode ser visto como fora da norma padrão ou do uso considerado polido em certos círculos socioculturais da cidade. Assim, a expressão “pessoas específicas” atua como uma defesa do alinhamento desta feirense com as práticas linguísticas normativas, evitando uma possível crítica ou julgamento social. Especificando este contexto, sob alta consciência linguística e sociolinguística, ela diz usar o pronome *tu* com “[...] pessoas geralmente da minha família. Geralmente, primo, meus irmãos, [...] em questão de primo ou qualquer outra pessoa da minha família, eu boto *tu mesmo*”; contextos em que ela se sente segura. No entanto, a feirense afirma que “é muito poucas vezes”, mostrando-se adequada à normalidade de uso do *tu* na escrita e não na fala. Esta feirense, a partir deste comportamento, imprime valor positivo na variante *tu* ao apresentá-la como um marcador de intimidade e proximidade dentro de um grupo social restrito e seguro, o contexto familiar.

A feirense A desvaloriza, de maneira inconsciente, o uso do pronome *tu* em variação com o *você*: “Geralmente, quando eu escrevo, eu dou uma lidinha. Quando eu vejo que aquela frase não fica bem com *tu*, boto você; ou então, quando aquela frase não fica boa com *você*, escuto, eu boto tu “Tu vai lá fazer isso?” “Tu vai lá fazer aquilo?” eu já boto lá. Aí, se for frase longa, o *tu* geralmente já não combina com a frase, aí eu já troco tu com *você* e mando. Tenho esse cuidado de revisar antes de mandar”. Ela evidencia ter cautela, acredita apresentar comportamento adequado e revela revisar o texto quando do uso da variante *tu*, demonstrando que esta variante nem sempre é apropriada. Esta atenção à revisão prova que ela possui consciência sociolinguística. Por outro lado, assim como não faz uso aleatório da variante *você*, ela também não usa a variante *tu* aleatoriamente, pois entende que é preciso monitorar o próprio uso da língua para se adequar às expectativas sociolinguísticas. A revisão, por ela mencionada,

implica que há um julgamento sobre o que é “apropriado” e o que não é; assim, arrisca-se inferir que há também valores positivos (prestígio encobertos) impressos na variante *tu*: ela representa naturalidade, informalidade e se alinha em contexto de maior relaxamento (adequação pragmática e estilística), permitindo a esta feirense se expressar de uma maneira que ela perceba como mais natural, direta e alinhada com o tom informal desejado em certas interações. Dessa forma, esta variante sinaliza uma relação mais próxima ou menos formal com o interlocutor. Além disso, a variante *tu* representa filiação, identificação do feirense à variedade linguística e a à cidade.

O feirense C, quando perguntado se ele usa o pronome *tu*, responde: “Eu acredito que sim rsrsrsrs, acredito que sim. É por que às vezes se torna um negócio tão corriqueiro, rotineiro né, que a gente acaba se passando em lembrar, mas acredito que sim, porque gíria é um negócio tão automático”. Neste excerto, este feirense, implicitamente, afirma, de forma positiva, que é falante da variante *tu*. Ele também dá a entender que esta variante é utilizada pelos feirenses e, ele, feirense que é, também o usa. Com o uso de expressões como “tão corriqueiro” e “rotineiro”, ele mostra-se engajado em justificar e sustentar sua percepção pessoal sobre a existência do pronome *tu*. Além disso, ao mencionar que o uso do *tu* se dá “tão automático”, como gíria, o feirense recorre ao argumento da naturalidade e da repetição habitual, o que também sinaliza a validação de uma prática linguística local, ainda que informal, o que leva a crer que o uso da variante *tu* é uma característica identitária dos feirenses, a avaliação positiva do falante reforça essa ideia. O *tu* não é apenas uma variação linguística; é um elemento de identidade cultural que demonstra a conexão da pessoa com sua cidade e sua história. O uso da variante, para os feirenses, é uma forma de dizer: “Eu sou de Feira”.

Apesar de confirmar a presença do pronome *tu* e o reconhecer em sua prática linguística cotidiana, ao afirmar: “Acredito que não seja correto, né?”, o feirense C avalia o uso do *tu* como linguística e gramaticalmente inadequado, segundo critérios normativos. Esse juízo é, no entanto, relativizado pelo contexto do uso: “porém, como já tá uma coisa assim tão na rotina”. Aqui, ele sinaliza que, embora reconheça o desvio da norma, essa forma já está incorporada à prática social, funcionando como um comportamento linguístico naturalizado. Todavia, este feirense sai na própria defesa ao dizer: “a gente acaba falando, se passando”, isso ocorre porque ele se vê como alguém que cede à força do hábito, sem controle total sobre suas escolhas linguísticas. A expressão “se passando” sugere uma atitude que traduz uma tentativa, da parte do feirense C, de enfraquecimento da responsabilidade pessoal diante da norma gramatical. A partir desse comportamento avaliativo, este feirense aciona sua consciência linguística e sociolinguística, no entendimento de que há sanções sociais envolvidas.

Em contraposição a esta imposição, ele não apenas valida a própria filiação à variedade linguística mas também reforça sua identificação e laços com Feira de Santana quando diz: “mas eu não acho uma coisa ruim não, normal! É uma... como se fosse um tipo... adaptativo”. Em outras palavras, o *tu* é um elemento que conecta o feirense à sua língua e à sua terra natal. Consciente da sua identidade feirense, e sob consciência linguística e sociolinguística, o feirense se mostra flexível quando de uma percepção tolerante e até favorável ao uso do pronome *tu* em contextos informais, quando da seguinte fala: “Na questão gramatical, né, não seria uma forma correta de falar. Então é informal, né? Uma conversa informal”. Ele imprime uma valoração positiva com um argumento funcional: o uso do *tu* passa a ser visto não como um erro, mas como uma forma de adaptação linguística às situações comunicativas.

Essa construção discursiva confere legitimidade à prática e contribui para a valoração positiva da informalidade, pois o pronome *tu* é posicionado como elemento “informal”, o que reforça a adequação deste falante ao contexto, mesmo que em desacordo com a norma grammatical padrão. Mais que isso, este feirense busca se aproximar da sua comunidade de fala com o uso da variante *tu*, mesmo consciente de uma possível estigmatização. Em outras palavras, ele atribui um valor positivo à variante local, revelando a existência de um prestígio encoberto. Esta visão corrobora os resultados apresentados por Trudgill (1972)⁹⁴ em pesquisa na qual busca investigar variáveis fonológicas, no inglês britânico urbano de Norwich, e a relação do seu uso entre o sexo, o prestígio encoberto e a mudança linguística. Com os resultados desta pesquisa, ele estabelece um padrão que se torna uma das descobertas mais consistentes na sociolinguística: em muitas comunidades, mulheres tendem a liderar a adoção de formas prestigiadas – no caso deste estudo, a variante padrão terminada em um som nasal velar (como em “singing”, como normalmente pronunciado no inglês padrão), frequentemente representada como [ɪŋ] – enquanto homens tendem a ser mais resistentes ou a favorecer formas não-padrão com prestígio encoberto – neste caso, a variante terminada em um som nasal alveolar (como “walkin” ou “runnin”), frequentemente representada como [ɪn]⁹⁵.

⁹⁴ Peter Trudgill publica Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich.

⁹⁵ Nesta pesquisa, Trudgill (1972) estudou cerca de 19 variáveis (tanto fonológicas quanto gramaticais). No conjunto das fonológicas, além da já citada no corpo do texto, por ser a mais conhecida e discutida, ele estudou: A variável (h), especificamente a presença ou ausência do som /h/ no início de palavras (como em “hammer”, “house”). A variável (a:), o grau de centralização ou recuo da vogal em palavras como “cart”, “last”, “dance”. A variável (e), grau de centralização da vogal /e/ antes de /l/ em palavras como “bell”, “well”, “healthy”. No conjunto das variáveis gramaticais, têm-se as formas verbais do presente: Como em “I wants it” (uso de “-s” na primeira pessoa do singular). Pretéritos irregulares, “He give it me yesterday”. Distinção entre auxiliar e verbo principal “do” no pretérito: “You done it, did you?” Pretérito de “be” (ser/estar), “We was playing” ou “I weren’t”. Negativo do presente de “be”: “It ain’t that big.” Negativo de “have” (ter): “We ain’t got one.” Pretérito negativo “never”: “She did yesterday, but she never today.” Negação múltipla: “I don’t eat none of that.” Pronomes reflexivos: “He

Trudgill (1972, p.183), no referido estudo, observou que, embora as formas não-padrão não apresentassem prestígio aberto, elas possuíam um prestígio encoberto (ou *covert prestige*) para os homens. Esse encoberto estava associado a noções de masculinidade, de ser “durão”, “autêntico” ou de pertencer à comunidade local, em oposição a um estilo de fala mais formal. Assim, este pesquisador mostra que um “grande número de falantes do sexo masculino estava mais preocupado em adquirir prestígio de tipo encoberto e em sinalizar solidariedade de grupo do que em obter status social” (Trudgill, 1972, p.188, grifo nosso⁹⁶). Em conclusão, Trudgill afirma que a diferenciação linguística por gênero em Norwich não é apenas uma questão de variação aleatória, mas, sim, um reflexo das diferentes pressões sociais e dos diferentes tipos de prestígio (explícito vs. encoberto) que influenciam as escolhas linguísticas de homens e mulheres, impactando, por sua vez, a direção da mudança linguística na comunidade. Nesse direcionamento, o uso do pronome *tu* é, assim, reinscrito no campo da normalidade linguística local, valorizado como prática legítima no uso cotidiano e vinculado a relações interpessoais mais próximas (exemplo a) e/ou como via de proximidade (exemplo b). Os excertos abaixo, Quadro 44, ilustram bem esta assertiva quando, da interação interpessoal, o feirense C registra em sua fala a variante *tu*.

Quadro 44 – Uso da variante *tu* pelo informante C

Exemplo a

“C: “Bom dia, pró! Estava de férias? Não via a senhora aqui [na porta da farmácia] para pegar o transporte, **tu** tava de férias?”
 J: “Bom dia! Não. Recesso junino.”

Exemplo b

X: “[...] Esse remédio fica melhor aqui.”
 C: “É mesmo rapaz, **tu** acha?!” (CMI3, arquivo pessoal)

Fonte: Da autora, 2025.

A análise das falas do feirense D mostrou que, a partir de um olhar que está sob o jugo do coletivo, além de, implicitamente, julgar-se detentor de uma conduta apropriada às regras

done it himself.” Plural “that”: “Over by them bus stops.” Pronomes relativos: “Are you the one what said it?” Comparativos: “She gets more rougher.”

⁹⁶ Texto original: “[...] a large number of male speakers are more concerned with acquiring prestige of the covert sort and with signalling group solidarity than with obtaining social status.”

éticas e morais, ao afirmar que “Com a minha mãe, não! Jamais eu vou usar isso com a minha mãe! É senhora, mãe”, ele, também, demarca o uso do *tu* como inaceitável ao, implicitamente, reprimir o comportamento linguístico que destoa da prática por ele considerada respeitosa e adequada. Este julgamento é reforçado por uma valoração de conduta de respeito ao dizer que com a mãe “É “senhora”. Estabelecendo uma fronteira entre o não apropriado e o apropriado, este feirense, mais uma vez, implicitamente, se apoia em um julgamento no qual ele acredita também estar alinhado às normas morais e sociais compartilhadas no contexto feirense: “O tu, é com os colegas meus”, “colegas de trabalho”, “é isso que eu uso”, “é só isso”. Embora não explice uma norma, essas expressões delineiam uma fronteira social e funcional para o uso do pronome *tu* e imprimem normas de adequação linguística segundo as quais esse pronome é considerado apropriado apenas em contextos informais e de maior familiaridade. Assim, este feirense propicia uma validação do uso restrito do pronome em contextos informais, de intimidade e convivência cotidiana entre pares e valida seu comportamento linguístico como vinculado a normas de interação respeitosas e adequadas aos papéis sociais que envolvem simetria e hierarquia. Este feirense, implicitamente, persiste na sua filiação a um posicionamento normativo de respeito hierárquico ao afirmar que fica incomodado ao presenciar o uso do pronome *tu* em certas situações, especialmente quando dirigido a figuras maternas: “Eu vejo [o uso do tu] falando com as mães, e eu não gosto. No momento de maior relaxamento, e já encerrada a gravação, este informante, no meio das conversas, descreve o contexto do seu desconforto ao ver os jovens tratando as mães por *tu*:

“Geralmente são meninos jovens que, que têm as mães, aí falam: “Tu não comprou “isso” pra mim”; “Tu comprou o meu negócio?”, “Tu vai pra onde?”, “Tu tava onde?”. Então, eu não gosto disso não, desse linguajar que as crianças falam com as mães não, entendeu? Porque eu fui criado falando com a minha mãe: senhora, minha mãe, não sei o que, a senhora foi, não sei o que, a senhora tava onde? Já, os meninos de hoje, é tu: “Tu não comprou isso pra mim”, “Tu tava onde”, “Tu vai pra onde”; Eu! É menino novo! São meninos novos, pequenos. São pessoas também de quinze, quatorze anos, jovens. Eu vejo também, eu vejo uma conhecida minha, ela fala com a mãe dela, ela fala assim com a mãe dela: “Tu, mãe, tu não sei que, tu não sei que”. Ela tem mais, mais de vinte anos. Eu vejo, eu vejo esse pessoal aí de mais de vinte anos, mais de vinte e cinco, por aí, eu vejo, eu vejo também; é tanto que eu escaldo eles: “como é que fala assim com a mãe? rsrsrs, sua mãe é senhora, senhora, senhora pra toda vida, viu?” Mas eu vejo pessoal adulto, “cavalo velho”, falando tu, tu, tu, tu. Tu, tu tu, tu é uma pessoa que que a gente conhece na rua, mas a mãe é senhora, eu acho assim, né, foi a minha criação né” (DMII1, arquivo pessoal).

Diante do já sinalizado por este feirense na entrevista: “[...] Eu escuto [o uso do tu] Eu vejo [o uso do tu] falando com as mães, e eu não gosto[...]” e no depoimento acima, capturado

em contexto de maior relaxamento, e diante dos já apresentados dados de fala (suplementares) que registram o uso da variante *tu* entre pessoas mais jovens e seus familiares mais próximos – como pais, tios e avós (seção 4.2) –, é possível inferir que a variante *tu* em Feira de Santana está se inserindo em contextos onde se espera formalidade; neste caso, em particular, em contexto assimétrico hierárquico. Isso implica uma relação hierárquica que pode se manifestar de uma forma que o uso do *tu* não a infrinja, mas a reforce em contextos de familiaridade e confiança mútua. Dessa expansão do contexto de uso do pronome *tu*, pode-se depreender que esta variante está cada vez mais marcando o seu espaço nas interações sociais, não apenas nas comunidades linguísticas, a exemplo de Feira de Santana, mas também no território brasileiro como um todo. Esta constatação corrobora os resultados de pesquisadores (as) que buscam entender os padrões de variação e as mudanças que ocorrem no sistema pronominal do português brasileiro⁹⁷. Eles demonstram que, embora o pronome *você* seja a forma mais difundida, o pronome *tu* não está desaparecendo e, em algumas localidades, ele tem se mantido ou até mesmo se expandido, desafiando a ideia de que o *você* dominou completamente o território nacional. Paredes Silva (2003, 2010), por exemplo, em trabalhos sobre a fala carioca, aponta para um fenômeno de re-emergência do *tu* em contextos informais, coexistindo com o uso do *você*.

O feirense D, com o uso dos recursos “arrogantezinhas”, “não faço assim”, “não faço”, “Nem com meus filhos”, “é isso” e “usar isso”, também se afasta das pessoas que usam o pronome *tu* em contextos que, para ele, exigem respeito e deferência: interações comerciais. Assim, ele diz: “[...] Algumas pessoas tipo arrogantezinhas [no comércio] falam “Tu não sei o que, não pegou isso aí”; “Tu pega, pega aquilo ali”, [...] eu não faço assim com ninguém. [...] eu não faço com ninguém. Nem com meus filhos, eu falo isso em casa. “Pega ali pai, por favor”, “pega ali mãe, por favor”, é isso, usar isso[...].” Entre o ideal esperado pelo feirense D e o real, é possível, mais uma vez, inferir que a variante *tu* em Feira de Santana está se inserindo em contextos onde se espera formalidade; neste caso, em particular, na comunidade feirense, em contexto assimétrico hierárquico. Inconscientemente, este feirense desvela um prestígio encoberto, já apresentado, nesta tese, em outros momentos: o uso da variante *tu* nas relações

⁹⁷ Na subseção 3.2.1 desta tese, constam informações mais amplas que descrevem o uso do português brasileiro, marcando esta dimensão. Para acessar um conjunto significativo de trabalhos já existentes e informações mais aprofundadas, Cf.: Scherre, Andrade (2019), Scherre *et al.* (2015) e Scherre; Andrade e Catão (2021). Nestas obras, é apresentado um mapeamento sociolinguístico do português brasileiro sob análise abrangente da distribuição geográfica e social dos pronomes de segunda pessoa no Brasil, com base em um quantitativo de pesquisa bem robusto, sistematizando os subsistemas pronominais, considerando não apenas as formas *tu* e *você*, mas também suas variantes (*cê*, *ocê*) e a concordância verbal associada.

interpessoais comerciais. Este cenário de expansão contextual reforça a presença, cada vez mais forte, do uso do pronome *tu* no território brasileiro.

Das análises das atitudes apresentadas pelo feirense D, percebe-se que, ao mesmo tempo que ele diz: “Tem que ter o “tu na hora certa”, ele valida o uso da variante *tu* em determinados contextos e, legitimando estes contextos, ele diz: “Na hora que a gente tá na rua com alguém. Aí quando a gente tá jogando uma bolinha: “Tu é doido é”; “Tu tá doido?!”. “Tu é abestalhado?” É isso que deve.” A expressão “É isso que deve” pode revelar que este informante esteja atendendo à norma local e ele sai na defesa do uso do *tu* em situações de descontração, mas não em contextos considerados formais ou íntimos no sentido afetivo-familiar ou comercial. Dessa forma, o uso do *tu*, para este informante, não é inteiramente rejeitado, mas regulado por um código implícito de conveniência e respeito socialmente compartilhado: “[...] É porquê...é um *tu*, não, eu, eu, eu, não sou contra o *tu*.../ eu gosto que você fale o *tu* com pessoas de fora [...].”

Delimitando entre contextos aceitáveis e inaceitáveis para o uso da variante em questão, este feirense também valoriza “[...] o *tu* com pessoas de fora. [...]. Agora, o povo da rua, você pode dizer – “E tu,tava aonde? – “Tu tava por onde, rapaz que tu sumiu? Então é isso, tem que falar na rua, com as pessoas que a gente conhece, na rua, mas em casa, lá em casa, a gente vai é abraçar, a família abraço”. Assim, este feirense adota o uso da variante *tu* com o “povo da rua” por ser, para ele, o esperado: os recursos valorativos “pode dizer”, falar na rua, com pessoas que a gente conhece expressam implicitamente sentimentos que marcam posicionamento ético-normativo quando contrapõem este cenário ao contexto familiar, “mas em casa, lá em casa, a gente vai é abraçar, a família abraço”, onde o não uso do pronome *tu* é traduzido como afetividade (“abraçar” e “abraço”) e felicidade.

A feirense E, no excerto que segue, descreve o uso do pronome *tu* como uma prática linguística condicionada por contextos emocionais específicos, na crença de que não há uma escolha linguística constante ou reflexiva: “[...] Às vezes quando a gente tá, assim, falando alto, altera o emocional [...] Aí, eu uso o tu. Quando a gente tá assim... entendeu, conversando, que um altera mais um com o outro , aí, às vezes, eu uso[tu]. Isso é *tu*! “E *tu*?!. Sempre tem o tu, entendeu? com o marido, com os filhos[...].” Esse julgamento, implícito, contribui para o posicionamento discursivo desta feirense como alguém que reconhece normas de comportamento linguístico e, ao mesmo tempo, justifica suas transgressões ocasionais como naturais. A feirense, neste contexto, ao assumir timidamente o uso do pronome *tu*, não o rejeita, pelo contrário, ela valida o uso dessa variante ao, implicitamente, selecioná-la para marcar o seu lugar de fala: “[...] Quando a gente tá assim... entendeu, conversando, que um altera mais um com o outro , aí, às vezes, eu uso[tu]. Isso é *tu*! “E *tu*?!. Sempre tem o tu, entendeu? com o

marido, com os filhos[...]. Infere-se que ela prestigia a variante *tu* mesmo em contextos assimétricos de hierarquia, acionando esse pronome como marca de identidade e aproximação. Tal escolha implica uma relação hierárquica que, contudo, pode ser atenuada ou tensionada, já que o uso do *tu* em situações de familiaridade – como na interação com o cônjuge – pode transgredir as expectativas formais dessa assimetria, em família mais conservadora. Ou seja, ao mesmo tempo que ela se posiciona, ela quebra a hierarquia existente. É possível sair na defesa de que, neste cenário, o prestígio encoberto envolvido está para a adesão a esta variante em situação de maior intensidade emocional, neste caso, negativa.

Igualmente aos outros informantes (A, C e D), a feirense E também constrói uma moralidade linguística local, julgando o uso do pronome *tu* com base em critérios de propriedade relacional e de conduta social esperados, produzindo avaliações que posicionam uma pessoa socialmente alinhada com a conduta apropriada de acordo com as regras éticas e morais. Assim, a feirense se afasta da variante *tu* quando do uso desta variante pelos netos ao se dirigirem a ela: “Os netos não aprenderam a senhora, benção “Ó, mas que, assim, tu, você.” [...] “Oxe vó, e tu, isso assim, assim, a senhora fez, você fez? Não sabe falar a senhora[...]”. Nesta fala, a feirense revela uma expectativa normativa de conduta linguística adequada, transmitida pela geração anterior, mas que não está sendo seguida pelos mais jovens. Em, “[...] não é porque a gente não ensina, que a gente ensina [...]”. A feirense posiciona-se como transmissora de uma norma cultural e moral, enquanto expressa desalinhamento com o comportamento dos netos, e reforça seu comportamento, visto por ela como socialmente e moralmente correto, quando da adequação do uso do pronome *tu* no trato com os mais velhos: “Não, [não falo tu] mainha não! Não sei porquê, minha mãe me deu outro tipo de criação. Mãe dizia que a gente tinha que respeitar os mais velhos, era senhora...qualquer coisa que fosse “E a senhora?”. “Benção”. “A senhora pode fazer isso?”. Dessa forma, ela evoca uma tentativa de ensinar normas consideradas corretas ou apropriadas alinhadas a valores culturais ou morais, internalizados e transmitidos pela geração anterior, ao dizer que “Mas isso tudo a gente passou pra os de hoje” e atribui aos jovens, que “não seguem” estas normas, um comportamento inadequado, sugerindo que eles estão em desacordo com o que seria eticamente ou culturalmente aceitável. No entanto, a feirense suaviza a crítica aos jovens, atribuindo o comportamento atual a mudanças geracionais, mas sem abdicar de um posicionamento que valoriza as condutas herdadas. Desse modo, ela defende a tradição e critica a transgressão normativa, implicitamente. Disso, depreende-se o uso do pronome *tu* em contexto simétrico hierárquico como um prestígio encoberto, a existência de uma expansão desta variante na comunidade de fala feirense e que os jovens estão liderando esta expansão.

Ao ser perguntada como a feirense E percebe o pronome *tu*, ela diz: “Não sei”. É uma palavra que não tem significação assim, eu não sei qual a significação do *tu*. É coisa mesmo de baiano, eu acho que seja, né? Tu, você, é não? Se passou algum preconceito.” Assim, em “Não sei”, ela revela um posicionamento de incerteza, hesitação ou ausência de domínio cognitivo sobre o uso do pronome *tu*. Da análise, infere-se que a feirense atenua ou evita julgamento explícito. Ainda que haja um posicionamento implícito, o afastamento do *tu* como uso próprio é encoberto por um gesto de descompromisso e funciona, discursivamente, como um recurso de polidez, modéstia ou precaução frente a uma possível tensão social, que envolve o uso desta forma pronominal, abrindo espaço para o entendimento de que este pronome não está naturalizado ou reconhecido como legítimo em seu repertório.

Em “não tem significação”, a feirense nega o valor simbólico ou funcional a variante *tu*, atribuindo-lhe um caráter vazio ou desnecessário, opondo-se à ideia de que esta variante tem lugar significativo ou apropriado. Assim, para ela, esta variante não é só dispensável, é, também, indesejada. A expressão “coisa mesmo de baiano” funciona como um marcador de estereotipia sociolinguística, associando o uso do *tu* a uma identidade regional que é, de forma velada, tratada como desviante da norma esperada ou mais prestigiada. Já o marcador modal “eu acho que seja” suaviza, mas não elimina a implicação de que o comportamento linguístico avaliado – o uso do *tu* – é visto como específico de um grupo social/regional e, portanto, fora de um padrão normativo considerado mais neutro ou aceitável. Desta maneira, esse enunciado reforça a ideia de que o uso do *tu* é “normal” apenas em um determinado contexto cultural, mas estranho ou marcadamente não usual em outros; sendo assim, a expressão “coisa de baiano” serve para demarcar esse comportamento como “do outro”, deslocando a feirense de qualquer associação direta com o pronome *tu*, o que revela um distanciamento valorativo e um julgamento implícito de inadequação. Por fim, no excerto “Se passou algum preconceito...”, a feirense reconhece a possibilidade de um viés valorativo preconceituoso em relação ao uso do pronome *tu*; esta consciência, explicitamente apresentada, valida a consciência sociolinguística impressa implicitamente, por ela, durante toda a sua fala.

Da análise, pode-se afirmar que, na expressão de sentimentos, os(as) falantes feirenses mobilizam majoritariamente julgamentos implícitos ancorados nas categorias de propriedade e normalidade, refletindo normas sociais, morais e culturais localmente compartilhadas. Tal uso revela uma orientação cultural marcante na maneira como esses sujeitos constroem pertencimento e identidade linguística dentro de sua comunidade de fala. Ainda que com menor frequência, elementos relacionados à tenacidade e à capacidade também integram esse processo avaliativo, ampliando a complexidade das avaliações realizadas.

No que concerne à Gradação, os (as feirenses) utilizam este recurso principalmente no trato da frequência, aceitabilidade e adequação contextual e relacional do uso do pronome *tu*, refletindo os valores de informalidade/formalidade e proximidade/distanciamento. No Quadro 45, abaixo, têm-se os recursos de gradação utilizados.

Quadro 45 – 6^a questão: Recursos de Gradação

Usa o pronome <i>tu</i> ?
Recursos de gradação
“[...] Usa o pronome <i>tu</i>] Muito pouquíssimo. Quase nunca. É você... ...mas escuto muito <i>tu</i> [...]” (AFI3, l. 137-139).
“[...] Eu não me percebo usando o <i>tu</i> não. Geralmente <i>tu</i> , eu só uso <i>tu</i> geralmente quando estou escrevendo, digitando no celular. Muitas vezes , eu digito no celular . Agora, falar mesmo, eu uso <i>tu</i> algumas vezes [...]” (AFI3, l. 162-166).
“[...] Geralmente, primo, meus irmãos, mas é muito poucas vezes , eu prefiro falar em áudio com eles, então não falo tanto <i>tu</i> , mas em questão de primo ou qualquer outra pessoa da minha família, eu boto <i>tu</i> mesmo. [Usa o <i>tu</i>] Sim, mais na escrita. Não tem razão não , sai no automático [...]” (AFI3, l.174 -181).
“[...] É por que às vezes se torna um negócio tão corriqueiro , rotineiro, né, que a gente acaba se passando em lembrar, mas acredito que sim, porque gíria é um negócio tão automático [sobre o uso do <i>tu</i> [...]” (CMI3, l.73-77).
“[...]. Acredito que não seja correto, né; porém, como já tá uma coisa assim tão na rotina , a gente acaba falando [...]” (CMI3, l.83-84).
“[...] Jamais eu vou usar isso com a minha mãe! [...]” (DMII1, l. 56).
“[...] Algumas pessoas tipo arrogantezinhas [no comércio] falam “Tu não sei o que não pegou isso aí”; “Tu pega, pega aquilo ali”, eu não gosto disso. Eu não gosto , eu não faço assim com ninguém [...]” (DMII1, l. 77-82).
“ De vez em quando [uso o <i>tu</i>]. É, [De vez em quando] [...]” (EFIII1, l. 107-109).
“[...] [É quando a gente tá assim... entendeu, conversando que um altera mais um com o outro , aí, às vezes , eu uso[tu].“Isso é <i>tu</i> ” “E <i>tu</i> ? Sempre tem o <i>tu</i> , entendeu? [em casa, uso]com o marido, com os filhos... É dificilmente [os filhos usam com ela] [...]” (EFIII1, l. 118-125).
“[...] Não, [não falo <i>tu</i>] mainha não! Não” (EFIII1, l. 140).

Fonte: Da autora, 2025.

Nestes excertos, os recursos de gradação são utilizados, pelos informantes, para amplificar a informalidade e a proximidade, atenuar a formalidade, expressar desaprovação a usos considerados inadequados e revelar o grau de investimento autoral do falante em suas

próprias práticas linguísticas e valores atitudinais. A amplificação desses valores, de modo geral, é construída na intensificação dos significados por um item específico (local) isolado – como em: “[Usa o pronome *tu*] **Muito pouquíssimo. Quase nunca.** É você, mas **escuto muito**”. Observa-se a gradação nos itens valorativos, principalmente em relação ao uso do pronome *tu* e às atitudes dos (as) feirenses em relação a esta variante. No entanto, ela também ocorre, com menor frequência, globalmente (por repetição) como em: “Tu pega, pega aquilo ali”, eu **não gosto** disso. Eu **não gosto, não faço** assim com ninguém [...].” Quanto ao modo de realização da gradação, ela ocorre principalmente de modo isolado: “**Muito pouquíssimo**”, “**Quase nunca**”, “**escuto muito**”, “**Muitas vezes**”, “**muito poucas vezes**”, “**mais na escrita**”, “**tão corriqueiro**”, pessoas tipo **arrogantezinhas**”.

Da análise, como já apontado, percebe-se que a gradação é empregada para amplificar ou atenuar a frequência e os contextos de uso do pronome *tu*. Assim, tem-se uma clara amplificação da baixa incidência desta variante no cotidiano das feirenses A e E manifestada por expressões “**Muito pouquíssimo**”, “**Quase nunca**”, “**uso tu algumas vezes**” “**muito poucas vezes**”, “**não falo tanto**”, “**De vez em quando**”, “**às vezes**”, “**dificilmente**”. Esta intensificação dos significados também eleva o investimento autoral e o posicionamento discursivo dessas informantes, legitimando seus valores.

A dupla negação (repetição) em “Eu **não me percebo usando o tu não**” sublinha a falta de consciência ou a internalização da ausência desse uso pela feirense A. Em contraste, a mesma gradação é utilizada, por esta feirense, para amplificar a frequência do *tu* em contextos específicos, notadamente na modalidade escrita de dispositivos móveis: “Geralmente *tu*, eu só uso *tu* geralmente quando estou escrevendo, **digitando no celular**. Muitas vezes, eu **digito no celular** e, em interações com membros familiares específicos, como primos e irmãos, eu **boto tu mesmo**”. No entanto, mesmo no âmbito familiar, a frequência oral pode ser atenuada por expressões como “**muito poucas vezes**” e “**não falo tanto tu**”, sinalizando que o uso do pronome *tu*, por ela, não é homogêneo nem mesmo dentro do mesmo círculo social.

Além da frequência, a gradação desempenha um papel crucial na expressão de valores atitudinais e no posicionamento autoral dos falantes. A proibição categórica do uso do *tu* com a figura materna – expressa pelos feirenses D e E – amplificada por advérbios de negação absoluta, como “**Jamais** eu vou usar isso com a minha mãe!” e pela tripla negação enfática “**Não, [não falo tu] mainha não! Não**”, evidencia um elevado investimento autoral na manutenção de normas de respeito e hierarquia social. Essa postura não apenas reflete uma escolha linguística, mas um valor cultural arraigado sobre o tratamento dispensado a figuras de autoridade e afeto. Adicionalmente, a gradação expõe a tensão entre a norma prescritiva e o uso

real. Na fala do feirense C – “É por que às vezes se torna um negócio **tão** corriqueiro, rotineiro”, “gíria é um negócio **tão** automático”, “como já tá uma coisa assim **tão** na rotina, a gente acaba falando” –, o intensificador “**tão**” ilustra a atenuação de uma crítica normativa em face da amplificação da força da habitualidade e da automaticidade do uso: “**tão** corriqueiro”, “**tão** automático”, e “**tão** na rotina.”

A graduação também se manifesta na desaprovação veemente, demonstrada pelo feirense D, do uso do pronome *tu* em contextos de suposta arrogância: “Algumas pessoas tipo **arrogantezinhas** [...] eu **não gosto** disso. Eu **não gosto**, eu **não faço** assim com ninguém”. A repetição da negação “**não gosto**” e a abrangência da afirmação “**não faço**” amplificam a reprovação moral do feirense, indicando um forte compromisso com a cortesia e o respeito interpessoal. Finalmente, a associação do *tu* a situações de maior intensidade emocional, realizada pela feirense E – “[...] conversando que um **altera mais** um com o outro, aí, **às vezes**, eu uso[tu]. **Sempre** tem o tu, entendeu? com o marido, com os filhos” –, sugere que sua proeminência pode ser catalisada por estados afetivos elevados, a formalidade é naturalmente atenuada em favor da espontaneidade e da proximidade; é na espontaneidade que o pronome *tu* é constante na comunidade feirense.

Diante destes resultados, pode-se inferir que o uso do pronome *tu* é reflexo da negociação social e emocional entre os feirenses; um processo intrincado de modulação de significado, que reflete o grau de informalidade, proximidade, rotina e valores atitudinais desses falantes, moldando seu investimento autoral no posicionamento discursivo.

Aos demais itens valorativos constantes nas falas dos (as) feirenses entrevistados (as), não foram atribuídos maior ou menor proeminência aos significados. O não uso de recursos de graduação sugere que as atitudes e valores expressos por estes feirenses são vistos como comuns e aceitáveis no contexto local, indicando que são amplamente partilhados e aceitos no grupo social de Feira de Santana. Essa ausência de graduação representa um espaço pouco propício aos conflitos de valores e crenças, pois a atitude é apresentada como algo evidente ou autoexplicativo, que não precisa de justificativas ou reforços. Dessa forma, o não uso da graduação pode ser interpretado como uma estratégia retórica que oculta o posicionamento avaliativo por trás da aparência de um dado objetivo ou inquestionável. A feirense A, por exemplo, na sua fala, “Não tem razão não, sai no automático”, justifica a escolha do uso e do não uso do pronome *tu*, em determinados contextos, sem recorrer à graduação. Isso revela que esta escolha não é resultado de uma decisão consciente ou de uma avaliação ponderada, mas, sim, de um comportamento automatizado, o que sugere ser um hábito tão enraizado que

dispensa justificativas ou variações de intensidade, reforçando a ideia de que essa norma linguística é simplesmente assim para ela.

Nesta mesma linha de pensamento, o feirense C, ao afirmar que o uso da variante *tu* é uma prática na comunidade de fala feirense – em “Acredito que não seja correto, né; porém, como já tá uma coisa assim tão na rotina, a gente acaba falando, se passando, mas eu não acho uma coisa ruim não, normal! É uma... como se fosse um tipo... adaptativo” –, também não faz uso de recursos de gradação por entender que, apesar de reconhecer uma inadequação gramatical, o uso do pronome *tu* se encaixa perfeitamente no que é esperado e vivenciado no dia a dia da comunidade e que essa variante se ajusta às necessidades comunicativas, tornando-a funcional e sem necessidade de qualificação. A não utilização da gradação pelo feirense C, neste contexto, reforça a ideia de que o uso do pronome *tu* é uma realidade consolidada e não questionável na prática cotidiana do falante feirense, mesmo que em um nível mais formal ela seja vista como “incorrecta”. É uma justificativa que se baseia na prática coletiva e na funcionalidade e, por isso, mesmo de maneira inconsciente, este feirense não vê necessidade de justificativas ou reforços. Em termos gerais, o não uso do recurso de gradação pelos feirenses entrevistados, nos contextos apresentados, para a pergunta em questão, se dá em razão de os valores e as atitudes que eles expressam não entrarem em contradição com outras opiniões.

Com a discussão dos resultados desta pesquisa finalizada, avança-se para o último capítulo da tese. Nele, são apresentadas as conclusões de todo o trabalho, bem como suas limitações, contribuições e recomendações para pesquisas futuras.

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa de doutorado investigou a avaliação social subjetiva consciente e inconsciente dos falantes feirenses frente ao uso do *pronomes tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular*, sob os pressupostos teóricos e metodológicos labovianos, com atenção particular para o problema da avaliação. Para identificação e explicação dos fenômenos envolvidos, recepcionaram-se as noções de consciência linguística e sociolinguística, prestígio encoberto (*covert prestige*), prestígio explícito (*overt prestige*) (Labov, 1982[1966]; 2008[1972]) e o sistema semântico-discursivo da função interpessoal da linguagem, especificamente para os pressupostos do Sistema da Valoração (SV) apresentados por Martin e White (2005), numa interface entre os estudos da Sociolinguística Laboviana e a teoria Linguística Sistêmica-Funcional. Em relação a essa interface, considera-se a análise da Valoração se confirmou produtiva para a identificação dos correlatos subjetivos, envolvidos na avaliação social da variante *tu*, expressos tanto explicitamente quanto implicitamente pelos feirenses. O uso da planilha eletrônica se mostrou eficaz, considerando que ela otimizou a produtividade da análise ao facilitar a identificação e classificação dos recursos linguísticos empregados nas falas dos informantes.

6.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS ALCANÇADOS

No interesse de investigar os correlatos subjetivos/crenças e valores dos informantes feirenses frente aos valores do *pronomes tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular* – imprimindo a hipótese de que a variante *tu* em Feira de Santana sofre avaliação social negativa por parte dos feirenses, mesmo em contexto de interação simétrica, esta pesquisa teve como objetivo geral a proposta de uma análise qualitativa para a mensuração dos correlatos envolvidos nesta avaliação social. Visto que os correlatos subjetivos conscientes e inconscientes foram identificados e descritos a partir da expressão/construção textual dos correlatos envolvidos, apresentados na seção 5 desta tese, considera-se que o objetivo geral desta pesquisa foi atingido. Disto isto, passa-se aos resultados do primeiro objetivo: Atestar a frequência do uso da variante *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular*.

Todos os (as)feirenses envolvidos na análise confirmaram que usam a variante *tu* – sob alto nível de consciência linguística e sociolinguística. Eles se posicionaram timidamente e mobilizaram estratégias avaliativas que revelaram contração e expansão do espaço dialógico ao

negociarem seus sentimentos e posicionamentos. A frequência do uso desta variante na comunidade de fala como um todo também foi confirmada por estes feirenses, que expandiram seu espaço dialógico, abrindo possibilidades do uso deste pronome por outros feirenses no contexto de interação, naturalizando-o, assim, no ambiente social. No que se refere às atitudes – o segundo objetivo: a identificação das reações subjetivas deliberadas ou não (as avaliações explícitas e implícitas, respectivamente) dos falantes feirenses frente ao uso do pronome *tu com morfologia verbal de 3^a pessoa do singular* –, os informantes demonstraram julgamentos ancorados em princípios éticos e morais compartilhados socialmente, com os quais avaliaram comportamentos e formas de interação considerados apropriados ou não no contexto feirense. Tais julgamentos operaram como mecanismos de regulação simbólica das condutas locais, distinguindo entre o que é socialmente valorizado e o que se afasta das normas coletivas. Para elevar esses posicionamentos, os falantes mobilizaram recursos linguísticos de intensificação, notadamente por meio da gradação de força e da contração do espaço dialógico, o que elevou o investimento autoral em suas avaliações e reafirmou suas vozes como legítimas e representativas do grupo ao qual pertencem.

Estes resultados também atendem ao terceiro objetivo: atestar o nível de consciência linguística e sociolinguística dos informantes. Assim, foi possível afirmar que estes feirenses demonstraram um elevado grau de consciência linguística e social, revelada tanto pela forma como reconhecem os usos linguísticos locais quanto pelos valores que atribuem às práticas socioculturais de sua comunidade, distinguindo claramente aquilo que é socialmente valorizado daquilo que se desvia das normas tácitas que organizam a vida coletiva. Esta postura avaliativa revela, de maneira clara, uma consciência linguística e social por parte dos informantes. Ao se posicionarem discursivamente, eles não apenas expressam suas preferências individuais, mas mobilizam saberes compartilhados e regras tácitas que orientam as relações sociais em Feira de Santana. Demonstra-se, portanto, que tais falantes reconhecem que a linguagem não é neutra, mas um instrumento através do qual se constroem vínculos, se reafirmam identidades e se negociam pertencimentos. Tal consciência se estende também à dimensão social, sobretudo quando os informantes avaliam, de modo positivo, traços como o acolhimento, o respeito mútuo e a solidariedade nas relações interpessoais. Nessas avaliações, a linguagem não apenas expressa sentimentos individuais, mas também reafirma os valores coletivos que sustentam o pertencimento à cidade. Para intensificar tais posicionamentos, os falantes mobilizaram estratégias linguísticas de forte investimento autoral. A gradação de força — por meio de expressões como “jamais”, “muito boa”, “maravilhosa”, “adoro”, “amo” — e a contração do espaço dialógico — pela exclusão de vozes alternativas — funcionaram como mecanismos de

reforço dos valores atribuídos à cidade e à sua população. Tais recursos ampliam a intensidade afetiva e ideológica dos enunciados, reafirmando as vozes dos informantes como legítimas e representativas do grupo social ao qual pertencem.

O quarto objetivo específico – Identificar prestígio encoberto (*covert prestige*) e prestígio explícito (*overt prestige*) impressos na variante *tu* – foi atendido quando da observação da explanação dos contextos de uso desta variante pelos informantes e, consequentemente, com base na consciência linguística e sociolinguística por eles apresentada. Também, no reconhecimento positivo explícito da cidade e de seus valores culturais, foi possível desvelar sentidos de uso positivos para a variante *tu*. Os prestígios explícitos estão para os contextos de interações interpessoais que envolvem simetria, incluindo situações marcadas por informalidade, intimidade, especialmente entre pessoas próximas, indicando um contexto de informalidade e familiaridade entre interlocutores.

Os prestígios implícitos, encobertos, direcionados à variante *tu* foram observados nas seguintes manifestações: *Valorização afetiva positiva da cidade e da identidade local*. Neste contexto, os(as) informantes demonstram um forte investimento autoral e um posicionamento afirmativo e consciente em relação a Feira de Santana, usando recursos linguísticos intensificadores (como “Feira é maravilhosa”, “eu adoro viver aqui”, “eu amo Feira”) que, explicitamente, valorizam o espaço social e cultural no qual a variante é usada. Ainda que não tenham mencionado diretamente a variante *tu*, essas expressões constroem o ambiente positivo em que essa variante circula com aceitação. *Uso consciente de recursos de Atitude (sistema de Valoração)*. A análise mostrou que os feirenses fazem uso consciente de julgamentos e sentimentos como afeto, apreciação e normalidade. Eles reafirmam que gostam, amam, se sentem felizes e acolhidos na cidade, o que confere legitimidade social às práticas linguísticas locais, inclusive ao uso da variante *tu*. Assim, o prestígio encoberto está vinculado à construção verbal de pertencimento e aprovação coletiva. *Reconhecimento consciente da cultura linguística local*. Os falantes apontam conscientemente que os feirenses têm um “jeito de ser”, um “linguajar diferente”, com “muita gíria” e formas características de interação. Isso revela que eles percebem e validam explicitamente traços linguísticos locais. Dessa forma, a linguagem local é vista como um marcador legítimo de identidade e pertencimento, o que dá prestígio público assumido a formas não-padrão. Observa-se que o prestígio implícito atribuído à variante *tu* não se manifesta apenas em sua ocorrência linguística, mas sobretudo no reconhecimento, por parte destes falantes, de que as formas de expressão características de Feira de Santana possuem valor social e simbólico, ou seja, os informantes conferem legitimidade às práticas linguísticas que compõem esse repertório. Ainda que os informantes não mencionem

diretamente a variante *tu* como elemento valorizado, o reconhecimento explícito do “falar de Feira” como algo apreciado e legitimado faz emergir um prestígio implícito do *tu*, uma vez que ele integra esse repertório linguístico local positivado pelos falantes. O prestígio implícito direcionado à variante *tu* emerge quando os falantes reconhecem verbalmente que há valor nas formas de se expressar tipicamente em Feira. A variante *tu* é implicitamente, associada à gíria tanto pelo feirense C quanto pelo feirense D. A postura irônica ou cômica adotada pelo feirense C bem como a associação da variante *tu* à “gíria” ou ao “habito de falar” reforçam a percepção de que essa forma de tratamento é menos “culto” ou “padrão”, evidenciando a hierarquia linguística e social existente. Além disso, a consideração do *tu* como inadequado em contextos que exigem respeito ou em situações de intimidade familiar mostra que o prestígio dessa variante depende diretamente das esferas sociais e das relações interpessoais em que circula.

Associação com traços positivos da cidade. A circulação da variante *tu* insere-se em um contexto discursivo marcado por avaliações positivas, associado a ambientes de acolhimento, respeito e convivência harmônica. Em todos os excertos analisados, observa-se que os falantes recorrem a intensificadores em seus afetos e apreciações, reforçando a valorização da cidade em seus aspectos identitários, culturais e sociais. Esse conjunto de evidências demonstra que a linguagem, para além de uma manifestação individual, funciona como instrumento de afirmação coletiva e simbólica do espaço urbano vivido, consolidando sentidos compartilhados e fortalecendo vínculos comunitários. Os(as) feirenses demonstram construir uma relação profundamente afetiva com Feira de Santana, sem pretensão de migrar para outros lugares, ancorada não apenas em características físicas ou sociais da cidade, mas em vínculos simbólicos que se manifestam linguisticamente. É nesse cenário de forte valorização do modo feirense de viver e falar que o prestígio implícito da variante *tu* se evidencia: mesmo sem ser mencionada diretamente, ela integra o repertório linguístico associado aos traços positivos atribuídos à cidade — acolhimento, proximidade, afetividade — e, por isso, é simbolicamente legitimada pelos falantes. Expressões como “Adoro！”, “Gosto muito da cidade”, “Eu gosto muito da minha Feira” e “Eu amo Feira de Santana, me criei aqui” revelam esse apego e reforçam o sentimento de pertencimento. Essas declarações evidenciam que a permanência na cidade é justificada por laços emocionais que ultrapassam motivações pragmáticas. O afeto positivo, recorrente nos excertos, consolida uma identidade urbana compartilhada, sustentada pelas experiências de vida e pelos sentidos simbólicos que os falantes atribuem ao espaço que habitam.

O prestígio encoberto impresso na variante *tu* também foi percebido na fala do feirense C ao considerar o uso do *tu* como algo automático, corriqueiro e rotineiro. Este feirense não apenas atestou o uso dessa variante, ele também legitimou um contexto de uso, revelando um prestígio encoberto baseado na naturalização da variante no cotidiano oral, indicando que seu uso é socialmente aceito, mesmo sem ser conscientemente valorizado como prestigioso. Este feirense também imprimiu na variante *tu* o prestígio encoberto de identidade local e pertencimento ao associá-lo à identidade cultural e linguística de Feira de Santana. O pronome *tu* é um elemento de identidade cultural que demonstra a conexão do falante com sua cidade e sua história.

O prestígio encoberto direcionado a este pronome também implica proximidade afetiva, caracterizando-se em um índice de intimidade e espontaneidade emocional, apropriado em laços afetivos fortes. As feirenses A e E associaram o uso do *tu* a relações de intimidade e confiança, especialmente em interações com familiares ou cônjuges. Adaptação pragmática e estilística também é um prestígio encoberto desvelado: os informantes, seja na oralidade ou na escrita, demonstram atenção estilística ao uso do *tu*, escolhendo conscientemente quando usá-lo para tornar a comunicação mais contextualmente situada. A resistência velada à norma culta registra mais um valor positivo na variante *tu*. O feirense C, por exemplo, imprimiu este prestígio ao afirmar que “Eu não acho uma coisa ruim não, normal! [...] é uma forma adaptativa.” Mesmo reconhecendo que o *tu* não corresponde à norma grammatical padrão, alguns informantes o defendem implicitamente como forma legítima.

Valores encobertos também foram encontrados na expansão do uso do pronome *tu* em novos domínios sociais. Os resultados apontam para uma expansão do uso desta variante para contextos simétricos hierárquicos (uso com pais, avós, tios, tias) e até assimétricos hierárquicos (relações comerciais), mesmo que de forma velada e geracional. Essa expansão indica que o prestígio encoberto da variante está em crescimento, especialmente entre os mais jovens, sinalizando uma mudança linguística em curso. Diante dos cenários apresentados, de maneira geral, os prestígios encobertos associados ao uso do pronome *tu* em Feira de Santana incluem: naturalidade, proximidade afetiva, intimidade, identidade cultural local, adequação informal e pragmática, adaptação estilística, validação social, apesar da estigmatização grammatical, e expansão geracional para novos domínios. Esses elementos revelam que, embora não seja explicitamente prestigiada, a variante *tu* goza de aceitação, funcionalidade e valor simbólico dentro da comunidade feirense, funcionando como um marcador de pertencimento e autenticidade social.

Considerando o alto nível de consciência linguística e sociolinguística apresentada pelos (as) feirenses, a variante *tu*, em Feira de Santana, se caracteriza em um marcador social, pois o nível de consciência apresentado alcança os traços relacionados à comunidade de fala impressos, uniformemente, no julgamento consciente ou inconsciente desses falantes. Também, traços de variação social e estilísticos e o nível de apreciação social foram significativos. Assim, entende-se que a estigmatização direcionada à variante *tu* é parcial e situada.

Os resultados obtidos, de maneira geral, fornecem subsídios valiosos para a compreensão da avaliação social subjetiva e dos valores encobertos que delineiam a estratificação social desta comunidade de fala. O complexo conjunto de percepções, atitudes e graduações observadas nas falas destes feirenses não apenas valida a existência de normas linguísticas implícitas, mas também revela como a escolha pronominal se torna um marcador de distinções sociais e identitárias dentro dessa comunidade de fala. Os resultados apontam para uma comunidade linguística que se percebe, se organiza e se projeta discursivamente a partir de um conjunto de valores fortemente articulados entre linguagem, cultura e identidade. Dessa forma, conclui-se que a hipótese de estigmatização da variante *tu*, inicialmente levantada, embora parcialmente confirmada em certos contextos mais formais ou normativos, não se sustenta como um fenômeno uniforme ou predominante. O que se observa, como já sublinhado, é a presença de um marcador social ativo, cujo uso revela a capacidade dos informantes em negociar sentidos e pertencimentos a partir de escolhas linguísticas situadas. Considerando estes resultados, esta pesquisa reforça a importância de abordagens que considerem a linguagem como prática social, atentas às variações e aos sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos que a utilizam e a legitimam como representação simbólica da vida social e não apenas como reflexo dela.

6.2 LIMITAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES

No tocante às limitações desta pesquisa, cumpre destacar que não foram controlados fatores sociais de natureza mais imediata – sexo, faixa etária e escolaridade. Estas variáveis, embora tenham direcionado a seleção dos informantes, não foram controladas nem analisadas em correlação com as reações subjetivas conscientes e inconscientes dos(as) informantes. A apresentação desses dados visa unicamente oferecer maior transparência na caracterização social dos(as) participantes. Além disso, as variáveis linguísticas, comumente selecionadas – tipo de oração, tempo e modo verbal, funções sintáticas do pronome *tu*, etc. não foram contempladas na análise. Outra limitação refere-se ao número de informantes analisados.

Embora essa limitação não comprometa os resultados obtidos, é importante destacar que um número mais amplo de participantes poderia oferecer dados mais robustos e consistentes quanto às tendências valorativas observadas.

Diante dos resultados alcançados, considera-se que esta pesquisa oferece contribuições tanto para o arcabouço teórico do Sistema de Valoração (Martin; White, 2005) – considerando a perspectiva deste estudo – quanto para a Sociolinguística Laboviana. A interface entre estes dois campos de estudos, como uma metodologia inovadora – a Sistêmico-Funcional (com foco nos recursos linguísticos de Atitude, Comprometimento e Gradação) e a Sociolinguística laboviana, que enfatiza a avaliação subjetiva dos falantes em contextos sociais –, permitiu uma leitura tanto discursiva quanto socialmente situada das formas de expressão linguística e dos julgamentos dos informantes; para além disto, permitiu acessar a consciência linguística e social desses falantes e as expressões de prestígio explícitos e encobertos impressos na variante *tu*. Esta pesquisa também mostra relevância nos estudos sociolinguísticos brasileiros, pois contribui para o entendimento da dinâmica sociolinguística nordestina, ampliando perspectivas de estudos direcionados às variáveis linguísticas no campo da variação e mudança.

Embora a Sociolinguística Variacionista privilegie a correlação entre variáveis linguísticas e sociais, nos estudos sociolinguísticos quantitativos, o sistema de Valoração, desenvolvido por Martin e White (2005), no escopo da Linguística Sistêmico-Funcional, contribui significativamente para uma análise mais ampla e profunda dos dados. Este sistema qualifica os dados atitudinais ao permitir a identificação sistemática de afetos, julgamentos e apreciações expressos pelos falantes, revelando posicionamentos conscientes e inconscientes diante das variantes linguísticas. Além disso, aprofunda a interpretação ao mostrar como normas sociais, culturais e morais são mobilizadas no discurso para legitimar ou deslegitimar certos usos linguísticos. Ao complementar os modelos estatísticos com sentidos discursivos, o sistema permite ir além dos números, evidenciando tensões ideológicas e identitárias. Também possibilita o desvelamento de ideologias linguísticas, ao tornar visíveis discursos de valorização ou estigmatização, ampliando a compreensão dos fatores sociais que permeiam as mudanças e variações linguísticas.

Por fim, os resultados apresentados nesta pesquisa revelam um forte potencial de aplicação no âmbito da Sociolinguística Educacional, campo da Linguística Aplicada dedicado a compreender de que maneira as variedades linguísticas, os usos da língua e os fatores sociais — como classe, gênero, etnia, região, idade e identidade — repercutem no contexto escolar. Tal área busca não apenas descrever esses fenômenos, mas também intervir nos processos de ensino e aprendizagem, promovendo a valorização da diversidade linguística dos estudantes e o

enfrentamento do preconceito linguístico. Nesse sentido, a didatização da linguística, entendida como a transposição dos saberes linguísticos para práticas pedagógicas, constitui um caminho essencial para a incorporação efetiva do conhecimento sociolinguístico na educação. Essa articulação favorece a construção de abordagens que promovam inclusão, respeito às variedades linguísticas e uma educação linguística crítica.

Dessa forma, a interface entre os achados desta tese e a Sociolinguística Educacional abre espaço para aprofundar a análise da relação entre variação linguística e escola; discutir os efeitos do preconceito linguístico sobre o desempenho e a autoestima dos estudantes; desenvolver práticas pedagógicas que valorizem as diferentes formas de falar; e orientar docentes na articulação entre norma padrão e variedades populares sem discriminação, contribuindo, em última instância, para uma educação mais equitativa e socialmente justa.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de História colonial*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. Urbanização, escolarização e variação linguística em Feira de Santana-Bahia (século XX). *Tabuleiro de Letras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da UNEB*, Salvador, n. 4, p. 1-21, 2012.

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). *Coleção amostras da língua falada do semiárido baiano*. 4 CDs. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. Amostras da língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina) Volume I. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). *Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano*. 4 CDs. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. Amostras da língua falada na zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina) Volume II. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). *Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano*. 4 CDs. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. Amostras da língua falada na zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu) Volume III. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). *Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano*. 4 CDs. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; PINHEIRO, Adriana Santana Soares; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. Amostras da língua falada na zona rural de Jeremoabo (Nordeste) Volume IV. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). *Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano*. 4 CDs. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. Orientadora: Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre 2015. 150 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: uma abordagem previa*. Orientador: Prof. Dr. Mauricio Gnerre. 1979. 220 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271049>. Acesso em: fev. 2024.

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. *Origens do Povoamento de Feira de Santana: um estudo de História Colonial*. Orientadora Profa. Dra. Marli Geralda Teixeira. 1990, 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1990_andrade_celeste_maría_pacheco_de_origens_do_povoamento_de_feira_de_santana_um_estudo_de_historia_colonial.pdf

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAUJO, Silvana Silva de Farias; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. *A língua portuguesa do semiárido baiano*, 2010 (Texto em home page do Projeto Vertentes). Disponível em: <www.vertentes.ufba.br/associados/feira-de-santana>. Acesso em: fev. de 2025.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana-Ba: Sociolinguística e Sócio-história do português brasileiro*. Orientador: Prof. Dr. Dante Lucchesi. 2014. 342 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ASSUNÇÃO, Janivam da Silva. *A indeterminação do sujeito na variedade linguística de Feira de Santana: um estudo variacionista*. Orientadora profa. Dra. Norma Lucia Frenandes de Almeida. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

ASSUNÇÃO, Janivam da Silva; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. A variação tu/você no falar feirense (Analfabetos funcionais). In: *XII Seminário de Iniciação Científica da UEFS*, 2008, Feira de Santana - BA. Pesquisa, Inovação e Desenvolvimento regional. Feira de Santana: Imprensa UEFS, 2008, v. XII. p. 1-3.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 56. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2022.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2002.

BAHIA. Decreto Estadual Nº 7.455, de 23 de junho, de 1931 simplifica o nome para Feira.

BAHIA. Decreto Estadual Nº 7.479, de 8 de agosto de 1931, simplifica o nome para Feira.

BAHIA. Decreto Estadual N º 11.089, de 30 de novembro de 1938, oficializou a denominação do município como Feira de Santana.

BARBER, Bernard. *Social Stratification*. New York: Harcourt Brace, 1957.

BLOCH, Bernard; TRAGER, George Leonard. *Linguistic Society of America at the Waverly Press*. - Language Arts & Disciplines, 1942. 82 p.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e Vaqueiros*. Salvador: Edufba, 1989.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor de língua materna em formação: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: sociolinguística em sala de aula*. 6 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolinguística. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 18, n. 1, p. 102-131, jun. 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, apresenta as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>. Acesso em: jan., 2025.

BRASIL. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), 2023. Anos iniciais e finais do ensino fundamental, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>. Acesso em maio de 2025.

BRASIL. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), 2023. Ensino médio. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>. Acesso em maio de 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE). *Censo Demográfico dos municípios*, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br>. Acesso em: jan., 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE). *Regiões de influência e conexões externas das cidades. Mapa 32 – Feira de Santana (BA) – Capital regional B (2B)*, 2018, p. 48. Disponível em: [https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/regioes_de_influencia_das_cidades/Regioes_de_influencia_das_cidades_2018_Resultados_definitivos/mapas/Mapa_32-Feira%20de%20Santana%20\(BA\)-Capital_Regional_B_\(2B\).pdf](https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/regioes_de_influencia_das_cidades/Regioes_de_influencia_das_cidades_2018_Resultados_definitivos/mapas/Mapa_32-Feira%20de%20Santana%20(BA)-Capital_Regional_B_(2B).pdf). Acesso em: jan., 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE). Feira de Santana: panorama-Educação. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>. Acesso em: maio, 2025.

BRITO, A. S.; FREITAS, N. B. Planejamento e mobilidade urbana em Feira de Santana Bahia: estrutura viária, identidade e patrimônio territorial. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável GUAJU*, Matinhos, v. 9, Edição Especial, p. 315-336, 2023. Disponível em: www.revistas.ufpr.br/guaju. Acesso em: jan., 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/guaju.v9i0.89955>

BRITO, Ákila Soares de; SANTOS, Janio; FREITAS, Nacelice Barbosa. Mobilidade e forma urbana: Feira de Santana-Ba e a estrutura viária. *Ciência Geográfica*, Bauru, v. 25, n. 1, p. 253-

270, Janeiro/Dezembro – 2021. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXV_1/agb_xxv_1_web/agb_xxv_1-19.pdf. Acesso em: março, 2025.

CARDOSO, Denise Porto. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos Brasileiros*. [Prefácio de Raquel Meister Ko. Freitag]. Raquel Meister Ko. Freitag (Editora)-São Paulo: Blucher, 2015[1989].

CARMO, René Becker Almeida. A urbanização e os aglomerados subnormais de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016. 351 p. ISBN:978-85-5592-028-8.

CARNEIRO, Edson. *A Cidade de Salvador (1549) uma reconstituição histórica*. São Paulo: civilização brasileira, 1980.

CASSETI, Valter. *Elementos de geomorfologia*. Goiás: Ed. da UFG, 2008.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1965. ISBN 9780262260503

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. 2. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1978.

COSTA, Lairson Barbosa da. *Variação dos pronomes “tu”/“você” nas capitais do norte*. Orientadora: Profa. Dra. Marilucia Barros de Oliveira. 2013. 94 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/4808/1/Dissertacao_VaiacaoPronomesTuVoce.pdf. Acesso em: jun.2024.

COSTA, Raquel Maria da Silva. A alternância das formas pronominais tu, você e o (a) senhor (a) na função de sujeito no português falado em Cametá-PA. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

DEUS, Viviane Gomes de. *Você ou tu? Nordeste versus Sul*: o tratamento do interlocutor no português do Brasil a partir dos dados do Projeto ALiB. 2009. 166 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

DIAS, Cliver Gonçalves. Tipos de variação semântica ideacional e interpessoal da reinstanciação interlingüística como tipos de simplificação, de explicitação e de normalização. Orientadora: Profa. Dra. Célia M. Magalhães. 2022. 654 f. Tese. (Doutorado em Estudos linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

ERISMANN, Georgina. Hino à Feira de Santana. Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.leg.br/hino-a-feira-de-santana>. Acesso em agosto, 2025.

FARACO, Carlos Alberto. *História sócio política da língua portuguesa*. 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. Apresentação de um clássico. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin Irving. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte, – São Paulo: Parábola Editorial, 2006 – (Lingua [gem]:18). p. 9-30.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FEIRA DE SANTANA. Câmara Municipal. Feira 190 anos: uma cidade cercada de feiras livres por todos os lados, 2023. Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.leg.br/feira-190-anos-uma-cidade-cercada-de-feiras-livres-por-todos-os-lados>. Acesso em: fev., 2025.

FEIRA DE SANTANA. Lei Complementar nº 118 de 24 de Dezembro de 2018. Institui a Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo - LOUOS, na Área Urbana e de Expansão Urbana do Município de Feira de Santana, Revogando-se as seguintes Leis: Lei Nº 1.615/1992, Lei Nº 2.328/2002, Lei Nº 3.485/2014, Lei Complementar Nº 086/2014, Lei Complementar Nº 098/2015, e dá Outras Providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/ba/f/feira-de-santana/lei-complementar/2018/12/118/>. Acesso em: fev., 2025.

FEIRA DE SANTANA. Lei Complementar nº 075 de 20 junho de 2013. Fixa os limites interdistritais, amplia o perímetro urbano e delimita 06 (seis) novos bairros do distrito sede do município de Feira de Santana e dá outras providências. Disponível em: https://www.feiradesantana.ba.gov.br/leis/Leco20130075_1.pdf. Acesso em: fev., 2025.

FIGUEREDO, Giacomo Patrocínio. *Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues*. Orientadora: Profa. Dra. Adriana Silvina Pagano. 2011. 383 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FREIRE, Josenildo Barbosa. *Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais/ʌ/e/ɪ/no falar paraibano*. Orientador. Prof. Dr. Demerval da Hora Oliveira. 213 f. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados falares sergipanos. In: *Working Papers em Linguística*, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *D.E.L.T.A.*, v. 32, n. 4, p. 889-917, 2016. doi.org/10.1590/0102-44506992907750337. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/NkPrppB9TTHzLzv56ys97SB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: jun. 2024.

FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português Brasileiro e os estudos da terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, v. 56, p. 917-944, 2012.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SANTOS, Adelmileise de Oliveira. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. *A fala nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blucher, 2016. p. 109-122. ISBN: None, DOI 10.5151/None-06.

FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Gorski; ROST-SNICHELOTTO, Cláudia Andrea; TAVARES, Maria Alice. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. *Signo y Seña - Revista del Instituto de Lingüística* 28: 65-87, 2015.

FUZER, Cristiane. Realizações linguísticas e instanciação de gêneros na perspectiva sistêmico-funcional. *D.E.L.T.A.*, 34.1, 2018, p.269-304. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/ZhKpyHwjZvL6q7s7VBkTKjc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: Jan., 2025.

GALVÃO, Renato de Andrade. Os Povoadores de Feira de Santana. *Sitientibus/UEFS*, Feira de Santana, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1982.

GAUCHAT, Louis. L’Unité phonétique dans le patois d’une commune. In: MORT, H.; BETZ, L. P. *Aus Romanischen Sprachen und Literaturen: Festschrift Heinrich Morf zur Feier seiner fünfundzwanzigjährigen Lehrtätigkeit von seinen Schülern dargebracht*. Halle: Max Niemeyer, 1905. p. 175-232. Disponível em: http://www.danielezrajohnson.com/gauchat_1905.pdf. Acesso em: janeiro, 2025.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christine Maria Nunes de. (Org.) *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014.

GUIMARÃES, Tatiane de Araújo Almeida Studart. *Tu é doido, Macho! A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza*. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *An introduction to functional grammar*. 3 ed. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Methods – techniques – problems. In: HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; WEBSTER, Jonathan James. *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. London and New York: Continuum International Publishing Group, 2009. p. 59-86.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London and New York: Routledge, 2014.

HERZOG, Marvin Irving. *The Yiddish Language in Northern Poland*: is geography and history. Publicação do Research Center in Anthropology, Floklore, and Linguistics, nº 37. Bloomington, Ind.: Indiana University Press, 1965.

HYMES, Dell. Acerca de la Competencia Comunicativa. In: LLOBERA, M. et al. *Competencia comunicativa*: documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras. Madrid: Edelsa, 1995.

LABOV, William. The Social Motivation of a Sound Chang. *Word*, New York, v. 19, n. 3, p. 273-309, 1963.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Cambridge University Press, 1966.

LABOV, William. *The Social Stratification of English*. Cambridge University Press, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, São Paulo. 2006 [1966].

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1982[1966].

LABOV, William. Intensity. In: SCHIFFRIN, D. (Ed.). *Gurt'84 Meaning, Form, and Use in Context*: Linguistic Applications. Washington D.C.: Georgetown University Press, 1984, p. 43-71.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change – Internal Factors*. Blackwell Publishers Inc: Malden, 1994. Volume 1.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change – Social Factors*. Blackwell Publishers Inc: Malden, 2001. Volume 2.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006[1966].

LABOV, William. *Padrões sociolíngüísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. New York: John Wiley and Sons Ltd., dezembro de 2010. Volume 3.

LABOV, William. "Justice as a Linguistic Matter". Conferência apresentada por William Labov. [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 06min 33s). *Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hqrsHmhcSQ>.2020. Acesso: jun., 2024.

LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; OLIVEIRA, Matheus Santos; LEMOS, Dayane Moreira; Formas tratamentais no semiárido baiano: Contribuições para uma configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro, *In: A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia*. São Paulo: Blucher, 2016, p. 39 -57.

LEI PROVINCIAL, No 1.320, de 16 de junho de 1873. Eleva a Villa de Feira de Santana à categoria de Cidade Comercial de Feira de Santana.

LOPES, Celia Regina dos Santos; CALLOU, Dinah Maria Isensee. Contribuições da Sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança linguística. *Revista do GELNE* (UFC). v. 5, p. 63 - 74, 2004.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n. 12, p. 17-28, 1994.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LUCCHESI, Dante. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

MAGALHÃES, Celia Maria. Atitude: valores e sentimentos. In: MAGALHÃES, Celia Maria. (Org.). *Focalização na tradução de textos literários* [recurso eletrônico] – 1. ed. – Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2021, p. 51-76.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5^a edição, São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.

MARTIN, James Robert. *English Text: system and structure*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Companies, 1992.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London; New York: Continuum, 2007[2003].

MARTIN, James Robert; WHITE, Peter Robert Rupert. *The language of evaluation: appraisal in English*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.
Peter Robert

MARTINET, André. Économie des changements phonétiques. *Traité de phonologie diachronique* (Bibliotheca Romanica, Manualia et Commentationes, t. X). Berne, A. Francke, 1955 [compte-rendu] sem-link Jean Humbert *Revue des Études Grecques* Année 1956 69-324-325 p. 217-218.

MARTINS, Maria Rilda Alves da Silva. *Análise da alternância de pronomes tu/você/cê no falar Porto Nacional (TO) à luz da sociolinguística cognitiva*. 2017. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Tocantins, Porto Nacional, 2017.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaios para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MEILLET, Antoine. *L'état Actuel des Études de Linguistique Générale*. In: Linguistique Historique et Linguistique Générale. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1906].

MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. (Org.) *Projeto atlas linguístico do Brasil, avaliações e Perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2015. 334 p. Inclui referências I 978-85-8005-078-3 1. Dialectologia – Brasil 2. Geolinguistica. I. Autor II. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos_5.pdf. Acesso em: out. 2024.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas* São Paulo. Martins Fontes, 1999.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.43-50.

NOGUEIRA, Francieli Motta da Silva Barbosa. *Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?* Orientadora: Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: UNESP, 2011.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. Sociolinguística Laboviana: festejando o cinquentenário e planejando o futuro. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, v. 58, n. 3, p. 481-501, set./dez. 2016.

OUSHIRO, Lívia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 394 f. Orientador: Ronald Beline Mendes. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo: USP, São Paulo, 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2015.tde-15062015-104952>.

OUSHIRO, Lívia. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na Sociolinguística. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 63, p. 304–325, 2019. DOI: 10.9771/ell.v0i63.33777. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/33777>. Acesso em: out., 2024.

OUSHIRO, Lívia. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 50, n. 1, p. 318-336, abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3100/1958>. Acesso em: out. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i1.3100>

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Mudança linguística: Observações no tempo real. In:

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2^a ed. – São Paulo: Contexto, 2004. p.179-190.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, Marvin Irving. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006[1968]. p. 131-151.

PAIVA, Maria da Conceição de; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL. *D.E.L.T.A.*, v. 15, n. especial, São Paulo, 1999, p. 201-232. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: set. 2024.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p.160-169.

POPPINO, Rollie Edward. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.

REIS, Zenilda Mendes dos. *As formas de tratamento ‘tu’ e ‘você’ no português falado e escrito em Lontra-MG: Crenças e atitudes*. (Mestrado Profissional em Letras) – Programa de Pós-Graduação Em Letras, Linguagens e Letramentos. Universidade Estadual De Montes Claros, 2018.

RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cardernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito lingüístico e cânone literário*, n. 36, p. 45-56, 1. sem. 2008. Disponível em: http://moodle.stoa.usp.br/file.php/1101/textos/Norma_e_Ensino/RONCARATI_PrestigioEPreconceitosLinguisticos.pdf. Acesso em: nov. 2025.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variação no Brasil. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul.-dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2011v8n2p187/216738412.2011v8n2p187/21673>. Acesso em: set. 2024.

SAMPAIO, Teodoro Fernandes. *Fundação da Cidade de Salvador*. Salvador: Typographia Beneditina, 1949.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics: University of Toronto, 2005

SANTANA, Jan Carlos Dias de. O uso dos pronomes *tu* e *você* no falar feirense culto. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2008.

SANTANA, Jan Carlos Dias de. O uso dos pronomes *Tu* e *Você* no falar feirense culto. *XII Seminário de Iniciação Científica da UEFS*, 2008. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2008.

SANTANA, Jan Carlos Dias de. O uso dos pronomes tu e você no falar feirense culto.

SANTO, Sandra Medeiros. *A expansão urbana, o Estado e as águas em Feira de Santana – Bahia (1940 – 2010)*. Orientadora: Barbara-Christine Marie Nentwig Silva. 2012. 275 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SANTOS, Sandra Medeiros. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1), 2006 [1997].

SANTOS, Rian Pablo Cavalcante dos; SANTOS, Bethsaide Souza; SANTOS, Rosângela Leal. Análise da expansão da mancha urbana de um município de porte médio através de geoprocessamento. *I Simpósio Internacional Cidades Médias e pequenas. VII Simpósio Cidades médias e Pequenas da Bahia*. 18/09/2024 – 20/09/2024. Universidade Estadual de Feira de Santana - Feira de Santana - Bahia – Brasil, 2024.

SANTOS, Shirley Cristina Guedes dos; OLIVEIRA, Josane Moreira de. O apagamento do /R/ implosivo na fala de Feira de Santana-BA. In: ALMEIDA, N. L. F.; ARAÚJO, S. S. F.; TEIXEIRA, E. S. P.; CARNEIRO, Z. O. N. (Org.). *Variação Linguística em Feira de Santana*. UEFS. 2016. Volume 1. p. 335-364.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; [tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein] -28 ed.-São Paulo: Cultrix, 2012[1916].

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Verdadeiro respeito pela fala do outro: realidade possível? *Revista Letra*, n. 8, v. 1, p. 51-62, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Linguagem%20e%20preconceito%204.pdf>. Acesso em: set.2024.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Respeito Linguístico: contribuições da Sociolinguística Variacionista. *ABRALIN AO VIVO*. 08.07.2020. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=SCHERRE%2C+M.+M.+P.+Respeito+Lingu%C3%ADstica+ADstico%3A+contribui%C3%A7%C3%A7%C3%85es+da+Sociolingu%C3%ADstica+Variacionista.+ABRALIN+AO+VIVO.+08.07.2020&oq=>. Acesso em: nov. 2024.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Respeito Linguístico. In: **Dicionário**: rumo à civilização da religião e ao bem viver, 2021, p. 117-120. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/815330970/Marta-Scherre-2021-Respeito-Linguistico-p-117-120>. Acesso em agosto, 2025.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; ANDRADE, Carolina Queiroz; CATÃO, Ruy César de. Redesenhando o mapa dos pronomes tu/você/cê/ você no português brasileiro falado. Comunicação apresentada no *I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos (CONEL)*. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória 4-6 dez. 2019.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; ANDRADE, Carolina Queiroz; CATÃO, Ruy César de. Redesenhando o mapa dos pronomes tu/você/cê/ você no português brasileiro falado. In:

WITCHS, P. H.; VIEIRA-MACHADO, L. M da C.; FURLAN, C. K. J.; NOGUEIRA, M. de O. (org.). *Conquistas e desafios dos estudos linguísticos na contemporaneidade: Trabalhos do V Congresso Nacional de Estudos Linguísticos – V CONEL*. Porto alegre: Editora Fi, 2020, p.270-276.

Disponível

em:

<https://biblioteca.unisced.edu.mz/bitstream/123456789/2588/1/28%20-Pedro%20Henriques%20Witchs-%20Linguistica.pdf>. Acesso em: maio, 2025.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; ANDRADE, Carolina Queiroz. Subsistemas dos pronomes de segunda pessoa do singular no português brasileiro e matizes das formas pronominais variáveis: debates, desafios e propostas. In: *ABRALIN50- Simpósios Temáticos*, dia 03, p. 12, 8 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.abralin.org/abralin50/programacao-simposios/>. Acesso em: fev., 2021.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; ANDRADE, Carolina Queiroz; CATÃO, Ruy César. Por onde transitam o tu e o você no Nordeste? *V Fórum de Estudos Linguísticos do Ceará - V FELCE*. Tema: Crenças, atitudes e avaliação nos estudos sociolinguístico. Realização: *Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística do Ceará – LAPESCE/UECE*, de 8 e 9 de setembro de 2020/ evento online. Disponível em: <https://www.even3.com.br/vfelce/>. Acesso em: set. 2024.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; ANDRADE, Carolina Queiroz; CATÃO, Ruy César. Por onde transitam o tu e o você no Nordeste? *Revista de Letras-Centro de Humanidades*, Universidade Federal do Ceará, v. 1, n. 40, p. 164-197, jan/jun-2021. DOI 10.36517/revletras.40.1.13. e-ISSN2358-4793.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; DIAS, Edilene Patrícia; ANDRADE, Carolina Queiroz; MARTINS, Gláucia da Fonseca. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro. Parte I Variação e mudança no português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 133-172.

SILVA, Suelen Cristina da. *A variação dos pronomes tu e você na fala mineira de Ressaquinha (MG)*. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Ouro Preto. Mariana, 2017.

SILVA, Sylvio Carlos Bandeira de Mello e. *Urbanização e metropolização no estado da Bahia: evolução e dinâmica*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

SOUZA, Elaine Cristina Borges de. *Variação estilística e identidade: a concordância de número e o retroflexo na fala Goiana*. Orientadora: Prof. Dra. Maria Marta Pereira Scherre. 2023. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023. Disponível em: <https://linguistica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEL/teses-defendidas>. Acesso em: fev.2025.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O que é gramática*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TRUDGILL, Peter. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. *Language in Society*, Cambridge University Press, v. 1, p. 179-195, 1972.

TUY BATISTA, Priscila Starline Estrela; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais.; LACERDA, Mariana. Fagundes de Oliveira. A variação tu/você em relações de solidariedade: análise de uma documentação baiana epistolar do século XX. *CONFLUÊNCIA*. v. 2, p. 100-121, 2017.

VOTRE, Sebastião Josué; RONCARATI, Cláudia. (Org.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil*: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7Letras, FAPERJ, 2008.

WEINREICH, Uriel. *Language in contact*. New York, Linguistic Circle & The Hague, Mouton. Linguistic Circle of New York, 1953. Volume 1. 148 p.

WEINREICH, Uriel. LABOV, Willian; HERZOG, Marvin Irving. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte, – São Paulo: Parábola Editorial, 2006 – (Lingua [gem]:18).

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

VOZES FEIRENSES: A AVALIAÇÃO SOCIAL DA VARIANTE TU EM FEIRA DE SANTANA-BA

Pesquisadora: Janivam da Silva Assunção

(Continua)

O (A) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa intitulada *Vozes feirense: a avaliação social da variante tu em Feira de Santana-Ba*, que está sendo desenvolvida por mim, Janivam da Silva Assunção, aluna do Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (PPGEL/UEFS), sob a orientação da Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida. Esclarecemos que sua participação neste estudo é muito importante, mas voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas. Com este estudo, pretendemos entender a dinâmica da variedade linguística em Feira de Santana com a finalidade de contribuir para o conhecimento da variedade do Português Brasileiro, falado e escrito. Este estudo possibilita a esta comunidade e à sociedade como um todo um espaço de discussão sobre língua, cultura e sociedade e nos permite discutir questões como, por exemplo, o preconceito linguístico. Solicitamos a sua colaboração para este estudo nos cedendo uma média de 15 min. a 30 min. do seu tempo para responder a entrevista. Pedimos também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Letras e publicá-los em revista científica nacional e/ou internacional. Não haverá necessidade de identificação, ou seja, o seu nome não precisa estar em nenhum documento. Informamos que esta pesquisa poderá ganhar uma dimensão de divulgação maior e, por isso, os dados podem sofrer maior exposição, mas salientamos que manteremos o sigilo do seu nome e de qualquer restrição imposta pelo senhor ou pela a senhora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir, não sofrerá nenhum dano, e não terá nenhum custo financeiro para nenhum dos participantes. Sendo assim, também não haverá nenhum reembolso – reitero que sua participação é voluntária e espontânea. Eu, Janivam da Silva Assunção, estarei à sua disposição para qualquer esclarecimento que o senhor ou a senhora considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. A pesquisa será realizada de forma que não haja quaisquer riscos à sua integridade física ou emocional. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP/UEFS) será informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal deste estudo.

APÊNDICE X – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

VOZES FEIRENSES: A AVALIAÇÃO SOCIAL DA VARIANTE TU EM FEIRA DE SANTANA-BA

Pesquisadora: Janivam da Silva Assunção

(Conclusão)

VOZES FEIRENSES: A AVALIAÇÃO SOCIAL DA VARIANTE TU EM FEIRA DE SANTANA-BA

Pesquisadora: Janivam da Silva Assunção

Dou meu consentimento de espontânea vontade e sem reservas para participar deste estudo.

Feira de Santana ____ / ____ / ____

Assinatura do(a) participante: _____

Contato com a Pesquisadora Responsável

Janivam da Silva Assunção

Endereço telefônico: (75) 3161-8867 Colegiado dos Estudos Linguísticos/ UEFS

E-mail: ppgel.secretaria@uefs.br

APÊNDICE B – ANÁLISE VALORATIVA DA INFORMANTE A

Nº	Excertos	Comp.	Inst.	At.	Grad.	Av. / Em.	Alv. / Gat.
1	Boa tarde! Fale um pouco sobre você						
2	É... tenho trinta e três anos, eu sou daqui de Feira, tenho ensino superior incompleto. Sou moradora de Feira desde que eu nasci, não saí pra nada,	het. neg.	pra nada	t ap. val. pos.		Informante A	Feira de Santana
3	mas Feira é maravilhosa. Graças a Deus!	het. cont. exp.	maravilhosa	ap. rea. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana
4	Fale um pouco sobre a cultura de Feira						
5	Feira, quando era mais/antigamente, ela tinha um aspecto mais rural, metade meio urbano, meio, como é que fala?	mon.	mais rural	ap. val. neg.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana
6			meio urbano	ap. val. pos.	forç. desc. is.	Informante A	Feira de Santana
7	Não era essa modernidade de hoje em dia,	het. neg.	modernidade	ap. val. pos.		Informante A	Feira de Santana

8	a cidade está metrópole,	mon.	metrópole	ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana
9	já tá...tem avançado nas suas culturas,	het. cont. exp.	avançado	ap. val. pos.		Informante A	A cultura de Feira de Santana
10	graças a Deus tá se expandido,	mon.	se expandindo	ap. val. pos.		Informante A	Feira de Santana
11	as pessoas estão conhecendo Feira, né,	mon.	as pessoas estão conhecendo	t ap. val. pos.		Informante A	Feira de Santana
12	é... não tem como não falar das nossas comidas típicas daqui	het. neg.	não tem como não falar	ap. val. pos.		Informante A	Comidas típicas de Feira de Santana
13	porque geralmente é o que mais chama a atenção, né, tem o nosso acarajé, o cuscuz, né,	het. cons.	mais chama a atenção	ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Comidas típicas de Feira de Santana
14	tem as danças que nós também, né, é... praticamente todas	mon.	tem as danças...praticamente todas	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana
15	até a questão musical também, já tá bem conhecida	het. cont. exp.	bem conhecida	ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Cultura musical de Feira de Santana

16	Então, aqui em Feira, evoluiu muito nessa área cultural,	mon.	evoluiu muito	ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Área musical de Feira de Santana
17	as pessoas estão conhecendo mais,	mon.	conhecendo mais	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Área musical de Feira de Santana
18	as pessoas de fora vêm pra cá pra conhecer,	mon.	as pessoas de fora	ap. val. pos.		Informante A	Não feirenses
19	então, Feira é maravilhosa, graças a Deus!	mon.	maravilhosa	ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana
20	Você gosta de Feira.						
21	Adoro!	mon.	adoro	af. fel. pos.	forç. sub. fus.	Informante A	Feira de Santana
22	Se fosse antigamente, eu falaria “Mãe, vamos nos mudar, o que é que tem aqui em Feira?”	het. cons.	“Mãe, vamos nos mudar, o que é que tem aqui em Feira?”	t ap. val. neg.		Informante A	Feira de Santana, antigamente
23	Mas você olha, você vê que tem tanta coisa que você conhece,	het. cont. exp.	tem tanta coisa	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Cultura de Feira de Santana
24	mas tem coisa que você não conhece.	het. cont. exp.	tem coisa	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Cultura de Feira de Santana

25	É interessante você conhecer mais Feira,	mon.	interessante	ap. val. pos.		Informante A	Feira de Santana
26	antes de você falar que, né, como eu fazia antes que vamos embora, sair, vamos embora mudar para conhecer outras culturas,	het. at.	vamos embora mudar para conhecer outras culturas	t ap. val. neg.		Informante A	Cultura de Feira de Santana
27	mas a gente tem que conhecer também Feira	het. cont. exp.	tem que conhecer também	t julg. cap. neg.		Informante A	Dos feirenses que não conhecem a cultura de Feira de Santana
28	porque Feira tem muita cultura pra você conhecer além das comidas, das músicas, tem a literatura também.	mon.	Tem muita cultura	ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana
29	Tem tantas coisas que a gente pode conhecer também,	mon.	Tem tantas coisas	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana
30	tem um leque de opções	mon.	tem um leque de opções	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana
31	Então são tantas coisas, oficinas, museu,	mon.	são tantas coisas	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana

32	tem tantas coisas que a gente não conhece ainda,	mon.	tem tantas coisas	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feira de Santana
33	a gente fica impressionada.	mon.	impressionada	af. sat. pos.	forç. sub. fus.	Informante A	o leque de opções em Feira de Santana
34	Tem o teatro que é interessante você conhecer,	mon.	interessante	ap. val. pos.		Informante A	Teatro em Feira de Santana
35	que eu também não conhecia.	het. neg.	não conhecia	t julg. cap. neg.		Informante A	Informante A
36	Então é bom você conhecer Feira de Santana	mon.	é bom	ap. val. pos.		Informante A	Feira de Santana
37	Você pensa em sair de Feira?						
38	Olha, para conhecer outras culturas sim,	mon.	para conhecer	t ap. val. pos.		Informante A	Outras culturas
39	mas eu acho que eu sairia	het. cont. exp.	eu sairia	t ap. val. pos.		Informante A	Outras culturas
40	mas voltaria, entendeu,	het. cont. exp.	voltaria	t ap. val. pos.		Informante A	Feira de Santana

41	porque a gente tá em casa;	mon.	tá em casa	t af. sat. pos.		Informante A	Feira de Santana
42	casa, a gente sai,	mon.	a gente sai	t ap. val. pos.		Informante A	Casa/outras cidades
43	mas a gente volta sempre, né.	het. cont. exp.	volta sempre	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Casa/ Feira de Santana
44	Então, não falaria de sair,	het. neg.	não falaria de sair	t af. sat. pos.		Informante A	Feira de Santana
45	não mudaria pra outro (ponto), essas coisas,	het. neg.	não mudaria	t af. sat. pos.		Informante A	Feira de Santana
46	eu sairia, sim, para conhecer	mon.	sairia	t ap. val. pos.		Informante A	Outras cidades
47	mas eu voltaria.	het. cont. exp.	voltaria	t af. sat. pos.		Informante A	Feira de Santana
48	Em Feira, eu estou em casa.	mon.	estou em casa	t af. sat. pos.		Informante A	Feira de Santana
49	Só a passeio.						

50	É, só a passeio. Eu não sairia de Feira.	het. neg.	não sairia	t af. sat. pos.		Informante A	Feira de Santana
51	Feira tá maravilhosa, como eu disse né?	het. at.	maravilhosa	ap. val. pos.	forç. sub. fus.	Informante A	Feira de Santana
52	Como você identifica que uma pessoa é de Feira?						
53	Geralmente é pelo seu jeito de ser, né.	het. cont. exp.	pelo seu jeito de ser	t julg. norm. pos.		Informante A	Feirense
54	As pessoas percebem não somente pelas suas falas,	het. cont. exp.	pelas suas falas	t julg. norm. pos.		Informante A	Feirenses
55	mas quando vêm de fora,	het. cont. exp.	de fora	t julg. norm. neg.		Inforamnte A	Não feirense
56	as pessoas têm um pouco de curiosidade,	mon.	um pouco de curiosidade	julg. cap. pos.	forç. desc. is.	Informante A	Não feirense
57				af. sat. pos.			
58	e a gente fala muita gíria,	mon.	fala muita gíria	t julg. prop. neg.	forç. sub. is.	Informante A	Feirense

59	então, às vezes , as pessoas não conhecem	het. cons.	não conhecem	julg. cap. neg.		Informante A	Não feirense
60	e perguntam o que significa.	mon.	perguntam o que significa	t julg. cap. neg.		Informante A	Não feirense
61	A gente tem que explicar,	mon.	tem que explicar	t julg. cap. neg.		Informante A	Feirense
62	então a gente já percebe	het. cont. exp.	a gente percebe	t julg. cap. pos.		Informante A	Feirense
63	que a pessoa ali é de fora;	mon.	de fora	t julg. norm. neg.		Informante A	Não feirense
64	quem já é de dentro	het. cont. exp.	é de dentro	t julg. norm. pos.		Informante A	Feirense
65	já sabe como Feira funciona.	het. cont. exp.	sabe como Feira funciona	t julg. cap. pos.		Informante A	Feirense
66	Visualmente eu não identificaria,	het. neg.	não identificaria	t julg. cap. neg.		Informante A	Informante A
67	mas questão de conversar, de conversar, olhar as atitudes, assim,	het. cont. exp.	questão de conversar, de conversar	t julg. cap. pos.	forç. sub. rep.	Informante A	Informante A

68			olhar as atitudes	t julg. cap. pos.		Informante A	Informante A
69	se alguma coisa.../questão de cultura, né, coisa diferente,	het. cons.	questão de cultura	t julg. cap. pos.		Informante A	Informante A
70			coisa diferente	t julg. cap. pos.		Informante A	Informante A
71	não é uma coisa que Feira faria,	het. neg.	uma coisa que Feira faria	t julg. cap. pos.		Informante A	Feira de Santana
72	geralmente a gente identifica, entendeu?	het. cons.	a gente identifica	t julg. cap. pos.		Informante A	Informante A
73	Mas visualmente,	het. cont. exp.	visualmente	t julg. cap. neg.		Informante A	Informante A
74	eu acho que visualmente,	het. cons.	visualmente	t julg. cap. neg.		Informante A	Informante A
75	não de primeira,	het. neg.	de primeira	t julg. cap. neg.		Informante A	Informante A
76	só a questão do falar mesmo.	het. cont. exp.	a questão do falar mesmo	t julg. cap. pos.		Informante A	Informante A

77	E nessa questão do falar, tem outra coisa que você acha que identifica o feirense? Sem ser as gírias que você falou, que você falou que era gíria.						
78	Não.	het. neg.	outra coisa que identifica o feirense	t julg. cap. neg.		Informante A	Informante A
79	É porque na linguagem, a gente ali já sabe como é a linguagem do pessoal de Feira interagir, encurtar as frases, é... falar uma frase que meio, que a gente tá no contexto, mas em outro contexto;	het. cont. exp.	já sabe	t julg. cap. pos.		Informante A	Feirense
80		het. cont. exp.	encurtar as frases	t julg. cap. pos.		Informante A	Feirense
81	mas tem gente de fora que mesmo que a gente falasse uma frase daquele jeito, mas não é daquele jeito.	het. cont. exp.	memo que a gente falasse daquele jeito	t julg. cap. neg.		Informante A	Não feirenses
82	Então, do falar mesmo, a questão do falar, a pessoa entende.	mon.	entende	t julg. cap. pos.		Informante A	Feirense

83	Não só da gíria,	het. neg.	não só da gíria	t julg. cap. pos.		Informante A	Feirense
84	mas também do contexto da história, essas coisas.	het. cont. exp.	do contexto da história	t julg. cap. pos.		Informante A	Feirense
85	E a forma de tratamento, como as pessoas costumam interagir entre si, no sentido de se dirigir ao outro, como é que se dirige ao outro?						
86	Geralmente , a pessoa se dirige à outra pessoa ou é pelo apelido ou, não sei bem, porque assim/	het. cons.	pelo apelido	t julg. prop. pos.		Informante A	Feirense
87	não sei bem, porque assim/	het. neg.	não sei bem	julg. cap. neg.		Informante A	Informante A
88	É porque a pessoa de fora tem um jeito de chamar outra pessoa ou até a atenção dela, tem o jeito dela,	mon.	de fora	t julg. norm. neg.		Informante A	Não feirense
89			tem um jeito de chamar outra pessoa	t julg. norm. pos.		Informante A	Não feirense

90			ou até a atenção dela	t julg. norm. pos.		Informante A	Não feirense
91			tem o jeito dela	t julg. norm. pos.		Informante A	Não feirense
92	e de Feira, tem o nosso.	mon.	tem o nosso	t julg. norm. pos.		Informante A	Feirense
93	Então, o modo de falar, a gente identifica, então,	mon.	o modo de falar	t julg. norm. pos.		Informante A	Não feirense
94			a gente identifica	t julg. cap. pos.		Informante A	Feirense
95	mas só na conversa mesmo.	het. cont. exp.	na conversa mesmo	t julg. cap. pos.		Informante A	Feirense
96	Quais são as palavras que você escuta uma pessoa (feirense) usando para se dirigir à outra aqui em Feira?						
97	Pronto. Uma que Jane já conhece,	het. cont. exp.	já conhece	julg. cap. pos.		Informante A	Pesquisadora feirense/entrevistadora

98	todo mundo conhece, que é a questão das tias, que tem uma coisa assim, é quando a gente encontra uma pessoa mais velha, tem mais idade, senhor, senhora,	mon.	todo mundo conhece	julg. cap. pos.		Informante A	Feirense e não feirense
99			pessoa mais velha	julg. norm. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feirense
100			tem mais idade	t julg. norm. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feirense
101	mas quando é uma pessoa assim mais próxima, a gente chama de tio ou tia, principalmente na escola;	het. cont. exp.	mais próxima	julg. norm. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Feirense
102			a gente chama de tio ou tia	t julg. prop. pos.		Informante A	Feirense
103	na escola tem muitas tias, muitos tios.	mon.	muitas tias	t julg. norm. pos.		Informante A	Feirense
104			muitos tios	t julg. norm. pos.		Informante A	Feirense
105	Mas , em outra cidade, pode ter outro pronome, outros modos de chamar a pessoa,	het. cont. exp.					

106	mas aqui em Feira é assim, ou senhor, senhora, né,	het. cont. exp.	ou senhor, senhora	t julg. prop. pos.		Informante A	Feirense
107	mas geralmente é tio ou tia.	het. cont. exp.	tia ou tio	t julg. prop. pos.		Informante A	Feirense
108	Em casa, na sua casa, você costuma se dirigir às pessoas como?						
109	Senhor, você, senhora,	mon.	senhor, você, senhora	t julg. prop. pos.		Informante A	Informante A
110	mas tio e tia mesmo só.	het. cont. exp.	tio e tia mesmo	t julg. prop. pos.		Informante A	Informante A
111	Nesse caso, se for uma pessoa de fora,	het. cons.	de fora	t julg. prop. pos.		Informante A	Informante A
112	mas , dentro de casa, senhor, senhora,	het. cont. exp.	senhor, senhora	t julg. prop. pos.		Informante A	Informante A
113	mas fora, tio, tia.	het. cont. exp.	tio, tia	t julg. prop. pos.		Informante A	Informante A
114	Com a sua mãe, por exemplo?						

115	É senhora.	mon.	senhora	t julg. prop. pos.		Informante A	Informante A
116	E com a sua irmã?						
117	É o nome dela	mon.	o nome dela	t julg. prop. pos.		Informante A	Informante A
118	Meus tios/ agora assim, questão de tios. Eu tenho tios que eu chamo por nome, mas tem outros tios, por exemplo, meus tios por parte de mãe, eu chamo pelo nome, porque eu já estou acostumada a chamar pelo nome;	mon.	chamo pelo nome	t julg. prop. neg.		Informante A	Informante A
119	já meus tios por parte de pai, eu chamo de tio, tia, “tia isso, tia aquilo”.	het. cont. exp.	chamo de tio, tia	t julg. prop. pos.		Informante A	Informante A
120	Então, há um diferencial aí por quê? Porque eu convivi mais com os meus tios de mãe do que os meus de pai, porque	mon.	convivi mais	t af. seg. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Tios maternos
121			mora longe	t af. seg. neg.		Informante A	Tios paternos

122	de pai, mora longe, mora fora.		mora fora	t af. seg. neg.		Informante A	Tios parternos
123	Os tios que já estão perto,	het. cont. exp.	estão perto	t af. seg. pos.		Informante A	Tios maternos
124	eu já fui criada	het. cont. exp.	fui criada	t af. seg. pos.		Informante A	Tios maternos
125	só chamando eles pelo nome,	het. cont. exp.	chamdo eles pelo nome	t julg. prop. neg.		Informante A	Informante A
126	se quiser mudar essa percepção aí vai ser um pouquinho difícil,	het. cons.	quierer	af. inc. pos.		Informante A	Chamar tios maternos de tio
127			um pouquinho difícil	julg. cap. neg.	forç. desc. is.	Informante A	Informante A
128	já passou do tempo né,	het. cont. exp.	passou do tempo	t julg. cap. neg.		Informante A	Informante A
129	chega até perguntar “porque você não me chama de tia ou tio?”	het. at.	“porque você não me chama de tia ou tio?”	t julg. prop. neg.		Tios maternos	Informante A
130	Eu falei que não me acostumaram a chamar de tia ou de tio, mudar no	het. at.	não me acostumaram a chamar	t julg. prop. neg.		Informante A	Família

	início, mudar depois isso, entendeu?						
131	Eu escutei que você usou o pronome você, né?						
132	Sim	mon.					
133	Além desse você, qual o pronome que você costuma utilizar?						
134	Eu nunca tinha reparado nesse você	het. neg.	nunca tinha reparado	julg. ten. neg.		Informante A	Informante A
135	porque geralmente ou é senhor, senhora, tia, é isso aí.	het. cons.	é senhor, senhora, tia	t julg. prop. pos.		Informante A	Informante A
136	E o tu, você não usa não?					Informante A	
137	Muito pouquíssimo,	mon.	Muito pouquíssimo	t julg. prop. neg.	forç. desc. is.	Informante A	Informnte A
138	Quase nunca. É você...	het. cons.	Quase nunca	t julg. prop. neg.	forç. desc. is.	Informante A	Informnte A
139	... mas escuto muito tu.	het. cont. exp.	escuto muito	t julg. prop. neg.	forç. sub. is.	Informante A	Outros feirenses

140	Mas você escuta a gente aqui de Feira usando o tu?						
141	Sim.	mon.	escuta a gente aqui de Feira usando o tu	t julg. prop. neg.		Informante A	Feirenses
142	Tu, existe tu,	mon.					
143	mas é pouquíssimo.	het. cont. exp.	pouquíssimo	t julg. prop. neg.	forç. desc. is.	Informante A	Os outros feiresnses
144	Na sua casa, ninguém usa não?						
145	Eu vejo mais o meu irmão e a minha irmã,	mon.	vejo mais	t julg. prop. neg.	forç. sub. is.	Informante A	Irmão e imã da Informante A
146	mas geralmente é mais meu irmão	het. cont. exp.	é mais meu irmão	t julg. prop. neg.	forç. sub. is.	Informante A	Irmão da Informante A
147	porque ele trabalha com o público,	mon.	trabalha com o público	t julg. norm. neg.		Informante A	Povo
148	geralmente ele tá sempre falando tu, tu, tu, tu.	het. cons.	sempre falando tu,tu,tu,tu	t julg. prop. neg.	forç. sub. is.	Informante A	Irmão da Informante A
149	Sim. Com qual público ele trabalha?						

150	Ele trabalha com questão de vendas.	mon.	vendas	t julg. norm. neg.		Informante A	Irmão da Informante A
151	Então, ele tem contato mais com o público,	mon.	ele tem contato mais com o público	t julg. norm. neg.		Informante A	Irmão da Informante A
152	mas a minha irmã também é vendedora,	het. cont. exp.	também é vendedora	t julg. norm. pos.		Informante A	Irmã da Informante A
153	só que ela é um seleto mais menorzinho, questão de loja;	het. cont. exp.	seleto mais menorzinho	t julg. norm. pos.	forç. sub. is.	Informante A	Irmã da Informante A
154		het. cont. exp.	questão de loja	t julg. norm. pos.		Informante A	Irmã da Informante A
155		het. neg.	uma loja maior	t julg. norm. neg.	forç. sub. is.	Informante A	Irmão da Informante A
156	ele não , ele trabalha em uma loja maior, tem que lidar com pessoas, com cliente, então ele tem tu pra tudo que é lado.	het. neg.	lidar com pessoas com clientes	t julg. norm. neg.		Informante A	Irmão da Informante A e as pessoas/povo
157		het. neg.	tem tu pra tudo que é lado	t julg. prop. neg.	forç. sub. is.	Informante A	Pronome tu , o irmão da informante A e o público que ele atende
158	E em casa, ele utiliza, com a sua mãe, o tu?						

159	Não. É senhora mesmo.	het. neg.	é senhora mesmo	t julg. prop. pos.		Informante A	Irmão da Informante A
160	E você, assim, não se percebe usando?						
161	Não.	het. neg.	não me percebo	julg. ten. neg.		Informante A	Informante A
162	Eu não me percebo usando o tu não.	het. neg.	não me percebo usando o tu não	julg. ten. neg.	forç. sub. rep.	Informante A	Informante A
163	Geralmente tu, eu só uso tu geralmente, quando estou escrevendo, digitando no celular.	het. cons.	só uso	t julg. prop. neg.		Informante A	Informante A
164	Muitas vezes, eu digito no celular.	mon.	muitas vezes eu digito	t julg. prop. neg.	forç. sub. is.	Informante A	Informante A
165	Agora , falar mesmo, eu uso tu algumas vezes.	het. cont. exp.	falar mesmo	t julg. prop. neg.		Informante A	Informante A
166			uso o tu algumas vezes	t julg. prop. neg.	foc. desc.	Informante A	Informante A
167	Para pessoas específicas ou para qualquer pessoa?						

168	Não , pessoa específica,	het. neg.	pessoa específica	t julg. norm. pos.		Informante A	Informante A
169	percebo quando eu digito,	mon.	percebo	julg. ten. pos.		Informante A	Informante A
170	eu tomo cuidado antes de enviar.	mon.	tomo cuidado	julg. ten. pos.		Informante A	Informante A
171	Quando eu falo o tu,	het. cons.	eu falo o tu	t julg. prop. neg.		Informante A	Informante A
172	são pessoas geralmente da minha família.	het. cons.	pessoas da minha família	t af. seg. pos.		Informante A	Pessoas da família
173	Mas para quem assim do seu círculo de família?						
174	Geralmente , primo, meus irmãos,	het. cons.	primo, meus irmãos	t af. seg. pos.		Informante A	Pessoas da família
175	mas é muito poucas vezes,	het. cont. exp.	muita poucas vezes	t julg. prop. pos.	forç. desc. is.	Informante A	Informante A
176	eu prefiro falar em áudio com eles,	mon.	prefiro	af. fel. pos.	forç. sub. fus.	Informante A	falar em áudio

177	então não falo tanto tu,	het. neg.	não falo tanto	t julg. prop. pos.	foc. desc.	Informante A	Informante A
178	mas em questão de primo ou qualquer outra pessoa da minha família, eu boto tu mesmo.	het. cont. exp.	primo ou qualquer pessoa da família	t af. seg. pos.		Informante A	Pessoas da família
179			eu boto o tu mesmo	t julg. prop. neg.		Informante A	Informante A
180	Você usa mais na escrita.../						
181	Sim, mais na escrita do que na oralidade.	mon.	mais na escrita	julg. prop. neg.	forç. sub. is.	Informante A	Informante A
182	Isso.	mon.					
183	Tem alguma razão específica que você prefere usar outro pronome e não o tu?						
184	Não tem razão não,	het. neg.	não tem razão não	t julg. prop. pos.	forç. sub. rep.	Informante A	Informante A
185	sai no automático, sai no automático.	mon.	sai no automático	t julg. ten. neg.		Informante A	Informante A

186	Geralmente , quando eu escrevo,	het. cons.	quando escrevo	t julg. prop. neg.		Informante A	Informante A
187	eu dou uma lindinha.	mon.	dou uma lidinha	t julg. ten. pos.		Informante A	Informante A
188	Quando eu vejo que aquela frase não fica bem com tu, boto você;	het. cons.	quando eu vejo	t julg. ten. pos.		Informante A	Informante A
189			não fica bem	ap. val. neg.		Informante A	Frase com o tu
190	ou então, quando aquela frase não fica boa com você,	het. cons.	boto você	t ap. val. pos.		Informante A	Escrita com o pronome você
191			não fica boa	ap. val. neg.		Informante A	A frase com o pronome você
192	escuto,	mon.	escuto	t julg. ten. pos.		Informante A	A escrita e o pronome você
193	eu boto tu “Tu vai lá fazer isso?” “Tu vai lá fazer aquilo?”	het. at.	eu boto tu	t julg. prop. pos.			
194	eu já boto lá.	het. cont. exp.	boto lá	t julg. prop. pos.		Informante A	o pronome tu

195	Aí, se for frase longa, o tu geralmente já não combina com a frase,	het. cons.	longa	ap. comp. pos.		Informante A	A frase
196	aí eu já troco tu com você e mando.	het. cont. exp.	não combina	ap. rea. neg.		Informante A	Pronome tu
197			troco tu	t ap. val. neg.		Informante A	Pronome tu
198	Tenho esse cuidado de revisar antes de mandar.	mon.	cuidado	julg. ten. pos.		Informante A	Informante A

APÊNDICE C – ANÁLISE VALORATIVA DA INFORMANTE C

Nº	Excertos	Comp.	Inst.	At.	Grad.	Av. / Em.	Alv. / Gat.
1	Boa tarde! Fique à vontade. Fale um pouco sobre você.						
2	É... sou natural de Feira de Santana, tenho 37 anos, sou...nível superior, escolaridade farmacêutico.	mon.					
3	Como eu falei , né, natural de Feira,	het. at.					
4	sempre morei aqui,	het. cons.				Informante C	Feira de Santana
5	gosto muito da cidade e, aí, estou aberto a perguntas, rsrsrsrsrs	mon.	gosto muito	af. fel. pos.	forç. sub. is.	Informante C	A cidade Feira de Santana
6	Fale um pouco dos aspectos de Feira de Santana. Esses aspectos que mais caracterizam a cidade, na sua opinião.						
7	Eu gosto de morar em Feira de Santana	mon.	gosto	af. fel. pos.		Informante C	A cidade Feira de Santana
8	porque é uma cidade, particularmente, eu acho tranquila, né,	het. cons.	tranquila	af. seg. pos.		Informante C	A cidade Feira de Santana
9	apesar de estar no grupo aí de violência e tal	het. cont. exp.	violência	ap. val. neg.		Informante C	A cidade Feira de Santana

10	mas é uma cidade que eu acho muito boa de se morar por ser entroncamento, né, e passagem de várias, várias cidades	het. cont. exp.	mui... muito boa	ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante C	Feira de Santana
11			por ser entrocamento	ap. val. pos.		Informante C	A cidade Feira de Santana
12			pasagem de várias, várias cidades	t ap. val. pos.	forç. sub. rep.	Informante C	A cidade Feira de Santana
13	é uma cidade também... praticamente, plana,	mon.	plana	ap. val. pos.		Informante C	A cidade Feira de Santana
14	é... uma cidade, por ser interior, ainda , é uma cidade bem desenvolvida né, e... é isso rsrsrs	het. cont. exp.	interior	t ap. val. neg.		Informante C	A cidade Feira de Santana
15			bem desenvolvida	ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante C	A cidade Feira de Santana
16	Como você identifica que uma pessoa é de Feira de Santana?						
17	Normalmente , pelo linguajar.	het. cons.	linguajar	t julg. norm. pos.		Informante C	Feirense
18	Você pode me explicar?						
19	Feira, normalmente, a pessoa já tem linguajar,	het. cont. exp.	linguajar	t julg. norm. pos.		Informante C	Feirense
20	um linguajar já feito, né, tipo “oh véi”! é... quando encontra com os amigos é “e aí meu Brother”!,	het. cont. exp.	linguajar	t julg. norm. pos.		Informante C	Feirense

21			feito	t ap. comp. pos.		Informante C	Linguajar de Feira de Santana
22	então, assim, você já identifica que é de Feira,	het. cont. exp.	identifica que é de Feira	t julg. cap. pos.		Informante C	Informante C e os outros feirenses
23		het. cont. exp.	diferente	t ap. rea. pos.		Informante C	gíria
24	porque de outra localidade já tem uma gíria diferente, né	het. cont. exp.	gíria diferente	julg. norm. pos.		Informante C	Não feirenses
25	Então, assim, eu, como sou de Feira, já fica nessa facilidade de identificar, por causa de algumas dessas gírias “oh véri”, “meu Brother”, “lá ele”.	het. cont. exp.	facilidade de identificar	julg. cap. pos.		Informante C e os outros feirenses	Os feirenses
26	Alguém chega aqui, por exemplo, para comprar algo, pedir informação ou comprar um remédio.../						
27	já consigo identificar se é daqui de Feira ou se não é.	het. cont. exp.	consigo identificar	julg. cap. pos.		Informante C	As pessoas feirenses e não feirenses
28	É?! Mesmo que você não o conheça?						

29	Mesmo que não conheça.	het. cont. exp.	mesmo que não conheça	t julg. cap. pos.		Informante C	Não feirenses e feirenses
30	Mas o que o especifica mais ainda?						
31			o linguajar	t julg. norm. pos.		Informante C	Quem é feirenses e quem não é feirenses
32	O linguajar, as gírias, o sotaque, também.	mon.	As gírias	t julg. norm. pos.		Informante C	Quem é feirenses e quem não é feirenses
33			O sotaque	t julg. norm. pos.		Informante C	Quem é feirenses e quem não é feirenses
34	E aí a gente acaba identificando, né.	mon.	acaba identificando	t julg. cap. pos.		Informante C	Quem é feirenses e quem não é feirenses
35	Por isso que, às vezes , no atendimento, mesmo assim, a pessoa é... fala um linguajar diferente	het. cons.	diferente	ap. rea. pos.		Informante C	O linguajar
36			fala um linguajar diferente	t julg. norm. neg.		Informante C	Não feirense

37	e aí você já identifica – “Você não é daqui não né?” – “Não.”	het. cont. exp.	já identifica	t julg. cap. pos.		Informante C	Informante C todos os feirenses
38	Justamente por causa disso, por Feira ser entroncamento. Então, são pessoas de várias localidades que estão na cidade.	mon.	entroncamento	t ap. val. pos.		Informante C	Feira de Santana
39	Você já pensou alguma vez sair de Feira?						
40	Já.	het. cont. exp.				Informante C	
41	É...tem uma cidade, gostaria muito,	mon.	gostaria muito	af. inc. pos.	forç. sub. is.	Informante C	outra cidade
42	já conheci,	het. cons.	já conheci	julg. cap. pos.		Informante C	A cidade Aracajú
43	gostaria muito de morar lá, Aracajú.	mon.	gostaria muito	af. inc. pos.	forç. sub. is.	Informante C	A Cidade Aracajú
44	Mas é algo específico da dinâmica de Feira para a de Aracajú?						
45	Não,	het. neg.	algo específico	t ap. val. pos.		Informante C	Entre Feira e Aracajú

46	porque eu achei bem, bem igualado, assim, o modo de vida, entendeu?	het. cons.	bem, bem igualado	ap. val. pos.	forç. sub. rep.	Informante C	Modo de vida de Feira e Aracajú
47	Então assim, fiquei naquele desejo, né?	mon.	desejo	af. inc. pos.		Informante C	Morar em Aracajú
48	Se sentiu próximo.						
49	Isso.	mon.	Isso	t af. seg. pos.		Informante C	Aracajú
50	Você falou aí, né, de algumas maneiras de a gente...que os feirenses tratam as pessoas né, entre si, você vê outras formas de tratamento?						
51	Sim! Eu acho o pessoal de Feira bem hospitaleiro.	het. cons.	bem hospitaleiro	julg. prop. pos.	forç. sub. is.	Informante C	O pessoal de Feira de Santana/ os feirenses
52	As pessoas normalmente acolhem bem.	het. cons.	acolhem bem	julg. prop. pos.	forç. sub. is.	Informante C	As pessoas de Feira de Santana/ os feirenses
53	Claro que como toda cidade, né, tem as suas peculiaridades de, é...	het. conc.	peculiaridades	ap. val. pos.		Informante C	Feira de Santana
54	perigo, né, de pessoas ruins,		perigo	ap. val. neg.			Feira de Santana

55			ruins	julg. prop. neg.			Alguns feirenses
56	mas eu acho Feira de Santana uma cidade muito boa de se morar, de pessoas muito acolhedoras, certo,	het. cont. exp.	muito boa	ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante C	morar em Feira de Santana
57			muito acolhedoras	julg. prop. pos.	forç. sub. is.	Informante C	As pessoas que vivem em Feira de Santana
58	e, já falando a gíria, a galera de Feira é “massa” rsrsrsrs.	mon.	“massa”	t julg. prop. pos.		Informante C	Os feirenses
59	Mas, assim, em termos de comportamento linguístico, a linguagem, além das que você já elencou anteriormente, você vê outras formas de tratamento? Senhor, senhora, além dessas?						
60	Sim, percebo.	mon.	Percebo	julg. cap. pos.		InformanteC	Outras formas de tratamento linguístico em Feira
61	Percebo que a galera de Feira também é muito formal, trata muito	mon.	Percebo	julg. cap. pos.		InformanteC	Formalidade da galera de Feira
62	como senhor, senhora,		muito formal	julg. prop. pos.	forç. sub. is.	InformanteC	Os feirenses

63			trata muito como senhor, senhora	t julg. prop. pos.	forç. sub. is.	InformanteC	Os feirenses
64			mais próximo	t af. seg. pos.	forç. sub. is.	InformanteC	Grau de proximidade
65	é... quanto mais próximo, você, né, amigo...	mon.	você	t julg. norm. pos.		InformanteC	As pessoas próximas
66			amigo	t julg. norm. pos.		InformanteC	As pessoas próximas
67	Mas você já viu pessoas usando o pronome tu?						
68	Já! É... “tu vai rsrsrsrsr”, “tu vem”	het. cont. exp.	já	t julg. cap. pos.		InformanteC	A existência do tu em Feira
69	Os clientes chegam aqui te tratando de tu?						
70	Às vezes , sim. Chega, – “Bom dia, como tu vai?”, né, – “Como tu tá?”	het. cons.	chega	julg. cap. pos.		Informante C	O uso do tu pelos clientes
71	Você utiliza?						
72	Eu acredito que sim rsrsrsrsrs, acredito que sim.	het. cons.	acredito que sim	t julg. ten. neg.		Informante C	Informante C

73	É por que, às vezes, se torna um negócio tão corriqueiro, rotineiro, né,	het. cons.	tão corriqueiro	ap. rea. pos.	forç. sub. is.	Informante C	uso do pronome tu
74			rotineiro	ap. rea. pos.		Informante C	uso do pronome tu
75	que a gente acaba se passando em lembrar,	mon.	acaba se passando de lembrar	t julg. ten. pos.		Informante C	Informante C
76	mas acredito que sim,	het. cont. exp.	acredito que sim	t julg. ten. pos.		Informante C	Informante C
77	porque gíria é um negócio tão automático.	mon.	tão automático	t julg. ten. pos.	forç. sub. is.	Informante C	Informante C
78	Mas tem contexto diferenciado de conhecimento, relação pessoal?						
79	Sim, sim. Acho que é uma questão da população mesmo da cidade.	het. cons.	questão da população da cidade	t julg. norm. pos.		Informante C	Feirenses
80	É como eu falei , é uma questão de gíria,	het. at.	é uma questão de gíria	t julg. ten. neg.		Informante C	Informante C
81	e já fica no hábito de falar essas palavras.	het. cont. exp.	fica no hábito	t julg. ten. neg.		Informante C	Informante C
82	E o que você acha do pronome tu?						

83	Acredito que não seja o correto, né;	het. cons.	não correto	ap. rea. neg.		Informante C	Pronome tu
84	porém , como já tá uma coisa assim tão na rotina,	het. cont. exp.	tão na rotina	ap. rea. neg.	forç. sub. is.	Informante C	Pronome tu
85			acaba falando	t julg. ten. neg.		Informante C	Informante C
86	a gente acaba falando, se passando,	mon.	se passando	t julg. ten. neg.		Informante C	Informante C
87	mas eu não acho uma coisa ruim não,	het. cont. exp.	ruim não	ap. rea. pos.		Informante C	Pronome tu
88	normal!	mon.	normal	ap. val. pos.		Informante C	Pronome tu
89	É uma... como se fosse um tipo... adaptativo.	het. cons.	tipo adaptativo	ap. val. pos.		Informante C	Pronome tu
90	Você falou que não é correto em que sentido?						
91	Na questão gramatical, né, não seria uma forma correta de falar.	het. neg.	questão gramatical	t ap. val. pos.		Informante C	Pronome tu com base na gramática escolar
92			não correta	ap. val. neg.		Informante C	Pronome tu

93	Então é informal, né?	mon.	informal	ap. val. neg.		Informante C	Pronome tu
94	Uma conversa informal.	mon.	informal	ap. val. neg.		Informante C	Pronome tu
95	Em outra cidade que você já foi, outro local, alguém pontuou o tu que você usou?						
96	Que eu me lembre, no momento, não .	het. neg.	que eu me lembre não	t julg. ten. neg.		Informante C	Informante C
97	Nem em Salvador?						
98	Não me lembro,	het. neg.	não me lembro	julg. ten. neg.		Informante C	Informante C
99	mas eu acho que sim,	het. cons.	acho que sim	t julg. ten. pos.		Informante C	Pessoas em Salvador
100	que Salvador é bem próximo de Feira.	mon.	bem próximo	ap. rea. pos.	forç. sub. is.	Informante C	Salvador
101	A galera de Salvador tem umas gírias de Feira,	mon.	tem gírias de Feira			Informante C	A população de Salvador
102	então acredito que sim, em Salvador,	het. cons.	acredito que sim	t julg. ten. pos.		Informante C	Informante C

103	mas não me recordo bem de ter escutado.	het. cont. exp.	não me recordo bem	t julg. ten. neg.	forç. desc. is.	Informante C	Informante C
104	Você acha que sim, de forma negativa ou não?						
105	Não , de forma positiva.	het. neg.	forma positiva	ap. rea. pos.		Pessoal de Salvador	Pronome tu
106		het. neg.	não correta	ap. val. neg.		Informante C	Pronome tu
107	Não é a maneira correta de se falar perante a gramática, né,	het. neg.	gramática	t ap. val. pos.		Informante C	Gramática
108	mas , sim, correto, por ser uma fala informal entre amigos, parentes, colegas, enfim.	het. cont. exp.	correto	ap. val. pos.		Informante C	Pronome tu
109			fala informal	ap. val. neg.		Informante C	Pronome tu
110			entre amigos	t af. seg. pos.		Informante C	Grau de proximidade
111			parentes	t af. seg. pos.		Informante C	Grau de proximidade
112			colegas	t af. seg. pos.		Informante C	Grau de proximidade

APÊNDICE D – ANÁLISE VALORATIVA DA INFORMANTE D

Nº	Excertos	Comp.	Inst.	At.	Grad.	Av. / Em.	Alv. / Gat.
1	Você é daqui de Feira?						
2	Sou daqui de Feira.	mon.					
3	Eu moro aqui em Feira tem mais de cinquenta anos e...	mon.					
4	...eu gosto muito da minha Feira,...	mon.	gosto muito	af. fel. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Feira de Santana
5	...tenho cinquenta e um anos e gosto muito de viver aqui.	mon.	gosto muito	af. fel. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Feira de Santana/a dinâmica de Feira de Santana
6	Fale um pouco sobre Feira de Santana, sobre a cultura de Feira. O que caracteriza mais Feira de Santana?						
7	Feira de Santana é... tem tudo, né. Tem artesanato, tem a cultura, tem um bocado de coisa. Tem as feiras livres, tem os negócios, tudo de bom.	mon.	tem tudo	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Feira de Santana
8			Tem artesanato, tem a cultura	ap. val. pos.		Informante D	Feira de Santana

9			Tem um bocado de coisa	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Feira de Santana
10			Tem as feiras livres, tem os negócios	ap. val. pos.		Informante D	Feira de Santana
11			tudo de bom	ap. rea. pos.	forç. sub. is.	Informante D	O que a Feira de Santana oferece
12	Aqui, a Princesa do Sertão é a princesa.	mon.	princesa	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Feira de Santana
13	Eu adoro viver aqui na minha cidade,	mon.	adoro	af. fel. pos.	forç. sub. fus.	Informante D	A dinâmica de Feira de Santana
14	já me acostumei com o clima.	het. cont. exp.	me acostumei	t af. sat. pos.		Informante D	Clima de Feira de Santana
15	Você já pensou em sair da cidade?						
16	Jamais!	het. neg.	Jamais	t af. sat. pos.	forç. sub. fus.	Informante D	Feira de Santana
17	Eu já tive tanta oportunidade pra ir para São Paulo, Minas Gerais, Santana Catarina...	het. cont. exp.	tive tanta oportunidade	t julg. norm. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Informante D

18	... disse que lá é o fluxo das indústrias...	het. at.	fluxo das indústrias	t ap. val. pos.	forç. sub. fus.	Alguém	Santa Catarina
19	... mas eu não vou...	het. cont. exp.	eu não vou	t af. sat. neg.		Informante D	Santa Catarina
20	Aqui, eu sou feliz...	mon.	feliz	af. fel. pos.		Informante D	A cidade Feira de Santana
21	...e vou ser feliz aqui até quando Deus me der vida.	mon.	feliz	af. fel. pos.	forç. sub. rep.	Informante D	A cidade Feira de Santana
22	Como é que as pessoas costumam se tratar aqui em Feira de Santana? Chamar o outro, se dirigir ao outro.						
23	Aqui em Feira tem muita gente legal...	mon.	tem muita gente legal	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Feira de Santana
24	Tem muita gente que acolhe as pessoas,	mon.	tem muita gente que acolhe as pessoas	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Feira de Santana
25	tem gente educada,	mon.	educada	jug. prop. pos.		Informante D	As pessoas em Feira de Santana
26			Tem gente educada	t ap. val. pos.		Informante D	Feira de Santana

27	tem muita gente estressado,	mon.	estressado	julg. prop. neg.		Informante D	As pessoas em Feira de Santana
28			tem muita gente estressado	t ap. val. neg.	forç. sub. is.	Informante D	Feira de Santana
29	mas no fundo, no fundo, todo mundo é amigo,	het. cont. exp.	amigo	julg. norm. pos.		Informante D	As pessoas em Feira de Santana
30			todo mundo é amigo	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Feira de Santana
31	todo mundo compartilha com o outro, entendeu?	mon.	compartilha	t julg. prop. pos.		Informante D	As pessoas em Feira de Santana
32			todo mundo compartilha com o outro	t ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Feira de Santana
33	Aqui é uma Feira acolhedora.	mon.	acolhedora	julg. prop. pos.		Informante D	Feirenses
34	Mas assim, no aspecto de pronome de tratamento, no aspecto linguístico, quais são as formas que você percebe que as pessoas tratam o outro?						

35	Não, normalmente aqui tem uma giriazinha, né?	het. cons.	tem uma giriazinha	t ap. val. neg.	forç. desc. is.	Informante D	Feira de Santana
36	Mas em contextos mais formais?						
37	Não , é “Por favor, pode fazer isso aí?” “Pega aquilo aí, por favor, obrigado, viu”; “Deus abençoe”; “Deus acompanhe”.	het. neg.	não [em contexto formal]	t julg. prop. pos.		Informante D	Os feirenses
38	Mas sem ser esses pronomes de tratamento, senhor ou senhora, quais são as formas que você, que as pessoas costumam usar entre si?						
39	Se dirige entre si é...eu creio que é esse aí que eu falei.	het. cons.	eu falei	julg. norm. pos.		Informante D	Pronomes senhor e senhora
40	Percebe que aqui em Feira, as pessoas utilizam, além de senhor e senhora, o pronome tu?						
41	Eu vejo muita gente falando assim,...	mon.	eu vejo	julg. ten. pos.		Informante D	Informante D
42			muita gente falando assim	t julg. prop. neg.		Informante D	Feirenses usando o tu

43	...muito com a... com as, às vezes mais com as mães, né?	het. cons.	muito...mais com as mães	t julg. prop. neg.	forç. sub. is.	Informante D	O uso do pronome tu com as mães	
44	.../ que eu não gosto muito	het. neg.	não gosto muito	af. fel. neg.	forç. sub. is.	Informante D	uso do pronome tu com as mães	
45	O qual?							
46	Tu, tu “Tu não comprou isso pra mim”, porque, tu não , é sua mãe! “A senhora não comprou isso pra mim”. Essas coisas eu não gosto que fale, sabe?	het. neg.	não gosto	af. fel. neg.		Informante D	Uso do pronome tu com mãe	
47	Sua mãe, sua mãe é a primeira coisa que você tem que abraçar;	mon.	a primeira coisa tem que abraçar	t af. fel. pos.	forç. sub. is.	Informante D	As mães	
48	então, tu, tu, tu é uma pessoa qualquer,	mon.	pessoa qualquer	t julg. norm. neg.		Informante D	Outras pessoas que não a mãe	
49			tu é uma pessoa qualquer,	t ap. val. neg.		Informante D	Pronome tu	
50	não é a sua mãe, “A senhora não comprou isso pra mim por quê?”	het. neg.	não é sua mãe	t ap. val. neg.		Informante D	Uso do pronome tu com mãe	
51	Você, você é com a gente,	mon.	com a gente	t ap. val. neg.		Informante D	Uso do pronome você com a mãe	

52	a mãe, é sim senhora.	mon.	sim senhora	t ap. val. pos.		Informante D	Uso do pronome senhora com a mãe
53	Então, é essas coisas que eu vejo então, normalmente.	het. at.					
54	Você não usa não, o tu?						
55	Com a minha mãe, não!	het. neg.	não usa	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
56	Jamais eu vou usar isso com a minha mãe!	het. neg.	jamais vou usar isso	t julg. prop. neg.	forç. sub. fus.	Informante D	Informante D
57	É senhora, mãe.	mon.	É senhora	t ap. val. pos.		Informante D	Uso do pronome senhora pelo informante D com a mãe
58	A única coisa que eu chamo a minha mãe é coroa,	mon.	única coisa	t julg. prop. neg.		Informante D	Informante D
59			coroa	t ap. val. neg.		Informante D	Uso do pronome coroa pelo informante D com a mãe

60	eu não chamo nem de véia...	het. neg.	não chamo	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
61			véia	t ap. val. neg.		Informante D	uso do pronome véia pelo informante D com a mãe
62	...que minha mãe não é véia, minha mãe é minha mãe, vai ser minha mãe coroa, pronto.	het. neg.	não é véia	ap. rea. pos.		Informante D	A mãe do informante D
63			é minha mãe	t julg. norm. pos.		Informante D	A mãe do informante D
64			minha mãe coroa	t julg. norm. pos.		Informante D	A mãe do informante D
65	Mas em que contexto você utiliza, com quem você utiliza o tu?						
66	O tu, é com os colegas meus, meus colegas de trabalho “ Tu não fez isso não? ”; “ Tu não vai fazer aquele negócio não? “ Eu esqueci [?], eu esqueci de fazer aquele negócio ”; é isso que eu	mon.	tu, é com os colegas meus	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
67			[tu é com os] colegas de trabalho	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D

68	uso. "Você, eu... E você não fez aquilo por quê?", e pronto, só isso, mais nada .		é isso que eu uso	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
69			é só isso	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
70	Mas quando você escuta alguém utilizando esse tu, você escuta?						
71	Eu escuto.	mon.	escuto [o uso do tu]	t julg. ten. pos.		Informante D	Informante D
72	As pessoas utilizando aqui em Feira?						
73		het. at.	vejo [o uso do tu]	t julg. ten. pos.		Informante D	Informante D
74	Eu vejo falando com as mães,		com as mães	t julg. prop. neg.		Informante D	Feirenses que usam o tu com a mãe
75	e eu não gosto.	het. neg.	não gosto	af. fel. neg.		Informante D	uso do tu pelo feirenses com a mãe
76	Com as mães. E no comércio? Você trabalha no comércio de Feira, no comércio de Feira, você não escuta não?						

77	Algumas pessoas tipo arrogantezinhas falam “Tu não sei o que não pegou isso aí”; “Tu pega, pega aquilo ali”	het. at.	arrogantezinhas	julg. norm. neg.	forç. sub. is.	Informante D	Feirenses
78	eu não gosto disso.	het. neg.	não gosto	af. fel. neg.		Informante D	A arrogância das pessoas
79			não gosto	af. fel. neg.	forç. sub. rep.	Informante D	Uso do tu
80			não faço assim	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
81	Eu não gosto, eu não faço assim com ninguém. Eu não gosto, eu não faço com ninguém. Nem com meus filhos, eu falo isso em casa.	het. neg.	eu não gosto	af. fel. neg.	forç. sub. rep.	Informante D	A arrogância das pessoas
82			eu não faço	t julg. prop. pos.	forç. sub. rep.	Informante D	Informante D
83			Nem com meus filhos	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
84	“Pega ali pai, por favor”, “pega ali mãe, por favor”, é isso, usar isso,	het. at.	é isso	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
85			usar isso	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D

86	mas tu, tu, tu, não.	het. cont. exp.	[tu] não	t ap. val. neg.		Informante D	Uso do tu
87	Tem que ter o tu na hora certa.	mon.	tu na hora certa	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
88	E qual é a hora certa? o que é que você acha?						
89	Na hora que a gente tá na rua com alguém.	mon.	na rua	t ap. val. neg.		Informante D	Contexto de uso do tu
90	Aí quando a gente tá jogando uma bolinha: “Tu é doido é”; “Tu tá doido?!”.”Tu é abestalhado?”	het. at.	jogando uma bolinha	t af. fel. pos.		Informante D	Momento de diversão
91	É isso que deve.	mon.	É isso que deve	julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
92	Essas coisas, mas com a mãe não!.	het. cont. exp.	com mãe não	t julg. prop. neg.		Informante D	Uso do tu com a mãe
93	As pessoas que tá entre a gente o tempo todo, cuidando da gente, tem que ter respeito total	mon.	As pessoas que tá entre a gente o tempo todo	t af. seg. pos.		Informante D	Grau de proximidade
94			cuidando da gente	t af. seg. pos.		Informante D	Grau de proximidade

95			respeito total	julg. prop. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Informante D
96	Você disse que teve muita oportunidade de viajar até pra sair de Feira de Santana pra trabalhar fora... Quando você chegou nesses locais, você percebeu que alguém falou algo quando você usou o tu?						
97	Não,	het. neg.	não percebeu	t julg. ten. neg.		Informante D	Informante D
98	que raramente...	het. cons.	raramente [uso]	t julg. prop. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Informante D
99	eu não uso.../	het. neg.	não uso	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
100	quando eu viajo pra esses lugares, eu não uso o tu.	het. neg.	não usa o tu	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
101	Eu faço o máximo para me dar bem com todo mundo, no respeito, né,	mon.	faço o máximo	t julg. ten. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Informante D

102			dar bem com todo mundo	t julg. prop. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Informante D
103			no respeito	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
104	que eu sempre tive o respeito.../	het. cons.	sempre tive o respeito	t julg. prop. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Informante D
105	.../ Aprendi que/ conheci pessoa que me deu conselho , me ensinou as coisas boas	het. at.	que me deu conselho	julg. prop. pos.		Informante D	Pessoas
106		het. at.	me ensinou as coisas boas	t julg. prop. pos.		Informante D	Pessoas
107			faço coisa boa	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
108	e, hoje em dia, é isso, eu só faço coisa boa, com respeito total, do menor ao maior.../	het. cont. exp.	com respeito total	t julg. prop. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Informante D
109			do menor ao maior	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
110	.../ mas eu não falo tu com ninguém.	het. cont. exp.	não falo com ninguém	t julg. prop. neg.		Informante D	Pronome tu

111	E em Salvador, você já foi pra Salvador?						
112	Já fui pra Salvador, curtir	het. cont. exp.	fui curtir	t af. sat. pos.		Informante D	Salvador
113	Lá em Salvador ninguém nunca falou algo, te identificou como feirense por conta do tu, não?						
114	Não, não, não. Não, não, não,	het. neg.	Não, não, não,	t julg. cap. neg.	forç. sub. rep.	Informante D	As pessoas em Salvador
115			Não, não, não,	t julg. cap. neg.	forç. sub. rep.	Informante D	As pessoas em Salvador
116	muito pelo contrário , o povo que tava me vendendo, no lugar que eu frequentava, né, ficava no apartamento coisa e tal, pensava que eu ia ficar jogado, né, mas eu ficava no apartamento, muito chic, com o pessoal que era legal.	het. cont. exp.	eu ia ficar jogado	t julg. norm. neg.		As pessoas que estavam vendendo o informante D em Salvador	Informante D
117			ficava no apartamento, muito chic	t julg. norm. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Informante D
118			muito chic	t ap. rea. pos.		Informante D	Apartamento em Slavador
119			legal	t julg. prop. pos.		Informante D	As pessoas que acolhiam o

							informante D no apartamento
120	Então, nunca tive nem conversava com muita gente, eu ia curtir, tomar minha água de coco, cerveja, depois voltava pra casa, cá.	het. neg.	nunca tive conversa	t af. seg. neg.	forç. sub. is.	Informante D	Pessoal de Salvador
121			ia curtir	t af. sat. pos.	forç. sub. is.	Informante D	Tomar água de coco e cerveja
122	Não tinha muita conversa com os outros não.	het. neg.	muita conversa	t af. seg. neg.	forç. sub. is.	Informante D	Pessoal de Salvador
123	Pois é!. Mas, assim, me diga um pouco por que você não gosta desse pronome, dessa forma de tratamento, tu?						
124	É porque...é um tu, não, eu, eu, eu, não sou contra o tu.../	het. neg.	não sou contra	ap. val. pos.		Informante D	Pronome tu
125	eu gosto que você fale o tu com pessoas de fora;	mon.	eu gosto	af. fel. pos.		Informante D	Udo do pronome tu com pessoas de fora
126			pessoas de fora	t julg. norm. pos.		Informante D	Pessoas que não são da família

127			dentro de casa	t ap. val. neg.		Informante D	Uso do tu em ambiente familiar
128	agora, dentro da sua casa, com a sua família, com sua mãe, não .	het. neg.	com sua família	t julg. prop. neg.		Informante D	Pessoas que usam o tu em familiar
129			com sua mãe	t julg. prop. neg.		Informante D	Pessoas que usam o tu com a mãe
130			não [gosto]	t af. fel. neg.		Informante D	Uso do tu em contexto familiar
131	Tu! Como é que você fala “Tu não comprou isso pra mim”?	het. at.	Como é que você fala	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
132	não é com um qualquer, tá falando com sua mãe – “Mãe, porque a senhora não comprou aquilo pra mim?”. “A senhora não comprou por quê?”	het. neg.	não é com um qualquer	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
133			falando com sua mãe	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
134	Pronto. Agora , o povo da rua, você pode dizer – “ E tu,tava aonde? – “Tu tava por onde, rapaz que tu sumiu? Então é isso, tem que falar na rua, com as pessoas que a gente conhece, na rua,	het. cont. exp.	povo da rua	t julg. norm. neg.		Informante D	Não familiares
135			pode dizer	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D

136			falar na rua	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
137			com pessoas que a gente conhece	t julg. prop. pos.		Informante D	Informante D
138			na rua	t ap. val. neg.		Informante D	Contexto de uso do tu
139	mas em casa, lá em casa,	het. cont. exp.	em casa	t julg. prop. neg.		Informante D	Ambiente familiar
140			lá em casa	t julg. prop. neg.		Informante D	Pessoas que usam o tu em casa
141	a gente vai é abraçar, a família abraço.	mon.	abraçar	t af. fel. pos.		Informante D	Laços familiares
142			abraço	t af. fel. pos.		Informante D	Laços familiares

APÊNDICE E – ANÁLISE VALORATIVA DA INFORMANTE E

Nº	Excertos	Comp.	Inst.	At.	Grad.	Av. / Em.	Alv. / Gat.
1	Bom dia! Então vamos começar o nosso diálogo, é um diálogo pra você falar sobre Feira de Santana, né. Aí você pode falar sua idade, nível de escolaridade...Você é daqui de Feira?						
2	Sou de Feira, do distrito de Tiquaruçu. Nasci e me criei, vim morar aqui no Campo Limpo de Feira de Santana.	mon.					
3	Fale um pouco da sua cidade.						
4	Eu acho maravilhosa!	het. cons.	maravilhosa	ap. rea. pos.	forç. sub. fus.	Informante E	Feira de Santana
5	Eu nasci e me criei aqui. Hoje, é que tá um pouco violento, né,	mon.	um pouco violento	t ap. val. neg.	forç. desc. is.	Informante E	Feira de Santana
6	muita violência,		muita violência	t ap. val. neg.	forç. sub. is.	Informante E	Feira de Santana

7	mas, pra mim, é uma cidade normal	het. cont. exp.	normal	ap. val. pos.		Informante E	Feira de Santana
8	e eu gosto da minha cidade Feira de Santana,	mon.	gosto	af. fel. pos.		Informante E	Feira de Santana
9	eu amo!	mon.	amo!	af. fel. pos.	forç. sub. fus.	Informante E	Feira de Santana
10	Você já pensou em sair de Feira alguma vez?						
11	Não.	het. neg.	sair de Feira	t af. sat. pos.		Informante E	Feira de Santana
12	Não.	het. neg.	sair de Feira	t af. sat. pos.	forç. sub. rep.	Informante E	Feira de Santana
13	Teve uma vez que um cunhado, um cunhado de uma cunhada minha queria levar a gente para o Rio de Janeiro,	mon.	queria	af. inc. pos.		Cunhado de uma cunhada da informante E	Levar para o Rio de Janeiro
14			levar a gente para o Rio de Janeiro	t ap. val. neg.		Infomante E	Rio de Janeiro
15	eu fiz pra o meu marido: Você vai, se quiser	het. at.	Você vai, se quiser	t ap. val. neg.		Informante E	Rio de Janeiro

16	mas eu, não	het. cont. exp.	mas eu, não	t ap. val. neg.		Informante E	Rio de Janeiro
17	E porque você não quis ir?						
18	Porque eu não queria sair de perto de minha família e nem de Feira de Santana	het. neg.	não queria	af. inc. neg.		Informante E	Família e Feira de Santana
19	Porque tem gente que mora em Salvador e	mon.	mora em Salvador	ap. val. neg.		Informante E	A cidade de Salvador
20	chega aqui e “Eu moro na capital”,	het. at.	Eu moro na capital	t ap. val. neg.		Informante E	Capital Salvador
21	eu fui lá, ali não é lugar de ninguém morar	het. neg.	lugar de ninguém morar	t ap. val. neg.		Informante E	Capital Salvador
22	Rio de Janeiro, para onde queriam levar a gente, era numa favela,	mon.	numa favela	ap. val. neg.		Informante E	Rio de Janeiro
23	quando o povo começava os tiros,	mon.	começava os tiros	ap. val. neg.		Informante E	Rio de Janeiro e o povo
24	os tiros invadiam as casas	mon.	os tiros invadiam as casas	t ap. val. neg.		Informante E	Rio de Janeiro

25	eu tive duas pessoas da família da minha cunhada que morreu de tiro dentro de casa,	mon.	morreu de tiro dentro de casa	ap. val. neg.		Informante E	Rio de Janeiro
26	e aqui em Feira, agora, tá violento, entendeu,	mon.	violento	ap. val. neg.		Informante E	Feira de Santana
27	mas pra quem dá lugar e motivo:	het. cont. exp.	pra quem dá lugar e motivo	ap. val. pos.		Informante E	Feira de Santana
28	o povo quer viver em bares da vida, o povo quer viver se ajuntando com quem não deve e sabe que o troco é esse, né, cadeia ou morte.	mon.	viver em bares da vida	julg. prop. neg.		Informante E	O povo/as pessoas em Feira de Santana
29		mon.	se juntando com quem não deve	julg. prop. neg.		Informante E	O povo/as pessoas em Feira de Santana
30	Infelizmente, eu perdi um irmão por causa de droga, perdi um filho porque foi defender um assalto por causa de gente sem vergonha.	mon.	Infelizmente	af. fel. neg.		Informante E	Perda do irmão e do filho da informante E
31			perdi	t af. fel. neg.		Informante E	A morte do próprio irmão
32			droga	ap. val. neg.		Informante E	Uso de substâncias ilícitas
33			perdi	t af. fel. neg.		Informante E	A morte do próprio filho

34			foi defender	julg. ten. pos.		Informante E	Filho da informante E
35			sem vergonha	julg. prop. neg.		Informante E	Assaltantes
36	Então, se ele não tivesse de defender parente, de assalto, ele estaria aqui.	het. cons.	não tivesse de defender parente	julg. ten. neg.		Informante E	O próprio filho
37			estaria aqui	t af. fel. pos.		Informante E	a presença próprio filho
38	Então mãe, eu me sinto muito bem aqui em Feira de Santana.	mon.	muito bem	af. sat. pos.	forç. sub. is.	Informante E	Feira de Santana
39	Eu saio	mon.					
40			não tenho hora de chegar	t af. seg. pos.		Informante E	Sair em Feira de Santana
41	não tenho hora de chegar, livrando de um assalto ou de uma bala perdida,	het. neg.	livrando	t af. seg. pos.		Informante E	livrando da violência em Feira
42			assalto	t af. seg. neg.		Informante E	Da violência em Feira

43			bala perdida	t af. seg. neg.		Informante E	Da violência em Feira
44	que ninguém tá escapo, né,	het. neg.	ninguém tá escapo	t af. seg. neg.		Informante E	Da violência em Feira
45	mas sobre isso, eu me dou com todo mundo.	het. cont. exp.	me dou com todo mundo	t julg. prop. pos.	forç. sub. is.	Informante E	Informante E
46	Eu amo Feira de Santana, me criei aqui em Feira.	mon.	amo	af. fel. pos.	forç. sub. fus.	Informante E	Feira de Santana
47	Mas sobre a dinâmica daqui da cidade, sobre a cultura, o que é que você acha?						
48	Eu acho legal, muito legal.	het. cons.	legal	ap. rea. pos.		Informante E	A dinâmica e a cultura de Feira de Santana
49			muito legal.	ap. rea. pos.	forç. sub. is.	Informante E	A dinâmica e a cultura de Feira de Santana
50	Fale um pouquinho dessa cultura.						
51	Eu não vou te explicar direito porque bem pouco eu participo dessas coisas, entendeu mãe?	het. neg.	não explicar direito	julg. cap. neg.		Informante E	Informante E

52			bem pouco	t julg. cap. pos.	forç. desc. is.	Informante E	Informante E
53	Só foi algumas vezes que eu fui no CUCA /Centro universitário de cultura e artes/quando o meu menino trabalhava lá, aí eu ia lá ver ele,	het. cont. exp.	só foi algumas vezes	t julg. cap. pos.	forç. desc. is.	Informante E	Informante E
54	aí eu participei assim de algumas coisas,	mon.	participei de algumas coisas	t julg. cap. pos.	forç. desc. is.	Informante E	Informante E
55			não participo de cultura	t julg. cap. neg.		Informante E	Informante E
56	mas, essas coisas aí, eu não participo de cultura... de coisas importantes, né, da cidade,	het. cont. exp.	[não participo] de coisas importantes	t julg. norm. neg.		Informante E	Informante E
57			importantes	ap. val. pos.		Informante E	Eventos da cidade
58	eu não participo	het. neg.	não participo	t julg. norm. neg.		Informante E	Informante E
59	agora vejo falar que é muito bom, entendeu? muito bom.	het. at.	muito bom	ap. val. pos.	forç. sub. is.	Informante E	Cultura e coisas importantes

60			muito bom	ap. val. pos.	forç. sub. rep.	Informante E	Cultura e coisas importantes
61	Feira também tem muita gente que não é daqui.../	mon.					
62	Inclusive o meu marido é paraibano	mon.					
63	Ah. Mas você consegue identificar uma pessoa quando ela é daqui de Feira? No meio dessa multidão.../						
64	Sim, sim, eu sei.	mon.	Sim, sim, eu sei	t julg. cap. pos.	forç. sub. rep.	Informante E	Informante E
65	Você sabe identificar como?						
66	Eu sei. Pela fisionomia, pelo jeito de falar, entendeu?	mon.	pela fisionomia	t julg. norm. pos.		Informante E	Feirense
67			jeito de falar	t julg. norm. pos.		Informante E	Feirense
68	Porque nós baiano temos um sotaque, um som de voz, e as pessoas de fora que chegam aqui, elas têm outro.	mon.					
69			temos um sotaque	t julg. norm. pos.		Informante E	Nós baianos

70			um som de voz	t julg. norm. pos.		Informante E	Nós baianos
71			elas têm outro	t julg. norm. neg.		Informante E	Não baianos/ não feirenses
72	Mas o de Feira, o pessoal de Feira fala igual ao de Salvador?						
73	Não.	het. neg.	não [fala igual]	t julg. norm. pos.		Informante E	Feirenses
74	Salvador já tem alguém que fala diferente	het. cont. exp.	diferente	judg. norm. pos.		Informante E	O pessoal de Salvador
75	Como? Você sabe descrever a diferença entre o falante que é de Feira, feirense, e o de Salvador? Você percebe o que assim de diferente?						
76	Nós feirenses, às vezes, a gente fala assim arrastando as palavras, né,	het. cons.	fala assim arrastando as palavras	t julg. norm. pos.		Informante E	Feirenses
77	e o de Salvador também tem outro tom, outro som diferente,	mon.	tem outro tom	t julg. norm. neg.		Informante E	O pessoal de Salvador

78			diferente	julg. norm. neg.		Informante E	O pessoal de Salvador
79	eu não sei distinguir,	het. neg.	não sei distinguir	t julg. cap. neg.		Informante E	Informante E
80	mas não são iguais à gente,	het. cont. exp.	não são iguais	julg. norm. neg.		Informante E	pessoal de Salvador
81	quando são de Salvador mesmo, entendeu?	het. cons.	são de Salvador mesmo	julg. norm. pos.	foc. sub.	Informante E	O som do pessoal de Salvador
82	Do modo de falar do feirense, como é que nós feirenses, você percebe, se dirige ao outro, como é que eu posso dizer, formas de tratamento, costuma chamar mais pelo nome...						
83	Eu não consigo.	het. neg.	não consigo	t julg. cap. neg.		Informante E	Informante E
84	É meu amor, é oi, paixão,	mon.	amor	t af. fel. pos.		Informante E	Tratar as pessoas de forma carinhosa
85			paixão	t af. fel. pos.		Informante E	Tratar as pessoas de forma carinhosa

86	eu gosto de tratar assim, né.	mon.	gosto	af. fel. pos.		Informante E	Tratar as pessoas de forma carinhosa
87	Agora , as pessoas, cada um tem uma maneira diferente, viu?	het. cont. exp.	diferente	julg. norm. neg.		Informante E	Outras pessoas
88	Você percebe outras formas que as pessoas (feirenses) tratam o outro aqui? Além de ser pelo nome ou por meu amor, bem ...?						
89	O povo trata as pessoas, às vezes , com muito carinho, né.	het. cons.	com muito carinho	julg. prop. pos.	forç. sub. is.	Informante E	Feirenses
90	Mas têm outros também que deixam a desejar,	het. cont. exp.	deixam a desejar	julg. prop. neg.		Informante E	Alguns Feirenses
91	porque é como eu falei nestante, nem todo mundo é igual.	het. at.	nem todo mundo é igual	t julg. prop. neg.		Informante E	Pessoas em geral
92	já pensou nós três aqui se nós três fôssemos iguais, tivéssemos essas mesmas coisas, essas mesmas naturezas?.../	het. cons.	fôssemos iguais	t julg. norm. neg.		Informante E	Pessoas em geral
93			tivéssemos essas mesmas coisas	t julg. norm. neg.			Pessoas em geral
94			essas mesmas naturezas?	t julg. norm. neg.			Pessoas em geral

95	Não ia prestar.	het. neg.	não ia prestar	julg. prop. neg.		Informante E	Comportamentos iguais
96	Então, cada pessoa tem uma maneira diferente de agir, de conversar ...viu?	mon.	diferente	julg. norm. pos.		Informante E	As pessoas
97	Você não percebe que também trata de senhor, senhora.../						
98	Exatamente. Tia, tio.	het. conc.					
99	Minha mãe mesmo me ensinou eu chamar uma vizinha de tia, tomar abenção.../	het. at.	me ensinou	t julg. prop. pos.		Informante E	A mãe da informante E
100			chamar uma vizinha de tia	t julg. prop. pos.		Informante E	Informante E
101			tomar abenção	t julg. prop. pos.		Informante E	Informante E
102	Então, essas formas de tratamento, aqui, o você e o tu, você observa que as pessoas usam?						
103	É o você e tu.	mon.	[observo]	t julg. ten. pos.		informante E	Informante E

104	Você usa o tu?							
105	De vez em quando.	het. cons.	[usa o pronome tu] de vez em quando	t ap. val. neg.	forç. desc. is.	Informante E	Pronome tu	
106	De vez em quando, você usa.							
107	É.	mon.	[usa o tu de vez em quando]	t ap. val. neg.	forç. sub. rep.	Informante E	Pronome tu	
108	Quando é que você acha que você usa, que você percebe que tá usando o tu?							
109	Quando eu estou, às vezes eu/ tu sabe que eu nem gravo?	het. cons.	nem gravo	t julg. ten. neg.		Informante E	Informante E	
110	Eu só sei que eu falo assim “E tu?”	het. cont. exp.	só sei que falo assim	t julg. ten. neg.		Informante E	Informante E	
111	Às vezes quando a gente tá, assim, falando alto, altera o emocional.../	het. cons.	falando alto	t julg. prop. neg.		Informante E	Informante E	
112			altera o emocional	t af. seg. neg.		Informante E	Não especificado	
113	Emocional?							

114	É. Aí, às vezes eu falo assim : “Você está falando de mim, e tu?” entendeu?	het. at.	às vezes eu falo assim:	t julg. prop. neg.		Informante E	Informante E
115	Aí, eu uso o tu.	mon.	uso o tu	t julg. prop. neg.		Informante E	Informante E
116	É quando a gente tá assim... entendeu, conversando que um altera mais um com o outro,	mon.	altera mais um com o outro	t julg. prop. neg.	forç. sub. is.	Informante E	Informante E com a família
117	aí, às vezes , eu uso “Isso é tu” “E tu?”	het. cons.	às vezes eu uso tu	t julg. prop. neg.	forç. desc. is.	Informante E	Informante E
118	Sempre tem o tu, entendeu?	het. cons.	sempre tem o tu	t julg. prop. neg.	forç. sub. is.	Informante E	Informante E
119	Em casa, você usa com quem?						
120	Com o marido, com os filhos...	mon.	marido	t julg. norm. pos.		Informante E	Pessoa íntima
121			filhos	t julg. norm. pos.		Informante E	Pessoa íntima
122	E seus filhos, eles usam com você?						

123	É dificilmente.	mon.	dificilmente	judg. prop. pos.	forç. desc. is.	Informante E	Filhos da informante E
124	E neto?						
125	Não..	het. neg.	Não [usa o pronome tu]	t julg. prop. pos.		Informante E	Os netos da Informante E
126	É a senhora,	het. at.	é a senhora	t julg. prop. pos.		Informante E	Os netos da Informante E
127	é você, os netos	het. at.	é você	t julg. prop. pos.		Informante E	Os netos da Informante E
128	Os netos não aprenderam a senhora, benção “Ó, mas que, assim, tu, você.”	het. neg.	não aprenderam	t julg. prop. neg.		Informante E	Os netos da Informante E
129	Os netos falam o tu?						
130	É.	mon.	[os netos falam o tu com ela]	t julg. prop. neg.		Informante E	Os netos da Informante E
131	Quantos anos têm os seus netos?						
132	A mais velha tem treze anos e o mais velho tem dezesseis.	mon.					
133	Mas é assim: “Oxe vó, e tu, isso assim, assim, assim, a senhora fez, você fez?”	het. cont. exp.	Oxe vó, e tu, isso assim, assim, a	t julg. prop. neg.		Informante E	Netos da informante E

				senhora fez, você fez?				
134	Não sabe falar a senhora,	het. neg.	não sabe falar senhora	t julg. prop. neg.		Informante E	Netos da informante E	
135	não é porque a gente não ensina,	het. neg.	não é porque a gente não ensina	t julg. prop. pos.		Informante E	Informante E	
136	que a gente ensina.	mon.	a gente ensina	t julg. prop. pos.		Informante E	Informante E	
137	E por que você não fala o tu com...Você falou que não fala o tu com a sua mãe.							
138	Não , mainha não!.	het. neg.	não, mainha não	t julg. prop. pos.	forç. sub. rep.	Informante E	Informante E	
139	Por que você não fala?							
140	Não sei porquê,	het. neg.	não sei porquê	t julg. ten. neg.		Informante E	Informante E	
141	minha mãe me deu outro tipo de criação.	mon.	me deu outro tipo de criação	julg. prop. pos.		Informante E	Informante E e a sua mãe	

	Mãe dizia que a gente tinha que respeitar os mais velhos, era senhora...qualquer coisa que fosse “E a senhora?”. “Benção”. “A senhora pode fazer isso?”.	het. at.	respirar os mais velhos	judg. prop. pos.		Mãe da informante E	Mãe da informante E
142							
143	Mas isso tudo a gente passou pra os de hoje,	het. cont. exp.	passou os de hoje	t judg. prop. pos.		Informante E	Informante E
144	só que eles não seguem, entendeu?	het. neg.	não seguem	judg. prop. neg.		Informante E	os netos da informante E
145	Eu acho que já vem de geração	het. cons.	já vem de geração	t judg. prop. neg.		Informante E	Os netos da informante E
146	Além dessa situação né, que sua mãe chamou atenção pra esse uso do tu, você já passou alguma situação que alguém pontuou esse/ falou desse uso do tu?						
147	Não.	het. neg.	[não passou nenhuma situação com o uso do tu]	t judg. prop. pos.		Informante E	Informante E
148	Ninguém nuca.../						
149	Não.	het. neg.	[ninguém nunca falou nada]	t judg. prop. pos.		Informante E	Informante E

150	E o que você acha dele?						
151	Não sei.	het. neg.	não sei	t julg. cap. neg.		Informante E	Informante E
152	É uma palavra que não tem significação assim,	mon.	não tem significação	ap. val. neg.			Pronome tu
153	eu não sei qual a significação do tu.	het. neg.	não sei	t julg. cap. neg.		Informante E	Informante E
154	É coisa mesmo de baiano,	mon.	coisa mesmo de baiano	t julg. norm. neg.		Informante E	Baiano
155	eu acho que seja, né? Tu, você, é não?	het. cons.	eu acho que seja	t julg. norm. neg.		Informante E	Baiano
156	Se passou algum preconceito...	het. cons.	algum preconceito	t julg. ver. pos.		Informante E	Informante E